

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

CORPOS EM OBRAS:
um olhar sobre as práticas corporais em Brasília

Autora: Marta Simões Peres

Tese apresentada ao Departamento
de Sociologia como parte dos
requisitos para a obtenção do título
de Doutor

Brasília, março de 2005

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

CORPOS EM OBRAS:
um olhar sobre as práticas corporais em Brasília

Autora: Marta Simões Peres

Tese apresentada ao Departamento
de Sociologia como parte dos
requisitos para a obtenção do título
de Doutor

Brasília, março de 2005

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

TESE DE DOUTORADO

CORPOS EM OBRAS:

Um olhar sobre as práticas corporais em Brasília

Autora: Marta Simões Peres

Orientador: Professor Doutor João Gabriel Lima Cruz Teixeira

Banca:

Prof. Dr. João Gabriel L. C. Teixeira – Orientador / Presidente

Profa. Dra. Maria Lucia Bueno Ramos (Faculdades SENAC/SP) - Membro externo

Prof. Dr. Frédéric Vandenberghe (Professor Visitante/SOL)

Profa. Dra. Dulce Maria Figueira de Almeida Suassuna (FEF/UnB) - Membro externo ao SOL

Profa. Dra. Maria Angelica Gonçalves Madeira (SOL/UnB)

Suplentes:

Profa. Dra. Lourdes Maria Bandeira (SOL/UnB)

Profa. Dra. Deis Elucy Siqueira (SOL/UnB)

- ao Prof. Dr. João Gabriel Lima Cruz Teixeira, por ter acreditado e investido nesta tese;
- ao CNPq, pela bolsa concedida durante o período de quatro anos;
- à FINATEC, pelo fomento de passagens aéreas para a participação de Congressos Internacionais;
- Aos membros da banca;
- Aos professores do Departamento de Sociologia da UnB com quem tive a oportunidade de estudar;
- Ao professor Frédéric Vandenberghe, pelas discussões e sugestões;
- Ao professor Carlos Alberto Gonçalves (ICF/UnB), meu orientador do mestrado, pela co-autoria dos trabalhos apresentados em congressos;
- À amiga Neila Ribeiro, pelas fotos e companhia nas caminhadas;
- À minha mãe, Eliane Lamarca, pela correção das traduções, inclusive para os congressos, e pelo apoio de sempre;
- À minha sogrona, Ana Lúcia Barros, pelas sugestões de leitura e discussões;
- Aos meus filhos Pedro Bento, que me auxiliou em todas as etapas desta tese, e Juca, pela paciência de esperar que eu acabasse o ‘trabalhinho’;
- À minha irmã, Francine Simões Peres, pelo ensaio geral e serviço de ‘contra-regra’ durante a defesa;
- À minha ‘psicolega’ Adriana Flores, pelo apoio e pelas sugestões;
- A todos os sujeitos abordados na pesquisa;
- A todas as muitas pessoas colaboraram, as quais não foi possível citar;

Ao André

RESUMO

A questão do culto ao corpo nas sociedades contemporâneas do Ocidente é enfocada, neste trabalho, a partir das práticas de atividade física.

A revisão teórica percorre a trajetória do sujeito moderno desde seu advento até a atualidade, discutindo noções fundamentais da Sociologia para a compreensão do fenômeno da cultura somática.

A pesquisa de campo buscou conhecer a relação dos sujeitos com seus corpos e optou pela metodologia qualitativa, combinando questionário e entrevistas em profundidade. Pessoas de diferentes níveis sócio-econômicos foram abordadas em quatro locais de prática de caminhada e ginástica de Brasília / Distrito Federal: duas pistas ao ar livre e duas academias.

Os dados obtidos são relacionados às discussões teóricas, assim como são expostos os pontos em comum e as peculiaridades entre os diferentes locais de prática.

ABSTRACT

This work deals with the western contemporary societies' 'body worship', focusing physical activities' practices.

The theoretical framework follows the modern subject historical path since its beginning until nowadays. Therefore, main Sociological concepts are discussed in order to understand the body worship phenomena.

The purpose of the field research was to understand the relationship between individuals and their bodies. It has been chosen qualitative methodology based on questionnaires and interviews. People from different social levels who practices cooper and gymnastic in academies have been selected in four places of Brasilia, Brazil.

Information from the field research – as well as similarities and differences among the various studied places - are joined to theoretical concepts.

RESUMÉ

Il s'agit d'un étude sur le phénomène du culte au corps dans les sociétés occidentales contemporaines, sous le point de vue des activités physiques.

La révision théorique suit la trajectoire historique du sujet moderne dès sa naissance jusqu'à aujourd'hui. Pour comprendre la question, on discute des importantes notions sociologiques.

La recherche empirique a eu pour objectif connaître le rapport entre les sujets des différents segments sociaux et leur corps. On a utilisé, donc, une méthode qualitative à travers des questionnaires et des entretiens.

Des rapports et des différences sont identifiés, de même que les informations obtenues sur les places choisies sont attachées aux discussions théoriques.

'As Contradições do Corpo'

*Meu corpo não é meu corpo,
é ilusão de outro ser.
Sabe a arte de esconder-me
e é de tal modo sagaz
que a mim de mim ele oculta*

*Meu corpo, não meu agente,
meu envelope selado
meu revolver de assustar,
tornou-se meu carcereiro,
me sabe mais que me sei*

*Meu corpo apaga a lembrança
que eu tinha de minha mente.
Inocula-me seu patos,
me ataca, fere e condena
por crimes não cometidos.*

*O seu ardil mais diabólico
está em se fazer doente.
Joga-me o peso dos males
que ele tece a cada instante
e me passa em revulsão.*

*Meu corpo inventou a dor
A fim de torná-la interna,
integrante do meu Id,
ofuscadora da luz*

*que aí tentava espalhar-se.
Outras vezes se diverte
sem que eu saiba o que deseje,
e nesse prazer maligno,
que suas células impregna,
do meu mutismo escarnece.*

*Meu corpo ordena que eu saia
em busca do que eu não quero,
e me nega, ao se afirmar
como senhor do meu Eu
convertido em cão servil.*

*Meu prazer mais refinado,
não sou eu quem vai senti-lo.
É ele, que por mim, rapace,
e dá mastigados restos
à minha fome absoluta.*

*Se tento dele afastar-me,
por abstração ignorá-lo,
volta a mim, com todo o peso
de sua carne poluída,
seu tédio, seu desconforto.*

*Quero romper com meu corpo,
quero enfrentá-lo, acusá-lo,
por abolir minha essência,
mas ele sequer me escuta
e vai pelo rumo oposto.*

*Já premiado por seu pulso
de inquebrantável rigor,
não sou mais quem dantes era:
com volúpia dirigida,
saio a bailar com meu corpo*

Carlos Drummond de Andrade

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

Introdução	14
<i>Theoria</i>	23
Instantâneos	49

PARTE 1: MERGULHO NO TEMPO

1.1. Feira Moderna	63
1.2 O Indivíduo	76
1.3 O Corpo Disciplinado	80
1.4 O Ascético	89
1.5. A Malhação	93
1.6. O Narcisista	115
1.7. A Sociedade de Consumo	123

PARTE 2: SOBREVENDO MARCAS

2.1. Variações Sobre o Mesmo Tema	135
2.2. Segmentação da Cultura	145
2.3. Estilos de Vida	155
2.4. Identidades à Deriva	161
2.5. Distinção	170
2.6. Estigma	186

PARTE 3: A ATERRISSAGEM NO ESPAÇO

3.1 Recorte do Objeto	198
3.2. Arquitetura da Paisagem	219
3.3 Brasília	224
3.4 Pistas da Asa Norte	228
3.5 Suburbano Coração	236
3.6 Cidade do Paranoá	239
3.7. Pistas do Paranoá	243
3.8. Academia do Paranoá	246
3.9. O Não-lugar	250
3.10. A Mega-Academia	260
3. 11. Fragmentos de um discurso do corpo	275
A TEIA DO CORPO	286
À GUISA DE CONCLUSÃO	303
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	310
ANEXO 1	325
ANEXO 2	328
ANEXO 3	333

APRESENTAÇÃO

Introdução

Uma tese costuma se originar de uma inquietação, tornada concreta pela formulação de perguntas. A fim de respondê-las, desencadeia-se a construção da pesquisa e a costura dos achados dela resultantes. Ao longo deste processo, uma tarefa crucial do pesquisador é dominar a alternância de dois movimentos dialeticamente opostos, sejam eles de *expansão* num campo amplo e de *definição* do objeto. Por isso, de maneira semelhante ao iluminador dos espetáculos teatrais, faz-se necessário, ora abrir o campo de trabalho, a fim de situar o tema, ora demarcar limites mais precisos do objeto, lançando sobre ele o foco da investigação.

O tema que motivou este trabalho foi ‘o corpo na contemporaneidade¹ ocidental’. Essa opção teve origem na trajetória pessoal da pesquisadora, cuja formação iniciou-se na dança, com a mestra Angel Vianna. Ela combina sabedoria e sutileza, ao ensinar que a dança é *mais* que o movimento das alavancas do corpo, e que o corpo é *mais* que seus ossos e músculos, sem esquecer, ao mesmo tempo, de estudar, com minuciosa atenção, suas alavancas, ossos e músculos. Em seguida, a busca pelo conhecimento e pela expansão das possibilidades, não somente do corpo sadio, mas também do doente, foi aprofundada na graduação em Fisioterapia (IBMR, 1995).

¹ Optou-se por utilizar esse termo, embora também se pudesse ter referido a modernidade tardia, pós-modernidade, alta-modernidade, hiper-modernidade, dentre outras expressões mais utilizadas, cada uma com conotações específicas.

O trabalho de professora de dança num hospital de reabilitação² engendrou questões para uma dissertação de mestrado em Ciências da Saúde (UnB,2000) durante o qual foram avaliados os benefícios que uma experiência de dança em cadeira de rodas trouxe a um grupo de pessoas com lesão medular³. Nesse campo do saber, consideram-se a elevação da auto-estima e uma melhor aceitação da auto-imagem objetivos fundamentais do processo de reabilitação.

O problema surgiu, então, da constatação de que, não somente pessoas com limitações visíveis, mas também muitas daquelas que não apresentam qualquer tipo de seqüela física, freqüentemente relatam alguma *insatisfação* com o próprio corpo. Como essa insatisfação não consiste num *fenômeno isolado*, mas, ao contrário, é *recorrente* no contexto da subjetividade contemporânea, surgiu a necessidade de buscar na Sociologia o referencial teórico para fundamentar uma pesquisa acerca deste tema.

No campo das Ciências Sociais, a atualmente corriqueira atitude de busca incansável por um corpo perfeito é referida como uma espécie de ‘culto ao corpo’ - ou ‘corpolatria’- definido como ‘um tipo de relação dos indivíduos com seus corpos que tem como preocupação básica o seu modelamento, a fim de aproximá-lo o máximo possível do padrão de beleza estabelecido’(Castro,2003:15). Costa refere-se, ainda, à ‘cultura somática’, cujo efeito inesperado consistiria na ‘patoplastia⁴ dos distúrbios da imagem corporal’ (Costa,16:2004).

Essas atitudes frente ao corpo e sua forma dizem respeito à questão da *imagem corporal*, ou seja, ‘a forma como nosso corpo se apresenta para nós mesmos’ (Schilder,1994:9)⁵.

² Hospital Sarah – Brasília, da Rede Sarah de Hospitais do Aparelho Locomotor, onde a pesquisadora trabalhou entre 1996 e 2000.

³ Peres, Marta. ‘Dança e ganho de equilíbrio de tronco em portadores de lesão medular - um estudo preliminar’. Faculdade de Ciências da Saúde. Pós- Graduação em Ciências da Saúde. UnB, 2000. A pesquisa de campo foi realizada no Hospital de Apoio de Brasília (FHDF) e na Associação ADAPTE (Ceilândia, DF).

⁴ Termo formado pela soma desses outros dois: doenças (*pathos*) relacionadas à intervenção plástica (plastia).

⁵ Conceito formulado em 1935 por Schilder, um psiquiatra austríaco que ressaltou a importância desse fenômeno psicológico, levando também em consideração seus aspectos fisiológicas e sócio-culturais. Segundo ele, imagem corporal é a ‘representação de nosso corpo que formamos em nossa mente’ (Schilder, 1994: 9).

Ao profissional de reabilitação que se debruça sobre a noção de imagem corporal, a corpolatria costuma chamar atenção, por fazer notar que o incômodo provocado por uma forma corporal indesejável - ‘pneus’ abdominais, tamanho dos seios, desenho do nariz, altura, tipo de cabelos e assim por diante – pode ser capaz, eventualmente, de causar transtornos emocionais maiores em alguém do que, em outra pessoa, o fato de ter que utilizar cadeira de rodas para o resto da vida⁶.

Não nos cabe julgar uns nem vangloriar outros, mas senão buscar conhecer os sutis agenciamentos entre as subjetividades e o social que clamam por ouvidos e olhar atentos, nas casuais conversas em frente ao espelho dos banheiros dos cinemas e dos salões de beleza, na atividade dos disciplinados praticantes em equipamentos de musculação e bicicletas ergométricas, visível a quem passa nas ruas através das vidraças das academias, no movimento dos caminhantes e corredores das pistas públicas, e finalmente, nos sugestivos títulos das bancas de revistas: *Pense Leve, Boa Forma, Plástica e Beleza, Corpo a Corpo, Dieta Já, Sob Medida ...*

Constata-se que, por sintetizá-las de modo extremamente evidente, o corpo situa-se num ponto de vista privilegiado para compreender as relações entre indivíduo e sociedade. As ciências sociais vêm despertando para o fato, o que resulta numa recente proliferação de estudos que têm o corpo como tema. Esses vêm chamando a atenção para posto assumido pelo corpo enquanto elemento essencial na construção da identidade na modernidade tardia. Apresentam-no, assim, coberto de significações, refletindo hábitos, estilos de vida, modos de consumo, assim como valores de bem-estar e de felicidade. Situada numa zona de interseção

⁶ A vivência cotidiana na reabilitação traz aos profissionais dessa área evidências de que há pessoas que usam cadeira de rodas e que, surpreendentemente, aceitam esse meio de locomoção e seu corpo com uma tranquilidade maior que as referidas imperfeições dos primeiros, a ponto de se realizarem e se expressarem artisticamente pela dança. A pesquisadora, dentre outras experiências no campo das artes coreográficas, teve a oportunidade de dirigir durante dois anos um grupo de dança que incluía portadores de necessidades especiais, a ‘Cia de Rodas’, ligado à Universidade de Brasília (2002-2004).

entre campos tais como o saber médico, valores morais e estéticos, essa instância de observação exige a atenção para a mútua dependência entre os aspectos psicológicos e sociológicos.

Da mesma forma que os ritos e práticas corporais de outras culturas podem causar estranhamento, diante da ‘cultura somática’ urbana, as reações oscilam entre julgá-la absurda e naturalizá-la, tão entranhadas que estão no cotidiano. A perplexidade possui grande valia, no sentido de fomentar a curiosidade e gerar as indagações e pesquisas daí decorrentes. O aprofundamento da análise leva à constatação de que essas práticas *fazem sentido* no quadro de nossa atual sociedade de consumo. Assim como o que ocorre no olhar sobre nativos outros, não-vizinhos, embora algumas práticas corporais atuais possam causar espanto ao olhar leigo, elas não deixam de apresentar uma relação de coerência com os modos de vida a que correspondem. E é justamente uma das tarefas da sociologia buscar compreender, além da mera descrição, esse sentido.

Mas o impulso de conhecer depara-se com uma realidade muito complexa, a qual, embora se desejasse traduzir num único golpe, exige do exercício da teoria, a cada respiração, propositais idas e vindas, com o cuidado de não perder o fio da meada. Para compor (cozinhar) este denso ‘caldo’, que contou com ingredientes diversos, sem desprezar os dados obtidos em campo, optou-se pelo *ensaio* enquanto uma qualidade estilística que permeia todo este trabalho. ‘A ambigüidade é uma característica intrínseca a esse gênero discursivo, uma forma híbrida que se nutre tanto das artes como das ciências’ (Sibilia,2002:21). Seguindo uma trilha semelhante à de Walter Benjamin, ao descrever, dentre os objetos da cultura, a atitude do ‘*flâneur*’⁷ em Baudelaire, o ensaio permite chegar à ‘reflexão filosofante’, sem, por isso, se subordinar ao ideal equívoco de pura descritividade. Ao contrário, é reflexão filosófica, sim, porque se trata de uma descrição crítica. O caminho ensaístico, cuja condição de fragmento é garantia de objetividade e rigor, desobedece às regras do método cartesiano fazendo com que a totalidade brilhe por um momento num traço parcial escolhido, porém sem afirmar que essa totalidade está presente (Merquior,1969:113-5). Abandonando a exposição corrente por uma

⁷ ‘Flâneur’ é aquele que pratica o ato de flunar, ou seja, passear ociosamente, vaguear, perambular (Ferreira,1999:786)

técnica de montagem, no ensaio, os nexos lógicos não se dissipam, mas se ocultam por trás de uma verdadeira engenharia em que são relacionados elementos de fontes diversas: revistas das bancas de jornais, canções do rádio, anúncios da televisão e dos *out-doors*, fragmentos de conversas de ‘estranhos’ nas ruas, somados, obviamente, a uma extensa bibliografia propriamente acadêmica e às falas dos nativos.

Ao invés de negá-la, considerá-la como uma falta, a atitude do *flâneur baudelariano*, pelos sinuosos caminhos da cidade moderna, foi assumida e escolhida enquanto um possível método. Embora método signifique (um?) caminho para chegar a um fim, múltiplas vias sucederam-se, de modo que a apresentação desta tese se dará sob a forma de uma longa e sinuosa jornada, em que se alternam os meios de deslocamento: barco, avião e pés.

Antes da partida, ainda verificando as condições meteorológicas, na quietude diante de um panorama que se abre à sua frente, a atitude teórica confunde-se com o ato de ver, olhar, contemplar, admirar. Entrelaçando o ponto de vista da sociologia a questões da filosofia e da antropologia, o trabalho inicia propondo a seguinte reflexão: ‘o que é o corpo?’ Se teoria é olhar, e olhar é um sentido que se abre para o exterior, indaga-se: ‘como olhar para si mesmo ou como teorizar sobre o corpo?’

Em seguida, a realidade do ‘corpo hoje’ é eleita enquanto um foco para o olhar. Surge a perplexidade diante do quadro da crescente importância que vem assumindo a busca daquilo que se define por ‘boa-forma’ nas subjetividades contemporâneas. Por meio de instantâneos, vem à tona a hipótese da construção social do corpo, descrita em termos de uma tensão entre seus aspectos naturais e artificiais. A curiosidade diante das motivações que levaram a esse protagonismo do corpo coloca as questões: ‘Por que o assunto está tão em voga?’; ‘Por que é tão freqüente a insatisfação com o próprio corpo? E enfim, ‘porquê as pessoas se relacionam com o corpo desta maneira?’, ‘Por que o padrão vigente é este (magro com músculos definidos) e não outro?’

Para responder a essas perguntas, inicia-se o passeio. Os caminhos eleitos na busca de saídas foram denominados ‘mergulho no tempo’, ‘sobrevoadando marcas’ e ‘aterrissagem no espaço’. O primeiro busca compreender o quadro descrito investigando o *tempo*, ou melhor, a historicidade da atual configuração de subjetividades. O segundo, retomando o momento presente, observa suas *marcas*, idéia concebida como fronteira entre o tempo e o espaço. No terceiro, onde se desenvolveu a pesquisa de campo propriamente dita, o *espaço* é vivenciado em sua tridimensionalidade, pela abordagem de pessoas ‘de carne e osso’: praticantes de atividade física de diferentes segmentos sociais, em Brasília.

A primeira parte originou-se do pressuposto de que a atual cultura somática possui uma historicidade. A entrada no passado, mais afeito à qualidade líquida, deu-se como um mergulho, em que se buscou enxergar o percurso do sujeito moderno. Tendo em vista sua ligação indissolúvel, os enfoques recaem, alternadamente, ora sobre o indivíduo, ora sobre a sociedade. Corpo e contemporaneidade são relacionados à medida que, em princípio, buscou-se compreender as razões da cultura somática pelo histórico da modernidade, mas no desenrolar dessa via de mão dupla, o corpo também serviu como uma lente para um diagnóstico de variadas facetas desta era. Em outras palavras, a análise da contemporaneidade serviu à compreensão da cultura do corpo, e a cultura do corpo serviu à compreensão da contemporaneidade.

Para tal, desenvolveu-se uma visão geral dos primórdios da modernidade, tomando como idéia central o fato dela ter inaugurado um tipo de sensibilidade característico, fortemente permeada pela *insatisfação*. Por estabelecer uma relação de alteridade, o medievo apresenta-se como um contraponto. Sugeriu-se separar – didaticamente - essas duas fases pelo advento do *indivíduo*. Após uma discussão, sob uma perspectiva *foucaultiana*, a respeito do disciplinamento dos corpos, o indivíduo serviu de fio para tecer tipos-ideais⁸ representativos

⁸ Em termos *weberianos*, o ‘tipo-ideal’ consiste num recurso metodológico para orientar o cientista na inesgotável variedade de fenômenos observáveis na vida social; consiste em enfatizar determinados traços da realidade até concebê-los na sua expressão mais pura de modo que raramente se apresenta assim. Partindo do pressuposto de que a realidade social só pode ser conhecida quando aqueles traços seus que interessam ao pesquisador são metodicamente exagerados a fim de formular questões relevantes sobre as relações entre os fenômenos estudados (Cohn,1989:8). Evidentemente, isso não quer dizer que *todos* os indivíduos das respectivas épocas apresentem aquelas características.

de dois momentos bem nítidos: o *ascético* e o *narcisista*, que correspondem aos *ethos* predominantes das fases do capitalismo de produção e ao capitalismo pós-industrial. Na ‘*malhação*’ foram apontados elementos do ascetismo, mas essa prática serviu de elo com o narcisista, evidenciando entre ambos os tipos alguns pontos de continuidade. O último, porém, emergiu de uma nova fase, em que elementos de mudança e de permanência referentes aos desdobramentos do sistema capitalista desembocaram na sociedade de consumo.

Na segunda parte, do alto de um sobrevôo panorâmico, são observadas, tais como os riscos bidimensionais dos mapas, as *marcas* do presente, situadas numa instância entre o tempo e o espaço. Seu quadro é apresentado inicialmente sob o título ‘variações sobre o mesmo tema’, considerando que as transformações ocorrem numa nova fase de um mesmo sistema, o capitalismo. As marcas servem para denominar vários aspectos deste momento: a variedade dos produtos oferecidos nas últimas fases do capitalismo, possíveis esquadrinhamentos das relações entre indivíduo e sociedade – sob a ótica da segmentação da cultura, do estilo de vida e da construção da identidade - e os valores em que se baseia a cultura somática, buscando o padrão vigente e negando a forma inadequada. A conotação das marcas às quais o corpo dá suporte pode levar à aceitação ou à rejeição, e essas podem ser compreendidas segundo as idéias de distinção e de estigma, se consistirem em atributos positivos e negativos, respectivamente. O sentimento de insatisfação, característico da modernidade, pautado sobre esses respectivos critérios, manifesta-se tanto no fenômeno da construção da identidade quanto no da construção do corpo, intimamente entrelaçados, à medida que consistem em elementos constitutivos e socialmente produzidos da subjetividade dos indivíduos da sociedade de consumo.

Mas se o corpo trás as marcas de sua cultura e pertence a um determinado tempo, ele também ocupa um *espaço*, que lhe oferece resistência e lhe exige uma tensão inerente a seu próprio estatuto de corpo, e a terceira parte o posiciona nessa dimensão. A fim de estabelecer um diálogo dos elementos teóricos expostos até então com os achados da pesquisa de campo, propõe-se uma aterrissagem, onde se caminha lado a lado dos sujeitos abordados,

identificando ou confrontando elementos abordados pela teoria. Os pressupostos metodológicos para a pesquisa de campo são apresentados, justificando o recorte escolhido: foi investigada a relação que praticantes de atividade física de diferentes níveis sócio-econômicos de Brasília estabeleciam com seus corpos, prioritariamente, em quatro locais: dois espaços livres, onde ocorre a prática de caminhada, num bairro de classe média e numa região de periferia e duas academias de ginástica, uma de elite e outra na periferia.

Nessa parte, mesclam-se elementos da geografia, do urbanismo, assim como uma breve referência à - irresistível, instigante, moderna, estranha, única - cidade de Brasília. Busca-se, assim, compreender a repercussão dos impasses apresentados anteriormente na sociedade brasileira, em especial, naquela cidade. São descritos os 'cenários' eleitos para a investigação e as informações obtidas ao longo da abordagem dos praticantes de atividades físicas, juntamente com depoimentos de pessoas cuja relação com o corpo demonstrou algum aspecto relevante, seguindo-se uma discussão e a conclusão do trabalho.

A complexidade do tema fez, assim, que a apresentação desse percurso tomasse a forma de um 'caleidoscópio', que dá origem a desenhos diferentes, conforme se movimenta o objeto, cujas peças coloridas são as mesmas. Lançando o foco sobre temas independentes, mas intimamente relacionados, diversas facetas são sucessivamente iluminadas, e embora se tenha buscado uma seqüência lógica entre elas, talvez pudessem ser lidas numa ordem aleatória.

'Depois arregaçou as mangas e pôs-se a lavar a coberta. Quando acabou a dura tarefa, foi abrir o paiol das velas e procedeu a um exame minucioso do estado das costuras, depois de tanto tempo sem irem ao mar e sem terem de suportar os esticões saudáveis do vento. As velas são os músculos do barco, basta ver como incham quando se esforçam, mas, e isso mesmo sucede aos músculos, se não se lhes dá uso regularmente, abrandam, amolecem, perdem nervo, E as costuras são como os nervos das velas, pensou a mulher da limpeza, contente por estar a aprender tão depressa a arte da marinharia.'

José Saramago

Teoria

'Teoria em grego quer dizer o ser em contemplação' Gilberto Gil⁹

Na intenção de instigar uma discussão acerca do corpo, inicia-se propondo a seguinte indagação: *'o que é o corpo humano?'* Ainda antes, seria importante perguntar quem está autorizado a respondê-la, pois a que campo do saber pertenceria essa matéria tão sagrada, alvo de tabus milenares, quem tem a prerrogativa de tocá-la? Anatomistas, médicos, enfermeiros, nutricionistas; fisioterapeutas, professores de educação física, de balé, de artes marciais; fotógrafos e produtores de moda, editores de revistas, psicólogos, historiadores, sociólogos, antropólogos...

Recentemente, vem se assistindo a uma verdadeira batalha em que conselhos profissionais da área da Saúde¹⁰ digladiam-se a fim de reservar uma parcela no mercado de trabalho, agarrando com furor as partes do corpo que supostamente lhe pertencem, sem atentar para seu iminente esquiteamento, esquecendo da parábola do rei Salomão em ocasião da disputa de duas mães pelo mesmo filho¹¹.

⁹ Trecho da canção 'Quanta', de Gilberto Gil, atual Ministro da Cultura, do CD de mesmo título, de 1997.

¹⁰ Podem ser citados alguns exemplos dessa discussão, que não é aprofundada aqui: o questionamento acerca de quais profissionais deveriam estar autorizados a praticar a acupuntura, as disputas entre os Conselhos Regionais de Educação Física e os professores de dança e de artes marciais, assim como entre os Conselhos de Medicina e os de profissões 'paramédicas' tais como a Fisioterapia, a Enfermagem e a Nutrição, dentre inúmeras outras querelas ligadas à reserva de mercado profissional. O 'ato médico' faz parte de um Projeto de lei que tramita no Senado Federal que visa determinar que não somente os diagnósticos, mas todas as prescrições de tratamentos na área de saúde sejam somente realizadas por médicos, o que instaura uma relação de subordinação entre os diversos campos profissionais aos últimos.

¹¹ Essa parábola do Antigo Testamento da Bíblia refere-se à história em que o rei, diante de duas mulheres disputavam uma criança, sugeriu que partissem a última em duas partes. Ele identificou assim a verdadeira mãe, que foi aquela que imediatamente desistia da disputa por desejar que seu filho vivesse.

Partindo do pressuposto de que se trata de um tema inquestionavelmente *transdisciplinar*, há que se concordar, desde a saída, que não existe *um* corpo humano, mas infinitos, sendo infinitamente variadas as maneiras de lidar com ele por indivíduos e grupos no interior de uma dada uma configuração histórico-social. Conforme as palavras de Saramago, assim como o navio possui suas velas, o corpo possui músculos, e são eles que acionam o *movimento* das alavancas. Apesar de estar, inevitavelmente, ‘limitado’ a um leque de possibilidades permitidas pelas estruturas ósteo-articulares, essas, sim, (quase sempre) universais, como podem *variar* as qualidades e possibilidades do movimento! O corpo também possui nervos, pele, gordura, cabelos, pêlos, vísceras... sem falar nos implantes, dietas, tratamentos, atividades, cosméticos... e tudo o mais que a ele – não seria muito simplista se afirmar apenas ‘artificialmente’? – se acopla.

Sua existência é recordada todo o tempo, pelas imagens refletidas nos espelhos, espelhos, espelhos, por todos os lados. Mas nem sempre houve espelhos, como nem sempre fomos indivíduos, pois esse tipo de percepção é um acontecimento localizado, não universal, até mesmo recente, na história da humanidade, submetido a mudanças e crises. Refere-se a ela a separação de tudo o mais como que por um intransponível muro, talvez o mesmo cantado por *Pink Floyd* em ‘*Another brick in the wall*’¹². A privacidade do encontro da subjetividade com o psicanalista, que não deixa de se assemelhar a uma outra espécie de espelho, ilustra uma das configurações que assumiu o individualismo, que vem sendo, possivelmente, substituído por outras novas formas - pós-modernas ? - de estar no mundo.

Mas nem sempre a beleza era aquela, da foto do *outdoor* gigante sobre a fachada lateral do edifício, anunciando um creme ou uma empresa de telefonia. Nem sempre foi tão estarrecedor o pânico de envelhecer e ... morrer. Daí Rodrigues ter constatado que a sensibilidade que temos hoje – seja auditiva, tátil, gustativa, olfativa, visual – possui uma significação, historicamente adquirida. Por outro lado, ele afirma que o passado não está

¹² ‘Outro tijolo no muro’, trecho de ‘*The Wall*’. Esta canção da banda ‘*Pink Floyd*’ foi tema de filme homônimo, de Alan Parker, que se tornou uma crítica clássica à opressão exercida pelas instituições de uma sociedade massificada.

apenas no passado, pois também constitui nossa sensibilidade e continua, por meio desta, no presente (Rodrigues,1999:16).

Em suma, a maneira como vivemos é *uma* dentre incontáveis outras possibilidades de existência. Essa é *uma* forma possível de lidar com o corpo, e condizente com outros aspectos de um determinado modo de viver. Por isso, é tão importante ‘olhar para trás’, a fim de perceber a historicidade desta - aparentemente tão óbvia - forma de sensibilidade atual. Pois o corpo considerado ‘perfeito’, e as respectivas preocupações com isso, numa determinada época e lugar, não o são em outros. O que seria então o corpo perfeito? Quem é ‘deficiente’?

Além de tudo isso, os avanços da tecnologia trouxeram inegáveis transformações: as comunicações via *internet* em tempo real, as imagens holográficas que prescindem do corpo humano, já tido quase que um fardo ultrapassado, os cadáveres congelados que aguardam sua ressurreição tecnológica. Como falar em ‘ser’ – seja lá o que for - num mundo de identidades fluidas, em permanente mutação? Como acreditar em supostas ‘essências’ quando observados os aspectos de construção social da realidade? Mas não se constrói sobre o vazio, e algum corpo já existia de antemão... O homem é um produto do meio, mas o meio também é produto dos homens ... Quem nasceu primeiro, o ovo ou a galinha?

Pode-se dizer, sob um certo ponto de vista, que a temática do *corpo* acaba por radicalizar uma situação referente às ciências sociais, no sentido de que elas possuem a peculiaridade de seu objeto de estudo não poder, como em outros saberes, ser simplesmente colocado à parte do pesquisador: ele é sempre um sujeito que vive numa dada sociedade. Da mesma maneira que ele não pode perder de vista o fato que também possui um corpo, isso faz com que o cientista seja também seu próprio objeto, o que traz exigências e cuidados metodológicos próprios.

De um lado, a arte da dança oferece uma possível analogia com as das ciências sociais, pelo fato de que nela, tanto criador quanto instrumento e a própria obra (con-) fundem-se num mesmo *lôcus* - o corpo do bailarino. Por outro lado, conforme será exposto, o trabalho do

pesquisador mostra-se totalmente antagônico ao do artista. Se a intenção aqui é propor uma reflexão acerca da própria idéia de corpo, e a partir dela elaborar uma ‘teoria’, surge, imediatamente, a constatação de que reside nesta atitude uma contradição potencial: isso porque o corpo apresenta-se, intrinsecamente, como da ordem da *não-teoria*. Ao retomar a origem de cada uma dessas noções - *corpo* e *teoria* – busca-se apreender seus significados e propor uma possível conexão entre ambas, de modo que a estratégia utilizada apresenta uma circularidade que retorna paradoxo do ponto de partida.

Para responder à questão ‘*o que é o corpo?*’, acredita-se que, para iniciar uma *escritura*, seja um exercício útil mergulhar nas palavras. A palavra ‘corpo’, derivada do latim, *corpus*, é muito antiga - na língua francesa, por exemplo, já se encontrava na ‘*Chanson de Roland*’¹³ (Descamps,1986:11) - e pode assumir sentidos os mais variados: ‘corpo caloso’, ‘corpo diplomático’, ‘corpo celeste’, ‘corpo celular’, ‘corpo de baile’, ‘corpo docente’, ‘corpo vertebral’, ou ainda ‘queda dos corpos’, ‘corpo mole’, ‘criar corpo’, ‘fechar o corpo’, ‘tirar o corpo fora’, dentre inúmeros outros (Ferreira,560,1999). Sua definição mais geral o toma como ‘a substância física, ou a estrutura, de cada homem ou animal’, ou aquilo que, possuindo uma unidade, ‘ocupa extensão e volume no espaço, com uma forma separada do resto’.

Embora Descamps diferencie o corpo, considerando-o como vivo, de *cadáver* (op.cit.:11), essas palavras são também podem ser sinônimas, de modo que um dos significados de corpo é o de ‘ser humano morto’, como quando se afirma, por exemplo, que ‘o corpo do escritor foi velado na Academia’. A fim de estabelecer uma diferenciação entre essas duas idéias, Rehfeld recorda que a idéia de corpo, enquanto natureza física, objéctica e inanimada pode ser expresso pelos termos *sarx* (grego) - de onde derivam as palavras sarcófago e sarcômero – e pelo *corpus* (latim), ou *korper* (alemão). Aquele a que se referem os fenomenólogos, que é o corpo animado, dotado de sentimentos e emoções, se aplicam, mais adequadamente, os termos *soma* (grego) ou *leib* (alemão) (Lehfeld, 2004:9).

¹³ *Chanson de Roland*: Poema épico do Medievo francês, de autoria incerta, que, além de abordar o drama humano de modo amplo, traça um quadro minucioso das tensões internas do sistema feudal. É inspirado numa referência histórica, a Batalha de Roncevaux (778), cuja primeira edição de seu texto mais arcaico data de 1837. A morte de Aude e de Roland consistem nas passagens mais célebres, por sua forte intensidade dramática. (gallica.bnf.fr)

Por meio dessa breve citação de definições, percebe-se que se trata de um debate muito extenso, presente tanto na filosofia quanto na antropologia. Há quem afirme ser o corpo ‘a parte material, animal, ou a carne, do ser humano, por oposição à alma, ao espírito’ (Ferreira,1999:560), enquanto outros e consideram que o corpo, vivo, organizado e autônomo, *inclui*, necessariamente, o espírito’. Em outras palavras, para alguns autores, o corpo inclui e está junto do espírito, para outros, está separado, e ainda há os que afirmam que ambos são a mesma coisa. Dentre os que se recusam a ‘separar’ o corpo e espírito, há quem defenda que eles correspondem, na experiência científica humana, a uma face e outra da folha de papel. Ao afirmar que ‘todo homem é o seu corpo’, Entralgo, um filósofo espanhol, estaria recusando a concepção dualista que separa o homem em corpo e alma (Jana,1995:13). De uma perspectiva da fenomenologia, Rehfeld esclarece que a condição deste corpo - material, físico, que pode ser vivo, sem ser, porém, *vivido* – foi herdada de cisões efetuadas desde Platão, passando por Descartes, até inúmeros outros, as quais promoveram a separação entre corpo e alma, objetividade X subjetividade. Acreditando nela, o psicólogo é conduzido à falsa necessidade de ter que escolher transitar por um ou outro âmbito’ (Rehfeld,2004:10)¹⁴.

Além disso, cabe recordar que, em algumas sociedades, seus membros ‘possuem’ um corpo, enquanto, em outras, eles simplesmente ‘são’ seu corpo. Afinal, ‘possuímos’ ou ‘somos’ um corpo? Como possuir algo que de si não se pode destacar? De fato, essa tão antiga separação entre corpo e espírito foi responsável, dentre outras coisas, por negar, à nascente disciplina da psicologia, todo acesso ao corpo¹⁵ (Descamps,1986:11). Não é possível aprofundar essa longa discussão, mas, por hora, o importante é compreendê-la enquanto uma marca fundamental da perspectiva de cada pensador.

¹⁴ O autor cita ainda Descartes: ‘... e embora, talvez (...), eu tenha um corpo ao qual estou muito estritamente ligado, todavia, (...) na medida em que ele é apenas uma coisa extensa, e que não pensa, é certo que este eu, isto é, a minha alma, pela qual sou o que sou, é inteira e verdadeiramente distinta do meu corpo’ (Descartes, apud Rehfeld, 2004:10).

¹⁵ A própria etimologia da palavra ‘psicologia’ – que vem dos radicais ‘ciência’ da ‘alma’ ou ‘mente’ (psiquê) - aponta para o dualismo cartesiano que opõe corpo e mente. Segundo essa perspectiva, a mente é justamente ‘o que não é corpo’, logo, nada mais esperado que o longo impedimento do acesso ao corpo à psicologia, referido por Descamps (1986: 10).

Quanto à contradição inerente à associação entre ‘corpo’ e ‘teoria’, Descamps aponta para uma impossibilidade, indagando: ‘Como inventar o corpo, se ele já está lá, anterior a tudo?’. Se o corpo, em-si, consiste no pré-requisito ao que quer que seja, condição indispensável de todo ato na experiência humana, o autor enfatiza que, ‘para se inventar qualquer coisa, é preciso primeiro ter um corpo’(Descamps,1986:9). Lévine e Touboul concordam com esse estatuto de ‘anterioridade primordial’ do corpo, ao afirmarem:

‘Estou em meu corpo, quanto a isso não resta nenhuma dúvida, é bem nele que eu vivo. Estar vivo, com efeito, é possuir um corpo próprio, capaz de se mover e de realizar funções vitais, tais como a do coração bater, do cérebro ser irrigado, do intestino assimilar os alimentos. E também sentir, agir, falar, pensar, supondo que se possui um corpo à sua própria disposição’ (Lévine & Touboul, 2002:11).

Todavia, as autoras observam que essa evidência silenciosa do corpo se cobre de opacidade quando dele se quer se aproximar. Surge um primeiro paradoxo, uma espécie de fingimento, que se exprime na dificuldade de se apreender enquanto corpo, já que nos concebemos imediatamente como *sujeitos pensantes*. Ao mesmo tempo em que tudo é de tal maneira ‘confundido e misturado’, ao seu próprio corpo, como afirma Descartes, em suas ‘Meditações Metafísicas’, ele permanece sendo sempre, para nós, um estrangeiro (ibidem:11).

Prova desse estranhamento é que uma reação corporal fisiológica e involuntária - tal como, por exemplo, um ataque devido a um derrame cerebral – seja considerada, em geral, muito mais ‘indecente’ do que o ato – voluntário e impolido - de soltar a voz aos berros: esse referido componente de *incontrolável* representa o desencadeamento de uma forma de *selvageria* que a civilização se esforça por abafar, embora a condição de velhice faça, inexoravelmente, murchar essa espécie de orgulho civilizado¹⁶ (ibidem:12).

¹⁶ As autoras afirmam ainda, acerca da velhice, que ela ‘murcha o orgulho da inteligência limitando a ela essa triste resignação à vista de um corpo com linhas defeituosas e caprichos insondáveis’ (Lévine e Touboul,2002:12). O corpo na velhice consiste num tema muito vasto e deve ser repensado, pois hoje há uma grande transformação desses conceitos, embora não seja possível aprofundar aqui. Como sugestões podem ser citados os livros ‘Antropologia, Saúde e Envelhecimento’ (Minayo e Coimbra Jr (org) Rio de Janeiro, Fiocruz: 2002), ‘Corpo, Tempo e Envelhecimento’ (Delia Catullo Goldfarb. Rio de Janeiro, Casa do Psicólogo, 1998), dentre outros. Além da velhice, outro tema vasto associado ao referido ‘componente incontrolável’ do corpo é o da obesidade, que será abordado em alguns momentos desta tese.

Aproximar-se do corpo, portanto, representa um desafio ao pensamento. Reconhecendo o quão custoso é tocar na fronteira desse ‘entre-dois’ que é o próprio corpo, as autoras recordam que resta, ao menos, a possibilidade de apreender o corpo ‘do outro’, o que levanta o problema de *quem* seria esse outro: a bailarina, o atleta, o presidiário, o corpo anatômico, o erótico, o nativo de outra cultura, ou de nossa própria, o ‘marombeiro’, ‘a turbinada’, o ‘tatuado’¹⁷ ... ?

Em relação ao corpo do bailarino, por exemplo, se é evidente que o mesmo foi ‘construído’, é importante ressaltar que não é somente no domínio da dança ou dos esportes que a ‘construção do corpo’ está presente. Sem desprezar a relevância dos componentes genéticos, a observação de um extenso leque de possibilidades leva à constatação de que, de um modo ou de outro, *todos os corpos* são construídos socialmente. Entretanto, a maneira como se dá essa construção varia demasiadamente de uma cultura para outra, ou mesmo entre os indivíduos de uma mesma cultura.

No Ocidente, em especial, essa construção reflete a profunda dissociação entre o corpo e a alma, inscrita em sua História, confirmada desde Platão até Descartes, dentre inúmeros outros¹⁸. Uma marca relevante que diferencia os povos ‘civilizados’ daqueles dos primórdios da humanidade, seria, portanto, que, enquanto nos últimos, o fascínio exercido pelo corpo era absolutamente explícito - o que o levava, dentre os canibais, a se tornar um ‘objeto culinário’ - nos primeiros, desenvolveu-se um tabu do corpo sem precedentes, tanto entre os judaico-cristãos quanto entre os islâmicos (Descamps, 1986: 17). Por representar um objeto de tentação, que leva inevitavelmente à sexualidade e ao pecado, o corpo deve ser coberto e dele - o seu

¹⁷ Tratam-se de gírias que se referem a construções de corpo específicas: marombeiro é ‘o indivíduo que pratica maromba, ou musculação, quando os exercícios são feitos com peso nos pulsos ou nas mãos, ou nos tornozelos’ (Ferreira, 1999:1289); ‘turbinada’ é o adjetivo utilizado para a mulher que se submeteu a procedimentos tais como uma cirurgia de implante de silicone ou injeção de anabolizantes, e advém do significado de turbinar, ou ‘falsear’, em princípio, por exemplo, um taxímetro de um carro. Tatuado é aquele que fez uma tatuagem na pele.

¹⁸ Apesar da separação entre corpo e alma se fazer presente nessas teorias, afirmar que o corpo seria simplesmente *negado* é uma igualmente visão simplista, conforme atesta a importância que Platão dedicou à ginástica e à dança, assim como temáticas desenvolvidas por Descartes que possuem afinidade com a própria ciência da Psicomotricidade. Essa discussão é bastante complexa e não se tem aqui o objetivo de aprofundá-la.

próprio e o corpo do outro – deve-se manter distância. Daí Descamps ter denunciado que se pode possuir um corpo, porém, sem o saber, afirmando ter sido justamente isso que ocorreu em nossa civilização. Segundo ele, o pouco que a (nossa) humanidade soube acerca do corpo, ela buscou esquecer, preferindo não mais pensar nisso.

Por isso mesmo, ele afirmou que ‘por muito tempo, não se falou do corpo a não ser enquanto um conceito’ e que, ‘até 1930, nenhum autor havia escrito um livro sobre o corpo propriamente dito’ (*op.cit*,1986:9). Discorda-se dele, pois, evidentemente, esse aparente ‘silêncio’ acerca do corpo consiste na maior prova do quanto era necessário escondê-lo. Portanto, é importante recordar que a modernidade não tem, certamente, a exclusividade de dedicar ao corpo um lugar de destaque. Ainda que de modo tácito, o corpo sempre esteve presente, à medida que *todas as sociedades*, a seu modo, construíram saberes relativos ao corpo - conceitos de beleza, cuidados com a saúde, sem falar no leque de proibições e tabus específicos a cada época, extensivamente estudados por Foucault¹⁹. Muito mais que um simples conceito ou que um tema de uma vasta literatura, *ele sempre foi importante*, o que é comprovado pela obra de importantes filósofos, em que o corpo representou uma questão central.

O mais bombástico dentre eles foi, certamente, Friedrich Nietzsche (1844-1900)²⁰, cuja existência, marcada pela dor e pela doença, trouxe, intempestivamente, a imprescindibilidade do corpo para a filosofia. Com vigor inédito, atacou a milenar dicotomia platônica que posicionava a alma como hierarquicamente superior, assim como criticou agudamente o cristianismo que, para ele, não seria mais que um ‘platonismo dos pobres’. Daí, sua desconfiança diante de ‘uma idéia que tivesse sido gerada na posição sentada’. Pela voz de Zarathustra, eremita, profeta, louco, visionário, ele afirmou: ‘Eu só poderia crer num Deus que soubesse dançar’ (Nietzsche,2001:41). Essas idéias sintetizam suas concepções, que deixaram ao mundo o seguinte alerta:

¹⁹ Tema do capítulo 1.3.

²⁰ Embora tenha sido citado somente Nietzsche, reconhece-se a injustiça de não se recordar autores como Spinoza, Deleuze e Guattari, dentre outros, mas não foi possível incluí-los tendo em vista que esta tese não está situada no campo da filosofia.

‘Aos que desprezam o corpo quero dar meu parecer. O que devem fazer não é mudar de preceito, mas simplesmente despedirem-se de seu próprio corpo e, por conseguinte, ficarem mudos’ (Nietzsche,2001:41).

É de se ressaltar que não foi aleatória a escolha da figura do bailarino por Nietzsche: ao contrário da atitude passiva do espectador - sentado na platéia - o bailarino dança, movendo seu próprio corpo, por meio do qual desenrola-se o ato dramático. Acerca de seus ‘Fragmentos Póstumos’, assim se referem Levine e Touboul:

‘o corpo não é isso que se crê que seja: nem uma reunião mecânica de peças estrangeiras umas das outras nem um receptáculo cego de um funcionamento ainda mais cego. Ele é um jogo flexível de peças que se confrontam e que se dobram umas sobre as outras no interior de relações dinâmicas. Ele é também o lugar onde acontece um sentido, e é por isso que a fisiologia não deve ser submetida a uma moral, mas sim compreendida *como* moral. O que deve nos espantar, não é a alma, ou a consciência, mas o corpo, freqüentemente considerado como exterior ao eu’ (Lévine e Touboul, 2002:63).

Essas idéias expressam nitidamente a questão da construção social do corpo que se deseja abordar aqui. Porém, como se desvencilhar da contradição evidenciada pela atitude de tratar do corpo dentro de uma tese acadêmica? Sim, pois meditar acerca do corpo retoma uma contradição intrínseca à própria teoria: o *corpo vivo* – que, exceto pelo fato de que um dia, inexoravelmente, dele também escapará a chama da vida, aparentemente, nada tem a ver com as peças dissecadas no laboratório de anatomia - é indiscutivelmente mais compreendido, captado, agarrado, em movimento ou em repouso, em situações *não-teóricas*, que se remetem diretamente a ele, ou seja, por meio de uma espécie de ‘suspensão’ do pensamento. Além disso, embora haja uma afinidade de determinadas atividades, ora pelo corpo, ora pelo que se pode chamar de mente, ou pela alma, o fato é que é impossível dissociá-los, de maneira que quando penso, escrevo, embora sejam atividades predominantemente mentais, não prescindo de meu corpo - ele está lá, e ainda executa a sofisticada operação motora de digitar teclas de um computador ... - enquanto no ato de nadar, dançar, sentir o vento no rosto ao atravessar a cidade de bicicleta, além de o pensamento dificilmente silenciar, como negar o *prazer* que essas sensações - ‘corpóreas’ propriamente ditas - levam àquilo que se pode chamar de *alma*?

Poderia mesmo se argumentar que o alcance do corpo em sua natureza última é impossível a qualquer teoria e que isso jamais poderia ocorrer numa tese acadêmica, mas somente, talvez, quando ele é *experimentado* na dança, na arte, na própria vida...

Por isso, é importante assumir desde já que, ainda que se busquem referenciais que abracem o tema de maneira mais abrangente, uma teoria é sempre uma teoria, e nunca será o *corpo em si*. Ora, o corpo é somente percebido enquanto corpo mesmo, em movimento ou em repouso²¹, mas sempre em sua viva e ininterrupta pulsação. A teoria, por sua vez, pode tanto concebê-lo como uma mera extensão de matéria, da qual se conhecem as partes e funções, como o fizeram os anatomistas e a ciência clássica, quanto se debruçar sobre o corpo vivo, em sua totalidade, dentro de determinado contexto social, político, filosófico, fenomenológico. Todavia, há que se concordar que, de uma maneira ou de outra, nenhuma delas deixa de ser uma ‘teoria’.

No afã de desatar este nó, propõe-se aqui um elo entre corpo e teoria, por meio da tragédia grega. Ao estudá-la, Nietzsche atentou para a existência de uma dialética entre elementos apolíneos e dionisíacos²², enfatizando a relevância dos últimos. Sabe-se que, tal como o *teatro*, cuja origem etimológica é a mesma, a idéia de teoria atesta afinidade entre as atitudes do teórico-cientista com a do observador, do sujeito que se *senta* na platéia, e não com a do bailarino. Com uma origem que remonta à Grécia dos fins do século V a.C., a teoria, mais que uma faculdade humana, representa uma ruptura de paradigma. De fato, teórico (*theorikós*), em grego, é sinônimo de espectador, enquanto o verbo *theoreîn* significa ‘assistir a um espetáculo’²³ e teorema (*theórema*) se aplica tanto a ‘objeto de estudo’, ‘algo sobre o que se

²¹ O tema da percepção do corpo vivo remete ao filme ‘Frances’ (1982), baseado na vida da atriz norte-americana Frances Farmer (1913-1970). Crítica e iconoclasta, foi presa e internada em hospital psiquiátrico, onde a submeteram a invasivos tratamentos com drogas, eletrochoque e lobotomia. No filme, a protagonista, que por uma redação escolar havia sido punida e acusada de herege, contrariando a definição de Deus dos cânones religiosos, expressa a felicidade e a sensação de prazer e liberdade extremos trazida pela ação ‘corporal’ de nadar sozinha no mar aberto.

²² Nietzsche utilizou-se dessas duas figuras mitológicas para definir os elementos que compunham a tragédia grega, identificando-os como uma fusão entre o apolíneo – ligado ao aspecto visual e estático da forma, com afinidade pelas artes plásticas e arquitetura - e o dionisíaco – ligados ao êxtase, à fugacidade do momento, efêmero, passageiro, às artes que ocorrem no tempo, dinâmicas, tais como a música e a dança (Nietzsche, 1995).

²³ O verbo *theoreîn*, aparece, em Heródoto, com os sentidos de assistir a um espetáculo e de viajar ao estrangeiro: ‘*Theoreô ta Olúmpia*’ quer dizer ‘assistir aos jogos olímpicos’. Outro significado, encontrado em Sófocles, é o de

medita’, quanto a ‘espetáculo, festa, algo digno de ser visto, que deve ser, portanto, belo’ (Veiga,1999:23-7). Em suma, a palavra ‘teoria’ traz consigo uma conotação de ver-de-fora, de *admirar*²⁴, de *contemplar*²⁵.

Assim, se num momento imediatamente anterior, atores e platéia (con-) fundiam-se num único ritual, a definição arquitetônica do teatro grego representou uma separação ontológica entre os que lá foram para ‘se apresentar’ e os que foram para ‘assistir’. Em outras palavras, uma revolução radical, cujos reflexos se manifestaram na arte, na política e no pensamento filosófico, conforme atestou Veiga:

‘Um dos símbolos mais plásticos dessa transformação vamos encontrar na metamorfose do culto agrário em espetáculo teatral e teórico da pólis. Entre o culto e o ritual teatral, entre a pura e simples imersão no ritual e a contemplação de uma grande platéia, há uma diferença qualitativa de atitude humana. E não é difícil perceber um verdadeiro *antagonismo* entre o sentido de ritual e o de espetáculo. A passagem da atitude de um crente para a de um espectador simboliza uma revolução no conceito de mundo. Em última instância, podemos interpretar as mudanças sofridas no teatro grego como uma gradual passagem de um ato de fé para um ato contemplativo, teórico’ (Veiga, 1999: 13-4).

O autor desenvolve, em seguida, o percurso que atravessou o culto dionísíaco até atingir a forma-teatro, e com ela, a ruptura entre palco e platéia, a qual tende a assumir contornos cada vez mais nítidos, tecendo uma analogia entre essa transformação e o surgimento da própria atividade teórica e da filosofia. Um dado curioso é que, se levada ao extremo, a imagem do teatro serve também para compreender a ciência moderna, nascida cerca de dois milênios depois. A radicalização da separação do desenho arquitetônico do teatro explicita uma atitude de observação: ela pressupõe uma nítida diferenciação, ou até mesmo uma divisão de funções, entre o sujeito-cientista-pesquisador e o objeto-a-ser-pesquisado²⁶.

consultar um oraculo (Veiga, 1999: 23-7).

²⁴ O verbo admirar, por sua vez, de origem latina, sintetiza a idéia da posição de espectador, à medida que seus radicais significam ver (mirar) de lado, de perto, do lado (ad), o que denota uma separação inerente entre o objeto e o sujeito que o vê, mira.

²⁵ Recordar-se a epígrafe deste capítulo: ‘teoria em grego quer dizer o ser em contemplação’.

Essa analogia – entre o teatro grego e a ciência moderna – não é casual. Referindo-se à Dialética do Esclarecimento - onde Adorno e Horkheimer formularam que o Ocidente se constituiu sobre o projeto da razão instrumental – Birman recorda que o *cogito* cartesiano e as revoluções científicas ocorridas nos séculos XVII e XVIII constituíram o solo histórico para a modernidade da razão (Birman,2003:14). Não obstante, a separação ontológica entre os registros do sujeito e do mundo que daí se originou, e que configurou o fio de prumo característico da racionalidade ocidental, estruturou-se justamente na tradição grega. Seu advento é ilustrado pela trajetória de Ulisses, uma metáfora da transformação radical na maneira de estar-no-mundo do sujeito: no instante em que esse herói tapou os ouvidos e se amarrou firmemente nos mastros do navio, para não ser seduzido pelas sereias, teria se perdido uma relação direta então existente entre o homem e a natureza. Portanto, nos relatos homéricos, identifica-se a fundação mítica do Ocidente, onde teria sido produzida uma fratura entre os registros do sujeito e do mundo, instaurando de maneira decisiva o domínio deste por aquele. Com o gesto heróico de Ulisses, é como se algo de crucial da condição do homem tivesse se perdido, pois a *sensualidade* seria mumificada e passaria a se delinear o domínio da razão sobre a natureza. Na perspectiva da razão, ‘o que existia de natureza no homem foi então sendo progressivamente considerado como estrangeiro’. Nessa fenda incontornável e abissal, constituiu-se o platonismo e, posteriormente, o cristianismo.

A totalidade da tradição metafísica do Ocidente se inscreve, portanto, nessa brecha ontológica. A razão, enquanto instrumento de sinalização dos acontecimentos do mundo e de produção do saber, teve como contrapartida natural a perda da *sensualidade natural* do sujeito. A matriz originária do Ocidente pode ser identificada numa ruptura que colocou em oposição natureza e cultura (ibidem:14). E o que seria essa sensualidade, essa natureza, que sofreria as conseqüências da dominação pela cultura, senão o próprio corpo?

²⁶ Esse distanciamento é questionado por algumas correntes teóricas. A questão a mudança de paradigma da ciência será abordada, sucintamente, em 2.1. Em relação à pesquisa de campo deste trabalho, apesar de uma abordagem ‘participante’, o objeto não deixou de ser o corpo do ‘outro’.

Sendo assim, com base nessa dialética que opõe sujeito e objeto, podem-se identificar duas concepções distintas de corpo: de um lado, o *corpo vivo*, com todas as suas conotações sociais, culturais, fenomenológicas, com suas sensações - dançar, correr, pedalar a bicicleta, subir e descer montanhas, nadar - em termos de localização, esse está no próprio palco ou, antes ainda, *imerso* no culto-ritual-mágico. De outro lado, dissecando o *corpo-cadáver*, peça do anatômico, senta-se, observa, espectador, na platéia, o *cientista*²⁷.

Para compreender, portanto, o ponto de vista do cientista-espectador-do-corpo, há que se remontar às origens da 'era da técnica', por volta do século XV, quando Deus era concebido como 'uma espécie de relojoeiro que teria criado - e dado corda - à Natureza e ao mundo' (Sibilia:2002,67). Essa visão, de certo modo, simplista, do corpo teve origem no pensamento de Descartes, e dos '*iatrofísicos*'²⁸, e acabou resultando no 'Homem-Máquina'²⁹ de Helvetius (Descamps,1986:177).

No contexto de transformações que desembocou na Ciência Moderna, considerado um objeto mecânico, esse 'corpo-máquina' foi dissecado pelo trabalho dos primeiros anatomistas. Tornado cadáver³⁰, sem as conotações da vida e do sagrado, o corpo pôde se deixar violentar pelos instrumentos cortantes da medicina. Foi assim que o saber científico redefiniu o corpo, 'arrancando-o do homem vivo e escolhendo o cadáver como seu modelo e objeto', de modo

²⁷ Bauer, Gaskell e Allum, num trabalho acerca de metodologia de pesquisa, utilizaram a imagem de uma partida de futebol, em que especificam ainda mais a posição do cientista: como um tipo especial de espectador, situado num 'campo de observação sistemática', enquanto os jogadores seriam os atores, dentro do 'campo de ação', e os espectadores seriam o que chamaram de 'campo de observação ingênua', no sentido de que, de certo modo, fazem parte do jogo, enquanto, para descrever a situação, requer-se ao cientista uma análise fria da situação e não estar envolvido com nenhum dos dois times (Bauer, Gaskell e Allum:2000,17-18).

²⁸ A *iatrofísica*, (praticada pelos 'iatrofísicos', em francês, '*iatromécaniciens*') representou 'uma escola italiana de pensamento médico, saliente no século XVII, e que preconizava as bases físicas, notadamente mecânicas, para a teoria e prática médicas' (Ferreira, 1999:1067).

²⁹ A expressão 'homem-máquina' deu nome a um ciclo de palestras organizado por Adauto Novaes e publicado sob título homônimo. Rouanet atribui a origem da expressão ao livro em que o médico La Mettrie teria radicalizado as idéias de seu contemporâneo Descartes (Rouanet,2003:37).

³⁰ Conforme citado acima, recorda-se que, embora Descamps advogue que existem termos diferentes, para designar corpo, quando vivo, e cadáver, quando está morto (op.cit:11), em muitos idiomas, inclusive o inglês e o português, os termos são sinônimos, o que testemunha a presença de uma perspectiva 'anatômica' de abordar o corpo em nosso imaginário cultural.

que, ‘no vigor da renascença, a anatomia estática se sobrepôs à fisiologia, congelando a vida do organismo para poder explicar suas engrenagens’ (Sibilia,2002:68).

Não há como negar a importância das pesquisas desenvolvidas sob esses parâmetros para o avanço da medicina e da ciência de modo geral, pois foi desse modo que se tornaram conhecidas ‘as funções relativas aos ossos, aos músculos, aos nervos e ao cérebro’ (Teixeira,1998:24). E foi sob essa ótica ‘anatômica’ que o corpo, durante séculos, foi tradicionalmente compreendido pela ciência: como um objeto, desprovido de vida, um cadáver, passível de uma dissecação silenciosa e de uma exposição cruenta de suas mais recônditas partes.

Baudrillard reforça essa idéia, à medida que, tendo relacionado sistemas simbólicos a respectivos ‘tipos-ideais’ de corpo, ele elegeu a imagem do cadáver como o limite ideal do corpo em relação ao sistema da medicina: de fato, é ele quem a produz e reproduz no cumprimento de seu exercício, sob o signo da preservação da vida (Baudrillard,1976:177). Se o cadáver se presta à medicina, ele cita os modelos correspondentes aos outros sistemas – o tipo-ideal correspondente ao sistema simbólico da religião é o animal, enquanto o da economia política é a máquina (mais especificamente, o robô), enquanto o da economia política do signo é o manequim. A referência ao animal está ligada à questão dos instintos e dos ‘apetites da carne’, visto que a religião os reprime e que o corpo ressuscita além da morte como metáfora carnal. O robô exemplifica o modelo de perfeita liberação funcional do corpo como força de trabalho, de extrapolação da produtividade racional absoluta e assexuada. O computador pode ser considerado um ‘robô cerebral’, pois consiste numa extrapolação do cérebro enquanto força de trabalho. O manequim representa o corpo totalmente funcionalizado sob a lei do valor, mas dessa vez como lugar de produção do valor-signo. Em seu caso, os produtos não são apenas a força e o trabalho, mas sim modelos de significação, e não somente modelos sexuais de perfeição, mas a sexualidade, ela mesma, como modelo.

Cada um desses sistemas revela, à sua vez, a idealização última de seus fins - a saúde, a ressurreição, a produtividade racional, a sexualidade liberada. Em todas, paira uma espécie de

‘fantasma redutor’, por meio do qual se articula uma estratégia para uma visão delirante do corpo (ibidem:177). Cadáver, animal, máquina, manequim: esses são, na verdade, os tipos-ideais *negativos* do corpo, reduções fantasmáticas sob as quais ele se produz e se inscreve nos sucessivos sistemas. Entretanto, Baudrillard afirma justamente que o corpo é tudo, menos aquilo que esses modelos e sistemas aprisionam, é definitivamente outra coisa, a alternativa radical a eles, sua virtualidade inversa, justamente a diferença irreduzível que os nega:

‘Mas para essa aqui – para o corpo enquanto material de troca simbólica – não existe modelo, código, tipo ideal, fantasma diretor, pois não se conheceria um sistema do corpo como anti-objeto’(Baudrillard,1976:178).

Se nenhum desses modelos se presta à análise do corpo, como apreendê-lo? Na busca de identificar uma perspectiva mais abrangente de compreensão do corpo, Descamps afirmou que somente a etnologia viria a inaugurar a primeira ciência integral do corpo humano, citando como marcos relevantes a ‘História Natural do Homem’, de Buffon, a Etnopsicologia de Pritchard, de 1813, seguidos pelas descobertas de Broca, acerca da morfologia do cérebro, e das pesquisas de Mauss (Descamps,1986:31). No que diz respeito ao tema, foi marcante o estudo de Mauss acerca das técnicas corporais, as quais ele definiu como:

‘a arte de utilizar o corpo ou a maneira pela qual os homens, de uma sociedade a outra, de modo tradicional, sabem se servir de seus corpos’(Mauss,1974:217).

Ao utilizar essa expressão, o autor chamou a atenção para a importância desse campo, apontando a urgente necessidade de retirá-lo do ‘terreno baldio’ rotulado sob o título de

‘diversos’ (Mauss,1974:217)³¹. Nesse trabalho, Mauss considerou o corpo ‘o primeiro e mais natural instrumento, ou objeto e meio técnico, do homem’³².

A etnologia teria sido, portanto, a primeira, dentre as ciências humanas – à qual poderia se juntar, de certo modo, a estética – a se ocupar do corpo, porém, dessa vez, tendo como objeto o corpo ‘vivo’, situado num contexto mais amplo e complexo da sociedade e do mundo (Descamps,1986:31).

Há que se recordar, contudo, que a descoberta do corpo pela etnologia não trouxe o ‘seu próprio corpo’, ou o ‘dos seus’, mas sim, o corpo dos ‘outros’. Desde Heródoto, descreveu-se o corpo do ‘homem diferente’. Retrataram-se os corpos dos gigantes, dos anões (os pigmeus), dos negros, dos amarelos, dos vermelhos. Os monstros medievais eram figuras delirantes, assim como os ‘estrangeiros’, segundo a descrição dos primeiros viajantes³³(ibidem:30).

As narrações começam a se ‘humanizar’ somente a partir dos grandes navegadores - como Diaz, Vasco da Gama, Colombo, Magalhães - e depois, com os missionários jesuítas. Sabe-se que os ocidentais viam o corpo de maneira tão diferente das sociedades tradicionais que não causa espanto que a etnologia tenha sido desde o início centrada no corpo (idem:13). A contribuição mais importante da primeira etnografia descritiva seria, portanto, a descoberta das ‘civilizações do corpo’, à medida que algo que todos esses relatos possuíam em comum

31

Prefaciando essa obra de Mauss, Lévy-Strauss afirmou que ninguém, na verdade, teria ainda abordado essa tarefa imensa sublinhada por aquele, ou seja, a de desenvolver um inventário e uma descrição de todos os usos que os homens, no curso da História, e sobretudo, através do mundo, fizeram e continuam a fazer de seus corpos (Lévy-Strauss in Mauss,1974:9). Na verdade, desenvolver uma abordagem do corpo ao longo da história do Ocidente constituiria um estudo à parte.

³² Este trabalho de Mauss é uma referência importante para a formulação do conceito de *habitus*, por Bourdieu, que diz respeito aos condicionamentos associados a uma classe particular de condições de existência produzem *habitus*, um sistema de disposições duradouras adquirido pelo indivíduo durante o processo de socialização (Bonnewitz,1998:77).

³³ Carpin, em 1245, e Rubriquis, em 1253, descreveram os estrangeiros como homens com escamas de peixe, acéfalos com rostos sobre o peito, cíclopes e homens de duas cabeças. Marco Polo relatou a existência de seres de um pé só, com cara de cachorro, com caudas longas e, ainda, nus, que se banhavam duas vezes por dia (esses últimos se parecem conosco, brasileiros!(Descamps, 1986:30).

era o reconhecimento de que o corpo humano, nessas culturas ‘outras’, era *muito mais importante* do que na cultura ocidental (Descamps, 1986:30). Como situar, então, o corpo, na modernidade, em ‘nossa sociedade’, por mais amplas que essas expressões possam se apresentar?

As referências anteriores não foram fúteis: o corpo, discutido amplamente em sua relação com a alma pela filosofia, objeto de curiosidade para a etnografia, revelado central na etnologia, acabou por se revelar central também ‘aqui’. Ocorreu que o reconhecimento de outras ‘culturas do corpo’, juntamente com a crescente sofisticação das práticas de construção corporal, levou a um despertar para o estudo do corpo *em nossa sociedade e em nossa cultura*.

Deve-se tomar cuidado com uma precipitada e errônea conclusão de que aquelas culturas se inscreveriam no corpo, enquanto uma característica que lhes é própria, *como se o mesmo não acontecesse com a nossa* (ibidem:178). Ao contrário, é bem visível que os ocidentais carregam em seus corpos as marcas de sua sociedade, o que faz com que o estudo das técnicas corporais, vislumbrado pioneiramente por Mauss, seja um campo muito amplo. Descamps referiu-se ao corpo com uma espécie *encruzilhada* do campo simbólico da cultura: por sua cor, sua impregnação química, pelo uso das vacinas, sua forma, ele reproduz toda a sociedade e reflete sua cultura, afirmando ainda:

‘Aprendemos’ o corpo, do mesmo modo que aprendemos a ler. Possuímos o corpo de uma respectiva classe econômica e social, pois o corpo não faz nada além de traduzir os fantasmas pessoais, além de repercutir os mitos coletivos. Isso faz com que o biológico se torne uma metáfora da realidade sócio-política. Não somente os mitos que perseguem uma dada sociedade nele encarnam, mas o próprio corpo atinge o mito. O corpo é o símbolo de que faz uso uma sociedade para falar de seus mitos’ (Descamps, 1986:180).

Numa linha afim, Lévine e Touboul ressaltam para a relevância dos valores do social sobre a instância do corpóreo, ao terem observado que:

‘O corpo se mostra, de maneira igualmente imediata, como ser natural e objeto social, ou seja, como objeto de inscrição de valores próprios a uma sociedade sobre a própria *carne* dos homens que a compõem’ (Lévine, Toubul,2002:13) .

Essas afirmações nos levam a reconhecer no corpo ‘um fato social total’ (Descamps,1986:179). Todavia, esse reconhecimento não se deu de maneira tão simples. Detrez observou que tanto o pensamento filosófico e literário de um lado, quanto a medicina e a ciência, de outro, contribuíram para pensar o corpo como um dado biológico³⁴. O corpo deixaria o indivíduo em sua nudez, nesse estado de ‘natureza’, descrito em nome da supremacia da alma, da razão, da cultura, o que distingue, por sua vez, o homem do animal (Detrez,2002:17). Por isso, tanto para a psicologia quanto para a sociologia, o corpo é uma descoberta relativamente recente: na visão corrente, o corpo pode pertencer à medicina e à biologia – essas, por sua vez, fortemente influenciadas pelo paradigma ‘anatômico’ - à antropologia, ou mesmo à educação física, mas não à psicologia – pois sua própria etimologia a denuncia como a ‘ciência da mente’ (Descamps,1986:10).

Quanto à sociologia, Detrez observou que, à ocasião de seu surgimento, apesar de sua necessidade de se demarcar das outras disciplinas, ela recebeu, ao mesmo tempo, a inevitável influência da herança das mesmas. Desse modo, no afã de se constituir enquanto um campo próprio, ela também foi levada a se ‘desencarnar’, de modo que priorizou a ação social e as instituições em detrimento dos indivíduos. Sob certo aspecto, essa disciplina teria deixado de lado o corpo, considerando os atores sociais segundo seu lugar na sociedade, mas ‘separados’ de toda a realidade corpórea. A autora afirma que a sociologia repousava, assim, sobre o modelo de pensamento dualista das outras disciplinas, afinado com as tradições filosófica e científica ocidentais, que negavam o corpo e o tratavam como um objeto, de carne e de sangue, como um *alter ego* (Detrez,2002:53).

Para Durkheim, o homem é duplo, dividido em ‘dois seres radicalmente heterogêneos’, o corpo, sede da individualidade, das emoções e do egoísmo; e a alma, sede da sociabilidade,

³⁴ A autora utiliza o campo da ‘fisiognomia’, muito em voga no século XIX, como representativo desse modo de pensar. A fisiognomia é ‘a arte de conhecer o caráter das pessoas pelos traços fisionômicos’ (Ferreira, 1999:909)

do pensamento conceitual e da atividade moral (Durkheim,1985:64). O corpo é definido, assim, como se fosse um fenômeno pré-existente, um repositório de paixões e afetos ‘pré-sociais’, e quando entra em jogo a sociedade, ela é priorizada enquanto objeto de análise. Enquanto um envelope passivo, as capacidades de ação do agente revelam-se somente por meio de seu espírito, de modo que o controle do corpo é uma tarefa e seu estudo é relegado às ciências naturais, o que se refletiu na ‘total ausência do corpo na tradição sociológica’. Detrez afirma que, para chegar a pensar esse domínio, a sociologia deve transpor a definição das tradições filosófica e científica que concebe o corpo unicamente em termos biológicos. A autora vê nessa atitude uma verdadeira ruptura epistemológica com a qual se confronta a sociologia (Detrez,2002:53-54):

‘não mais enxergar o corpo, seja como dado natural, que constituiria de certa maneira a repulsa de toda empresa reflexiva, seja como uma ferramenta heurística e conceitual de compreensão do social, mas como um objeto sociológico, um ‘fato social total’, para retomar os termos de Marcel Mauss. (...) Com efeito, o que é próprio à Sociologia, contrariamente à psicologia e à biologia, é tratar de homens ‘totais’, ou seja, de homens concretos que são, ao mesmo tempo, consciência individual e coletividade’ (Detrez, 1990:55).

Justamente contrariando essas evidências, por meio da hipótese da ‘construção social do corpo’, a autora visa a romper com a experiência ontológica individual e coletiva que faz com que o corpo seja concebido como expressão de uma ‘natureza profunda’ da pessoa. Portanto, é a partir de uma perspectiva de ruptura que, depois de ter sido negado por séculos - negado, porém, não esquecido, pois para negá-lo, foram canalizados muitos esforços, o que atesta sua importância crucial – inusitadamente, o corpo tornou-se um tema recorrente nas Ciências Sociais. Como afirmou Descamps, é por meio do corpo que a sociedade fala de seus fantasmas. Assim, se nas sociedades de penúria e fome, o corpo bem servido de reservas gordurosas era venerado, pois somente os ricos poderiam possuí-lo, essa situação modificou-se a partir do momento em que as sociedades industriais organizaram *outros lugares* para guardar suas reservas... (Descamps,1986:180).

De fato, as sociedades industriais e pós-industriais³⁵ engendraram uma cultura do corpo muito específica, de maneira que o corpo de nossos contemporâneos, assim como nas sociedades tradicionais, traz suas marcas evidentes. Essas marcas são diferentes, e embora, para nós, sejam mais difíceis de reconhecer - por estarmos também imersos nesta sociedade e, eventualmente, sermos bastante afetados por 'insucessos estéticos particulares' - elas se fazem presentes a todo instante, nas cirurgias estéticas, vacinas, depilação, cuidados dentários, técnicas de emagrecimento e regimes, fisiculturismo, tatuagens...

A atenção para o assunto fez com que, a partir dos anos 1980, ocorresse uma verdadeira proliferação de estudos acerca do tema. Ao observar essa tendência, não se pode ignorar a importância dos diversos movimentos contestatórios agrupados sob o rótulo de 'contracultura', eclodidos ao longo das décadas de 1960 e 70, e ver nela um eco, embora com transformações radicais, de valores reivindicados anteriormente. Conforme será discutido adiante, sob uma perspectiva histórica, esses movimentos se opunham às amarras impostas ao corpo pelo *establishment*³⁶, pregando sua liberdade, autonomia, enfim, sua reapropriação, trazendo à tona a citada discussão acerca da perspectiva de um corpo-objeto ou de um corpo-sujeito, que ocuparia o centro do palco.

Mais recentemente, o corpo veio a se tornar um tema terrivelmente popular nos estudos culturais dos Estados Unidos, mas, desta vez, trata-se 'do corpo plástico, remodelável, socialmente construído, e não o pedaço de matéria que adoece e morre'³⁷. A título de exemplo, o lançamento da revista '*Body and Society*', em 1995, organizada por Mike Featherstone e Bryan Turner, reflete o crescente interesse que as análises culturais e sociais vêm dedicando ao corpo humano nos últimos anos. Esse periódico acadêmico norte-americano debate assuntos ligados ao feminismo, tecnologia, ecologia, pós-modernismo, medicina, ética e consumismo, questionando paradigmas vigentes e elegendo o corpo como o tema central de análise.

³⁵ Tipologia comentada em 2.1.

³⁶ *Establishment*: o Sistema, ou grupo sócio-político que exerce autoridade, controle ou influência e em geral procura resistir a mudanças (Houaiss, 2000:261). Termo muito utilizado, nas décadas de 1970 e 1980, pelos chamados movimentos da contracultura, que a ele faziam uma aguda crítica.

³⁷ Trecho de 'Depois da Teoria', de Terry Eagleton, citado pela Folha SP, caderno Mais! 02/11/03.

Na França, em especial, Descamps denuncia, com uma pitada de ironia que, hoje, o tema está tão ‘na moda’ a ponto de os editores colocarem a palavra ‘corpo’ nos títulos dos livros simplesmente para que vendam bastante, ainda que, às vezes, ele não seja encontrado dentro do texto mais nenhuma vez (*op.cit*,1986:9)! Também no Brasil, assim como em todo mundo, de pontos de vista bastante diversos, vêm sendo produzidos relevantes trabalhos acerca do tema, alguns dos quais vale a pena citar:

‘Le corps et ses discours’ (Drouin-Hans,1995) trata da possibilidade de conceber o corpo como um signo, seja no campo da arte, literatura, fotografia, cinema, publicidade, vida cotidiana, pintura, escultura, teatro e ciência. Para tal, apresenta estudos que têm como objeto desde a semiótica, os efeitos das campanhas publicitárias, a relação entre o corpo do fotógrafo e sua obra, a direção de atores em cinema, até obras de vulgarização científica e signos do ‘corpo doente’ na literatura. Todos esses domínios compartilham do fato de que ‘o corpo parece falar’, pois se dá a ver e a interpretar incessantemente. Entretanto, seus discursos possuem uma lógica, um objeto e uma modalidade expressiva próprios, diferentes de seus correspondentes na linguagem verbal. Apesar de antiga, a idéia do ‘corpo significante’ deu lugar a múltiplas tentativas de teorização, que geram novos discursos. Enquanto a semiologia médica interpreta os sintomas das doenças, outros concebem o corpo como revelador da alma, servindo para o aconselhamento de oradores, atores, bailarinos, cantores e pintores. Fértil nos discursos que veicula, a linguagem do corpo é estudada num campo de estudos abrangente que enfoca o *gesto significante* (Drouin-Hans,1995).

Strathern ressaltou que a percepção das relações entre corpo e alma nas diferentes culturas são relevantes no sentido de definir a humanidade num nível mais amplo, o que faz com que essas questões representem um tema central não somente na história européia, como também em muitas outras culturas. Por isso, a partir da década de 1980, a antropologia médica desenvolveu uma abordagem denominada do ‘corpo pensante’, tendo como eixos de discussão as idéias de corpo, saúde e doença, na Europa e na Melanésia (Strathern,1999:13).

Sant'Anna - em 'Políticas do Corpo' (1995) e em 'Corpos de Passagem' (2000)- lida com as relações entre corpo e modernidade. No primeiro, por ela organizado, são discutidos temas ligados à medicina, arte, antropologia e história. O segundo examina o objeto sob ângulos diferentes, dentre os quais a questão das sensibilidades constituídas em espaços como os hospitais e os aeroportos, lançando, por fim, a indagação acerca do 'que vem a ser o corpo humano'.

Schpun (1999) examinou as diferenças de gênero na cultura corporal da São Paulo dos anos 1920, analisando de que modo, enquanto as práticas desportivas estimulavam nos homens suas tendências 'naturais' para a competitividade e a integração social, as mulheres eram estimuladas para a leveza e graça.

Villaça e Góes relacionaram o fenômeno do corpo ter se tornado um tema tão central na sociedade contemporânea à falência da razão e à mudança de perspectiva, desde os anos 60, de um 'império da cabeça' para o da crescente atenção ao assunto, que não se restringe aos domínios da medicina. Essa discussão reúne abordagens que vão desde a idéia do *corpo disciplinado*, com base em Foucault, ao *corpo comunicativo*, passando pelo *corpo-virtual*, em sua relação com a tecnologia (Villaça e Góes,1999).

Em outro trabalho que gira em torno desta temática, Villaça e Góes discutem as tendências do pensamento contemporâneo relacionadas a dimensões fundamentais da experiência humana. Para isso, enfocam uma renegociação das noções de território, arte, corpo e comunicação, tendo em vista processos de subjetivação individual e imaginário nacional em tempos de globalização (Villaça e Góes,2000). Para tratar do corpo hoje, são pensadas as noções de fronteira entre o natural e o maquínico, de redefinição dos gêneros e de espetacularização da mídia. Os autores afirmam que, nesse contexto, o corpo deixa de funcionar enquanto entidade fixa, lugar de delimitação e referência estável, para se assumir, paradoxalmente, pela mutação e pela *performance*. Tendo sido representado por séculos como baluarte da integridade, espelho da individualidade, o corpo passa, no século XX, pela assunção de sua complexidade. Além disso, ressaltam que, embora ele possua a idade de sua

realidade biológica, a emancipação cultural do corpo é recente, levantando a idéia de tensão entre o projeto pessoal do indivíduo e uma sobredeterminação fixa. (ibidem:131-2).

Sabino (2000) estudou freqüentadores de academias de musculação em dois subúrbios de classe média do Rio de Janeiro a fim de compreender de que modo suas representações sociais e práticas contribuem para a construção social do corpo e para a reprodução das desigualdades de gênero. O autor observou que a forma física constitui um item fundamental de interação social e que existem rigorosas normas estéticas nas quais os indivíduos tentam enquadrar seus corpos. O padrão dessas normas consiste basicamente em desenvolver uma forte e ampla musculatura sob uma porcentagem cada vez menor de gordura. Desse modo, identificou nesse meio o que chamou de uma cultura ‘somatófila’, na qual o corpo consiste no critério básico de reconhecimento e classificação³⁸. Essa corresponde a uma concepção de mundo centrada no indivíduo, em que a busca do corpo perfeito é sinônimo de busca pelo sucesso, *status* e dinheiro. Assim, concluiu que ‘o corpo é o centro do universo simbólico desse grupo’ (Sabino,2000:64).

Em ‘O Corpo do Brasileiro’ (2002), Queiroz lança questões acerca de nosso padrão de beleza e de como a cultura tem nos ensinado a olhar o corpo. Nesse trabalho, a natureza biológica é analisada do ponto de vista da antropologia, da sociologia e da psicologia, demonstrando que no Brasil a cor é usada como critério de ascensão e hierarquização sociais.

Em ‘O corpo como objeto de arte’, Jeudy (2002) estudou o fascínio exercido pela exibição do corpo esculpido cotidianamente. Nesse trabalho, em que relacionou a presença do corpo em domínios que vão das artes plásticas à literatura, indagou se, desde as antigas práticas de mumificação do cadáver até o atual *lifting*³⁹, não estaria presente uma inclinação humana para a transformação do corpo em objeto de arte. Ao mesmo tempo em que aponta os estereótipos que residem por trás dos atuais ideais de perfeição estética, o autor desconstrói a idéia de uma singularidade anterior à estereotipia.(Jeudy, 2002).

³⁸ O autor recorda que a classificação em gênero é somatófila (Sabino,2000).

³⁹ Técnica cirúrgica plástica sofisticada e sutil aplicada ao rosto com finalidade estética.

Moraes, em 'O Corpo Impossível' (2002), sugere que a fragmentação da consciência, enquanto um dos princípios fundadores do modernismo, desencadeou de forma correlata a idéia de fragmentação do corpo. Assim ela explica o fato de tantos artistas e escritores terem se voltado para criações de um corpo dilacerado, subvertendo a tradição do antropomorfismo, para inaugurar uma estética afinada aos dilemas de seu tempo.

Wacquant (2002) realizou um estudo etnográfico num ginásio de boxe freqüentado por uma comunidade afro-americana de baixa renda em Chicago. Nele, desenvolve temas clássicos da antropologia tais como 'a produção do corpo', a 'observação participante' e as 'relações inter-étnicas'. O interessante é que, durante seu trabalho de campo, esse sociólogo acabou por subir ao ringue, de modo que seu texto não somente aponta o processo de produção do corpo, como também descreve o espírito do boxeador. De modo semelhante, Veiga (2004) freqüentou, como aluno, uma escola de circo, a fim de investigar a relação entre uma determinada prática corporal – a acrobacia aérea – e o conteúdo onírico de seus praticantes.

Castro buscou responder à indagação acerca das motivações que levam os indivíduos a 'estarem, cada vez mais, preocupados com a apresentação e a forma de seus corpos' e do que 'estaria levando a corporeidade a ocupar lugar de tanto destaque nas sociedades contemporâneas' (Castro,2003:15). Segundo a autora, o 'culto ao corpo' envolve tanto a prática de atividade física, como também as dietas, cirurgias plásticas, o uso de cosméticos, enfim, tudo o que se refere à preocupação em alcançar um corpo bonito e saudável (Castro,2003:15).

'Nu e Vestido', organizado por Goldenberg (2002), reúne trabalhos de dez antropólogos, tendo como objeto comum o corpo na cidade do Rio de Janeiro, na virada dos séculos XX/XXI. Os autores abordam temas tais como a valorização e as técnicas de transformação do corpo, a democratização da cirurgia estética, o uso de esteróides

anabolizantes, o comportamento de homens e mulheres nas academias de ginástica, no espaço público das praias, além de questões ligadas à publicidade e à moda.

Para Sibilía (2002), as metáforas do robô e do homem máquina da sociedade industrial, consideradas decadentes, deram lugar ao Homem Pós-Orgânico. Essa metamorfose seria balizada pela teleinformática e pelas biotecnologias, resultando no homem-informação da sociedade pós-industrial, e seus novos dispositivos de poder. Condenadas a um *upgrade* constante, novas subjetividades estariam emergindo, em meio à busca da ultrapassagem dos limites espaciais e temporais que restringem a condição humana, trazendo à tona as noções de ciberespaço e sociedade de informação (Sibilía,2002).

Santaella refere-se a esse instante inusitado a que se assiste hoje como o ‘pós-humano’, buscando conhecer as repercussões das transformações ligadas à interface entre o homem e a máquina na comunicação e na cultura (2003). Acrescentando a esse debate a questão do corpo, ela discutiu as relações entre o mesmo e a cibernética, a tecnologia, a bioarte, a moda, as mídias e a cultura (2004).

O Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro, lançou, em sua última revista, a pergunta central: ‘como pensar o corpo na atualidade?’ ou, ‘como, em vida, tocar o corpo?’. Segundo seus autores, o corpo, hoje, não sorri, mas é estátua nas vitrines dos shoppings, nas ruas do mundo, sem sexo e sem idade. Relacionando o tema a questões de diferentes momentos da história da Psicanálise, recordando a anatomia do homúnculo cortical⁴⁰, eles arriscam relacionar o corpo enquanto referencial maciço a uma sociedade em que o olhar impera (CCPRJ:2004).

Costa (2004) analisou a crise de valores do homem contemporâneo a partir dos fenômenos do culto ao corpo (chamado por ele de ‘cultura somática’) e à aparência, o consumismo e a cultura da imagem. Para refletir sobre a destradicionalização, o autor afirma

⁴⁰ Parte do córtex cerebral relacionada às sensações e movimentos do corpo, descoberta pelo neurofisiologista Penfield, que lhe nomeou homúnculo (homenzinho) a partir do desenho de seu mapa.

que não se deve dotar o passado de uma aura que o magnifique, nem reduzir o presente às ruínas do que passou, pois os valores, tradicionais ou não, são deste mundo (Costa,2004).

Após essa modesta exposição do ‘estado da arte’ dos estudos relativos ao corpo, convém uma referência à comparação que Descamps faz entre a invenção do corpo, enquanto conceito, no século XX, ou seja, como objeto de estudo geral das ciências humanas⁴¹- fora da biologia, da fisiologia e da medicina - ao que dizia Rougement a respeito da invenção do amor entre os trovadores do século XIII: ‘a invenção do corpo é como a de um tesouro, sendo seu inventor nada além daquele que traz à luz do dia um objeto desconhecido que, escondido, já estava lá, porém em seu esconderijo’. Ele lança a seguinte indagação: ‘resta saber, depois, porque nossa sociedade inventou o corpo no século XX e o que lhe aconteceu em seguida. O que ela vai fazer desse corpo que agora adquiriu tanta importância?’ (Descamps,1986:10-3). Não será possível, por ora, responder a essa pergunta tão ousada. A fim de identificar alguns aspectos peculiares de ‘nossa cultura somática’, diferentes das ‘outras’, em especial buscando compreender o protagonismo que ele vem assumindo, o próximo capítulo é dedicado a esboçar, como que captando ‘instantâneos’ do presente, um quadro bastante amplo do papel desempenhado pelo corpo em nossa realidade cotidiana.

⁴¹ O autor recorda que a Psicologia do corpo é uma descoberta relativamente recente, pois na visão corrente, o corpo pertence à medicina e à biologia (Descamps, 1986:9-10) – essas por sua vez fortemente influenciadas pelo já citado paradigma ‘anatômico’ - à antropologia, ou mesmo à educação física, mas não à psicologia, que segundo à própria etimologia, é a ciência da mente. Como a proposta deste capítulo foi esboçar uma teoria para o corpo, e como esta tese tomo como pressuposto a hipótese da ‘construção social do corpo’, podem ser apontadas, enquanto outras relevantes indicações teóricas, que refletem uma tentativa de conceber o corpo dentro de uma perspectiva mais ampla: a noção de imagem do corpo, proposta por Schilder, a fenomenologia de Merleau-Ponty, a idéia de ‘corpo sem órgãos’ (CsO), de Deleuze e Guatarri, além de ‘técnicas corporais’ terapêuticas não convencionais.

Instantâneos

O capítulo anterior ampliou o campo de observação, tratando do corpo sob um ponto de vista panorâmico. Considerando que não existe um corpo humano genérico, mas sim *formas de lidar* com o corpo, referentes a configurações histórico-sociais determinadas, a intenção deste capítulo é descrever como a questão se apresenta na realidade atual⁴². Lançando mão da idéia de ‘construção social do corpo’, inicia-se a partir do ‘corpo hoje’. A perplexidade diante do quadro encontrado, na busca de sua compreensão, se desencadeará nos capítulos seguintes, nos quais, ‘andando para trás’, a cronologia inverte-se até o foco se ampliar aos primórdios da modernidade, iniciando um esboço do percurso do sujeito até alcançar, novamente, os dias de hoje.

Convém indagar *que corpo é esse*⁴³ de que se fala nesta tese: certamente, não é o corpo humano de modo genérico. Sim, pois se a possibilidade de se falar em ‘humano’, de modo genérico, já é tema de extenso debate, o que dizer de um ‘corpo genérico’? Na expressão ‘cultura somática’ reside a idéia de que o corpo assumiu uma importância crucial na subjetividade contemporânea, mas se for considerado, conforme se afirmou, que o corpo sempre foi importante, a questão se concentra no tipo de padrão de beleza especificamente preconizado neste contexto. Este capítulo traça, por meio de ‘instantâneos da realidade’ um quadro do objeto em questão, que pode ser sinteticamente chamado de ‘o corpo hoje’, ou seja, da relação dos indivíduos com o corpo nesta sociedade.

Afirmou-se que a modernidade não tem a exclusividade de dedicar ao corpo um lugar de destaque, pois *todas as sociedades* construíram saberes relativos ao corpo, beleza, saúde,

⁴² Parte deste capítulo foi publicado em ‘Culto ao corpo na modernidade tardia’ (Peres,2004).

⁴³ Alusão ao título de livro de Nízia Villaça e Fred Góes (1999) que se refere a questões do corpo na contemporaneidade.

sem falar em seus respectivos tabus. Mas não existe aqui a pretensão de elaborar um trabalho com dimensões enciclopédicas - ou seja, não se trata aqui do corpo na Antigüidade, no período medieval ou no oriente, a não ser que sirvam para trazer luz à compreensão *deste* corpo - mas sim, focalizar o corpo num tempo e num lugar específicos - a contemporaneidade urbana ocidental. Se o corpo *sempre foi importante*, ainda que de maneiras diferentes, faz-se necessário definir os limites do objeto, a fim de trazer à tona suas peculiaridades. Portanto, o objetivo desta tese é conhecer o que existe de *especial* num certo tipo de relação com o corpo presente na sociedade ocidental. Mais especificamente, o que é possível encontrar a respeito dessa temática, em nossa sociedade brasileira, ou, considerando a pesquisa de campo, brasiliense.

Assim, à pergunta acerca do porquê da importância do corpo hoje, acrescenta-se a indagação ‘por quê *este* corpo, magro e musculoso?’. Por meio de uma observação imediata das práticas corporais mais comuns nos grandes centros urbanos, identifica-se uma fórmula, prescrita quase que indiscriminadamente, pelos professores de Educação Física, aos alunos das academias de ginástica, de exercícios cujos objetivos consistem em perder gordura e aumentar massa muscular. Essa prescrição é bastante previsível, e pode ser considerada como uma reação conseqüente à obesidade e à debilidade muscular ocasionadas por um estilo de vida sedentário de um indivíduo urbano ocidental. Por outro, ela relaciona-se também a padrões de beleza socialmente instituídos e avidamente perseguidos pelos que desejam a ele se adequar.

É notório que este padrão e a temática do ‘corpo’ nos cercam por todos os lados. A publicidade utiliza-o ainda que o *out-door* esteja anunciando um telefone fixo⁴⁴. Conversas corriqueiras freqüentemente o trazem à tona. Uma das entrevistadas desta pesquisa assim expressou o fato de que ‘não se comenta outra coisa a não ser se ‘fulano’ engordou ou

⁴⁴ No referido anúncio publicitário, o texto ‘tem gente que tem coragem de mudar o corpo e não tem de mudar o telefone fixo’ é apresentado com uma foto do colo de um corpo feminino, com um decote que insinua um implante de silicone.

emagreceu’: ‘as pessoas tratam umas às outras como se estivessem em um *abatedouro*’ (Suzana,40 anos)⁴⁵.

Na busca de compreender essa fala, inicia-se vislumbrando o corpo como se apresenta à primeira vista: sua forma resulta de um conjunto de relações entre um ‘corpo dado’ genotipicamente⁴⁶ e as afecções externas por ele sofridas. As últimas, por sua vez, podem tanto consistir em intervenções deliberadas, por exemplo, por meio das cirurgias estéticas, como podem estar de tal modo arraigadas, que eventualmente passam despercebidas, pois estão intimamente relacionadas ao estilo de vida do sujeito, dentre inúmeros outros aspectos de seu modo de estar no mundo. O estilo de vida, por sua vez, sob uma visão superficial, pode ser ‘naturalizado’, ou percebido como ‘dado’ e ‘a-histórico’. Além disso, não se podem esquecer as modificações corporais decorrentes de acidentes que trazem seqüelas irreversíveis e que não deixam de ser indissociáveis de um determinado contexto histórico-cultural⁴⁷.

Embora nem sempre evidente, a idéia de *construção do corpo* mantém-se, inevitavelmente, presente, pois os aspectos biológico e social estão de tal modo emaranhados que há que se atentar para a complexidade e a dificuldade de discriminar onde termina um e onde começa outro domínio. Isso leva a uma imediata desconfiança diante da dicotomia entre um corpo supostamente ‘natural’ e outro artificial, tema remete às idéias já expostas de Detrez, acerca de sua construção social.

A título de exemplo, em 2001, foi divulgado pela mídia que a ‘*Miss Brasil*’ daquele ano havia sido submetida a implantes de silicone e cirurgias plásticas, o que levou a um

⁴⁵ Acrescenta-se a importante ressalva de que se trata de uma mulher bonita, que não está acima do peso, o que impede de se taxar simplesmente sua queixa de ‘auto-justificadora’.

⁴⁶ Genótipo: composição gamética total do indivíduo ou zigoto; o conjunto de genes de um indivíduo (Ferreira, 1986:845).

⁴⁷ O próprio surgimento da traumato-ortopedia enquanto especialidade médica está inserido numa configuração histórica específica. ‘Com o avanço científico e tecnológico, a sobrevivência após um trauma tornou-se possível, além de terem se multiplicado as principais causas dos acidentes: antes não havia edifícios altos, veículos velozes e armas de fogo potentes’ (Peres, 2000:18).

questionamento relativo ao merecimento do referido título⁴⁸. Parte do grande público exigia que uma ‘*miss*’ apresentasse atributos da ‘beleza natural feminina’ (Sibilia,2002:64). Mas o que seriam, precisamente, esses atributos ‘naturais’?

As ditas ‘pessoas deficientes’ também colocam em xeque a idéia de corpo natural, pois, em função das seqüelas que apresentam, que podem ser muito graves, somente têm sua sobrevivência garantida a partir dos avanços da tecnologia médica. Como concebê-las simplesmente com base numa idéia de ‘natureza’?

Seria então possível falar em um ‘corpo natural’? Se é que existe um corpo natural, será que ele agradaria a seu ‘dono’ ou provocaria admiração de alguém? Ou mais: seria o corpo esculpido por meio de implantes de silicone e outras cirurgias estéticas – tal qual o da referida *Miss - mais construído* ou *mais artificial* do que aquele ‘sarado’⁴⁹ por meio dos sofisticados equipamentos das academias de ginástica e pela ingestão de esteróides anabolizantes, ou mesmo do que o corpo do anoréxico ou o do obeso, os quais, à sua maneira, são obtidos às custas de uma alimentação e de um determinado estilo de vida que não são proporcionalmente transformados em gasto energético?

Não somente em relação aos dois exemplos mencionados – o da *miss* e das pessoas com graves limitações físicas - mas tomando como referência qualquer indivíduo no contexto da chamada modernidade tardia. O quadro que se apresenta indica uma busca desenfreada por uma identidade que ofereça aos indivíduos referenciais mínimos à sobrevivência emocional, numa sociedade de consumo minuciosamente segmentada, em que já se chega a mencionar um homem ‘pós-orgânico’⁵⁰ (Sibilia,2002), ou uma condição ‘pós-humana’ (Santaella,2003) - em oposição a seu antecessor, ‘puramente biológico’ - tamanho o entrelaçamento entre suas partes

⁴⁸ Em 1954, ocorreu uma situação oposta: a derrota da lendária Martha Rocha para o título de *Miss Universo* transformou-a em motivo de orgulho nacional, ao simbolizar a própria ‘beleza natural’ do corpo da mulher brasileira. Ela própria gravou uma marchinha carnavalesca que dizia: ‘*Por duas polegadas a mais / passaram a baiana pra trás / Por duas polegadas a mais / e logo nos quadris / tem dó tem dó seu juiz*’.

⁴⁹ Sarado: forte rijo, resistente (Ferreira, 1999: 1552); gíria utilizada para denominar o corpo magro e musculoso alcançado por meio da ginástica, da malhação.

⁵⁰ Homem pós-orgânico: livro em que Paola Sibilia (2002) que discute o corpo, as subjetividades e as tecnologias digitais.

naturais e os aparatos da tecnociência. Não é por acaso que esteja tão em voga a palavra *cyborg*⁵¹: ela sintetiza essa idéia, por ser composta da fusão desses dois domínios: o ‘cibernético’ e o ‘humano’, ou ‘orgânico’.

A busca do corpo ideal vigente, que traz, implicitamente, a idéia de sua construção, tornou-se um tema onipresente no cotidiano urbano e nos meios de comunicação. Nos últimos vinte anos, multiplicaram-se as publicações especializadas em ensinar a banir os efeitos do envelhecimento e a imitar os astros ricos e famosos da mídia. Percebe-se que a marca de nossos tempos é o fato do corpo ter se tornado ‘o lugar da identidade (...), a própria realidade da pessoa’ (Prost,1992:105).

O século XX assistiu a descobertas cosméticas formidáveis e à conformação de um mercado altamente rentável nas sociedades urbanas do capitalismo tardio. Especialmente no Brasil, independente das flutuações da macro-economia, a ‘indústria da vaidade desconhece crise’ (JB 13/01/2002). Além de possuir especialistas altamente qualificados, nosso país desponta como o maior mercado de cirurgias estéticas do mundo, superando até mesmo os Estados Unidos (Castro,2003:39). Prova disso é que Athina Onassis, herdeira de uma das maiores fortunas do planeta, veio a São Paulo para se submeter a uma ‘lipoescultura’⁵² (Isto é Gente,24/03/2003).

Dados da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica (SBCP) indicam que, a cada ano, cerca de 500 mil pessoas se submetem a plásticas no Brasil, numa espécie de Narciso às avessas, em que, em vez de adorar o corpo que têm, vêem apenas seus defeitos. Pôr silicone para aumentar o volume das nádegas ou da panturrilha, extrair as gordurinhas indesejadas da

⁵¹ Ciborgue (em português): suposto ser humano ao qual se adaptam dispositivos mecânicos que comandam suas funções fisiológicas vitais. Do inglês *cyborg*, abreviatura de *cyb(ernetica)* e *org(anism)*. Cibernética: do grego, a arte do piloto. Ciência que estuda as comunicações e o sistema de controle não só dos organismos vivos, mas também das máquinas. Ciber: realidade virtual. Ciberespaço: dimensão ou domínio da realidade, constituído por entidades e ações puramente informacionais. Meio, conceitualmente análogo a um espaço físico, em que seres humanos, máquinas e programas computacionais interagem. A *internet*, por exemplo (Ferreira, 1999: 466).

⁵² Lipoescultura: técnica de cirurgia plástica que combina a lipoaspiração e o implante. Tem como objetivo corrigir ou aprimorar a deposição de gordura não estética para afinamento do contorno corporal. ‘Aspira-se a gordura que não é agradável (...) e se necessário enxerta-a em outras partes do corpo’ (Dr. Maurício de Maio, cirurgião plástico – Isto é Gente – 24-03-2003)

cintura ou das coxas mais rechonchudas, por meio de lipoaspiração, apagar do rosto os vincos dos anos vividos, enfim, *esculpir* o próprio corpo, dando-lhe os contornos sonhados, já virou assunto de programa do horário nobre da televisão brasileira (Pesquisa-FAPESP:38-9), que adere à moda internacional dos *reality shows*, neste caso, em especial, literalmente ‘invasivos’.

No entanto, o mercado da beleza não consiste num bloco homogêneo de consumidores, mas, seguindo a tendência geral da sociedade contemporânea, segmenta-se em faixas bem delimitadas, inclusive por variáveis sociológicas - tais como classe social, gênero e geração, além de gostos e estilos de vida. Um exemplo dessa tendência é que, da mesma maneira que proliferam os produtos dietéticos, aparatos tecnológicos e publicações para os jamais satisfeitos, mas que anseiam por alcançar um modelo ideal, existe também um filão de consumo, especialmente nos Estados Unidos, dirigido a obesos que simplesmente decidiram aceitar seus corpos como estão.

Cheri Ertdman, médica norte-americana, obesa, fundou um grupo de auto-ajuda, ligado, por sua vez, ao consumo de objetos e roupas especiais para mulheres obesas, às quais ela se refere como ‘avantajadas’ (Ertdman,1996). No entanto, se seus argumentos apontam na sociedade uma perseguição injusta - defendendo que as avantajadas podem perfeitamente ser saudáveis (às vezes, mesmo mais saudáveis que pessoas magras), pois muitas praticam esportes, e conclamando-as a se unirem em sua satisfação com seu corpo, numa atitude semelhante à de segmentos sociais minoritários que reivindicam seus direitos⁵³ - curiosamente, ela ‘naturaliza’ a obesidade. A fim de ilustrar essa suposta ‘essência’, chega até a relatar um mito, um relato ‘fundante’, por meio de uma personagem arquetípica, uma criança obesa que simboliza a fartura e a fonte da vida. É surpreendente, porém, que a autora se esqueça de relacionar a obesidade a causas que residem em toda um conjunto de circunstâncias históricas, sociais, culturais, enfim, num estilo de vida específico – e sua respectiva alimentação, sua relação com a ansiedade, o consumismo e o sedentarismo – proveniente, por sua vez, *da mesma sociedade que as exclui*.⁵⁴

⁵³ Tema abordado capítulo 2.6.

⁵⁴ Outra interpretação possível é que os índices alarmantes da incidência de obesos nos EUA não permitem que ela se esqueça de uma tendência social, a verdade é que essa trágica situação tornou-se, para ela, um negócio

Ora, a obesidade - que já foi considerada sinônimo de beleza e opulência – hoje, além de ser comprovadamente deletéria à saúde, também repercute na esfera emocional, pelo fato do obeso não conseguir ser aceito numa sociedade marcada pela ‘lipofobia’⁵⁵. Fischler observou, com procedência, que ‘a sociedade *cria* os obesos e não os tolera’. De fato, o presidente de um ‘grupo de defesa dos gordos’ dos Estados Unidos declarou que ‘é mais duro ser gordo do que ser negro’ (Fischler,1995:69-70). Todavia, o autor aponta para a historicidade do conceito de obesidade, afirmando que ‘era preciso, sem dúvida, no passado, ser mais gordo do que hoje para ser julgado obeso e bem menos magro para ser considerado magro’ (ibidem:79).

Recorda-se que, tanto em relação aos critérios de saúde quanto estéticos, a necessidade tão amplamente disseminada de emagrecer é recente, pois, por muito tempo, a obesidade é que representava um padrão de beleza. Tendo estudado a história da humanidade tomando como objeto central a comida e a maneira de comer, Fernández-Armesto (2004) aponta para essas transformações:

‘Nos primeiros sistemas humanos de classe de que temos conhecimento, a comida já representava um papel diferenciador. Até onde sabemos, naqueles estágios iniciais, o que importava era a *quantidade*, e não a *seleção* dos pratos ou a forma como eram preparados. (...) a quantidade era mais importante que a *qualidade*. Um apetite gigantesco normalmente era uma fonte de prestígio em quase todas as sociedades, em parte como sinal de força e em parte, talvez, como uma indulgência acessível apenas aos ricos. *A não ser nas regiões onde é lugar-comum, como no Ocidente moderno*⁵⁶, a gordura é algo admirável e a grandeza cresce de acordo com o tamanho da cinta. A gulodice poderia ser um pecado, mas decerto não era um crime’ (Fernández-Armesto,2001:162).

Além de ter deixado de ser admirada, a gordura, no Ocidente moderno, passou a ser *execrada*, e a intolerância a ela extrapolou os limites do saudável. De um lado, existe uma real

⁵⁵ Segundo Fischler, a lipofobia é uma característica marcante de nossa época, e consiste na obsessão pela magreza, na rejeição quase maníaca à obesidade (Fischler, 1995: 69).

⁵⁶ Grifo nosso.

preocupação com a saúde e a busca de longevidade, oriunda da disseminação das descobertas científicas que apontam os riscos da obesidade, de outro, o medo patológico da doença, do envelhecimento e da morte, a repulsa a tudo que é orgânico, o que se traduz na busca de um determinado padrão estético que prioriza o sintético em detrimento dos tecidos vivos. Um exemplo disso evidencia-se pelo movimento em direção à magreza chegar a ponto de impossibilitar que às mulheres reste algum volume de seios, de modo que esses tendem a ser substituídos pelo silicone, um derivado de petróleo. Não seria grande o nojo gerado por sua condição de glândulas excretoras envoltas em tecido adiposo e ótima a sensação de ‘limpeza’ trazida por assépticas bolsas plásticas de enchimento, as quais remetem à já citada idéia do *cyborg*?

Portanto embora sob a ótica da saúde pública seja indiscutivelmente positiva a ampla difusão do conhecimento dos benefícios da atividade física, a busca obsessiva pelo corpo ‘sarado’ pode acarretar, eventualmente, em prejuízos à saúde. É isso que apontam os altos índices de vítimas de distúrbios da imagem corporal, em especial, a vigorexia⁵⁷, que pode ser acompanhada da arriscada ingestão de esteróides anabolizantes, ou pela realização indiscriminada de cirurgias estéticas e de implante de silicone, dos quais não faltam exemplos de tragédias recentes com vítimas fatais.

É inegável que esses distúrbios estejam, com frequência, intimamente associados à relação com os valores sociais vigentes, o que permite comparar, por caminhos diversos, o sofrimento que eles acarretam àquele trazido pela obesidade. Na ânsia exagerada por aceitação, aqueles que apresentam esse tipo de distúrbio têm a própria saúde ameaçada. Ao contrário de fenômenos que nada têm em comum, podemos compreender esses diferentes distúrbios enquanto duas faces de uma mesma moeda, extremos de um mesmo prisma, profundamente ligada ao modo de estar no mundo contemporâneo e todas as pressões daí decorrentes.

⁵⁷ ‘Depressão devida à falta de exercício ou uso de anabolizantes por um dia são sintomas de vigorexia, doença com fortes componentes psicológicos que já é considerada epidemia na Europa e Estados Unidos (César Arrais, Correio Braziliense, 15/09/2002)

‘Os gordos são culpados ou vítimas? São vítimas de suas glândulas, de sua hereditariedade, ou culpados de glotoneria?’ (Fischler, 1995:73).

Por meio de uma enquete, Fischler concluiu que eles são percebidos, na maioria das vezes, como *os* responsáveis por sua condição. O que quer dizer, são gordos porque comem muito e são incapazes de se controlar, recebendo conseqüentemente um julgamento moral que leva a obesidade a ser confundida com o próprio fracasso. A situação poderia ser estendida a inúmeros outros grupos que apresentam uma relação problemática com a aparência do corpo devido à busca desenfreada pela aceitação: os anoréxicos, bulímicos⁵⁸, ‘bombados’, lipoaspirados, cirurgiados de estômago, tatuados, adeptos do ‘*piercing*’. De quem é a culpa de sua doença? Eles são culpados, vítimas, ou ambos?

Preocupados com o aumento dessas patologias na atualidade, uma equipe do Hospital das Clínicas da USP (Universidade de São Paulo) começou uma pesquisa com o objetivo de mapear a insatisfação com o corpo e a busca da forma idealizada⁵⁹. Os autores citam o quadro em que Williams⁶⁰, coordenadora de outra pesquisa nesta área, nos Estados Unidos, sintetiza como se alimenta o desejo de emagrecer, à medida que os meios de comunicação reforçam o ideal de beleza que nutre os transtornos alimentares: o processo tem como ponte de partida problemas preexistentes e vulnerabilidades emocionais, que seriam geradores de frustrações e cobranças sociais, por sua vez responsáveis por acionar mecanismos que levam à anorexia e à bulimia. Assim, emagrecer passa a ser a solução para tudo. Em outras palavras, perder peso continuamente e ter um corpo mais belo significa aceitação social e felicidade. Isso abre caminho para a busca e-ou aceitação acrítica de receitas prontas, oriundas dos meios de comunicação – jornais, revistas e televisão – que apresentam soluções da moda, tais como manuais, cirurgias e dietas, para moldar o corpo rapidamente. O efeito dessas receitas,

⁵⁸ A bulimia é um distúrbio que consiste em provocar vômitos ou fazer uso de laxantes após as refeições pelo temor de engordar.

⁵⁹ Nesta pesquisa, eles investigaram o que 700 estudantes de ambos os sexos, com idade entre 17 e 26 anos pensavam a respeito do próprio corpo. Os resultados indicaram que 3, de cada 4 deles, desaprovavam sua aparência física e se incomodavam muito com detalhes, acrescidos de dados alarmantes tais como 90 % estarem longe de apresentar obesidade e nada menos que 13% apresentarem sinais de bulimia. Extraído da Revista Pesquisa. Ciência e Tecnologia no Brasil. FAPESP. N ° 103 (out-2004: 34-39).

⁶⁰ Pesquisadora da Brigham Young University, nos Estados Unidos.

contudo, é fugaz: num primeiro momento, perde-se peso e, com o corpo refeito, acredita-se que as insatisfações e frustrações desaparecerão. Finalmente, apesar do esforço, os problemas mais profundos persistem. Como resultado, afloram o fracasso, a vergonha e a culpa, ou, simplesmente, a desilusão.

Santos, da equipe do Hospital das Clínicas de São Paulo, acredita que a busca do corpo idealizado pela moda possa ter um sentido de proteção, sendo uma forma de buscar amor e aceitação. ‘Acredita-se que o olhar do outro só vai nos apreciar se estivermos atendendo às especificações do momento’, afirma ele. Entretanto, ele recorda que nem a estonteante perfeição física do deus grego Apolo lhe garantiu uma vida amorosa feliz, supondo que, talvez, isso tenha ocorrido porque o amor não esteja relacionado de maneira intrínseca às medidas de uma *Miss* Universo (FAPESP:34-9).

É por isso que, muito embora o tratamento desses ‘doentes’ esteja, à primeira vista, situado no campo da medicina e da psicologia, sozinhas, essas áreas do conhecimento não dão conta de uma compreensão abrangente do fenômeno. Além do conhecimento mais especializado, o êxito nos tratamentos exige a percepção de que não se trata de modo algum de uma patologia advinda da ‘essência’ daqueles indivíduos, pois seu vertiginoso crescimento indica que se tratam de algumas possibilidades de reações a valores sociais vigentes.

Não se deseja, de modo algum, *julgar* nem a busca pela ‘boa-forma’ ou *fitness*, nem os casos mais extremados – de anorexia, obesidade, todos os compulsivos por intervenções, cirúrgicas ou não, dentre outros - mas simplesmente, em primeiro lugar, levantar a questão, para, em seguida, observar de que maneira essas possibilidades de relação com o corpo, ao contrário de serem absolutas e a-históricas, são *socialmente construídas*.

Na verdade, todos esses exemplos trazem à tona o jogo de forças onde disputam lado a lado o sujeito - dono de seu destino – e todos os elementos de uma sociedade altamente segmentada, em que as estantes de venda expõem um leque abrangente de estilos de vida a serem escolhidos pelo consumidor voraz por agarrar uma identidade que lhe ‘sirva’, lhe ‘caia

bem'. O verbo *'fit'*, em inglês, evidencia a íntima relação entre a construção da identidade e a construção do corpo, pois possui tanto o significado de 'servir', 'cair bem', referindo-se a uma roupa, quanto o de 'estar em boa forma', o tão corriqueiro *'fitness'*.

A respeito dessa ansiosa busca, Giddens afirmou que, na constituição das identidades na vida urbana, o *self* torna-se um 'projeto reflexivo', o que também se dá em relação ao corpo, conforme o trecho que se segue:

'Os indivíduos não podem mais se contentar com uma identidade que é simplesmente legada, herdada, ou construída em um *status* tradicional. (...) (Ela) necessita ser descoberta, construída, sustentada ativamente. (...) o corpo não é mais aceito como sina (...) Cada vez mais temos de decidir não só quem somos, e como agimos, mas como parecemos para o mundo exterior' (Giddens,2002:37).

Nesse sentido, a tarefa de construir uma identidade, o que inclui construir também o próprio corpo, envolve um altíssimo nível de esforço físico e emocional, cuja árdua trajetória dificilmente os indivíduos percorrem ilesos, o que ajuda a explicar aquelas patologias. Daí a constatação de Giddens de que o crescimento dos distúrbios alimentares é um índice negativo do avanço dos desenvolvimentos - do projeto reflexivo do *self* - no âmbito da vida cotidiana, e que, embora essas patologias alimentares ainda ocorram com maior frequência nos países do Primeiro Mundo, elas estão se multiplicando também no Terceiro Mundo' (Giddens,1996:98).

Já foi dito que, no contexto sociedade de consumo, o corpo passou a ser um elemento decisivo na construção da identidade e alvo de uma sobrecarga de valores ligados à realização e sucesso individuais, o que o torna uma importante espécie de *capital simbólico*

(Bourdieu,1974)⁶¹, por sua vez intimamente relacionado ao estilo de vida e a posição na sociedade.

Le Breton afirma que a *mise-en-scène* da aparência transformou-se num imperativo e que não se trata mais de aceitar o corpo como ele é, mas sim de corrigi-lo, transformá-lo e reconstruí-lo (Le Breton:2002). Um elemento evidente é que a responsabilidade sobre essa transformação do corpo e a aparência física recai sobre o *indivíduo*. Isso leva à indagação de que, precisamente, como poderia ser diferente, se tudo o mais, em todos os outros domínios, também se tornou tarefa do indivíduo? Não seria o corpo apenas a ponta de um *iceberg*, iniciado com o advento do indivíduo, processo que desde então veio se sofisticando cada vez mais, alcançando os extremos da solidão e marcando no corpo, ‘ferrenhamente’⁶², seu território mais último?

Em relação à responsabilidade individual, diversos trabalhos na área das ciências sociais apontam na ‘corpolaria’ uma ligação estreita com a ética protestante, profundamente estudada por Weber em sua análise sobre o ‘espírito do capitalismo’. Questionam, assim, a aparente ‘liberação’ de costumes, ao demonstrarem nela elementos de continuidade ou mesmo uma sofisticação, ainda que distorcida, sob novos moldes, de antigos tabus. Afinal, chama atenção o fato de que, se havia sido tão reprimido - ora pela Igreja medieval e pelo moralismo burguês, ora pela ética puritana - hoje o corpo seja sobrecarregado por cuidados excessivos, e que não só possa como *deusa* ser exibido, porém, desde que esteja ‘maravilhoso’ segundo os padrões vigentes, o que acabou se transformando numa forma potente e inédita de opressão.

⁶¹ Bourdieu definiu *poder simbólico* como um poder ‘invisível’ que só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que os exercem. O autor exemplifica, como símbolos de poder, o traje e o cetro reais, que são nada mais do que formas de capital simbólico objetivado, cuja eficácia está sujeita às condições descritas acima. Outro exemplo reside no poder das palavras de ordem, derivado da crença na legitimidade das palavras e daquele que a pronuncia. O Capital simbólico, portanto, ‘corresponde ao conjunto de rituais (como as boas maneiras e o protocolo) ligados à honra e ao reconhecimento (...)’. Ele permite compreender que as múltiplas manifestações do código de honra e das regras de boa conduta não são apenas exigências de controle social, mas são constitutivas de vantagens sociais com conseqüências efetivas (Bourdieu,1974:23).

⁶² A palavra ferrenhamente pode ser compreendida ao pé da letra, a ferro, pois a musculação se baseia no levantamento de pesos e essa prática é vulgarmente apelidada de ‘puxar ferro’. Confirmando essa idéia, o cartaz de uma das academias visitadas trazia os seguintes dizeres: ‘*Doctors say women need iron. We agree*’ (médicos dizem que as mulheres precisam de ferro. Nós concordamos). Não seria justamente um dos papéis das ciências sociais estabelecer as existentes correlações de sentido no que aparentemente causa estranhamento e incompreensão?

Sant'Anna resume essa condição ao afirmar que hoje o corpo deixou de simbolizar o pecado e conquistou 'um lugar de destaque tanto para ser finalmente valorizado como para ser mais amplamente explorado' (Sant'Anna,2000:35), de forma que se tornou um alvo altamente lucrativo da sociedade de consumo.

Daí ser tida como ilusória a idéia do corpo de hoje livre de imposições: a tão festejada 'liberação' do corpo convive com a dependência da aprovação externa e a submissão aos ditames da moda. A vaidade tornou-se uma obsessão. O imperativo da beleza e da juventude deixou de ser privilégio de 'eleitos', pois, ao menos a ânsia por sua busca estendeu-se por praticamente toda a população: na chamada 'sociedade do espetáculo'⁶³, a vida transformou-se num constante 'posar para as câmeras'.

A intenção deste capítulo foi, enfim, esboçar pinceladas de um quadro bastante geral, de como a questão do corpo se apresenta na realidade contemporânea, tomando como referência a hipótese da 'construção social do corpo'. Esses instantâneos visaram instigar questionamentos que sirvam como ponto de partida para a busca de respostas, enfim, lançar a pergunta: 'Porque as pessoas estão se relacionando com seus corpos desta, e não de outra maneira?'. Quando se diz 'desta maneira', expressão excessivamente vaga, são englobados os elementos referidos até aqui: a preocupação excessiva, encontrada nas conversas correntes, a busca de um determinado padrão de beleza e não outro, a insatisfação muito freqüente, a proliferação do assunto nos meios de comunicação, a multiplicação das práticas de construção do corpo...

Assim, para ultrapassar a mera descrição de um quadro indiscutivelmente impressionante - das cirurgias estéticas, distúrbios da imagem corporal, dos procedimentos mais inusitados, e às vezes, dolorosos, de *body modification* - é indispensável buscar o sentido mais amplo desta cultura somática, que hoje se manifesta de modo sem precedentes na atual

⁶³ O espetáculo é o momento em que a mercadoria ocupou totalmente a vida social e que a aparência fetichista de suas relações esconde seu caráter de relação entre homens e classes (Debord,1997:30). Trata-se de um aspecto da cultura de massa que constitui o lazer moderno, em que a grande extensão televisiva do espetáculo transmite uma concepção lúdica da vida (Morin,1969:74).

relação entre indivíduo e sociedade. Para apreender seu cerne, sua qualidade, suas características suas mais íntimas, seu 'espírito' (ou '*geist*', para os alemães), e compreender porque se configuraram sob esta e não outra forma, a busca por respostas inicia propondo um mergulho no tempo, partindo do pressuposto de que a configuração das subjetividades contemporâneas em relação à questão do corpo possui uma historicidade. No próximo capítulo, será dado 'um passo atrás', a fim de ampliar o foco de observação até os primórdios da modernidade, tomando como crucial o sentido da insatisfação que reside na necessidade premente de modificar o corpo.

1. O MERGULHO NO TEMPO

1.1. Feira Moderna⁶⁴

“Moderno é um termo dêitico, (...) designa alguma coisa mostrando-a, sem conceituá-la; que aponta para ela mas não a define; indica-a, sem simbolizá-la. ‘Moderno’ é, assim, um índice, tipo de signo que veicula uma significação para alguém a partir de uma realidade concreta em situação e na dependência da experiência prévia que esse alguém possa ter tido em situações análogas”
(Teixeira Coelho, 1995: 14).

Por meio de ‘instantâneos’, descreveu-se o contexto contemporâneo, no qual o corpo se tornou o signo emblemático de uma suposta *crise de identidade* vivenciada pelo *sujeito*. A demarcação deste cenário, onde ocorrem as práticas de construção do corpo, passa pela demarcação das fronteiras do presente, o que leva a repensar a própria idéia de modernidade. Considerando que, apesar dos séculos que separam o advento da era Moderna até os dias de hoje, há tanto elementos de ruptura quanto de permanência, vislumbrar essas fronteiras serve antes como uma lente de aumento que amplia o foco sobre o presente, do que como um mergulho num passado longínquo. Um dos principais aspectos tomados aqui na diferenciação entre esta era e as sociedades tradicionais é o fato de que a história da modernidade é permeada por uma *insatisfação* inerente, que motiva um impulso incessante para a mudança e a inovação.

O problema da determinação da Idade Moderna propriamente dita tem preocupado bastante os historiadores, que se perguntam quando começaram, precisamente, os tempos modernos. A resposta clássica residia na queda de Constantinopla (1493) e na descoberta da América (1492). Mais recentemente, eles têm adiantado essa data e, sem fixá-la num acontecimento determinado, tendem a situar seu o verdadeiro começo na órbita do século XVIII, quando então teriam se reunido elementos do círculo cultural em que vivemos. A

⁶⁴ Título de canção de Beto Guedes e Lô Borges.

fundação da física-matemática (Galileu morreu em 1642) instalou uma visão de mundo sobre a qual repousaria mais tarde a Revolução Industrial, o Estado Nacional e a supremacia planetária da Europa (Merquior,1969:287).

Portanto, o moderno pode ser concebido tanto em meio às mudanças no plano da organização política e jurídica, nos modos de produzir e de comerciar, quanto no das subjetividades. Todas elas exerceram um mútuo efeito multiplicador e geravam conflitos políticos e ideológicos de monta, de modo que, desde a Renascença, vinha despontando a consciência de que uma linha distintiva separava os novos tempos do que, posteriormente, veio a ser chamado de Medievo (Quintaneiro,2002:9).

O moderno identifica-se com uma atitude destruidora, que acabou por se transformar em rotina, representada pela imagem de um permanente canteiro de obras. Pode-se afirmar, contudo, que ocorreu uma destruição inaugural que rompeu com tudo aquilo que vinha antes. Esse *antes* pode ser sintetizado pela idéia de Idade Média, acerca da qual será feita uma breve referência. Pois, se o Moderno irrompeu negando seu passado imediato, ao se voltar o olhar para trás, num giro de 180^o, pode-se vislumbrar o mundo antes dessa explosão, cujos destroços estão, até hoje, se espalhando pelo ares.

Rodrigues tomou essa época controversa como objeto, na busca da compreensão do que chamou das ‘formas de (in) sensibilidade na cultura ocidental’ – contatos corporais, suportabilidade aos odores e sabores. É importante recordar que, em 1975, ele já havia publicado ‘Tabu do Corpo’, considerado ‘o primeiro trabalho em língua portuguesa a tratar de forma científica dos aspectos simbólicos do corpo humano’. Neste livro, ele afirmava que, ‘como qualquer outra realidade do mundo, o corpo humano é socialmente concebido, e que a análise da representação social do corpo oferece uma das numerosas vias de acesso à estrutura de uma sociedade particular’ (Rodrigues,1983:44).

‘Sabe-se que cada sociedade elege um certo número de atributos que configuram o que o homem deve ser, tanto do ponto de vista intelectual ou moral, quanto do ponto de vista físico; que esta

constelação de atributos é, em certa medida, a mesma, para todos os membros de uma sociedade, embora tenda a se distinguir em nuances, segundo os diferentes grupos, classes ou categorias que toda sociedade abriga. Reconhece-se ser função da educação inculcar nas crianças esses atributos, de maneira a garantir um certo número de estados mentais e físicos (...). Ao realizar este trabalho, a Cultura dita normas em relação ao corpo; normas a que o indivíduo tenderá, à custa de castigos e recompensas, a se conformar, até o ponto de estes padrões de comportamento se lhe apresentarem como tão naturais como o desenvolvimento dos seres vivos, a sucessão das estações ou o movimento do nascer e do pôr-do-sol. Entretanto, mesmo assumindo para nós este caráter ‘natural’ e ‘universal’, a mais simples observação em torno de nós poderá demonstrar que o corpo humano como sistema biológico é afetado pela religião, pela ocupação, pelo grupo familiar, pela classe e outros intervenientes sociais e culturais’ (ibidem:44-45).

Já em ‘O Corpo na História’, cuja primeira edição data de 1999, Rodrigues ressaltou que a sensibilidade que temos hoje – seja ela auditiva, tátil, gustativa, olfativa e visual – tem uma história e uma significação, observação essa que não poderia ser ignorada num estudo acerca das formas atuais de se relacionar com o corpo. Ele afirma que, embora os processos políticos e econômicos já tenham sido razoavelmente bem estudados pelos historiadores, e a história das mentalidades venha recebendo atenção nas últimas quatro décadas, uma atenção similar não vem sendo dedicada à história das ‘sensibilidades’, seguindo os passos de Lucien Febvre (Rodrigues,2001:15-6). Ele utilizou, assim, o medievo como lente para a compreensão do presente, a fim de demonstrar que esta, a atual, *não é a única configuração de sensibilidades possível*.

Sua opção pelo estudo da Idade Média deveu-se ao fato de que - por conter todo um conjunto de valores que o moderno rejeitou para se afirmar enquanto tal – esse período consistir no *outro* específico desta civilização (moderna e contemporânea), de maneira que esses dois períodos apresentam uma relação quase antagônica entre si. Essa parte de nós, que não cansamos de recusar, se presta muito bem para contrastar e relativizar nossas próprias concepções e sensibilidades. Por outro lado, ele observa que, nas sociedades industriais contemporâneas, ainda há muito de medieval, no que se refere às classes populares, e mais especialmente na cultura brasileira (ibidem:17-9).

Um aspecto curioso reside no fato de que a Idade Média seja, em geral, definida pelo negativo, como uma noção residual: dotados de positividade, ao contrário, situam-se, de um lado, a Antiguidade, e de outro, as Idades Moderna e Contemporânea, que são os tempos da Revolução Industrial, do capitalismo e do progresso. Entre essas fases, figura uma coisa ambígua e vaga, que se chamou de ‘média’ - sem falar nos que a denominam ‘Idade das Trevas’. Por esse motivo, referir-se a algo como ‘medieval’ chega a ser quase uma acusação, residindo aí um tipo de preconceito apontado por Rodrigues como ‘uma armadilha preparada por nosso próprio etnocentrismo’ (ibidem:19)⁶⁵.

Mas quais seriam as características da subjetividade medieval contra as quais tantos esforços foram canalizados para negar? Pode-se apontar, enquanto uma ruptura fundamental trazida pela modernidade, a quebra da *cosmovisão* medieval, já que a última postulava uma *integridade absoluta do universo*. Assim, o que para os cidadãos das classes altas das sociedades capitalistas industriais costuma ser representado em termos de oposições, apresentava-se ao homem comum medieval como interpenetração e equivalência.

Um ponto importante que veio a se romper naquela visão de mundo foi justamente a imbricação entre o imanente e o transcendente, entre o terreno e o divino. Se o *milagre* era o único modo que se conhecia durante o medievo para modificar a ordem das coisas naturais, aquela concepção mágica cederia lugar às causações físicas, num mundo que passaria a ser, cada vez mais, concebido como um mecanismo (ibidem: 44-7). Foi assim que se rompeu aquela espécie de *intimidade* entre o terreno e o celestial, pela instauração do que se impôs, a seguir, como o já mencionado paradigma da ciência moderna.

A Terra era considerada um ser vivo e o cosmos constituía uma unidade orgânica. Isso era refletido nas casas, que em geral possuíam somente um único cômodo, onde conviviam um

⁶⁵ Rodrigues ressalta que é importante, ao tecer uma referência à Idade Média, tomar cuidado com as generalizações, pois não se trata de um período homogêneo: ela abarca uma imensa multiplicidade de regiões, de povos, de grupos, classes sociais, além de uma pluralidade de tempos, de modo que, como antropólogo, o autor registra um ‘cuidado com a generalização ou com a atribuição de *homogeneidade* ao outro’ (ibidem:19).

número variável de pessoas e... de animais (!). (ibidem:41-3). É por isso que a impressão mais forte que se tem sobre o modo de vida medieval é a de *amontoamento*. Esse amontoamento não tinha necessariamente a ver com pobreza, mas sim com um *modo de ser*. Na verdade, ele representava a implementação de padrões culturais que se manifestavam nas mais variadas esferas de existência – na superposição das casas, no apinhamento das ruas, ou na utilização, por diversas pessoas simultaneamente, de uma mesma cama, de um mesmo prato, de um mesmo banco. A invenção da ‘privada’- ou seja, do ‘vaso sanitário’ - no final do século XVI, constituiu um aperfeiçoamento técnico fundamental para o cotidiano de nossas sensibilidades contemporâneas. Porém, a absorção do uso dessa ‘novidade’ ainda foi bastante lenta (ibidem:105)⁶⁶.

Desse modo, as casas, tais como conhecemos hoje, com cômodos e móveis especializados, representam uma modificação de mentalidades e de sensibilidades posterior ao século XII, que muito lentamente se difundiu pelo restante da sociedade. É importante reconhecer, contudo, que essa modificação definiu um ideal arquitetônico que consiste até hoje num indicador de privilégio de classe. Como aponta o trecho abaixo, a forma das habitações, onde os interesses próprios não eram separados dos interesses comuns, ilustra o quanto ainda era desconhecido o sentido de privacidade:

‘o desejo de intimidade é uma invenção das classes dominantes, ponto central de uma mentalidade individualista e pedra angular de um sistema econômico e político. Não é apenas um progresso optativo: representa uma *visão de mundo*, a que cedo ou tarde todos deverão se submeter’ (ibidem:105).

O movimento de fragmentação do universo medieval – processo do qual pode-se dizer que, depois de iniciado, veio se radicalizando até atingir, hoje, uma expressão altamente

⁶⁶ Prova disso é que o Palácio de Versalhes, construído sem medir despesas, não possuía privadas nem banheiros. A privada ‘seca’, com aura de novidade inglesa, só foi introduzida na França no século XVIII (Rodrigues,1999:105).

elaborada - foi acompanhado, concomitantemente, da formação de domínios específicos de saberes, relativos a cada esfera que se autonomizava, conforme Rodrigues esclarece:

‘com a separação entre indivíduo e a sociedade, surgiram as disciplinas especiais, almejando capturar as lógicas particulares e respectivas dessas esferas’ (Rodrigues,1999:110)

A nova maneira de pensar - e de sentir - o mundo originou, portanto, diversos tipos de separação: entre sãos e doentes, mortos e vivos, adultos e crianças, e, o que é muito relevante, entre as esferas do público e privado. A fim de ilustrar essa última separação, Rodrigues recorda que a cerimônia medieval da morte, coletiva, aberta a todos, metamorfoseou-se no acontecimento isolado de hoje, que se abate a um indivíduo acamado, solitário, exceto pela ‘especializada companhia’ dos profissionais da Saúde, na unidade de tratamento intensivo de um hospital, onde nem mesmo um familiar pode entrar (Rodrigues,1999:109). Ainda acerca da separação entre essas esferas, no trecho abaixo, Duby descreve o medievo em termos de proximidade, promiscuidade, e por vezes multidão:

‘Na época feudal, o espaço, com efeito, jamais estava previsto, no interior das grandes moradas, para a *solidão individual*, senão no breve instante do trespasse, da grande passagem para o outro mundo. Quando as pessoas se arriscavam fora da clausura doméstica, era ainda em grupo. Todas as viagens eram feitas pelo menos em dupla (...)’ ‘A sociedade feudal era de estrutura tão granulosa, formada de grupos tão compactos que todo indivíduo que tentasse se libertar do estreito e muito abundante convívio que constituía então a *privacy*, isolar-se, erigir em torno de si sua própria clausura, encerrar-se em seu jardim fechado, era imediatamente objeto, seja de suspeita, seja de admiração, tido ou por contestador ou então por herói, em todo caso impelido para o domínio do ‘estranho’, o qual, atentemos às palavras, era a antítese do ‘privado’ (Duby, 1999:503-4).

identificada com um gesto de ruptura de paradigma. Embora a idade média seja caracterizada, no imaginário corrente, por cenas de guerra, violência e insegurança, a atitude

do homem diante da vida era relativamente estável, o que foi radicalmente modificado pelo mundo moderno que se descortinou em seguida. Embora marcado por profundos avanços científicos e tecnológicos, a passagem daquele homem medieval para o moderno traz a impressão de que dele foi *arrancado o chão*, e que talvez nada tenha sido colocado no lugar⁶⁷.

A idéia que se tem do período subsequente é a de *caos*, tanto que o próprio surgimento da Sociologia está imbuído da reflexão de seus fundadores acerca da nova fase que se inaugurava, e, em parte, de seu estranhamento diante dela. De fato, essa disciplina apresentou-se como um modo de interpretação para explicar aquele caos, tendo em vista que a crise, a instabilidade e as turbulências⁶⁸, em diversos âmbitos da vida material, cultural e moral consistem nas marcas mais características da modernidade (Quintaneiro,2002:9).

Nesse sentido, é notório que a *insatisfação permanente* seja um dos sentimentos mais marcantes na relação com o corpo na sociedade hoje, de modo que esteve presente desde a origem do trabalho até a pesquisa de campo. Ora, se a insatisfação é uma marca da atual sociedade de consumo, nada mais esperado que esteja presente na relação com o corpo, pois não é necessário um grande esforço para constatar que esse sentimento não ocorre isoladamente, mas está presente em muitos outros aspectos da vida. O corpo consistiria somente num exemplo facilmente observável, muitas vezes até mesmo doloroso - conforme a citada proliferação de intervenções invasivas - do que representa toda uma *atitude ante a própria existência*.

⁶⁷ Essa afirmação merece um pedido de desculpas, pois, enumerar o que pode ter sido ou não ‘colocado no lugar’ consistiria numa tese inteira, sendo que isso é tema de um profundo debate das Ciências Sociais, então ela foi deixada apenas como uma provocação.

⁶⁸ A Sociologia foi fortemente influenciada pelas correntes de pensamento que estabeleceram suas bases da modernidade européia – o racionalismo, o empirismo e o iluminismo (Quintaneiro,2002:9). Faz-se um breve comentário sobre seus fundadores: Comte desenvolvera uma teoria daquilo que ele chamava de sociedade industrial, ou moderna, colocando-a em oposição às sociedades do passado, feudais, militares e teológicas. Marx colocou no centro de sua interpretação das sociedades modernas o caráter contraditório inerente ao sistema capitalista (Aron,1999:129). Tocqueville definiu a sociedade moderna por seu caráter democrático (idem: 278), pela atenuação de distinções de classe e pela tendência à progressiva igualdade de condição social. Durkheim situava a crise da sociedade moderna numa lacuna deixada pela moral tradicional e pela religião, apontando para a necessidade de reconstituição de uma ética que atendesse ao espírito científico (idem: 280). Weber aponta na sociedade moderna uma tendência à crescente burocratização e racionalização.

Essa atitude pode ser ilustrada pela resposta de um entrevistado, ao ser indagado se estava satisfeito com seu corpo: *'mas quem está? Se estiver satisfeito um dia, não levanto mais da cama...'* (Paulo, 23 anos, estudante de Medicina, praticante de caminhada na Asa Norte). Ela traduz o quanto a insatisfação, nesse caso, com efeitos indiscutivelmente benéficos à saúde, é o próprio motor de sua iniciativa para a prática de atividade física, de modo que essa idéia poderia ser coerentemente transportada para situações e ações mais variadas, tais como o emprego, os estudos, a vida afetiva, a moradia...

Não parar nunca, e especialmente, não parar de mudar, é o mote que perpassa nossos tempos. Os *Rolling Stones* fizeram uma bela síntese dessa idéia, cantando: *'I can get no satisfaction, I can get no satisfaction, but I try, but I try, but I try...'*⁶⁹ Trata-se de uma insatisfação com tudo o que é dado, o que inevitavelmente se reflete, de maneiras diversas, na relação com o próprio corpo. A intervenção do homem, movida por um impulso permanente para a mudança, para a luta contra o que foi recebido da natureza, representa o âmago do projeto da modernidade. Sentimento presente desde os primórdios desta era, a insatisfação não somente se mantém nos dias de hoje, como, sob uma roupagem compulsiva e consumista, talvez esteja nela atingindo seu ápice. Mas o que vem a ser, exatamente, a 'modernidade'? No sentido literal, pode-se afirmar que:

'moderno refere-se a qualquer coisa que tenha recentemente substituído outras que, no passado, eram perfeitamente aceitas. Nesse sentido, os primeiros navios que substituíram as galeras a remo também eram modernos, do mesmo modo que os veleiros com relação aos navios a vapor e estes com relação ao poder atômico'(Inkeles e Smith,1974:15).

⁶⁹ 'Satisfaction', canção dos *Rolling Stones*, do disco *'High Tide & Green Grass'*, de 1966.

Na mesma linha da citação que abre este capítulo, os autores ressaltam que, sob esse enfoque, o moderno se tornará um *catálogo* de coisas e não um conceito⁷⁰. Fridman, a seu turno, sugere que a modernidade pode ser compreendida como:

‘uma designação abrangente para uma série de mudanças materiais, sociais, intelectuais e políticas que tiveram o seu ponto de partida no final do século XVII, na Europa, com a emergência e a difusão do Iluminismo e que acabaram por se misturar com a Revolução Industrial e com as transformações trazidas pelo capitalismo’ (Fridman,2000:10).

No dicionário, o termo significa algo que se refere aos tempos atuais, ou mais próximo de nós. Ou, o que é recente, que está na ‘moda’ (Ferreira,1999). Bruno, entretanto, refere-se à Modernidade como nosso *ontem* – o que ainda somos um pouco e também o que estamos deixando de ser, pois ela ‘é também o nosso *passado*, pois a tomamos como objeto de análise histórica na tentativa de delimitar a diferença de nosso presente’ (Bruno,1997:14).

Por outro lado, modernizar, por sua vez, é tornar algo moderno, dar-lhe uma feição moderna, de modo a se acomodar aos hábitos e às necessidades modernas. Assim, sob um enfoque sócio-psicológico, a ‘modernização’ trata basicamente de uma mudança na maneira de perceber, expressar e avaliar. Bellah considera o moderno, mais que uma forma de sistema político ou econômico, uma espécie de mentalidade, ou de ‘estado de espírito’ (Harvey, 2003:16)⁷¹. Berman definiu a modernidade como uma modalidade de experiência vital que é partilhada por homens e mulheres do mundo atual. Segundo a visão desse autor: □

⁷⁰ Embora Inkeles e Smith concebiam o moderno enquanto uma forma de civilização característica de nossa época atual - assim como o feudalismo e os grandes impérios da Antiguidade foram característicos de épocas históricas anteriores – eles alertam para o fato de que, assim como o feudalismo não era encontrado em todo o mundo, entre os séculos XI a XV, também a modernidade não está presente ao longo de todo o globo. A modernidade possui formas específicas que variam conforme as condições locais e temporais.

⁷¹ Não se pretende aqui adentrar no tema do modernismo, enquanto movimento estético, pois esta pesquisa procura se ater à modernidade enquanto período histórico e uma modalidade de experiência vital. Também é deixada por ora de lado a discussão, presente em numerosos estudos, acerca de uma linha divisória entre o moderno e a instauração de um chamado período pós-moderno.

‘ser moderno é encontrar-se num ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, transformação de si e do mundo – e, ao mesmo tempo, ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos. (...) ser moderno é ser parte de um universo em que, como disse Marx, ‘tudo o que é sólido desmancha no ar’. Escritores de diferentes lugares e épocas expressaram sua busca em lidar com essa sensação avassaladora de fragmentação, efemeridade e mudança caótica (Harvey,2003:21).

Baudelaire ressaltara a característica de mudança na condição de modernidade ao definir a busca do artista em extrair ‘o eterno do transitório’. Para ele, a modernidade seria o transitório, o efêmero (Baudelaire,1996:24-5). E é justamente no elemento de transitoriedade inerente à modernidade que Harvey aponta uma causa da dificuldade de preservação do sentido de continuidade histórica. Se é que há um sentido, diz ele, esse deve ser descoberto em meio ao próprio *turbilhão*. A modernidade é caracterizada por um interminável processo de rupturas e fragmentações internas inerentes (Harvey,2003:22).

Uma idéia indissociável da modernidade é a do progresso fundado na ciência e na razão. Bauman ressaltou que essa idéia embalou as aspirações humanas e alimentou de modo duradouro a ideologia de uma dinâmica social calcada na inovação permanente e em uma obsessiva ‘marcha adiante’ (Fridman,2000:11). Para Habermas, que situou suas origens no século XVIII, o chamado ‘projeto da modernidade’ estaria ligado ao esforço do iluminismo no sentido de desenvolver a ciência objetiva, a moralidade e leis universais, além de uma arte autônoma baseada em sua própria lógica interna. Isso se daria a partir de uma busca da utilização do conhecimento no sentido da emancipação humana e do enriquecimento da vida diária. Assim, o pensamento iluminista abraçou a idéia de progresso e buscou ativamente a ruptura com a tradição. Contudo, os trágicos acontecimentos do século XX deitaram por terra o otimismo iluminista segundo o qual ‘as artes e as ciências promoveriam o controle das forças naturais e a compreensão do mundo e do eu, o progresso moral, a justiça das instituições e até a felicidade’ (Harvey, 2003: 23).

Apesar de uma série de decepções ocorridas ao longo da História do século XX, a *destruição criativa* consiste numa imagem pertinente para traduzir a modernidade. Desde o início, lhe são apropriadas as metáforas do Dioniso, referida por Nietzsche, e a de Fausto, contada por Goethe. A de Fausto, em especial – o cientista obstinado que, a fim de alcançar a eterna juventude, faz um pacto com Mefistófeles, e sofre as conseqüências desse ato - foi vastamente utilizado nas análises de Berman, assim como nas de Martins e Sibilia⁷². Essas idéias lançam a indagação acerca de ‘como poderia um novo mundo ser criado sem que se destruía uma boa parte do que viera antes, ou ‘como fritar um ovo sem quebrá-lo’ (Harvey,2003:26).

É por isso que, na visão de Schumpeter, o empreendedor, figura heróica do desenvolvimento do capitalismo, era o destruidor criativo *par excellence*. Imagem de coragem e poder, ele representa o sujeito preparado para levar a extremos vitais as conseqüências da inovação técnica e social (ibidem:27). A imagem do empreendedor possui muitas afinidades com a do tipo-ideal ascético, considerado o grande protagonista da instauração do sistema capitalista, o qual, segundo percepção de Weber, recebeu forte impulso dos ideais da religião protestante (Weber,2000)⁷³. Antes de abordar o ascético, é preciso recordar que a própria noção de indivíduo é mais recente que se possa imaginar à primeira vista. Houve outras maneiras de existência e outras sensibilidades frente as quais o projeto do moderno surgiu, fazendo questão de delas demarcar sua diferença.

Retomando as ‘outras formas de sensibilidade’, abordadas no início deste capítulo, convém ressaltar que as ruas medievais, embora ruidosas, estreitas e fedorentas para os padrões atuais, exerciam grande força de atração, à medida que não se *opunham* à intimidade da vida privada, mas representavam um *prolongamento* dela. Elas contrastavam com as primeiras ruas modernas, que, ao contrário, renunciavam o que viria a se acentuar mais tarde:

⁷² Uma das versões mais ‘famosas’ deste ícone é o Fausto de Goethe. ‘Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade’, título que alude à frase de Marx, de Marshall Berman, insiste na metáfora do canteiro de obras para definir esta era, analisando os impactos da modernização na arte, literatura e arquitetura, e fazendo referência ao homem fáustico (Berman,1987). Em ‘O Homem Pós-Orgânico’, Sibilia lança mão da reflexão do sociólogo português Hermínio Martins, que afirmou que as origens prométeicas da ciência ocidental estariam dando lugar a impulsos fáusticos (Sibilia,2002:13).

⁷³ O tema será aprofundado no capítulo 1.4 ‘o ascético’.

os ricos, isolados em seus veículos particulares, passariam a ter a sensação de uma liberdade inédita de movimento, mas também deixariam de acreditar que a paisagem urbana circundante tenha qualquer significado além de ser um mero meio para seu próprio deslocamento (Rodrigues,1999:104)⁷⁴. Rodrigues observa que Descartes havia prenunciado o que o barão Haussmann colocaria em prática, posteriormente, em Paris, ao relatar, no ‘Discurso sobre o Método’, as direções que tomava o processo urbano, afinando-se com as transformações culturais e políticas de seu tempo:

‘É constatável que as edificações que um único arquiteto planejou e executou são de modo geral mais elegantes e mais cômodas que aquelas que vários tencionaram melhorar fazendo uso das velhas paredes construídas para outros fins. Também as antigas cidades que, sendo no princípio apenas aldeias, tornaram-se, no correr dos tempos, grandes cidades, são geralmente mal traçadas em comparação às cidades regularmente construídas que um arquiteto profissional planejou livremente, numa planície aberta; desse modo, embora vários edifícios das primeiras possam muitas vezes igualar ou superar em beleza os das últimas, quando se observa sua justaposição indiscriminada, ali um grande prédio aqui um pequeno, e a conseqüente sinuosidade e irregularidade das ruas, fica-se disposto a admitir que o acaso, mais que qualquer vontade humana guiada pela razão, deve ter levado a uma tal disposição’ (Descartes *apud* Rodrigues,1983:108).

Embora Rodrigues tenha se referido à reforma de Paris, executada pelo barão Haussmann, na verdade, as palavras de Descartes também se prestam, incrivelmente, para a descrição das mudanças ocorridas no Rio de Janeiro, na gestão de Pereira Passos, assim como, numa visão ainda mais futurista, elas podem ter encontrado sua expressão mais extrema na própria construção de Brasília, seguindo o traçado de Lúcio Costa, e, na Esplanada dos Ministérios, de seu amigo Oscar Niemeyer. A comparação entre essas duas configurações urbanísticas, a medieval e a moderna, é ilustrada com clareza no trecho que se segue:

tendência à interiorização e à introspecção isolou pouco a pouco no interior do espaço doméstico um espaco mais privado do qual o corpo de cada homem e de cada mulher constituiu o invólucro. (...)

⁷⁴ Exemplos dessas mudanças no projeto urbanístico das cidades são encontrados nas Reformas sofridas pela Paris de Haussmann e o Rio de Janeiro na gestão do prefeiro Pereira Passos (século XIX).

Enfim, a elevação contínua do nível de existência, a partilha desigual dos frutos da expansão no interior do modo de produção senhorial e a diferenciação dos papéis sociais avivaram os contrastes entre cidades e campos, entre casas ricas e casas pobres, entre o masculino e o feminino, enquanto que, inversamente, a circulação sempre mais rápida dos homens, das idéias e das modas fazia esfumarem-se os particularismos regionais e propagava, de um extremo ao outro do Ocidente, *modelos uniformes de comportamento*’ (Duby,1991:13-4).

Apesar dos séculos que nos separam, a partir desse contexto de mudanças, em que modelos uniformes de comportamento passaram a ser paulatinamente adotados, é que deve ser compreendida a atual maneira de se relacionar com o corpo: juntamente com a especialização dos cômodos das residências, das fraturas entre os locais de trabalho e o das relações familiares, ‘poderíamos falar da separação dos corpos entre si, do afastamento entre os homens e seus próprios corpos’ (Rodrigues,1999:110).

De modo semelhante ao que ocorreu, na Europa, com as terras cultiváveis, que passaram pelo processo de ‘cercamento dos campos’ – considerado, didaticamente, um dos importantes fatores da Revolução Industrial, pois gerou mão-de-obra disponível para as fábricas – também foi se apertando ‘cerco’ na direção de cada pessoa enquanto tal. A noção de indivíduo, tratada a seguir, representa uma síntese bastante condizente com esse afastamento entre as pessoas, por meio do fortalecimento das fronteiras da privacidade do invólucro corporal individual.

1.2. o indivíduo

'Eu sou o início, o fim e o meio' Raul Seixas⁷⁵

Da mesma forma que as ruas das cidades modernas foram adquirindo um traçado cada vez mais planejado, o cercamento dos campos obedeceu a parâmetros racionais, condizentes com uma nova etapa que se inaugurava: em certo sentido, ambas imagens refletem o nascimento do indivíduo (ou 'sujeito moderno'), tema deste capítulo. É possível estabelecer uma analogia entre a demarcação espacial exercida pelas cercas – assim como as calçadas e meio-fio das ruas, as paredes e os muros – e um novo tipo de percepção que isola o sujeito individual do mundo que o cerca. Embora um longo percurso separe seu advento dos dias de hoje, o indivíduo é um conceito fundamental para a compreensão do presente, à medida que vem passando por transformações tão drásticas, apontadas ao longo desta tese, que já se chega a vislumbrar seu declínio.

Retomando a insatisfação - questão que permeou a temática da modernidade, e considerando que ela está presente inclusive na maneira de se relacionar com o próprio corpo – é importante compreendê-la sob a perspectiva de que, a partir de certo momento, ao indivíduo, e somente a ele, passou a ser atribuída a responsabilidade por seu destino, ou seja, seu sucesso ou seu fracasso. Conseqüentemente, assim como seu lugar na hierarquia social, a forma do corpo deixou de ser uma dádiva do nascimento e se tornou objeto de responsabilidade individual. Por conseguinte, a noção de *individualismo*, que permeia a modernidade, consiste numa referência fundamental quando se deseja pensar as concepções contemporâneas de corpo.

As imagens da configuração espacial da agricultura, mobiliárias, arquitetônicas e urbanísticas, apresentadas no capítulo anterior, auxiliam a compreender a idéia de que o tipo

⁷⁵ 'Gita', canção de Raul Seixas, do disco (L.P) homônimo, de 1974.

de sensibilidade e de autoconsciência que traz consigo um sentimento de individualidade como concebemos hoje, embora pareça óbvio, surgiu em determinada época. Ele corresponde, na verdade, ‘a uma estrutura psicológica estabelecida em certos estágios do processo civilizador’ (Elias,1994:32).

Embora as origens dessa noção tenham emergido no mais longínquo passado da reflexão filosófica - Cícero denominava usualmente *individuum* cada um dos indivisíveis corpúsculos, ‘átomos’ que Demócrito e Epicuro haviam tomado como princípios dos corpos visíveis (Renault,1998:15) - a idéia moderna de individualismo surge concomitantemente às transformações sociais e políticas ocorridas na Europa Ocidental: a Revolução Gloriosa na Inglaterra (1688), a Revolução Francesa (1789) e todas as conquistas sociais que a elas se seguiram. Essas trouxeram consigo grandes mudanças no que diz respeito aos *papéis sociais* tradicionais referentes ao Antigo Regime. Se na Europa Medieval havia uma separação bem definida entre os três Estados – clero, nobreza e burguesia – e uma legislação específica para cada um deles, daqueles acontecimentos em diante, deu-se uma substituição dos *privilégios* por *normas aplicadas isonomicamente a todos os indivíduos*⁷⁶.

O surgimento da noção de indivíduo, portanto, trouxe consigo a perda do caráter decisivo do nascimento como critério de posição na hierarquia social. A partir de então, *a cada um é imposta a necessidade de definir sua posição e elaborar as imagens de si*, o que gera insatisfação e novos sofrimentos íntimos, inclusive em relação ao modo de perceber a aparência e a forma de seu corpo. A própria história do sistema de denominações reflete o processo pelo qual 'o sentimento de identidade individual acentua-se e se difunde amplamente' (Corbin,1995:419)⁷⁷.

⁷⁷ A história de Jean Valjean, protagonista de ‘Os Miseráveis’, de Victor Hugo, que a fim de escapar de uma sanção penal trocou de nome, exemplifica o fato de que muitas vezes a identidade era falseada por interesses e circunstâncias diversas. Seu destino não deveria ‘parecer em nada inverossímil para os leitores da época,’ pois, ‘ainda por volta de 1880, o indivíduo astucioso pode mudar de pele ao seu bel-prazer’ (Corbin,1995: 430-1).

Segundo Tocqueville, o individualismo político foi o ponto de partida da configuração da sociedade moderna. Para ele, o individualismo consistia num ‘sentimento aprazível que leva cada cidadão a isolar-se da massa de seus semelhantes e a retirar-se, à parte, com sua família e seus amigos; de tal forma que (...) abandona de bom grado a grande sociedade a si própria’. O que há de original em sua obra é que ‘ele fixa seu olhar no individualismo como um processo crescente e, ao mesmo tempo, global, isto é, que afeta todos os aspectos principais da sociedade moderna’ (Barbu,1979:22). Desse modo, embora tenha defendido abertamente a preservação da liberdade, dos interesses privados e da intimidade, ele vislumbrou no despotismo e na postura de ‘cada um por si’ alguns dos riscos de um individualismo excessivo. Daí sua obra ter girado repetidamente em torno da questão da democracia e de como nela conciliar felicidade privada e ação pública (Corbin,1995:612).

Durkheim também observara que, em um grande número de sociedades, as preocupações privadas e a personalidade do indivíduo representavam valores menores. Em períodos anteriores, o Estado perseguia os fins de aumentar seu próprio poder e glorificar os deuses. Porém, à medida que se avança na História,

‘vemos as coisas mudarem (...). O círculo de vida individual, antes restrito e pouco respeitado, se estende e se torna um objeto de respeito moral’ (...) ‘o indivíduo não é uma teoria, é de ordem da prática. Deve afetar os modos, os órgãos sociais. Assim, são produzidos sistemas que manifestam aspirações sociais na direção de um individualismo mais desenvolvido, teoricamente expresso na Declaração de Direitos do Homem⁷⁸’ (Durkheim,1950:68-78)⁷⁹.

⁷⁸ Declaração datada de 26-08-1789, Paris. Lançou as bases do ‘novo regime’, em oposição ao ‘antigo’, e por meio dela eram abolidos os privilégios feudais garantidos pelo Absolutismo.

⁷⁹ As noções *durkheimianas* de solidariedade orgânica e mecânica, apesar de sua marca biologizante da época, relacionam-se com a idéia de indivíduo, ao proporem uma analogia com as células dos seres vivos e seu processo de diferenciação. Os seres mais ‘simples’ possuem células semelhantes, e à medida que o organismo vai se tornando mais complexo, um processo de diferenciação mais sofisticado forma órgãos com funções específicas. A solidariedade mecânica ocorria nas sociedades ‘arcaicas’ (o termo que se considera correto hoje seria sociedades ‘tradicionais’), nas quais os indivíduos se diferenciam pouco uns dos outros. A solidariedade orgânica, presente nas sociedades modernas, refere-se a um processo de diferenciação mais complexo que dá origem às diferentes funções na divisão social do trabalho (Aron, 1999: 288). Na verdade, a idéia de indivíduo que se deseja apresentar aqui se relaciona especificamente à sociedade moderna, pois somente ela apresenta o referido grau de diferenciação caracterizado pela *consciência* da individualidade.

Dumont utilizou a conotação de individualista para diferenciar a sociedade moderna das outras, em especial das orientais, as quais denominou ‘holistas’⁸⁰. Ele apontou na Renascença um relevante marco relativo ao advento do indivíduo e considerou a nação ‘o reino do individualismo como valor’, ou seja, uma sociedade composta de ‘pessoas que se consideram indivíduos’ (Dumont,2000, 21).

Elias concebeu os seres humanos individuais ligados uns aos outros numa pluralidade que é a sociedade (Elias,1994:8). Ressaltou que, embora pareça corriqueiro, o sentimento de individualidade corresponde a uma estrutura psicológica e a uma conformação histórica peculiares. A noção de um ‘interior’ separado do ‘mundo externo’ como que por um muro teria sido estabelecida em determinada época e inculcada ao longo de um *processo civilizador*⁸¹. Um dado importante acerca desse processo é que, ao longo dele, são *aprendidos* os sentimentos de vergonha, o controle dos afetos e dos instintos. A partir daí, as manifestações impróprias do desejo passaram a ser escondidas nos ‘porões’ do psiquismo (*op cit:32*), da mesma forma que atos antes realizados em público, tais como se assoar, defecar, fazer amor, refluíram para a privacidade do sigilo. Foi assim que ‘as maneiras de comer, de se lavar, de amar e de morar se modificaram de acordo com as novas fronteiras da intimidade dos corpos e uma nova autoconsciência’ (*op cit:33*). Enfim, Elias considerou todo o ritual burguês de civilidade como historicamente inscrito nesse refinamento das sensibilidades chamado ‘pudor’.

⁸⁰ Mais precisamente, Dumont estudou em profundidade a sociedade indiana e seu sistema de castas.

⁸¹ Uma ilustração desse processo é encontrada no desenvolvimento do espelho, ao longo do medievo europeu, ocorreu em paralelo com o crescimento do conceito de indivíduo. A palavra alemã para ‘eu’ (*ich*) somente apareceu quando os membros da aristocracia, por volta de 1500, tornaram-se conscientes deles mesmos como indivíduos separados da comunidade (Dale,1997:103).

1.3. o corpo disciplinado

'todo dia ela faz tudo sempre igual' Chico Buarque⁸²

Tendo dominado intensamente a esfera do comportamento ao longo do século XIX, o pudor era associado à crença de que os sentidos são 'portas abertas para o demônio'. O discurso médico reforçava a moral vigente, à medida que preconizava cirurgias para a cura do 'flagelo das práticas sexuais solitárias' (Corbin,1995:454).

A referência ao pudor exemplifica um dos aspectos segundo os quais, sob uma configuração histórica específica, a noção de indivíduo, juntamente com as de Estado e população, serviu de base para novas formas de controle social, por meio de *tecnologias disciplinadoras*. Todos esses acontecimentos estão relacionados a um processo de disciplinamento dos corpos, tema que leva inevitavelmente ao trabalho de Foucault, ao qual é dedicado este capítulo, pois ele fornece elementos que se mantiveram presentes na prática dos exercícios físicos sob o conceito de 'malhação'.

Foucault debruçou-se sobre a temática da sexualidade, das instituições penais e do adestramento corporal, dentre outras. Em todos esses campos, ele denunciou os mecanismos da onipresente *tecnologia do poder sobre o corpo* na modernidade. Ao analisar o processo pelo qual as sociedades disciplinares conformavam os corpos em dóceis e úteis, um dos pontos mais ricos de sua obra reside no fato de ter mostrado que isso ocorre de um modo mais

⁸² Trecho da canção 'Cotidiano', de Chico Buarque, do disco 'Chico e Caetano', juntos e ao vivo, de 1972.

complexo do que por um único vetor constituído pela repressão propriamente dita. Segundo ele, graças aos conhecimentos fornecidos pelas nascentes ciências sociais e humanas, a sociedade industrial teria implementado mecanismos de poder e saber mais sutis, eficazes e difusos numa rede a qual denominou *microfísica do poder*.

Ao longo do século XVII, estruturaram-se as sociedades disciplinares e suas respectivas instituições baseadas no controle da atividade, distribuição dos indivíduos, na hierarquia, vigilância, sanções e exames, a fim de ‘assegurar a ordenação das multiplicidades humanas’ (Foucault,1977:191). O *sexual* seria, então, um elemento dotado de grande instrumentalidade nas relações de poder, tendo servido como ponto de apoio para um projeto político maior. A esse respeito, Bruno define sexualidade como um termo, surgido no século XIX, ‘para designar o conjunto de experiências – atos, pensamentos, fantasias, desejos, sonhos, prazeres – que se constitui como objeto de conhecimento científico e, por conseguinte, como a origem privilegiada dos distúrbios mentais’ (Bruno,1997:46).

A autora recorda que Foucault identificou semelhanças entre esse recente campo do saber e a temática cristã da *carne*. Todavia, uma constatação levanta a indagação acerca de como poderia o inconsciente - psicanalítico, pansexual e liberador - possuir algum parentesco com o cristianismo, que tanto reprimiu e recusou a sexualidade. Foucault respondeu que esta estranheza só ocorre aos adeptos da *hipótese repressiva*, segundo a qual uma recusa do sexo, que tem sido efetuada desde os cristãos, teria se acentuado nas sociedades burguesas⁸³.

Tomando uma perspectiva mais abrangente que a dessa hipótese, pois, para ele, compreender o corpo apenas do ponto de vista da repressão seria cair num reducionismo, Foucault ressaltou que o sexo não teria sido submetido ao silêncio, mas sim a uma

⁸³ Foucault diferencia a esse respeito dois momentos relevantes do Ocidente, os quais denominou como os *dispositivos da aliança* e da *sexualidade*. O primeiro se articula fortemente com a economia, desempenhando um papel na transmissão de riquezas e manutenção da ‘homeostase’ do corpo social, enquanto o segundo liga-se à economia por meio de articulações numerosas e mais sutis. No *corpo* reside sua principal articulação, e sua razão de ser deixa de ser simplesmente reproduzir, mas sim proliferar, inovar, penetrar nos corpos de maneira cada vez mais detalhada e controlar as populações cada vez mais globalmente. O corpo passa a ser valorizado como objeto de saber e como elemento nas relações de poder (Foucault,1985:102)

proliferação discursiva. Assim, ele vai mais longe, ao propor uma história das instâncias de produção de discursos, de poder e de saber em que se constituiu uma *ciência da sexualidade*, afirmando que a sociedade capitalista não obrigou simplesmente o sexo a calar-se ou a esconder-se. Pelo contrário, desde o século XVI o sexo teria sido incitado a se manifestar e a ser colocado no discurso (Foucault,1977:17)⁸⁴. Foucault observou que, diferentemente das sociedades chinesa, japonesa, hindu, romana e árabe, nossa civilização não produziu uma *ars erotica*. Em compensação, é a única a praticar uma *scientia sexualis*, constituída por sua vez sobre as bases do ritual da confissão (ibidem:57).

A grande diferença em questão é que, se na *ars erotica*, ‘a verdade é extraída do próprio prazer, encarado como prática e recolhido como experiência’, sendo o prazer levado em consideração em relação a si mesmo, e permanecendo secreto a fim de não perder a eficácia e a virtude ao ser divulgado, na *scientia sexualis*, ‘para dizer a verdade do sexo, nossa civilização desenvolveu procedimentos que se ordenam em função de uma forma de poder-saber rigorosamente oposta à arte das iniciações e ao segredo magistral, que é a *confissão*’ (ibidem:57).

Surgindo num momento em que os Estados passam a se preocupar com o problema da população, em fins do século XVIII, a ‘ciência sexual’ consolida-se no século XIX, reunindo um conjunto de disciplinas e técnicas relativas ao comportamento sexual: pedagogia, medicina, economia, demografia, psiquiatria e psicanálise. Por meio desses saberes, o adestramento dos corpos ocorreria não somente pela repressão, mas principalmente pela produção de subjetividade, pelo incitamento e encadeamento de desejos (Nunes,2000:13).

Na passagem dos séculos XVIII para o XIX, ocorre uma transformação no domínio a que se referiu como da *tecnologia da carne* do cristianismo clássico, no sentido de que a questão da sexualidade daí em diante vai passar a se ordenar em torno da instituição médica,

⁸⁴ Trazendo essa afirmação para hoje, as atuais revistas de *fitness* representam um esplêndido exemplo de como na mídia ocorre um verdadeiro bombardeio de discursos acerca da temática do corpo. Cabe também uma referência à afirmação de Barthes (que será tratada novamente) em relação ao fascismo: ele não seria sinônimo de ‘impedir de dizer’, mas sim de ‘obrigar a dizer’ (Barthes, 1988:14).

da exigência de normalidade. Desse modo, as questões da morte e do castigo ao pecado da prescrição cristã foram substituídas pelos problemas médicos da vida e da doença. Foucault sintetiza esse conjunto de mudanças ao afirmar que a carne havia sido ‘transferida para o organismo’ (Foucault,1985:111). Ao contrário da idéia errônea de que, por serem simplesmente reprimidos, o corpo e a sexualidade não ocupariam um papel de destaque nas subjetividades, a obra de Foucault denuncia que esses representam questões centrais da sociedade, o que se evidencia na proliferação de discursos acerca dessa temática.

A infiltração do poder nos mais recônditos domínios das subjetividades, evidenciada na produção discursiva, ocorre simultaneamente às transformações no que diz respeito aos objetivos do Estado: no século XVII, o corpo do rei e sua presença física eram imprescindíveis para o funcionamento da monarquia, enquanto ‘no decorrer do século XIX, é o corpo da sociedade que se torna o princípio básico da República’(Foucault,1979:37). A preservação ritual do corpo do rei dá lugar, na República, à preservação do *corpo da sociedade*, ao qual passam a ser aplicadas ‘receitas terapêuticas’, ou métodos de assepsia, tais como ‘a eliminação dos doentes, o controle dos contagiosos, a exclusão dos delinquentes’ (Foucault, 1986:30)⁸⁵.

Essa mesma exigência de normalidade passa a reger a esfera das instituições penais, onde Foucault apontou substituição dos suplícios dos processos punitivos do passado pela nova tecnologia do poder sobre o corpo e seus respectivos métodos de assepsia. Por meio dela, uma nova arte do corpo substituiria os rudes métodos da escravidão, pois, com elegância e disciplina, foi possível dispensar a relação custosa e violenta obtendo efeitos de utilidade igualmente grandes (Foucault,1979).

A idéia de assepsia, trazida à tona por Foucault, serve para introduzir a questão dos exercícios físicos. Afinal, é na virada dos séculos XIX/XX que esses passaram a ser preconizados pelo saber médico e pelos modelos vigentes de corpo ideal, justificados portanto pela suposta racionalidade em que se baseavam. Sob certo ponto de vista, podem ser

⁸⁵ Observa-se que essa atitude condiz com a negação do *amontoamento* medieval em que se pautou a modernidade. Uma cada vez mais sofisticada e intensa separação das coisas, cada uma em seu devido lugar.

concebidos como uma sofisticação das medidas de assepsia, já que as mesmas estariam sendo aplicadas diretamente aos organismos individuais. Essa concepção de atividade física – que se sofisticou até alcançar os moldes atuais – surgiu influenciada por todo um conjunto de técnicas específicas, aplicadas nas diversas instituições de confinamento que compunham o tecido social dos Estados-Nação: escolas, fábricas, hospitais, prisões, casernas. Ao extrapolarem a esfera militar, essas técnicas foram apropriadas pelas sociedades industriais, as quais ‘desenvolveram toda uma série de dispositivos destinados a moldar os corpos e as subjetividades de seus cidadãos’ (Sibilia,2002:31).

Recorda-se que, muito antes do advento das sociedades industriais, o paradigma da ciência cartesiana já havia levado à elaboração de inúmeras técnicas de correção baseadas na crença de um corpo modificável. Até o século XIX, mantinha-se, entre as mães, a prática de tentar ‘moldar’ o crânio dos bebês, assim como a postura das filhas jovens, por meio de aparelhos terríveis para manter o dorso rígido e aprimorar seus ‘dotes estéticos’ (Corbin, 1995:607), obviamente, na esperança de aumentar as possibilidades de um ‘*bom* matrimônio’.

Todavia, a partir de um certo momento, o termo ‘moldar’ deixou de ser o mais apropriado, pois o mecanismo do poder ultrapassou o mero aspecto da aparência exterior e penetrou nas entranhas da subjetividade a ponto de passar a constituir a própria dinâmica que motiva sua ação. Logo, as correções aplicadas aos corpos podem ser classificadas em duas etapas nitidamente distintas, baseando-se, respectivamente, em dois modelos teóricos da física específicos: até a primeira metade do século XIX, o da *mecânica*, e daí em diante, o da *termodinâmica*. O último modelo, ao passar a compreender o corpo não mais somente como um *sistema de forças*, e sim como um *motor*, leva à idéia de que ‘o importante não é mais moldá-lo, mas *aestrá-lo*’ (Corbin,1995:609).

A subseqüente renovação da ortopedia comprova essa mudança, de maneira que os aparelhos rígidos, com a finalidade de remodelar o corpo, tendem a ser substituídos por máquinas que canalizam o exercício e facilitam o treinamento, originadas lado-a-lado com ‘uma ginástica educativa ou corretiva baseada numa gama de movimentos fragmentados’

(Corbin,1995:608). Com o objetivo de conferir ao corpo sua *máxima potência*, a indicação desses exercícios extrapolou a esfera militar. Afinados com a pedagogia da época, eles tornaram-se presentes em todas as ordens coletivas, condenando as atitudes indolentes, que não combinavam com as necessidades da fábrica e da escola. Por meio dessa ginástica, era preconizada a retidão da postura⁸⁶, o que se traduziria nas frases imperativas: ‘Endireite-se!’; ‘Barriga pra dentro!’ (ibidem:608). A disseminação dessas práticas evidencia que o tempo livre passou a ser também objeto de uma disciplina imposta⁸⁷. Da metade do século XIX em diante, com a urbanização e industrialização crescentes, os modos de vida exibem a transformação das formas de *controle do corpo*, concomitante à secularização progressiva das práticas religiosas.

Adiante, serão abordadas, segundo a perspectiva de Weber, algumas das características marcantes do capitalismo, mas já se pode introduzir aqui seu conceito de racionalidade, que se refere à forma pela qual a vida se adequa a modos de produção que exigem quantidades crescentes de disciplina. Este modo de vida racionalizado, que ele chamou de ‘mundo desencantado’, caracteriza-se por ser um momento de realização de procedimentos impessoais, o que se expande para diversas esferas da vida social. Sendo assim, ele identificou que, nesse sistema, a superioridade da racionalização sobre qualquer outra forma de organização seria a exata expressão da determinação das leis econômicas e seus corolários. A análise que Adorno e Horkheimer fazem da idéia de ‘dialética do progresso’, por sua vez, aponta para uma passagem de uma cultura centrada na idéia de formação para outra centrada na obediência a procedimentos normativos gerais, de maneira que:

⁸⁶ Essa retidão da postura, para o homem, tratava-se de ‘apertar a cintura, estufar o peito, suprimir o ventre’(Corbin,1995-608).

⁸⁷ Existe neste tema uma ‘circularidade’ a qual se se busca captar de diversos ângulos. Ressalta-se que a ‘microfísica do poder’ *foucaultiana* pode ser identificada como *um*, mas não o *único* elemento constitutivo da prática de *certos* exercícios físicos. A presença do prazer, entretanto, no que diz respeito à escolha por uma atividade, não pode ser desprezada, de modo que não se pode reduzir sua prática a uma fórmula simplista de inscrição inevitável do poder sobre os corpos, pois ela se presta à análise *de um certo tipo de atitude* frente aos mesmos. No próximo capítulo, será citada também a emergência de uma outra atitude, do florescimento dos corpos e das atividades prazerosas, da dança de Isadora Duncan, dentre outros exemplos.

‘o modelo desta se encontra na disciplina militar, e a sua transformação em senso comum das sociedades ocidentais contemporâneas teria ocorrido, segundo Weber, com a ‘transição do exército profissional para o exército popular’. Esta modalidade de formação sociabilizadora é incubada nos treinamentos como um condicionamento a ser seguido pelos indivíduos atomizados. É a cera que os companheiros de Ulisses colocaram nos ouvidos para não serem seduzidos pelo canto das sereias. (...) A disciplina seria a internalização, como determinação do universal no particular, do mecanismo inexorável de funcionamento e manutenção da ordem. (...) O mecanismo de integração que se encerra na socialização como domínio calculado para a servidão que, voluntária, se entrega aos fins de valorização do capital. A nau de Ulisses deve seguir seu caminho’ (Menegat,2003:45-7).

E é com base na disciplina militar que, na virada para o século XX, as práticas de atividade física passaram a ser disseminadas, juntamente aos conhecimentos relativos à saúde e à modificação ocorrida nos padrões estéticos vigentes. Permeados pela idéia de condenar a indolência e a preguiça, apresentam pontos de contato com os princípios ascéticos que inauguraram o capitalismo, além de serem precursores do atual conceito de ‘malhação’, conforme se discorrerá nos próximos capítulos.

Pode-se compreender que essas práticas estão inseridas numa determinada configuração histórica, geográfica, sócio-cultural, à qual seus objetivos estão relacionados. Como já se afirmou, a atividade física praticada atualmente num centro urbano possui um significado que lhe é peculiar. Apesar das justificativas científicas dos médicos, fisioterapeutas e professores de educação física, seus saberes não podem ser destacados do contexto em que foram, por eles mesmos, produzidos. É interessante, portanto, indagar a que servem os objetivos de suas prescrições. A que *padrões de beleza*, a que concepção de *saúde*. O que se espera dos indivíduos, que tipo de sensibilidade convém estimular, quais os critérios norteiam o fato de que seus corpos se tornem aceitáveis e adequados, ou inúteis e execráveis, à determinada forma societária em que vivem.

A ciência moderna, nascida sob a égide da razão, pregando a ruptura com a religião e as tradições irracionais, se proclamando a porta-voz da verdade, dificilmente consegue olhar para si mesma como uma nova forma de ideologia. Um exemplo que ilustra isso é que, no

século XVIII, os temores das fendas e interstícios que levaram ao tampamento, fechamento, por rebôcos e tintas, de todas as superfícies, refletiam a grande preocupação sanitária com a separação de domínios. Simultaneamente, os novos medos urbanos levavam à separação dos miseráveis, mendigos, doentes e loucos em seus ‘lugares corretos’. Todos esses movimentos, gestos, providências, não eram aleatórios, mas, ao contrário, continham uma lógica cultural e política muito específica, surgida muito antes da descoberta *pasteuriana* dos microorganismos. Após Pasteur, esta lógica teria apenas se redobrado, aplicando-se particularmente aos corpos portadores de ‘micróbios’ e, é claro, esses seriam, por excelência, os pobres: ‘Doravante, evocar a limpeza será fundamentalmente opor-se às negligências populares, aos fedores orgânicos, às promiscuidades descontroladas’ (Rodrigues,1983:118).

Sem querer negar a validade das mesmas, é importante perceber o quanto essas descobertas servem de suporte para medos muito mais íntimos e de difícil expressão, oriundos de uma nova relação, de separação, com o mundo natural, de que se tratou na referência ao medievo. Essa relação levou Arendt a afirmar que, nos tempos modernos, a ciência rompeu com o estatuto de um conhecimento da natureza, introduzindo uma mediação que era pouco cultivada neste campo pelos antigos, que é o interesse particular que se manifesta pelo exclusivamente pelo *domínio*. Se o mito realizava uma apropriação sensível do objeto, através da mimesis, a ciência, através do método, o reduz a uma objetualidade abstrata.

‘Em ambos, o que importa é a astúcia de, ao identificar determinada coisa, assimilar-se a ela de tal forma que a possa conduzir ao seu campo de domínio. A assimilação identificatória da ciência procede pela separação do sensível, reduzindo-o ao que Quine chamou de manipulação, através da submissão às repetições cíclicas dos fenômenos, compreendidas sob o estatuto de lei. Nesse esquema, a natureza vai sendo reduzida àquilo que a superstição pretende através do ritual, isto é, a um objeto sempre conhecido e manipulável’ (Menegat,2003:34).

Adorno e Horkheimer seguiram essas indicações e estenderam a manifestação do mito para a forma atual do trabalho, que na sua conformação em cadeias produtivas torna a natureza um objeto distante e amorfo. O trabalho se insere, assim, neste conjunto de práticas que

determinam a experiência possível do mundo burguês. A centralidade do trabalho, como incremento produtivo por excelência, e da ciência, como terreno privilegiado de desenvolvimento das forças produtivas, tornaram-se verdadeiras religiões (Menegat,2003:35). Menegat sintetiza essa nova maneira de ‘estar no mundo’ afirmando que ‘o que importa para um tal sistema de socialização é que estes valores representem a prova da capacidade de domínio da natureza e, por conseguinte, de progresso’(Menegat,2003:41)⁸⁸.

Os valores dessa nova relação que se estabeleceu com o trabalho estão presentes na maneira como são praticados os exercícios físicos – também um tipo de trabalho, articular, de fortalecimento e alongamento muscular, condicionamento cárdio-vascular etc. Sua instauração e ampla difusão podem ser compreendidas assim por meio do pressuposto de que há traços de personalidade e configurações de sensibilidade que se prestam melhor a determinadas formas societárias. Nesse sentido, a figura do ascético, que vê no trabalho um chamado divino para a salvação, oferece uma síntese útil à análise desses processos. Por outro lado, recordando o citado medo dos microrganismos, do contágio, dos *diferentes* em geral, embora o ascético não possua nenhum parentesco etimológico com o termo, de sonoridade parecida, ‘asséptico’ – que quer dizer ‘anti-séptico’, limpo, livre de infecção - o próximo capítulo discorrerá sobre o fato de que ambos compartilham de uma inédita busca de purificação, de separação entre o trabalho e a preguiça, o sadio e o doente, o limpo e o sujo, o joio do trigo, distinções essas que a modernidade não cessou de estabelecer, e que também permeiam os objetivos da concepção de atividade física presente na ‘malhação’.

⁸⁸ O tema vastíssimo do trabalho na sociedade burguesa, é limitado aqui a uma breve citação, no que concerne às suas características em comum com a atividade física. Acerca dele, Menegat afirma ainda que, na lógica desta dinâmica social, a marca da sua racionalidade não é o valor de uso, mas sim o valor de troca. Nela, utilidade e verdade se metamorfoseiam em validade, e ‘não importa que o mundo do trabalho seja movido por pessoas que não irão consumir esses valores, ou então, que estes valores sejam a própria destruição dos seus produtores (mãos que fabricam bombas) e da natureza (Menegat,2003:41).

1.4. O Ascético

*'eu acordo pra trabalhar, durmo pra trabalhar, corro pra trabalhar'*⁸⁹

'ascese, do grego áskesis, quer dizer exercício (o que acabou assumindo a idéia de exercício espiritual – observação da autora); exercício prático que leva à efetiva realização da virtude.

vocação : ato de chamar; escolha, predestinação; tendência, pendor; talento, aptidão.

virtude: disposição firme e constante para a prática do bem; boa qualidade moral, força, valor; castidade, pureza; modo austero de vida.

preguiça: aversão ao trabalho; indolência; moleza.' (Ferreira, 1999)

Um dos marcos relevantes da obra de Weber foi ter estabelecido uma relação entre o surgimento do capitalismo e a religião protestante. Ao levantar a questão, Weber buscou os fatores culturais que fizeram com que, entre os séculos XVII e XVIII, esse sistema tivesse início especificamente no noroeste da Europa e nordeste dos Estados Unidos. Segundo ele, isso foi favorecido pelos valores dos primeiros capitalistas, que consideravam o *trabalho* um sinal de eleição divina.

⁸⁹ Trecho da canção 'Capitão de Indústria', de Marcos e Paulo Sergio Valle. Parte deste e do próximo capítulos foram publicados no artigo 'Culto ao Corpo na Contemporaneidade: prazer ou dever' in Katz, Kupermann e Mosé (org), 2004.

A imagem do sujeito empreendedor, herói da modernidade, e seu agudo impulso para a destruição criativa, sob o ponto de vista de suas motivações ideológicas e religiosas, auxilia o delineamento desse perfil. Isso porque, segundo Weber, a religião protestante havia assumido um papel decisivo como referencial na constituição da identidade dos indivíduos, representando um elemento propulsor da gestação das condições culturais e ideológicas que possibilitaram o desenvolvimento do sistema capitalista (Severiano,2001: 62).

De fato, a idéia de *vocação*, produto da Reforma, trouxe uma qualificação moral para a atividade terrena: por meio dela, a crença de que a produção incessante e o êxito nos negócios, dissociados do consumo e do gozo das riquezas geradas, fez com que o trabalho se tornasse um sinal de graça divina. Weber considerou, portanto, a dimensão simbólica e o fator motivacional contidos no elemento de ‘distinção’⁹⁰ dos eleitos (ibidem: 62-64).

Ao contrário do catolicismo, que se identificava com uma atitude mais passiva de aceitação do mundo recebido por Deus, no protestantismo, o homem seria o responsável por sua salvação, assim como também passou a ser dotado de uma capacidade de modificar a natureza. Isso ocorreria por meio do trabalho secular, que confundia-se com a própria idéia de *ascese*, ou seja, de exercício espiritual e prático na busca da virtude, a grande arma contra a *perda de tempo* e a ociosidade. Diferentemente da tradição cristã medieval, que chegava a glorificar a mendicância, ao mesmo tempo em que a nobreza se orgulhava do próprio ócio, os princípios da Reforma condenavam a preguiça e o lazer. Weber chegou a fazer uma comparação, afirmando que ‘a sociedade monárquico-feudal defendia os que queriam divertir-se contra a moral da burguesia ascendente (...) da mesma forma que a sociedade capitalista tende a proteger os que querem trabalhar contra a moralidade de classe do proletariado e do anti-autoritário sindicato’ (Weber,2001:119-20).

E é justamente por isso que eram tidas como desagradáveis a Deus as noções de ‘conversa fiada, futilidades e vã ostentação, (...) manifestações de um comportamento

⁹⁰ O tema da distinção será aprofundado adiante.

irracional e sem objetivo’ (idem: 121). Apontando para o sentido oposto, é interessante recordar ‘O Direito à Preguiça’, iconoclasta manifesto de Paul Lafargue (1842-1911), que foi nada menos que o marido de Laura, filha de Karl Marx. O autor buscou, nessa obra, desmistificar o culto ao trabalho enquanto uma ideologia consolidada pelo sistema capitalista. Na sua visão, ‘o direito ao trabalho’, palavras de ordem em voga que orientavam os movimentos dos trabalhadores - à sua época e até hoje – deveria ser substituído pelo direito ao *ócio*. A fim de se emancipar material e espiritualmente, a humanidade deveria usufruir seu tempo livre, dedicar-se às artes e ao lazer, o que poderia ser proporcionado pelos avanços da tecnologia. Entretanto, ele lamentou:

‘Para que a concorrência entre o homem e a máquina tomasse livre curso, os proletários aboliram as sábias leis que limitavam o trabalho dos artesãos das antigas corporações e suprimiram os feriados. Porque os produtores dessa época trabalhavam apenas cinco dias da semana, julgavam eles então, como diziam os economistas mentirosos, que viviam só de sombra e água fresca! Ora, vamos! Eles tinham tempo livre para gozar as alegrias da terra, para fazer amor, para se divertir, para se banquetear em honra do alegre deus do *Fazer Nada*. (Lafargue, 2003:47)’.

Sob motivações semelhantes, Bertrand Russel também defendeu que as máquinas do mundo moderno deveriam servir ao ócio, propondo uma jornada de quatro horas para que todos pudessem ter acesso ao estudo e à diversão (Russel,2002). Entretanto, infelizmente, talvez, o que se tornou o lema da sociedade capitalista foi o ‘lembra-te que tempo é dinheiro’ (Weber,2000:29): o conteúdo dessa máxima de Benjamin Franklin sintetiza o ideal de uma vida permanentemente ocupada, onde a preguiça e a diversão eram consideradas uma pecaminosa perda de tempo. E ela parece ter sido realmente seguida à risca, à medida que ‘o puritano queria tornar-se um profissional’⁹¹.

Segundo Weber, isso acabou contribuindo de modo decisivo para sua vida cotidiana, a moralidade secular e também para ‘a formação da moderna ordem econômica e técnica ligada à produção em série através da máquina, que atualmente determina de maneira violenta o

⁹¹ em alemão, *berufsmensch*: profissional, atarefado.

estilo de vida de todo indivíduo nascido sob esse sistema' (ibidem:130-1). Assim, a necessidade de ocupar o tempo acabou por impregnar e impor suas qualidades até mesmo no tempo livre, de modo que, dentro do sistema capitalista, o lazer, principalmente no que diz respeito à racionalidade e à contagem do tempo pelo relógio, acaba por se basear, cada vez mais, na mesma lógica que a do trabalho. Como o sentido de ócio acabou sendo associado ao de pecado, e o trabalho transformou-se numa espécie de purificação espiritual, torna-se possível aproximar duas palavras de sonoridade parecida e origens etimológicas diferentes, o ascético e o asséptico (ou 'anti-séptico')⁹². Ao buscar a virtude, por meio do trabalho, ou exercício, o ascético se livraria da sujeira, ou da 'infecção', no plano espiritual, agora intimamente ligado à produção e as conquistas de ordem material. Pode-se supor então que a ascese represente um tipo de assepsia, em que se purifica, num nível moral, da preguiça e do ócio. Está envolvida então novamente a atitude de distinção, de separar o limpo e o sujo, o joio do trigo.

Enfim, Weber enfatizou a força mobilizadora e transformadora que um *ethos* particular pode assumir sobre a motivação psicológica e a constituição da subjetividade dos indivíduos numa determinada época. Desse modo, num momento inicial do capitalismo, foi favorecido um tipo de personalidade livre, individualista, prudente e sóbria (Severiano,2001:63). Ela apresenta total consonância com ideal de sujeito empreendedor, trabalhador, ao qual se refere como o protagonista da modernidade⁹³. Nos termos de Boltanski e Chiapello (1999), ele corresponderia mais especificamente ao 'primeiro espírito' do capitalismo, quando era um sistema ainda predominantemente doméstico, e cuja figura principal é a do burguês empreendedor, ou o 'capitão de indústria', cuja personalidade apresenta fortes traços de ascetismo⁹⁴. Corajoso e suficientemente poderoso para intervir sobre o mundo que lhe foi

⁹²A primeira é relativa aos ascetas, pessoas que se consagram à ascese, que pratica uma certa arte ou ofício, devotos, místicos, contemplativos. A segunda refere-se à assepsia: ausência de germes patogênicos, de impurezas, visto que *sepsis* quer dizer, em grego, putrefação, e aponta para a presença, no sangue ou órgãos do corpo, de microorganismos patogênicos e de suas toxinas (Ferreira, 1999).

⁹³ Rever capítulo 1.1.

⁹⁴ A classificação de Boltanski e Chiapello será retomada em .2.1. Apesar de se fazerem presentes nítidas mudanças daquela época para os dias de hoje, descritas ao longo desta tese, há que se reconhecer que o espírito de empreendedorismo da primeira fase, com devidas sofisticções, mantém-se presente até a atualidade.

dado, ele assume uma atitude de domínio sobre a natureza, tendo tecnociência o instrumento para exercê-lo.

No próximo capítulo, retomando a perspectiva do corpo, após um breve histórico da disseminação das práticas de atividade física, serão apontados alguns elementos em comum entre os fundamentos das mesmas e os ideais do nascente capitalismo. Embora não seja difícil identificar, nos apressados praticantes das academias de ginástica, a presença de alguns elementos tais como a exaltação ao trabalho (em especial, o muscular), surge no ar uma dúvida: como um sistema nascido sob a égide do protestantismo⁹⁵, da austeridade, do controle dos gastos e da acumulação, que via com desconfiança a diversão, pode ter originado a atual ‘cultura do narcisismo’, em que a busca frenética do lazer, do consumo e do corpo perfeito depositam no antes ‘pecaminoso’ tempo ‘livre’ uma importância crucial, obsessiva, quase que religiosa?

1.5. A Malhação

*‘Tem que correr, tem que malhar’*⁹⁶

‘malhação: ginástica vigorosa visando a musculação ou o emagrecimento’ (Ferreira, 2001)

Nos primórdios do capitalismo, a busca da conduta ascética era identificada com uma luta contra as tentações da carne, do luxo e dos bens materiais, de modo que parecia, enfim, se afinar com uma espécie de desprezo pelo corpo. Entretanto, com o desenrolar da história, a condenação do enriquecimento foi paulatinamente sendo substituída por uma atitude que não execrava a riqueza *em si*, mas sim seu uso irracional. Assim, o homem de posses passou a ser admirado, desde que utilizasse sua riqueza para fins *necessários*. De maneira análoga, inicialmente, a religião protestante opunha-se ao espontâneo usufruto de riquezas e ao consumo desenfreado, assim como a prática de teatro, artes e esportes, de um modo geral.

⁹⁵ Na verdade, é uma simplificação utilizar o termo protestantismo, visto que cada uma das religiões que formam seu conjunto possui peculiaridades. Podem ser citadas, como suas principais vertentes, o anglicanismo, o puritanismo, o calvinismo, dentre outras, referidas em ‘A ética protestante e o espírito do capitalismo’, Weber (2000).

⁹⁶ ‘Estrelar’, canção de Marcos e Paulo Sérgio Valle.

Weber relatou como o protestantismo concebia as artes, o esporte e, conseqüentemente, como se relacionava com o corpo:

‘Mas (o esporte) era-lhe suspeito como meio de expressão espontânea de impulsos indisciplinados, e, enquanto servisse apenas como diversão ou para despertar o orgulho, os instintos, ou o prazer irracional do jogo, era evidentemente estritamente condenado’. (...) ‘o teatro era reprovado pelos puritanos, ao mesmo tempo em que o erótico e do corpóreo eram excluídos, demonstrando um repúdio de toda idolatria da carne. Isso impossibilitava uma concepção tanto da literatura como da arte, na preferência da sóbria *utilidade* a quaisquer *tendências artísticas*’ (Weber,2000:120).

A sutileza da questão, buscando as raízes das práticas de atividade física, reside no fato de que o esporte seria admitido, sim, mas somente a partir do momento em que servisse a fins *racionais*, como o ‘restabelecimento da eficiência do corpo’ (ibidem:21), ou seja, desde que fosse *útil*. Portanto, embora num primeiro momento tenham sido impostos limites ao lucro e ao consumo, a ânsia por ambos foi dignificada, à medida que se libertava ‘psicologicamente a aquisição de bens das inibições da ética tradicional’ (ibidem:122). De maneira análoga, após um período de excessiva austeridade, a preocupação com o corpo foi paulatinamente permitida, e até estimulada, de modo que acabou assumindo os atuais contornos de uma atitude obsessiva, desenfreada, que desembocou nos atuais contornos do narcisismo.

Trazendo a temática do corpo para o contexto da contemporaneidade, dentre os mais conhecidos métodos de intervenção sobre o corpo – as cirurgias estéticas, protetizações, dietas, uso de anabolizantes, *piercing*, tatuagem etc. – elegeram-se, como um foco inicial para apontar esta pesquisa, a prática de malhação. A idéia desenvolvida aqui é a de que os princípios ascéticos fundadores do capitalismo, mantiveram-se presentes no conceito de ‘malhação’, termo bastante amplo, que abrange treinamentos muito diferentes, tais como o fisiculturismo e a musculação tradicional, mas sempre fortemente associado à idéia de trabalho.

Antes de se expor os pontos em comum entre a malhação e a referida conduta ascética, será lançado um olhar sobre as origens das modernas práticas de atividade física. Apresenta-se um histórico desde seu surgimento até sua recente proliferação, no Ocidente e no Brasil⁹⁷. Para tal, recorda-se, conforme relatado, que por volta do final do século XIX o exercício extrapolou o domínio das atividades puramente militares. A partir de então, uma ginástica que visava conferir ao corpo sua máxima potência foi penetrando aos poucos em todas as ordens coletivas. Professores e pais, nos domínios da escola e da família, seguindo um mesmo modelo vigente de pedagogia⁹⁸, empenhavam-se em combater a indolência e as posturas lânguidas que revelavam ociosidade. Segundo o relato de Vigarello, ‘na fábrica, como na escola, o tempo livre e a diversidade de posturas desaparecem aos poucos, sob influência de uma sábia normatização das disciplinas somáticas que enfatiza os benefícios das ‘fadigas reforçativas’’ (Corbin,1999:611).

Na França, a ginástica converteu-se em dever nacional, o que se traduz nos batalhões escolares e na multiplicação dos circuitos de pedestres. A partir de então, produz-se uma confluência entre a ginástica e as atividades lúdicas, de origem aristocrática, à maneira dos *games* ingleses, delineando o que veio a ser chamado de ‘esporte’. O esporte baseava-se na perseguição do resultado e exaltava a figura do campeão. Atuando sobre o comportamento, sua prática favorecia e atestava o *self-government* do indivíduo (ibidem:611). Essas características apontam para o perfil empreendedor – e vencedor! - dos primórdios do capitalismo, sintetizado na figura do ‘ascético’, descrita no capítulo anterior.

É importante recordar também que, o cuidado com o corpo sob a ótica militar, embora consista num dos enfoques desta tese, não é a única tendência existente, nem naqueles tempos,

⁹⁷ A ênfase deste histórico recai sobre a caminhada em espaços livres e a ginástica de academia, objetos da pesquisa de campo desta tese.

⁹⁸ ‘A imagem e o uso do corpo, estreitamente subordinados às necessidades sócio-econômicas, dependentes da relação de domínio, organizam a pedagogia’ (Corbin, 1999: 611).

nem nos dias de hoje. Paralelamente, a virada dos séculos XIX para o XX dedicara atenção ao florescimento do corpo dentro de uma outra perspectiva. Uma ‘medicina natural’ passou a preconizar os passeios pelo campo, pela montanha, de bicicleta. Aos poucos, essas práticas vão avançando além da esfera de prescrição médica e passam a visar não somente corrigir, exercitar ou curar, mas simplesmente usufruir o bem-estar da liberdade do corpo.

Isadora Duncan, ao ter dançado ‘como bem quisesse’, como cantou Rita Lee⁹⁹, revolucionou as concepções de corpo e movimento no início do século XX, simbolizando a busca de ‘uma gama de gestos e posturas que permitia experimentar melhor um corpo que deixava de ser percebido como exterior à pessoa’(Corbin,1999:611). Corbin relaciona a procura do bem-estar corporal às novas demandas psicológicas e à erotização do casal. A cenestesia ¹⁰⁰ deixa de ser dominada somente pela escuta das disfunções e passa a prestar atenção também no bem-estar e no prazer.

Ao longo do século passado, a preocupação com o corpo cresceu tanto nos domínios do asseio, quanto da dietética e da cultura física. O interesse e a descoberta crescentes do corpo ao final do século fundamentam-se no ‘desejo de *um tempo para si*, que acabou assumindo, pouco a pouco, a figura de um tempo para o corpo’ (Travaillot,1998:10).

Em 1940, a ginástica já passa a fazer parte da temática das revistas femininas. No entanto, o grande estímulo para que todos começassem a praticá-la adveio do momento em que os corpos passaram a ser *mostrados*. Em ‘Sociologie des pratiques d’entretien du corps’, Travaillot relacionou a evolução do cuidado com o corpo nos moldes atuais, no contexto de importantes transformações ocorridas no seio da sociedade francesa a partir da década de 1960, as quais podem ser estendidas, *grosso modo*, ao Ocidente como um todo. Dentre elas, ressalta-se o maior acesso às férias, levando a um verdadeiro movimento de massa, em especial durante o verão, de viagens para as praias e explosão do *camping*, o que difunde o uso dos trajes de banho.

⁹⁹ Referência a ‘Dançar para não dançar’, canção do disco ‘Fruto Proibido’, de 1975, de Rita Lee e Mutantes: (trecho da letra) ‘*Dance, dance, dance / faça como Isadora / que ficou na História / por dançar como bem quisesse*’.

¹⁰⁰ Sentimento difuso resultante de um conjunto de sensações internas ou orgânicas e caracterizado essencialmente por bem-estar ou mal-estar (Ferreira, 1999).

O autor relata que a elevação do nível de vida desencadeou um aumento do consumo, guiado, por sua vez, pelo desejo de elevar a qualidade de vida e adquirir os signos da modernidade. Com todas essas reviravoltas sociais, os modos de vida são profundamente modificados e novos estilos se desenvolvem. O tempo livre aumenta com a diminuição da carga horária de trabalho e o prolongamento das férias, reforçando o que os sociólogos apontaram como o surgimento de uma ‘civilização do lazer’ (Travaillot,1998:17).

Por meio das fotos sugestivas anunciando produtos nas revistas, com o reforço do cinema e da televisão, a aparência corporal se uniformiza à medida que se multiplicam as ocasiões de mostrar o corpo. O modelo jovem, e magro, influencia os novos cânones da beleza. À forte demanda de saúde, ao longo desse período, soma-se a preocupação, em segmentos cada vez maiores da população, com a conformidade aos códigos estéticos vigentes. Revistas femininas e a publicidade em geral, que penetra na televisão a partir de 1969, consagram ao corpo um espaço cada vez maior. Esses meios desenham um mesmo esboço da mulher, reconciliada com seu corpo em conformidade com o ideal de beleza que eles mesmos ajudaram a fabricar. O novo ideal, encarnado pelas estrelas de cinema e manequins, que passa a ser ‘bombardeado’ incessantemente pela mídia, tende a homogeneizar o comportamento das mulheres.

Desde o início dos anos 1970, dentre muitas outras, Twiggy¹⁰¹, a longilínea e grácil modelo com formas e magreza infantis e um perfil anoréxico, deu à magreza proporções jamais atingidas. O imperativo da magreza como norma corporal torna-se um tema freqüente nas revistas. Um cânone tende a se impor sobre as mulheres, baseado num imperativo central: emagrecer. Todas, mesmo as que não apresentam nenhum excesso de peso, desejam emagrecer, de modo que esse objetivo torna-se drástico, e o corpo magro vira uma espécie de fantasma altamente desejado¹⁰² (Travaillot,1998:58).

¹⁰¹ Twiggy: modelo inglesa, nascida em 1949, considerada uma importante precursora da moda do corpo magro, usava um corte de cabelo bem curto e fez grande sucesso entre as décadas de ‘1960-70. Seu apelido originou-se de seu perfil magérrimo, já que ‘twig’ quer dizer ‘galho’, ‘varinha’.

¹⁰² Prost relata uma pesquisa em que, na França, observou-se uma expressiva perda de peso médio da população (1992).

Na França, a aparência do corpo transforma-se numa preocupação crescente para os que aceitam modificar seu cotidiano a fim de dispensar tempo e dinheiro para se aproximar do novo modelo de sedução em vigor. Em 1967, Guy Debord denomina esse verdadeiro culto da aparência reinante pela expressão ‘sociedade do espetáculo’ (Travaillot,1998:24). Com base na teoria crítica, ele aborda, em livro homônimo (1997), a submissão do imaginário social ao império da mídia, definindo o espetáculo como ‘o momento em que a mercadoria ocupou totalmente a vida social e que a aparência fetichista de suas relações esconde seu caráter de relação entre homens e classes’ (Debord,1997:30).

Paralelamente, a juventude transforma-se num estilo e numa exigência para todos, de modo que homens e mulheres não mais se permitiriam envelhecer, lançando-se numa corrida desvairada contra o tempo. Todos passam a se identificar com os jovens, nas atitudes, nos comportamentos, no consumo, e, em especial, na aparência. Os cosméticos e alimentação são colocados a serviço desse modelo, o que fez com que aparecesse o mercado dos primeiros produtos dietéticos (Travaillot,1998:23). Descamps observa no fato da longevidade tornar-se associada à imagem de um corpo magro e esbelto, uma consequência do modelo da juventude ter se tornado triunfante, de modo que, como nunca, ‘o mito de Fausto passou a reinar em seu domínio’ (Descamps,1986:180). Edgar Morin descreveu assim o aparecimento de uma ‘cultura jovem’, segundo a qual a nova classe adolescente aparece como um microcosmo de toda a sociedade, contendo nela os valores da civilização em desenvolvimento: o consumo, o gozo, e trazendo também a essa civilização seu valor próprio: a juventude (Travaillot,1998:17).

Mais do que somente ligada à questão do corpo, Vandenberghe apontou na juventude um objeto de estudo privilegiado para se examinar a relevância das teorias de mudança social na modernidade tardia. Ele afirma que, assim como os processos de globalização, modernização reflexiva e individualização transformaram fundamentalmente os contornos das sociedades modernas, é esperado que as pessoas jovens encarnem fortes evidências dessas mudanças. Segundo ele, não somente em termos biológicos ou psicológicos, a juventude pode

ser definida como uma categoria social, relacionadas a instituições específicas, tais como a educação, o mercado de trabalho e a família (Vandenberghe, 1999:15).

Haug atribuiu a desvalorização a que passaram a ser submetidas as pessoas mais velhas, a partir da década de 1920, ao fato das mesmas terem encontrado dificuldade em acompanhar o surto de racionalização e inovação tecnológica. Ele considerou que passar dos trinta anos tornou-se uma maldição, relatando o que um homem de 32 anos, pai de dois filhos e desempregado, respondeu a uma pesquisa, àquela época: ‘O futuro me parece sem perspectivas e desesperador. O melhor seria morrer logo’ (Haug,1997:122-3).

O autor afirmou que uma experiência como essa, pela quais milhões de pessoas passaram, contribuiu para consolidar em toda a sociedade uma valorização elevada do jovem, cujo brilho, no capitalismo, alimenta-se dos pavores secretos da velhice, explicando essa dinâmica nos seguintes termos: ‘se as pessoas não podem lançar o olhar para um fim significativo, tira-se delas também o fim mais extremo, a morte. Sua vida, que para ser vida deveria ser confrontada com a morte, empaca e retorna aos seus primórdios, à juventude. Ela, que dá origem à vida, torna-se a sua realização pervertida, porque a realização autêntica é tolhida’ (ibidem:123).

O autor pensa atribui o fato da velhice e da morte se terem tornado terríveis ao motivo de que ter vivido e trabalhado jamais significará ter realizado uma obra que poderia ser vista ao final como o conteúdo que preenche as suas vidas. Diante da rejeição e do medo da velhice, ele identifica que o encanto juvenil encontra-se com frequência a serviço da estética da mercadoria, pois ele favorece a oferta de mercadorias que proporcionam a aparência juvenil (ibidem:124-5).

Na verdade, entende-se por mercadorias não somente produtos, mas toda uma gama de serviços e opções relacionadas aos modos de vida. Pois é justamente sob a égide dessa cultura jovem, na busca do rejuvenescimento e da longevidade, que, ao longo das décadas de 1960-70, as atividades físicas e desportivas passam por uma importante expansão. De um lado, são

ampliados o interesse e os espaços para a prática de esportes, de outro, dissemina-se a prática de exercícios que visam cuidar do corpo sob a ótica da saúde e da boa-forma, em especial entre as mulheres¹⁰³ (Travaillot,1998:29-30). Por volta de 1967, junto a um movimento denominado Esporte para Todos (EPT), surgiram, inicialmente na Noruega, campanhas promocionais com o objetivo de unir o esporte à publicidade e à mídia, a fim de expandir a prática de atividade física. A idéia era ‘transformar sedentários em praticantes’.

Essas campanhas difundiram-se internacionalmente, tendo chegado também ao Brasil, visando os aspectos sociais, culturais da prática de uma atividade física permanente, sem que essa exigisse consigo as pressões características do esporte competitivo (Pereira,1996:17-8). Na França, em especial, as práticas físicas regulares começam a se estabelecer por volta da década de 1970, no início, com o surgimento das academias de dança e de ginástica, e depois, com a difusão da prática de *jogging* nas áreas públicas de lazer (Prost,1992:100). O número de adeptos da prática de caminhada cresce consideravelmente nessa década, de modo que, ‘todas as manhãs, as calçadas das cidades tornam-se repletas de *joggers*’. A importância do *jogging* reside do fato de que ele rompe com os usos sociais atléticos anteriores - representando uma modalidade nova da prática ancestral de ‘andar a pé’ - e inverte o mundo atlético tradicional, por trazer consigo valores como o prazer, a não-competição, a abertura a todos, na busca de um estilo livre e de saúde (Travaillot,1998:51-2).

Segalen refere-se à nova ‘paixão’ coletiva pela caminhada como uma espécie de ritualização contemporânea, comparável à caça, à tauromaquia e ao futebol¹⁰⁴. Ela exemplifica que, relata que, em princípio, à época de seu surgimento, no final dos anos 1960, o ‘*jogging*’ era uma prática subversiva, que ‘livre dos estádios cinzentos e do espírito competitivo, lançada

¹⁰³ Inicialmente, na França, essa atenção ao corpo concernia somente aos grupos sociais privilegiados, em especial as mulheres, cujos hábitos alimentares vão se transformando. De lá pra cá, porém, é possível observar a expansão dessa preocupação também entre os homens, assim como ao longo de praticamente todas as camadas da sociedade.

¹⁰⁴ A autora aponta como uma dificuldade de se estudar os ritos contemporâneos o fato de que nela, eles são muito diferentes daqueles das sociedades tradicionais, e em geral, são dessacralizados. Mesmo assim, não deixam de apresentar, como nas primeiras, as características de plasticidade, polissemia e de acomodação às mudanças da sociedade (Segalen,1998:6).

pelos bosques e jardins das cidades, (...) incomodava pela sua própria existência' (Segalen, 1998:61).

Filha do sedentarismo dos empregos do setor terciário, e de um desenvolvimento urbano que parecia nocivo tanto ao corpo quanto ao espírito, a corrida a pé, como a caça, situa-se no cruzamento entre as práticas de esporte e de jogo (Segalen, 61:1998). Prost atesta nesses acontecimentos o fato de que o cuidado com o corpo mudou de estatuto. Como o prazer une-se à higiene, ele passa a ser não somente legítimo, como também necessário. 'Ser esportista se converte em dever, para quem quiser ficar em sintonia com seu tempo: já não é mais uma questão de gosto pessoal' (Prost, 1992:102).

Embora o termo careça de precisão, segundo o que se expôs anteriormente, pois esses praticantes não se tratam de esportistas propriamente ditos, o fato é que as roupas 'esportivas' passaram a ser usadas na rua ou no escritório. Enfim, a novidade do final do século XX é a generalização de atividades físicas que têm como fim o próprio corpo: sua aparência, seu bem-estar, sua realização. 'Sentir-se bem na própria pele' torna-se um ideal (Prost, 1992:102).

As aulas de ginástica, por sua vez, começaram a se organizar, fundamentadas, em princípio, no conteúdo da ginástica sueca, a qual consiste numa série de exercícios analíticos que visam trabalhar as diferentes partes do corpo, uma após a outra¹⁰⁵. O rádio e a televisão passam a transmitir, programação que persiste até hoje, aulas de ginástica, estimulando sua prática. A Ginástica Voluntária (G.V.) consistiu num movimento de grande respeitabilidade na França dos anos 1960, que se destinava a propor exercícios voltados para homens e mulheres, adultos, com o objetivo de conservar a saúde daqueles que não faziam algum tipo de esporte. Estabelece-se uma Educação Física com vocação sanitária, que tinha como objetivo melhorar a saúde de todos, sem a conotação competitiva do esporte (Travaillot, 1998:29-30).

¹⁰⁵ Esses exercícios analíticos possuem semelhanças com o que viria a originar a hoje chamada ginástica 'localizada'.

Pereira supõe que as primeiras academias, enquanto locais de referência de atividade física, tenham se originado nos grandes centros urbanos, onde o crescimento demográfico e a preocupação com segurança fizeram com que os parques públicos e as calçadas passassem a não se adequar às necessidades de todos os seus praticantes. O fundamento da ginástica de academia originou-se na *calistenia*, ginástica em que todos executavam o mesmo movimento, no mesmo ritmo, visando a beleza e o vigor físico. Quando passou a ocorrer dentro de um ambiente fechado, introduziu-se a música a fim de ritmar e motivar o movimento (Pereira,1996:17).

Travaillot relata que, na França, no início da década de 1960, foram inauguradas algumas academias que já funcionavam segundo uma lógica do mercado, apoiadas explicitamente na importação de valores da cultura dos Estados Unidos. Essas propuseram uma ginástica ‘revolucionária’, diferente da rigorosa ginástica sueca, em voga até então. O público principal desses centros constituía-se de executivos, e suas mulheres, mais próximos dos acontecimentos do outro lado do Atlântico¹⁰⁶ (Travaillot,1998:33).

Foi na década de 1980, porém, que os métodos de atividade aeróbica - inicialmente criados pelo Dr.Cooper para a Força Aérea Americana (o mesmo que deu origem à expressão ‘fazer *cooper*’, com o sentido de praticar caminhada ou corrida) e em seguida desenvolvidos por Sorensen, Fonda (Jane Fonda, a atriz que interpretara *Barbarella*) e Jacobson, nos Estados Unidos - foram levados para a Europa e também trazidos para o Brasil. Embora esses métodos apresentassem poucas inovações em termos de técnica de movimento, eles trouxeram uma preocupação com aspectos fisiológicos, biomecânicos e didáticos que até então não haviam sido explorados pela ginástica tradicional. A utilização de música, por sua vez, criava um clima alegre e descontraído.

¹⁰⁶ ‘L’*Express*’, jornal francês voltado predominantemente para executivos, relatou o surgimento desses centros, em 1961 e em 1965, um artigo do mesmo referia-se a uma academia onde ‘você se sente em plena América’ (Travaillot,1998:33).

As primeiras academias do Brasil surgiram na década de 1970 e eram inicialmente pequenos protótipos dos clubes desportivos. Geralmente o professor era o proprietário, sendo assim instaladas em casas ou sobrelojas, contando somente com uma sala. Possuíam poucos alunos, que recebiam um atendimento personalizado.

A partir de 1982, os programas de exercício aeróbico despertaram a atenção dos professores de Educação Física e, em função do aumento da preocupação com o corpo, os empresários enxergaram aí um filão altamente lucrativo. Inicia-se a época das grandes academias, as quais se preocupam em oferecer um espaço físico amplo e as últimas novidades em termos de atividade física. Essas receberam um forte impulso da indústria do *fitness*, que veio a encontrar nas academias um excelente ponto de venda para seus produtos: roupas, tênis, produtos, artigos e suplementos alimentares, aparelhos, CDs, vídeos etc.

Desde então, embora a proliferação da ginástica aeróbica tenha sido uma das maiores responsáveis pelo afluxo de pessoas para as academias, hoje, elas oferecem aos alunos os mais variados programas, tais como a musculação, além de aulas de *step*¹⁰⁷, de ginástica localizada, de alongamento, dentre inúmeras outras. As academias acabaram se tornando, assim, grandes empresas, o que envolve um alto nível de planejamento administrativo assim como de grande investimento, não somente na sua criação, como também em *marketing*¹⁰⁸.

Foi assim que, a partir dos anos 1980, o uso do termo '*malhação*', utilizado como um tipo de ginástica com finalidade de modelar o corpo, passou a ser amplamente difundido no Brasil. Naquela década, novelas, diversas canções da música popular brasileira, modismos alimentares, de vestuário, e até mesmo um programa de televisão para jovens e adolescentes

¹⁰⁷ *Step*: um tipo de ginástica oferecido pelas academias baseado no treinamento aeróbico e troca ritmada de passos sobre uma espécie de banquinho de plástico.

¹⁰⁸ Essa mudança, no entanto, não se estende a *todas* as academias. Adiante, na pesquisa de campo, a descrição de duas academias, uma de elite e uma de periferia, comprova que esses padrões antigos e novos coexistem na atualidade. As duas, em função de diferentes localizações e segmentos sócio-econômicos de seus públicos, correspondem, assim, a dois momentos da história das academias do Brasil.

que recebe esse título e vai ao ar até hoje, atestaram para essa mudança de costumes conseqüente à explosão da onda de cuidados com o corpo e a saúde.

Sob o aspecto da forma sob a qual os exercícios passariam a se realizar, constata-se que, assim como se configuraram as referidas aulas de ginástica e práticas corporais diversas, em grupo, os aparelhos de musculação também se tornaram peças indispensáveis das academias. O treinamento nesses equipamentos, cuja origem remonta ao halterofilismo, evoluiu para o uso de máquinas fixadas às paredes, que davam maior segurança no manejo de tão grandes pesos (Descamps,1986:148), até os aparelhos atuais, com *design* mais elegante, ergonômico e com base de funcionamento digital.

No quadro histórico que se expôs, foi enfocada a difusão de práticas de exercício físico para a população em geral. Todavia, concomitantemente, surgiram também adeptos de métodos mais vigorosos, tais como o fisiculturismo¹⁰⁹ e o *body building*. Embora eles possuam objetivos próprios, seu treinamento apresenta pontos em comum com o da musculação convencional, em especial quanto à *qualidade*, à maneira como são executados os movimentos. De fato, a musculação lida, a partir de uma reformulação sofisticada dos equipamentos, com princípios muito semelhantes aos da mecanoterapia¹¹⁰, área da fisioterapia que utiliza máquinas para atingir objetivos da reabilitação de recuperar ou aumentar a função de grupos musculares trabalhados separadamente. Pela utilização desses aparelhos, grupos musculares específicos contraem-se visando o movimento ‘em si’, ou seja, a finalidade é a própria flexão, ou extensão, e assim por diante, aquele movimento servindo a um objetivo do corpo - tal como elevar um copo com água, chutar uma bola, caminhar, nadar ou dançar. Sob certo ponto de vista, podem ser considerados uma espécie de *simulação* daqueles atos¹¹¹. Por

¹⁰⁹ Descamps o considera o fisiculturismo a transformação corporal mais importante dos países civilizados. Travillot identifica suas origens na segunda metade da década de 1960, quando aumentou o número de adeptos. ‘os corpos musculosos à americana, caracterizados por uma importante hipertrofia muscular (...) deixam de ser rejeitados (Travillot, 1998:57).

¹¹⁰ Mecanoterapia: emprego de aparelho mecânico no tratamento de doenças, ou como auxiliar de exercícios terapêuticos (Ferreira,1999:1304).

¹¹¹ Convém recordar a afirmação de Rudolf Laban (1879-1958), bailarino, coreógrafo e brilhante estudioso do movimento e do corpo humano: ‘O homem se movimenta a fim de satisfazer uma necessidade. Com seu movimento, tem por objetivo atingir algo que lhe é valioso’ (Peres,2000:9). Neste sentido, é difícil compreender a

meio de sua análise, é possível identificar uma concepção de corpo situada num determinado paradigma da ciência. Segundo objetivos que geralmente variam entre ganhar massa muscular ou perder tecido adiposo, os programas prescritos alternam diferentes combinações de quantidade de carga e de repetições.

Desse modo, o treinamento dos *body builders* pode ser compreendido como uma variação, intensificada, da musculação, ou vice-versa, essa pode ser uma versão mais leve daquele treinamento, adaptada a pessoas que querem apenas melhorar a forma física, e não competir em torneios. Existe uma diferença em termos *quantitativos*, mas os dois casos consistem em seqüências, que variam quanto ao número de repetições e quantidade de carga, nos mesmos aparelhos de musculação, em academias em que convivem praticantes de ambas as modalidades.

Sendo assim, a imprescindibilidade desses aparelhos nas academias evidencia uma relação pragmática com o corpo, em que a espontaneidade é abolida, à medida que eles permitem somente movimentos ‘localizados’, fragmentados e repetitivos. Observam-se semelhanças formais entre eles e as tarefas especializadas, alienadas em relação à totalidade, mecânicas e fragmentadas dos indivíduos urbanos na sociedade capitalista. Aliás, Weber já havia observado a poderosa tendência para a ‘uniformidade da vida’ que, já no seu tempo, tão fortemente contribuía ‘para a padronização capitalista da produção’ (Weber, 2000: 121).

E foi justamente num estudo acerca de práticas corporais como o *body-building*¹¹² que Courtine identificou a presença de preocupações religiosas puritanas (Courtine, 1999:81-114). Embora Descamps considere o fisiculturismo o inverso das técnicas sociais de emagrecimento

‘necessidade’ de ‘puxar ferro’, gíria das academias que significa levantar os pesos nas máquinas de musculação, mas ao mesmo tempo, a boa-forma não deixa de ser extremamente valiosa na sociedade contemporânea.

¹¹² A atividade conhecida nos EUA como *body-building* excede o que se entende por fisiculturismo (na França, o termo utilizado é simplesmente *culturisme*). A idéia de cultura física e de um desenvolvimento harmonioso do corpo do último não corresponde à hipérbole muscular sem precedente que se apoderou do primeiro. O *body-building* leva ao extremo a idéia de que convém construir suas formas corporais, que faz do *body-builder* o artesão, o escultor de seu próprio corpo. (Courtine, 1999:106)

– pois, se as últimas referem um desejo de diminuir a silhueta, no primeiro, busca-se aumentá-la - além deles compartilharem uma obsessiva preocupação com a aparência (e com o espelho), ambos apontam para o afrouxamento de muitas das antigas proibições, para a presença de certas preocupações de caráter ‘religioso’.

Retomando a questão do protestantismo, sob que aspectos, então, os princípios religiosos se fariam presentes nessas práticas? Primeiramente, já foi afirmado que os conceitos de ‘vocação’ e ‘ascese’ remetem à idéia de que ‘o trabalho dignifica o homem’. Segundo eles, por meio do trabalho secular, o homem é o grande responsável pela busca da salvação e pela modificação da natureza. Esse pensamento, naturalmente, faz-se presente na busca da boa forma pelo esforço pessoal, pois, através dele, o indivíduo não só pode, como *deve*, *transformar* o próprio corpo. A *graça* manifestada pelos padrões estéticos em voga distingue os *eleitos*, que *trabalharam* para sua conquista, em rituais de hiper-exposição dos sentidos a músicas frenéticas, com muita bateria eletrônica, suor, dependendo do ar condicionado, e muita ‘adrenalina’¹¹³. Formas imperfeitas e ‘indesejáveis’, ao contrário, marginalizam o culpado, por ter desobedecido às regras ascéticas.

Não é por acaso que o termo análogo ao verbo ‘malhar’, em inglês, seja ‘*work-out*’, formado pelo mesmo radical que o verbo ‘trabalhar’ (*work*)¹¹⁴. Assim, utilizando também como referência a religião, Villaça e Góes atentaram para a importância da responsabilidade do indivíduo e de seu trabalho no que diz respeito à forma do corpo, afirmando que:

‘A tendência da sociedade de consumo é atribuir ao indivíduo a responsabilidade pela plasticidade do seu corpo, pois com seu *esforço* ele é persuadido a alcançar a aparência desejável. (...) O que se vê na mídia, (...) é a proposta de um ideário religioso/esportivo de mandamentos e de maratonas a serem seguidos e vencidos. As rugas, a flacidez muscular e a queda de cabelo que

¹¹³ Adrenalina: hormônio produzido pela glândula supra-renal relacionado à atuação do Sistema Nervoso Simpático, integrante do Sistema Nervoso Autônomo, que atua quando o organismo é submetido a situações de alerta ou *stress*. Durante a pesquisa de campo, o termo foi encontrado com frequência nas ‘palavras de ordem’ dos professores das academias: ‘vamos lá’, ‘adrenalina’, ‘joga a preguiça fora’, ‘vamos lá’, ‘energia!’ etc.

¹¹⁴ Ainda que não seja tão evidente, mesmo em português, malhar também possui o sentido de trabalhar, além daquele de ‘fazer ginástica vigorosa visando a musculação ou emagrecimento’, conforme atesta o dicionário: ‘bater com malho ou martelo’ (Ferreira, 1999:1262).

acompanham o envelhecimento devem ser combatidas com uma manutenção corporal enérgica, a ajuda de cosméticos e todos os recursos da indústria de embelezamento' (Villaça e Góes, 1998:13).

Outra semelhança entre essa ginástica e a moral protestante reside na atitude sempre ocupada, apressada e disciplinada dos 'malhadores', perseguindo a preguiça e o ócio. Não se deve jogar tempo fora, pois 'tempo é dinheiro'¹¹⁵!, segundo a máxima de Benjamin Franklin. Pedaladas e caminhadas em equipamentos 'ergométricos', conciliadas com vídeos, revistas, telefones celulares, economizam o tempo. Como foi visto na pesquisa de campo, a programação das academias é elaborada de maneira a otimizar o tempo de seus alunos, que já costumam trazer essa demanda aos professores. Além disso, a falta de vontade de malhar e a preguiça são tidas como pecaminosas, é o que adverte o evangelho das revistas de boa forma.

Como o trabalho no sistema capitalista de modo geral, os exercícios pressupõem regularidade e constância racionais. Na agenda dos frequentadores das academias não bastam visitas esporádicas, mas sim, uma inserção no modo de vida, o que remete às idéias de compromisso, repetição, disciplina, e que faz com que as eventuais faltas gerem culpa. Embora possa haver alguma variação entre as atividades, a escolha de uma delas dificilmente segue a mera vontade de cada momento, como por exemplo, quando se opta, um dia, por andar, outro, por pedalar ou nadar, mas sim uma prescrição mais planejada, determinada, pré-estabelecida. As seqüências de movimentos mecânicos evidenciam a semelhança entre a maneira de se relacionar com o corpo, com o trabalho e com os bens materiais. Da mesma maneira que, na ética protestante, não era repudiada a riqueza em si, mas sim seu uso desmedido, o corpo, na 'malhação', pode ser objeto de atenção, desde que sob estrito controle racional, sob práticas devidamente situadas em locais socialmente aceitos para tal, com apetrechos e vestimentas adequados. Exemplificam essas normas os dizeres afixados nas paredes de qualquer academia atual: 'uso de toalha obrigatório', pois é assim que se lida com o suor.

¹¹⁵ Charles Atlas fez dessa lógica utilitarista de Benjamin Franklin seu lema e sua receita de *body-building*. Vencedor de uma competição em 1921 como 'o homem mais bonito do mundo', 'ele é a prova viva de que qualquer um, mesmo dotado de um físico ingrato, pode, somente por vontade própria e uma obsessiva aplicação ao trabalho, fazer ouro com seus músculos' (Courtine, 1999:99).

Mas todo esse excesso de energia que a que se deve dar um fim, ‘queimando-o’, regularmente, com atividades aeróbicas, está, obviamente, relacionado ao grande acesso a alimentos calóricos. De fato, ainda que venha crescendo a preocupação com uma alimentação mais balanceada, ela apresenta-se muito mais como uma ‘recusa às tentações’ do que a uma verdadeira mudança nos hábitos. Tanto as comidas pesadas são desejadas, que são freqüentemente consideradas um objeto de desejo e pecado. Sim, pois se a alimentação leve fosse realmente aceita, preferível, e, é claro, acessível, pela facilidade de se encontrar e pelo preço, não seria necessária tanta preocupação com esse cardápio saudável, pois ele seria, sem nenhum esforço, o mais adotado. Nesse caso, esse aspecto da busca do corpo ideal não possuiria essa característica de ‘luta’ contra o peso, e os ‘sarados’ não seriam os ‘vencedores’ de uma batalha, poderosos, mais capazes, ‘distintos’, enfim, de toda a massa à qual o acesso à boa-forma é negado.

Convém repetir: a sociedade cria os obesos e o exclui ou, em outras palavras, estimula a ingestão de alimentos altamente calóricos para propor, simultaneamente, o corpo esbelto como padrão de beleza. Por isso, existe, de fato, uma dificuldade em alcançar esse ideal, e uma conseqüência curiosa disso é que, tanto no domínio do trabalho quanto no dos cuidados com o corpo, ocorre há uma estreita relação entre absorção e consumo. Em outras palavras, ganho e gasto, tanto de bens materiais quanto de ‘calorias’. Não é por acaso que o ator de origem austríaca - e hoje também governador de um dos Estados norte-americanos - Arnold Schwarznegger tenha percebido isso, ao relatar que, quando chegou aos Estados Unidos, ‘sonhava construir uma academia em frente a cada supermercado’ (Courtine, 1999:86).

Ele foi bastante perspicaz ao reparar na tendência à obesidade causada pelo excesso de energia decorrente de uma ingestão maior que o dispêndio. Na verdade, por conta desse freqüente acúmulo, o ‘gasto’ e sua autodisciplina da transpiração consistem em elementos essenciais desse tipo de racionalidade da ‘cultura de consumo do corpo’, conforme assinala Courtine:

‘nas sociedades ocidentais, a cultura contemporânea do corpo é inteiramente dominada pelo ciclo da absorção e da eliminação, tanto orgânico, quanto econômico’, (...) ‘o trabalho feito nas máquinas de musculação, o gasto compulsivo de energia, de matérias, de bens acumulados, são os usos em espelho, similares e invertidos, das atividades cotidianas de preenchimento de carrinhos de supermercado e de incorporação de alimentação’ (Courtine,1999:86).

A idéia de ‘gasto’ remete ao interessante questionamento proposto por Bataille acerca do que seria realmente ‘útil aos homens’. Refutando o ‘princípio da utilidade clássica’, ele afirmou que não somente as necessidades materiais impulsionariam as ações humanas, defendendo abertamente a necessidade de dispêndio (inútil) nelas presentes:

‘(...) mesmo quando se dissipa e se destrói sem se dar a menor conta, o mais lúcido ignora por quê, ou se imagina doente; é incapaz de justificar utilitariamente sua conduta, e não lhe ocorre a idéia de que uma sociedade humana possa ter, como ele, interesse em perdas consideráveis, em catástrofes que provoquem, de acordo com necessidades definidas, depressões tumultuosas, crises de angústia e, em última análise, um certo estado orgíaco’ (Bataille,1975:28).

Considerando que a atividade humana não pode ser reduzida a processos de reprodução e conservação, Bataille divide o consumo em dois tipos, dos quais, o primeiro corresponderia ao mínimo necessário para a conservação da vida e o prosseguimento das atividades produtivas dos indivíduos de uma sociedade, e o segundo se constituiria das ‘*despesas improdutivas*’ que teriam seu fim em si mesmas. Como exemplos, o autor cita o luxo, os cultos, os enterros, os sacrifícios de fortunas e animais, as guerras e os jogos competitivos, a arte, em geral, a construção de monumentos, os espetáculos e as perversões, tomando como exemplo a instituição do *potlach* dos índios do noroeste da América do Norte, estudada por Mauss. Nesta, estavam presentes a dádiva com a finalidade de humilhar e a destruição espetacular de riquezas. Deste modo, ele ressaltou que ‘a perda ostentatória permanece universalmente ligada à riqueza como sua função última (ibidem:34-7). Mais ou menos estreitamente, a riqueza social está ligada à posse de uma fortuna, mas ainda com a condição de que a fortuna seja parcialmente sacrificada a despesas sociais improdutivas, tais como festas, espetáculos e jogos’.

Entretanto, essa dinâmica teria se transformado radicalmente com a ascensão da burguesia moderna, pois, enquanto classe que produz a riqueza, tendo recebido com a riqueza a obrigação de despesa funcional, ela se caracterizaria pela recusa do princípio que ela opõe a essa obrigação:

‘Ela se distinguiu da aristocracia pelo fato de só ter consentido despende para si, no interior dela mesma, isto é, dissimulando suas despesas, na medida do possível, aos olhos das outras classes. Essa forma particular e devida, na origem, ao desenvolvimento de sua riqueza à sombra de uma classe nobre mais poderosa do que ela. A essas concepções humilhantes de despesa restrita corresponderam as concepções racionalistas que ela desenvolveu a partir do século XVII, e que não têm outro sentido além do que uma representação do mundo estritamente econômica, no sentido vulgar, no sentido burguês da palavra. O ódio da despesa é a razão de ser e a justificação da burguesia: ele é ao mesmo tempo o princípio de sua pavorosa hipocrisia (ibidem:39)’.

Como foi apresentado, o controle dos gastos (ou, nas palavras de Bataille, o ‘ódio da despesa’), foi justamente uma das características principais da moral ascética. O curioso é que, ao longo dos desdobramentos por que passou o capitalismo na direção da sociedade de consumo, foi necessário estimular o gasto, sem prejuízo de seu caráter pragmático, o que faz com que esse gasto se diferencie totalmente das escandalosas ostentações do passado, cuja principal característica era uma ausência de controle quantitativo. Utilizando a metáfora do movimento corporal, podem ser comparadas duas atividades de movimento que ‘queimam’ calorias, sob atitudes totalmente díspares: a de ‘se acabar’ de dançar numa festa, ou pulando carnaval, ou num equipamento computadorizado de musculação que ‘conta’ o tempo, a carga, o número de repetições, e de calorias gastas e de segundos de descanso. É em função dessa atitude controladora e quantitativa que a presença dos princípios ascéticos na ‘cultura do corpo’ contemporânea aproximem a atividade física às obrigações, o que termina por apagar qualquer cesura entre trabalho e lazer, conforme descrito a seguir:

‘A antiga desconfiança puritana a respeito das distrações (...) (e da) da ociosidade encontram, na prática cotidiana e generalizada de exercícios físicos, a possibilidade de enquadrar o tempo

individual num modelo de atividade contínua: o exercício físico passa a ser um lazer às margens do tempo de trabalho e um trabalho instalado no coração do tempo de lazer. *Ninguém ficaria mais sem fazer nada*. Lutar contra o tempo morto, a vacuidade, a desocupação: esses prolongamentos da ética puritana da ‘tarefa’ marcaram profundamente o desenvolvimento de uma civilização americana do lazer, tendendo a nela confundir o dever e o prazer, o útil e o agradável’ (ibidem:94).

A luta contra o tempo morto resume-se na famosa crença popular de que a mente (vazia) de uma pessoa ociosa é uma porta aberta para o mal. A malhação traça um dos aspectos do culto ao corpo, pois embora essa prática corporal remeta, num primeiro momento, a motivações narcisistas, ela também carrega muito dos valores ascéticos, porém sob uma nova e mais reluzente roupagem¹¹⁶. Na verdade, essas transformações da cultura são paradoxais, complexas e escapam a simplificações. No movimento histórico que conduz uma sociedade de origem puritana à era do consumo de massa, Courtine afirma que ‘não se encontra nem uma estratégia puramente repressiva que submeteria hoje o corpo ao puritanismo de ontem, nem um hedonismo radicalmente novo, a oferecer uma liberdade corporal longamente postergada’ (ibidem:101). Por isso, esse autor vê na cultura do corpo, nos Estados Unidos, especialmente, uma forma de compromisso estabelecido pela ética puritana com as necessidades de uma sociedade de consumo de massa. Por meio dela, não desapareceriam as interdições, mas seriam redistribuídas as coações, conforme as palavras abaixo:

‘Aqueles que freavam o gozo material, inibiam o consumo, restringiam a atividade física, foram relaxadas, juntamente com o recuo dos discursos religiosos de responsabilidade moral’ (...), enquanto simultaneamente, ‘aguçou-se assim o sentimento de responsabilidade individual nas vitórias e derrotas da grande competição esportiva que se tornou a existência humana’ (...) ‘Se o exercício esportivo é uma alegria, ele também é um dever’, o que o aproxima da prática religiosa. ‘A saúde, que os puritanos de outrora não viam mais do que um bem a conservar, tende a se transformar no objeto de uma atividade febril. A aparência, que a ética protestante queria austera, é fruto de um labor narcísico; o invólucro corporal torna-se o resultado de uma atenção obsessiva, com ritos quase religiosos de um

¹¹⁶ Essas atividades estendem-se até mesmo às práticas ditas ‘alternativas’. Um exemplo curioso é o de um rapaz que, certa vez, afirmou, afoito: ‘são 18h, xiihh, tenho que correr, tenho que correr, estou atrasado, está na hora da minha *meditação*’.

culto profano. O hedonismo do consumo, fundamento do *American way of life*, tem assim, um custo elevado: o amor inquieto, super ocupado, sempre insatisfeito, por um bem estar intimamente ligado à atividade física e a uma promessa de transformação corporal. (...) o amor pelo bem-estar¹¹⁷ produziu suas servidões, das quais o culto ao corpo, nos Estados Unidos, é um de seus grandes exemplos' (ibidem:102-3).

Cabe recordar que Weber já havia sintetizado as transformações por que passaram os ideais protestantes, afirmando:

'Desde que o ascetismo começou a remodelar o mundo e a nele se desenvolver, os bens materiais foram assumindo uma crescente, e finalmente, uma inexorável força sobre os homens, como nunca antes na História. (...) No setor de seu mais alto desenvolvimento (do capitalismo), nos Estados Unidos, a procura da riqueza, despida de sua roupagem ético-religiosa, tende cada vez mais a associar-se com paixões puramente mundanas, que freqüentemente lhe dão o caráter de esporte' (Weber,2000:131).

Embora as palavras acima, de Weber e de Courtine, tenham se referido à sociedade americana, contudo, o 'culto ao corpo', descrito nesses moldes, tornou-se um fenômeno urbano com dimensões mundiais, guardadas as peculiaridades de cada cidade ou país, conforme relatado na primeira parte deste capítulo. No Brasil, o *boom* da 'malhação' ocorreu a partir da década de 1980, a partir de quando a cidade do Rio de Janeiro assumiu o papel de 'vitrine' precursora de um modo de vida voltado para o bem-estar e a boa-forma.

Não é por acaso que compositores cariocas tenham traduzido tão bem o espírito da época, e o caráter de dever assumido pelos exercícios físicos: '*Tem que correr, tem que malhar (...) quem não se endireitar, não tem lugar ao sol*'. Percebe-se que esse tipo de hedonismo possui um caráter *persecutório*, de reforço disciplinar, o que fica evidente na ambigüidade dos enunciados - embora expressem um aparente despojamento, os verbos são conjugados, com

¹¹⁷ Courtine recorda que Tocqueville, em Democracia na América, havia afirmado que 'a paixão pelo bem-estar é essencialmente uma paixão da classe média (...) que cresce e se estende, torna-se preponderante com ela' (Courtine,1999:114).

frequência, no imperativo: ‘Aproveite, Divirta-se, Perca Peso, Emagreça’. A alegria é mais que somente diversão, mas torna-se um *dever moral* e uma obrigação.

Mirando-se as paredes revestidas de espelho das academias, apesar dos pontos em comum, a sóbria figura em tons cinzentos do ‘ascético’ não é adequada àqueles ambientes de cores berrantes. É necessário avançar até períodos mais recentes da história, a fim de identificar, além dos referidos elementos de continuidade, que transformações ocorreram. Pode-se dizer, em relação à análise *foucaultiana* da moldagem e adestramento dos corpos, que os valores que permeiam a prática da malhação permitiram uma tal introjeção daquela disciplina, que puderam ser dispensados os métodos de coação externa. O adestramento, antes imposto do exterior, passa a ser exercido no âmbito da motivação interna individual. A análise das práticas corporais oferece uma metáfora que permite vislumbrar a transformação da sociedade disciplinar no que veio a ser chamado de ‘sociedade de controle’, representando novos ganhos, em termos econômicos, do poder sobre os corpos.

Por outro lado, é importante ressaltar que a idéia de malhação foi utilizada, neste caso, muito mais como uma determinada *atitude* diante da prática de atividade física, ou a *qualidade* do movimento, do que como a atividade e o movimento por si mesmos. Caso contrário, pode-se cair numa crítica reducionista a qualquer tipo de atividade física, quando seus efeitos benéficos à saúde são mais do que comprovado cientificamente. Enfim, o que se discute não é o movimento, mas a *maneira* como ele é executado, com que objetivos, e em que contexto.

Além disso, a presença dos elementos ascéticos não impede que também estejam presentes na malhação as tendências, mais recentes, hedonistas e narcisistas. Ao contrário, essa prática pode servir como um elo entre subjetividades de dois momentos históricos distintos, o capitalismo, em suas fases, predominantemente, de produção e de consumo. Isso pode ser compreendido considerando-se que, ainda que não se manifestem de modo tão evidente, há partes de nós referentes ao passado que não deixam de permanecer no presente, conforme sintetizam as palavras de Rodrigues, ‘o passado não está apenas no passado: ele continua de certa forma (...) a ser presente’ (Rodrigues,1983:16).

É importante, também, ter em mente que esses dois tipos-ideais - o ascético e o narcisista - representam uma síntese bastante grosseira de um universo cheio de nuances. Eles foram eleitos como representativos de fases importantes, entretanto, seria possível identificar muitos outros, inclusive naqueles chamados movimentos de ‘contracultura’, tema retomado adiante. Em certo sentido, a referida explosão da onda de cuidados com o corpo e a saúde absorveu a questão do corpo trazida por esses movimentos e deu a ela uma conotação totalmente antagônica à proposta por aqueles. Isso foi claramente expressado em canções emblemáticas da música popular brasileira, tal como ‘Saúde’, de Rita Lee e Roberto de Carvalho:

*‘me cansei de lero lero / dá licença, mas eu vou sair do sério / quero mais, saúde / me cansei de escutar opiniões / de como ter um mundo melhor / mas ninguém sai de cima / nesse chove não molha / eu sei que agora / eu vou é cuidar mais de mim...’*¹¹⁸

Ao afirmar ‘me cansei de escutar opiniões de como ter um mundo melhor’, essa letra sintetiza brilhantemente a mudança de um certo ‘espírito do tempo’, predominante nas décadas de 1960 e 70, ligado ao desejo de ‘mudar o mundo’ - para melhor, obviamente. Embora esse espírito se manifestasse de modos muito diversos, que abarcava desde as diversas facções de militância política até os movimentos ligados aos costumes, como os *hippies*, eles partilhavam de uma atitude que visava a coletividade. Na década de 1980, o foco mudou de direção, passando a apontar para a busca da realização no plano individual, da qual o culto ao corpo é um dos mais contundentes símbolos, sintetizado, nas palavras dos compositores, como ‘eu vou é cuidar mais de mim’.

1.6. O Narcisista

*‘É que narciso acha feio o que não é espelho’ Caetano Veloso*¹¹⁹

¹¹⁸ Canção intitulada ‘Saúde’, faixa de disco homônimo de Rita Lee e Roberto de Carvalho.

¹¹⁹ Trecho da canção ‘Sampa’.

Nárkisso (Νάρκισσος) vem do grego, nárke

que remonta à mitologia grega e à psicanálise, utilizada sob novos moldes para a compreensão da subjetividade contemporânea.

Repensando a origem dessa noção, recorda-se que, enquanto um termo psicanalítico, embora tenha sido adotado nas primeiras décadas do século XX, somente há cerca de vinte e cinco anos é que ele passou a ser vastamente utilizado, nos moldes atuais, na crítica da cultura contemporânea. Sob esse último aspecto, ‘A Cultura do Narcisismo’(1979), de Christopher Lasch, representou um marco relevante.

Antes de abordá-lo, porém, é importante ressaltar que esse 'novo' narcisista, vítima de uma ‘síndrome’ da sociedade atual, apresenta características peculiares, muito diferentes daquelas formuladas inicialmente por Freud, em 1914¹²¹. Serão retomadas, portanto, suas origens míticas e psicanalíticas, a fim de precisar sua definição, visto que o termo vem sendo utilizado indiscriminadamente e ‘superestimado em seu potencial explicativo’ (Costa,1986: 163).

O mito, amplamente conhecido, relata a tragédia de um homem lindíssimo, que morreu afogado ao tentar abraçar sua imagem refletida num espelho d’água, inebriado por sua própria beleza. Logo ao nascer, Narciso teria causado grande espanto, pois se acreditava que a beleza em excesso representava uma maneira de competir com os deuses, o que era severamente punido. O mortal extremamente belo seria inevitavelmente arrastado para a ‘*hybris*’, o descomedimento. Temerosa, sua mãe, a ninfa Liríope, foi consultar o velho cego Tirésias, a fim de saber se Narciso viveria muitos anos, ao que ele respondeu ‘se ele não se vir...’ (adaptado das ‘Metamorfoses’ de Ovídio, *in* Brandão, 1987: 173).

Na verdade, o termo ‘*Narzissmus*’, com o sentido de ‘semelhante a Narciso’, já havia sido utilizado por Binet, na área dos saberes médicos e psicológicos e teria chegado a Freud através do jurista Paul Näcke, que o discutira com o psiquiatra inglês Havelock Ellis (Katz, 2004:13). Na visão do último, o narcisismo seria uma perversão, pois, ignorando as relações

¹²¹ Narcisismo, uma Introdução (Freud,1914).

objetais, ele se voltaria apenas para a própria pessoa e seu corpo. Ou seja, ‘o narcisista ignora ou subestima as relações objetais e o corpo do outro, valorizando suas experiências psíquicas desde o corpo próprio como corpo ideal e tendo sua própria pessoa como centro e modelo psíquico do ‘mundo’”(Katz, 2004:13).

Freud, que por uma questão de eufonia, teria substituído o termo por *‘narzissismus’*, o definiu como ‘a atitude de uma pessoa que trata do próprio corpo da mesma forma pela qual o corpo do objeto sexual é comumente tratado’, (de modo que) ‘o contempla, o afaga, o acaricia, até obter, assim, satisfação completa, semelhante a uma perversão que absorve totalmente a vida sexual do indivíduo’ (Freud, 1914:89).

Contudo, o psicanalista Isidor Sadger postulou, por sua vez, que o narcisismo era ‘um estado normativo na ou da psicosexualidade, pelo qual todos deveriam ‘passar’, para atingir a genitalidade’ (Katz,2004:14). Freud teria logo adotado essa idéia, afirmando também que, em certo sentido, ele não seria necessariamente uma perversão, mas sim, o complemento libidinal do instinto de autopreservação, e que ‘o narcisismo talvez estivesse presente em maior extensão, podendo reivindicar um lugar no curso regular do desenvolvimento sexual humano’ e que, em certa medida, justificadamente, ‘ele poderia ser atribuído a toda criatura viva’, (Freud,1914: 89-90)¹²².

Foi concebida, dessa maneira, a idéia de *narcisismo primário*, segundo a qual o narcisismo possui aspectos positivos, ligados à infância, ao auto-erotismo, à auto-estima, à auto-imagem, ao ideal de Ego, à criatividade e à auto-conservação. Desde tal estatuto, diria respeito a uma fase ou estágio entre o auto-erotismo e as relações objetais, de modo que o narcisismo entrou no campo das considerações teóricas da psicanálise, estabelecendo o que seriam as primeiras relações objetais dos indivíduos, relações essas advindas desde seus relacionamentos com próprios corpos e os afetos. Assim, antes de entrar em contato com os outros, ‘o ‘indivíduo’ produz suas experiências psíquicas desde a tomada de seu corpo próprio

¹²² Em ‘Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade’, Freud já havia diferenciado o normal do patológico por uma questão de *grau* e revelado que a perversão está *quase sempre* presente na vida sexual normal (Freud, 1905).

como modelo de constituir todas as suas experiências. Portanto, não seria próprio chamar essas experiências de ‘objetais’- (se) objeto diz respeito à alteridade, à consideração do outro - pois elas tratam é de constituir o objeto que é o ‘corpo próprio’ (Katz,2004:14).

Segundo Katz, tratava-se, para Freud, de uma ‘nova operação psíquica’ que implicaria na elaboração de um outro corpo. O corpo próprio, desde os investimentos narcísicos, torna-se outro e diferente. O indivíduo sai das sensações e sentimentos próprios para uma experiência em que constitui seu corpo próprio ao mesmo tempo em que experimenta o dos outros, constitui os corpos álteros tendo o seu corpo ‘próprio’ como modelo de alteridade. Em suma, pode-se dizer que o narcisismo primário consiste ‘num componente *normal* do psiquismo de todo indivíduo, em qualquer sociedade’ (Costa, 1986:157).

Décadas se passaram desde aquelas discussões até que o conceito psicanalítico de narcisismo despontasse como central para a ‘crítica da cultura contemporânea’ (Gabriel, 1988: 306). A grande diferença, nesse caso, reside no fato de que, ao contrário de um puro e simples egoísmo auto-contemplativo, o tipo-ideal de personalidade ‘narcisista’ apresenta um comportamento de *reação de defesa* em tempos difíceis. Ao invés de possuir o ‘eu’ soberano do passado, que buscava realizar plenamente suas potencialidades, conforme vislumbraram os ideais do Iluminismo, o atual narcisista procura avidamente resguardar um ‘eu’ mínimo, retraído diante das adversidades (Lasch, 1986:9)¹²³.

Ao elaborar uma relevante crítica da sociedade contemporânea, Lasch teria observado que, nela, a mentalidade reinante faz com que os indivíduos elaborem ‘estratégias de sobrevivência’ que possuem um cunho mais terapêutico do que religioso (Lasch, 1979:7). Nesse sentido, a salvação outrora oferecida pela religião foi substituída por soluções terapêuticas. Então, não é por acaso que o ascético seja um termo proveniente de ideais religiosos, e nesta nova fase, se esteja lançando mão de um conceito oriundo da psicanálise.

¹²³ O tema possui relação estreita com o que será exposto no capítulo 2.4.

Lasch definiu o narcisista como um sujeito que perdeu as referências com passado, o futuro e o coletivo. Devido ao colapso das comunidades tradicionais, para ele, só faz sentido viver o momento presente e se concentrar em seu desempenho individual. A sobrevivência tornou-se sua palavra de ordem (convém recordar a canção de Rita Lee: ‘eu vou é cuidar mais de mim...’). Junto à fragmentação de valores e à desilusão com a política, ele passou a buscar o prazer pelo prazer, por meio do consumo de bens e imagens. Este tipo de personalidade foge de compromissos afetivos duradouros e, como já foi mencionado, costuma recorrer, preferencialmente, à *terapia*, para a solução de problemas pessoais (Lasch,1979:7).

No entanto, existem ainda algumas divergências quanto às sutilezas do termo. Giddens, por exemplo, indagou se a busca da auto-identidade seria uma forma algo patética de narcisismo ou uma força subversiva em relação às instituições modernas. Assim, discordou de Lasch, afirmando que uma busca de saúde e bem-estar dificilmente soa compatível com a perda de interesse pelo mundo exterior. Segundo ele, ‘os benefícios do exercício físico ou da dieta não são descobertas pessoais, (...) mas vêm do conhecimento perito’ (Giddens, 1991:125).

Por outro lado, ainda em relação ao mundo exterior, a *fuga afetiva* pode estar ligada ao que Birman critica na subjetividade narcisista: sua incapacidade de admirar o outro em sua diferença radical, já que não consegue descentrar-se de si mesma, afirmando:

‘Referido sempre a seu próprio umbigo e sem poder enxergar um palmo além do próprio nariz, o sujeito da cultura do espetáculo encara o outro apenas como um objeto para seu usufruto. (...) (ele) vive permanentemente em um registro especular em que, o que lhe interessa, é o engrandecimento grotesco da própria imagem, podendo, (o outro), ser eliminado como um dejetivo quando não servir mais para essa função abjeta’ (Birman,1999:25).

É curioso que a incapacidade de enxergar o outro conviva com a ânsia de ser visto, de ser famoso. O ‘diálogo’ entre duas pessoas com esse perfil poderia ser bem representado por meio de uma cena na qual, em frente ao espelho, cada uma olha para sua própria imagem

refletida, repetindo, ‘sim’, ‘sim’, ‘ahan’, porém, sem ouvir seu interlocutor. Quando afirmou que todos teriam direito a pelo menos 15 minutos de fama na vida, Andy Warhol¹²⁴ parece ter adivinhado a moda televisiva de grande sucesso dos mais variados tipos de ‘*reality shows*’¹²⁵ e aqueles patéticos letrados, que nos recordam, por toda parte, que devemos sorrir (!), pois estamos sendo filmados.

O mais grave desta situação é que a predominância da personalidade narcisista dificulta de tal modo estabelecimento de vínculos, que se faz com que as regras mínimas de convívio coletivo sejam usualmente desrespeitadas. Conforme sugere Birman, essa auto-exaltação desmesurada da individualidade, no mundo do espetacular fosforescente, implica numa ‘crescente volatilização da *solidariedade*, valor que se encontra assustadoramente em baixa (...) Cada um por si e (...) o resto parece ser o lema maior que define o *ethos* da atualidade, já que não podemos, além disso, contar mais com a ajuda de Deus em nosso mundo desencantado’ (Birman, 1999:25).

Expostos seus aspectos ‘religiosos’ e ‘puritanos’, percebe-se que, por trás de motivações aparentemente vaidosas, consumistas e hedonistas, descortina-se uma outra face do culto ao corpo, que pode refletir antes um sentimento de insegurança do que de auto-suficiência. A necessidade tão grande de ganho de força muscular pode ser então considerada uma conseqüência da fragilidade emocional dos tempos atuais. É por conta dessa fragilidade que Costa discorda de Lasch, considerando que, antes de ser narcisista, o indivíduo de hoje é ‘violentado’. Para ele, ao ter tornado o corpo e o sexo objetos de consumo, sua estratégia de sobrevivência tem muito mais a ver com a dor que com o prazer (Costa, 1986:169), já que por trás do apelo sexual enlatado insinua-se uma ameaça, pois ‘ou o indivíduo comporta-se como manda o figurino do consumo ou está doente e deve procurar tratamento. Ora, ninguém está à altura deste ideal, por um motivo muito simples: ele não é criado para ser alcançado, (...) para

¹²⁴ Andy Warhol (1928-1987): artista plástico norte-americano que se tornou um ícone da arte ‘pop’ ao trabalhar com temas ligados à sociedade de consumo, tais como latas de alimentos, imagens Marilyn Monroe e do Mickey Mouse. Escreveu um livro que teve como título sua famosa frase ‘15 minutos de fama’, a que pensava que todos os indivíduos teriam acesso pelo menos uma vez na vida.

¹²⁵ Shows de Realidade: programas de tevê que utilizam, ao invés de atores, pessoas supostamente ‘comuns’, em seu dia-a-dia e que se tornaram uma febre mundial. Diversificam em temáticas variadas, que incluem desde a exposição da rotina de uma casa até provas ligadas a esportes radicais ou mesmo cirurgias plásticas ao vivo (!).

saciar o prazer dos indivíduos, mas para mantê-los em *perpétua insatisfação*¹²⁶ (Costa,1986:181).

Esse autor relembra que, inspirado na lenda grega, Freud afirmou que, na escolha narcísica do objeto, o indivíduo amava no outro ‘o que ele era; o que foi; o que queria ser ou; a pessoa que foi parte da pessoa própria’ (Costa,1986:188). No entanto, hoje ocorre uma situação bem diferente, o que o leva a supor que se Freud tivesse testemunhado a ascensão da sociedade de consumo no Ocidente, ‘ele perceberia que o indivíduo pode voltar-se narcisicamente para si porque é obrigado a amar: o que não é; o que nunca foi; o que nunca poderia desejar ser ou; uma pessoa que jamais fez parte da pessoa-própria. (...) o narciso moderno não é um Narciso, é uma prosaica Moura-Torta’.

Na lenda da Moura-Torta, ao contrário de Narciso, a trama desenrola-se a partir da falta de auto-estima: mirando o espelho d’água, um equívoco faz com que a invejosa Moura-Torta acredite ser bela como uma moça que passava em frente a ele. A descoberta da verdade só causa a ira e vontade de vingança da primeira¹²⁷. Por isso, Costa considera sua atitude diametralmente oposta à do Narciso grego, pois, segundo ele, o narciso moderno não ama a imagem de si mesmo, pelo contrário, a odeia: ‘está obsessivamente fascinado pela invejada e odiada imagem do corpo da princesinha. Sem a posse deste corpo principesco, o corpo da moda, as portas do castelo lhe serão fechadas e... adeus! Sonhos de celebridade, poder, riqueza e exibicionismo’ (Costa,1986:188).

¹²⁶ Há duas observações importantes em relação a essa citação: a primeira é que ela confirma o que afirmou Lasch acerca da estratégia de sobrevivência com base na terapia; a outra é a permanência do componente de insatisfação que caracterizou a modernidade, apesar de tantas mudanças ocorridas desde seu advento até hoje.

¹²⁷ Ao se encontrarem na beira de um rio, um príncipe e uma linda moça apaixonam-se. Ele pede que ela aguarde seu retorno, quando viriam a se casar. Nesse ínterim, a Moura-Torta, que estava buscando água no rio para seus patrões, pensa ser dela a imagem da moça, refletida no espelho d’água, e não compreende porquê, sendo tão bela, deveria trabalhar tanto para seus patrões. Ao perceber seu equívoco, porém, enraivecida, munida de um alfinete encantado, a Moura-Torta transforma a moça num passarinho. Quando o príncipe retorna, ela o engana, dizendo que ela mesma era a moça, mas que, como ele havia demorado muito, ela envelheceu, e o obriga a com ela se casar. Finalmente, quando o príncipe retira o alfinete do passarinho, o feitiço é desfeito, ele e a bela moça se casam e a Moura Torta é castigada (Lobato,1988).

No entanto, por considerar *normativa* essa conduta psicológica, Costa discorda da definição de narcisismo enquanto ‘patologia’ da atualidade. Segundo ele, essa é uma conduta fixada pela cultura, já que esta não só admite, como estimula, em seu repertório, esse tipo de mecanismos mentais, de modo que eles já não podem ser tidos como patológicos, pois o sujeito já não experimenta estes estados afetivos como incompatíveis com os parâmetros universais de conduta, definidos pela cultura em questão. ‘Sem esta cláusula, afasta-se a possibilidade de se interpretar o fenômeno como patológico. (...) Entramos no campo do chamado *mal-estar existencial* (...)’ (Costa,1986:185).

Enquanto seu antecessor tinha como características marcantes a força, a segurança, o domínio, o controle, em suma, considerando-no ou não uma patologia, os autores citados concordam ao considerar o narcisismo uma espécie de reação de um sujeito *fragilizado* ante as pressões da sociedade de consumo. Descrita enquanto um tipo ideal, essa personalidade não pode ser ignorada numa análise da busca insaciável pelo corpo perfeito. Por outro lado, apesar de terem sido descritas as transformações por que passaram as subjetividades, mantém-se no ar a seguinte questão: ‘Como o *ascético* teria dado lugar ao *narcisista*?’

1.7. Sociedade de Consumo de Massa

Embora a malhação reúna tanto características do ascético quanto do narcisista, percebe-se nitidamente que a emergência da última está relacionada à questão do consumo. De fato, à medida que uma determinada configuração social passa por reestruturações, novas demandas surgem diante dos indivíduos, e se acentuam os traços de personalidade mais condizentes aquelas etapas. Em outras palavras, parte-se da compreensão de que um determinado sistema não gera somente produtos e mercadorias, mas também determinadas configurações de subjetividade, de modo que as raízes da cultura do narcisismo podem ser localizadas na emergência da sociedade de consumo de massas. Essa coincide com a decadência de um dos ciclos do capitalismo, da qual a crise da Bolsa de Valores de Nova York, em 1929, é considerada um marco relevante.

A partir de então, é possível identificar uma mudança radical de direção, pois enquanto no século XIX o capitalismo priorizava a produção, a partir daquele momento, foi requerido um modelo econômico que estimulasse o consumo, nele incluindo as massas trabalhadoras. Portanto, visando resolver um problema da superprodução, e não das pessoas, foram criadas estratégias que estimulassem o desejo de consumir para *além do necessário*. Segundo Severiano, ‘com o desenvolvimento das forças produtivas e a criação de um mercado de produtos massivos, o valor funcional do objeto não poderia ser mais o regulador geral para o consumo. (...) havia que se consumir (...) para atender (...) às necessidades do capital, sob risco de uma falência geral do próprio sistema capitalista’(Severiano,2001:66).

É por isso que o advento da *cultura de massa (mass-culture)* representa um fenômeno imprescindível à compreensão das transformações sofridas pelo capitalismo. Historicamente, ela pode ser situada 'numa seqüência da extensão do poder industrial no planeta: no início do século XX, o apogeu da colonização da África e da Ásia; em seguida, *a segunda industrialização*, processada nas imagens e sonhos, ou seja, a colonização da *alma humana*'. A partir de então, mercadorias culturais passaram a ser ‘derramadas no domínio interior do homem, o que deu origem a *terceiros* problemas, surgidos nos meados do século XX' (Morin,1969:15-6).

Detectada pela sociologia americana após a Segunda Guerra Mundial, a cultura de massa é produzida segundo as normas maciças da fabricação industrial e propagada por suas respectivas técnicas de difusão. Segundo Morin, a cultura de massa constitui ‘um corpo de símbolos, mitos e imagens concernentes à vida prática e à vida imaginária, um sistema de projeções e de identificação específicas. (...) Como toda produção em massa, baseia-se na lógica do máximo consumo' (ibidem:37).

Em suma, a cultura de massa representa um produto de uma dialética produção-consumo, no centro da dialética global da sociedade em sua totalidade (idem:47). Ela representa a *indústria do desejo abstrato*, por meio da qual mecanismos extra-econômicos passaram a desencadear no psiquismo dos indivíduos desejos *insaciáveis*, não somente por

produtos, tais como rádios, televisores, automóveis, roupas, mas como por modos de vida, o que inclui o desejo de atingir a boa-forma segundo determinado tipo de sensibilidade e todo o leque de opções oferecido para alcançar esse objetivo.

Um aspecto importante a ressaltar, por outro lado, é que os teóricos da Escola de Frankfurt - Adorno, Horkheimer, Marcuse - discordavam da utilização da noção de 'cultura de massa', porque, assim como 'cultura popular', ela transmitiria a idéia de que o povo seria o criador das mercadorias culturais que consumia. Portanto, na década de 1940, a fim de estabelecer um contraponto em relação a essa idéia, ao analisar a questão dos bens culturais, Adorno cunhou a expressão 'indústria cultural' (Adorno,2002:9). Por meio dela, Adorno ressaltava que a produção, distribuição e recepção dos produtos culturais - veiculados pelas emissoras de rádio, televisão, editoras de revistas e *best sellers* - seriam organizadas de maneira industrial, seguindo os mesmos processos de padronização, escolha do público-alvo, simplificação e obsolescência que as mercadorias produzidas pelos demais segmentos da indústria. Na visão desse autor, mediante suas proibições, a indústria cultural 'fixa positivamente (...) uma linguagem sua, com uma sintaxe e um léxico próprios' (ibidem, 2002:17-9).

Segundo Adorno, a dinâmica da indústria cultural impedia a formação de indivíduos autônomos, independentes, capazes de julgar e decidir conscientemente, o que ele considerava um requisito para uma sociedade democrática, que não poderia desabrochar senão através de homens não-tutelados. Pode ser destacado como um ponto relevante da obra dos teóricos da Escola de Frankfurt a crítica à racionalidade técnica e ao processo de uniformização - ou eliminação das diferenças - segundo os quais seria exercido o controle sobre os indivíduos. Desse modo, a eliminação das diferenças possibilita a previsibilidade e o reforço da dominação, enquanto as malhas do tecido social vão sendo cada vez mais atadas de acordo com o modelo do ato de troca (Adorno: 1986:78).

Marcuse, por sua vez, propôs uma crítica aguda à sociedade pós-industrial, elaborando o perfil de um 'homem unidimensional'¹²⁸: um autômato, conformista, despolitizado, cujas necessidades são dirigidas, enquanto são esquecidos valores como a liberdade, a criatividade e

¹²⁸ Homem unidimensional: título de livro de Marcuse (1964).

a individualidade. Seu ideal de felicidade relacionava-se intimamente com a capacidade pessoal de consumir. Submetido a uma rotina despersonalizante, teria o tempo livre cada vez mais controlado pela indústria do lazer e a sexualidade transformada em valor de mercado. Perfeitamente moldado ao real, adaptava-se a ele como se fosse o único possível. Enfim, Marcuse caracterizou o capitalismo tardio como um mundo administrado por uma racionalidade dominadora, no qual o progresso tecnológico convivia com a frustração dos ideais do Iluminismo (Marcuse, 1966:12). Enfim, para esses teóricos, as conseqüências da submissão do consumidor ao poder das grandes indústrias de entretenimento afetaria tanto a política das sociedades quanto a subjetividade das pessoas.

Por esse motivo, Baudrillard enxergou no *consumo* mais que uma prática funcional, ou que uma mera posse dos objetos, ou uma função de prestígio individual ou de grupo: trata-se, na verdade, de uma linguagem, de um sistema de comunicação e permuta, onde códigos de sinais são constantemente emitidos, recebidos e inventados. Segundo ele, ao ter substituído as religiões das sociedades ‘primitivas’ e as ideologias em geral, o consumo passou a ser o responsável pela ‘integração’ da sociedade. Isso porque ele ‘educa os indivíduos na disciplina inconsciente das regras de seu jogo’ (Baudrillard,1975:143).

Para ele, o narcisismo aparentemente ‘personalizado’ do indivíduo da sociedade de consumo não corresponderia a uma fruição de sua singularidade, mas sim a uma refração de traços coletivos. A ansiosa ‘procura da personalidade’ está inevitavelmente inserida numa produção industrial de diferenças, de modo que o ‘culto à diferença’ é a maior evidência da ‘perda das diferenças’(ibidem:135)¹²⁹. Segundo essa lógica, se, de um lado, o corpo é enaltecido, de outro, atrofiam suas possibilidades reais, pois ele é cada vez mais acossado pelo sistema de controle e de constrangimentos urbanos, profissionais e burocráticos. Sua suposta ‘redescoberta’ não teria se dado como presença original e específica, mas como um modelo de simulação. Foi por isso que Baudrillard elegeu o ‘manequim’ como o tipo-ideal de corpo no

¹²⁹ O autor exemplifica que o mito da ‘relação consigo mesma’ da mulher não passa de uma relação de consumo. ‘Agradar pelas qualidades naturais da beleza e do encanto foi substituído pela relação mediatizada dos sinais da linguagem do consumo’ (Baudrillard,1975:146).

sistema simbólico da Economia Política do Signo (rever capítulo1.3). Se o sistema de ar-condicionado central dos *shoppings* e das sofisticadas academias representa uma ‘climatização geral da vida’, simulando uma primavera perpétua, de maneira análoga, o corpo também teria se tornado um simulacro. Assim atestam os equipamentos de academias em que os exercícios simulam movimentos tais como a caminhada, o passeio de bicicleta, ou subir escadas. Além disso, como o vestuário, o corpo passou a ser regulado pela ‘atualidade’, devendo mudar sempre, acompanhando a moda.

Na visão desse autor, o corpo torna-se dessexualizado à medida que sua verdadeira realidade é abolida e volatilizada em proveito da neo-realidade do modelo materializado por meio da comunicação. Como qualquer outro objeto do consumo, o corpo é transformado num acontecimento, do qual são eliminadas as características objetivas (idem: 147-149). Enquanto um manequim, ele deixa de possuir espinhas, celulite, suor, sensações de frio, dor... É por isso que, num contexto de mudança nas formas de sensibilidade, ele apresenta-se como um excelente alvo das propagandas da indústria de cosméticos, pois, mesmo desejando igualar-se ao manequim, um corpo vivo jamais alcançará sua condição, o que faz com que esse desejo resulte em possibilidades de lucro infinitas.

Em suma, Baudrillard considera o corpo como o mais belo, precioso e resplandesciente de todos os objetos na panóplia do consumo, ainda mais carregado de conotações que o próprio automóvel. Se, no passado, todos os esforços eram dirigidos para a salvação da alma, hoje, é como se os dizeres da publicidade denunciasses que ele, o corpo, a substituiu em suas antigas funções morais e ideológicas, sob o seguinte lema: ‘Temos um só corpo e é preciso salvá-lo’ (ibidem:212).

O curioso é que, se durante séculos, tenha havido um esforço tão grande para convencer as pessoas de que elas *não tinham um corpo*, hoje tudo leva a convencê-las do próprio corpo. Mas o corpo não seria a própria evidência? Esse autor responde que não, pois o estatuto do corpo é um fato da cultura. Segundo ele, o modo de organização em relação ao corpo reflete o modo de organização da relação das coisas e das relações sociais, de modo que

está em acordo com Lévine e Touboul (citadas à página 29), quando afirmaram que ‘o corpo se dá, (...) de modo igualmente imediato, como um ser natural e como um objeto social, ou seja, como um objeto de inscrição de valores próprios a uma sociedade na própria carne dos homens que a compõem’ (Lévine e Touboul,2002:13)’.

Desse modo, não é de se surpreender que o estatuto geral da propriedade privada se aplique igualmente ao corpo, à prática social e à representação mental que dele se tem. Ao invés de ser negado, deve ser intensamente ‘investido, nos sentidos econômico e psíquico’ (Baudrillard,op.cit.:213-4). Esse investimento pode assumir infinitas variações, a nível individual, assim como pode refletir padrões referentes aos diferentes segmentos da sociedade. Dentre inúmeras outras, e perpassando diferentes segmentos sociais, a malhação foi descrita como uma das maneiras mais emblemáticas de investimento sobre o corpo na atualidade.

O que está em jogo, nessa dinâmica é que, sob essa relação de investimento, o corpo assumiu uma condição de mercadoria, idéia que remete ao que Marx denominou ‘o caráter fetichista¹³⁰ da mercadoria e seu segredo’. Por meio desse conceito, na busca da compreensão crítica da economia e ideologia capitalistas, Marx descreveu a civilização burguesa como o lugar onde o mais ordinário dos bens manufaturados se torna uma figura prodigiosa. A mercadoria moderna, portanto, consiste no substrato de uma operação quase alquímica, fato que Marx identificou como um dos estragos provocados pela ‘emancipação do valor de troca em relação ao valor de uso’ (Rigaut,2004:18).

Não é possível esclarecer aqui todas as relações estabelecidas por Marx em sua teoria do valor, mas o principal é que, se à primeira vista, as mercadorias aparecem como algo trivial, facilmente compreensível, sua análise mostrou-as cheias de sutilezas e ranços. Marx compara-as aos produtos do cérebro humano que, nas práticas religiosas, são aparentemente

¹³⁰ A palavra fetichismo apareceu no meio do século XVIII no campo da antropologia da religião. Esse substantivo, derivado do português *feitisso* (feitiço: sortilégio, encantamento), foi utilizado para designar o peder de proteção que certos povos reconhecem em objetos inertes. Ele distingue-se da idolatria, por ser anterior a qualquer forma de organização do sagrado, consistindo numa resposta ‘espontânea’, mais ‘material’ que verdadeiramente espiritual. Essa definição alimentou o pensamento proto-etnológico do século XIX, por meio da noção mais ampla de ‘animismo’ (Rigaut,2004:17).

animados de vida própria e consistem em entidades independentes, em relação a elas mesmas e aos homens. O que ele chama de fetichismo se prende aos produtos do trabalho quando eles aparecem sob a forma de mercadoria e também é inseparável de sua produção. O fetiche provém do caráter social particular do trabalho que as produz. A cisão entre o produto do trabalho e o objeto de utilidade e objeto de valor se realiza no momento da troca. Os objetos úteis são produzidos, portanto, visando à troca e o caráter de valor das coisas já é vislumbrado desde a sua produção. Enfim, somente por meio dessa troca é que os produtos do trabalho adquirem a realidade de valor social, uniforme, distinto de sua realidade sensível, enquanto objetos de utilidade (Marx, 1946:57-8).

Por isso, Marx criticou os economistas que pensavam ter descoberto uma espécie de ‘substância química’ que determinaria o valor de uso das coisas, pois, para ele, esse valor se realizaria somente na troca, dentro de um processo social. Ele sugeriu que, quando Galiani afirmou, em 1801, que ‘o valor das coisas é uma relação entre pessoas’, deveria ter acrescentado: ‘escondida sob o envelope das *coisas*’ (ibidem:62). A fim de ilustrar essas idéias, ele afirmou que, caso as mercadorias pudessem falar, diriam: ‘Nosso valor de uso pode interessar ao homem, mas o valor de uso não é um atributo material nosso. O inerente a nós, enquanto coisas, é o nosso valor, (...), enquanto nós somente nos relacionamos umas com as outras pelo valor de troca’ (Marx, 1946:72).

Após essa breve exposição do fetichismo da mercadoria, em Marx, pode-se introduzir o conceito de ‘estética da mercadoria’, com o qual trabalhou Haug (1997), a fim de explicitar que a base material do reinado absoluto da última é justamente o risco de ‘encalhe’ que ronda permanentemente a produção de mercadorias, o que retoma a discussão acerca das transformações ocorridas no sistema capitalista após a crise da Bolsa de Valores de Nova York em 1929.

O que interessa aqui foi que ele observou que os destinatários humanos da propaganda também são tratados como mercadorias, à medida que essa lhes oferece, por exemplo, roupas, e de maneira análoga, uma boa-forma corporal, enquanto ‘embalagens para si mesmos’,

tornando-se, portanto mercadorias que são embalagens para o indivíduo-mercadoria. Nesse âmbito, as duas áreas centrais nas quais a propaganda apresenta soluções para os mesmos problemas de recepção e venda que os das mercadorias propriamente ditas são a carreira profissional, ou seja, o mercado de trabalho, e a reputação geral, em especial, o sucesso amoroso. Ele citou que, ainda em 1968, à indagação de ‘como pessoas inteligentes muitas vezes não progrediam nem alcançavam sucesso em sua profissão’ um anúncio respondia que a causa não deveria ser o azar, mas provavelmente, sua ‘embalagem’, lançando sua mensagem: ‘com um novo terno, você vender-se-á melhor! E quase sempre é isto o que importa na vida’. No ano seguinte, uma revista recomendava a uma mulher que buscava uma relação amorosa: ‘torne-se arrebatadoramente linda... (...) se quiser sondar o mercado, você precisa se oferecer na mais sedutora embalagem...’ (Haug,1997:105).

Haug descreve assim a atração que a embalagem da moda exerce sobre o sucesso amoroso, levando a relacionamentos que aparecem sob a forma dinheiro-mercadoria, por meio da imposição de um novo padrão para se obter sucesso na profissão e no amor:

‘A concretização desse novo padrão não foi aqui a causa motriz, mas meio e efeito colateral do ponto de vista do interesse e da força motriz determinantes. As maneiras de ambicionar o sucesso e do comportamento amoroso são, segundo essa sua transformação, subproduto de determinadas estratégias de ambicionar o lucro. Essas estratégias pretendem tornar vendáveis determinadas mercadorias dos complexos de uso profissional e amoroso. A sua tática consiste em oferecer as respectivas mercadorias aos seus destinatários como meio para tornarem a si mesmos vendáveis. Trata-se essencialmente da propagação de uma determinada disposição humana para a compra; a par disso, e inseparável do objeto e da técnica, propaga-se a *comprabilidade* das pessoas. Da perspectiva da empresa anunciante, trata-se da valorização de seu capital (idem,106)’.

Assim como Haug interpretou os gastos com roupas como investimentos de capital, os cuidados com o corpo reproduzem esse mesmo impulso, cuja esfera ele denominou ‘comercialização da aparência superficial do corpo’. Ele descreve uma mudança ocorrida na relação entre a pessoa e seu corpo à medida que a fome de lucros ampliou o mercado dos cosméticos a ponto de suas estratégias passarem a penetrar nos poros da sensualidade humana:

‘O setor (dos cosméticos) cresceu e obteve lucros a partir de uma propaganda maciça com o mesmo objetivo puramente instrumental de submeter a relação entre a pessoa e seu corpo, ou o dos outros, a transformações radicais. (...) O seu cheiro (do corpo) passa a ser repugnante. (...) Desse modo, surge uma nova norma social imediata e prepotentemente apoiada nos *sentidos* do indivíduo, relativa à normalidade, ao asseio, em contraposição à repugnância e ao inferior. Pode-se denominar esse fenômeno de *padronização da sensualidade*. Ele ilustra como os mecanismos cegos da ambição de lucro, enquanto meio em si indiferente para um fim e, enquanto sub-produto do lucro, moldam a sensibilidade humana’ (Haug,1997:109-110).

A questão fundamental que aí se descortina é que, na sociedade capitalista, o corpo e os cuidados com ele não escapam a essa condição de mercadoria. Não somente os produtos cosméticos, mas as práticas que têm como objetivo a transformação de sua forma, estão diretamente relacionados a um tipo de sensibilidade vigente. O sentido mais importante, neste caso, a ser agradado, no outro, é o da visão, mas pode-se constatar uma modificação em relação ao sentido do tato, tanto o seu próprio quanto do outro.

É importante, por outro lado, levar em consideração que não se pode reduzir tudo a um esquema perverso ao qual os indivíduos são submetidos cegamente, pois é incontestável que o movimento e uma alimentação saudável, tragam, freqüentemente, a sensação de prazer e bem-estar, além dos extensamente comprovados benefícios à saúde. Contudo, o que se discute aqui é a *qualidade* como esse movimento é exercido, e a finalidade (que reside na opção por uma atividade) que aponta muito mais para o alcance de uma forma futura do que para o prazer imediato de sua realização. Ou seja, a questão do valor de troca está presente desde a produção, conforme havia observado Marx.

As idéias de cultura de massa e de indústria cultural estão, portanto, relacionadas à veiculação de uma espécie de modo de vida, atrelado, por sua vez, aos produtos e opções de atividades físicas oferecidas a um determinado tipo de sensibilidade que se configura a partir daquele desejo de atingir a boa-forma. Sob esses aspectos, diante da instauração de novos referentes culturais e estilos de vida, fundados numa ‘cultura do narcisismo’, novas implicações psicossociais e políticas favoreceram a constituição do indivíduo contemporâneo.

Na lógica dessa cultura, a busca da realização individual ocorre por meio da apropriação dos signos do consumo. Englobando a esfera da relação com o corpo, é gerada uma insaciável preocupação, e desencadeando num crescimento vertiginoso da ‘indústria da beleza’, nesse contexto, tornou-se um novo alvo do consumo.

Entretanto, embora o fenômeno da ‘sociedade de consumo’ esteja sendo tratado em seus contornos mais recentes, Morin recorda que, muitas décadas antes, Marx já havia observado, na 'Contribuição à Crítica da Economia Política' (1844), que a produção cria o consumidor, à medida que ‘produz não só um objeto para o sujeito, mas também *um sujeito para o objeto*’ (Marx apud Morin, 1969:47).

Em suma, à medida que ele desencadeou mudanças no nível da subjetividade individual, todo esse quadro dos desdobramentos pelos quais passou o sistema capitalista, em suas sucessivas reformulações, no sentido de dar origem à sociedade de consumo, foi descrito a fim de auxiliar a compreensão da emergência da personalidade narcisista, em especial se for recordado o pressuposto de que ‘determinadas formas societárias implicam a gestação de novas formas de organização da identidade, de modo que cada sociedade estimula aqueles traços de personalidade mais adequados à sua manutenção’ (Severiano, 2000:19).

Enfim, é possível vislumbrar as relações entre cada uma dessas reestruturações do sistema e a instauração de personalidades em que são acentuados os traços a ele mais condizentes. Em outras palavras, sob a compreensão de que um determinado sistema não gera somente produtos e mercadorias, mas também determinadas configurações de subjetividade (Vandenberghe, 2005). Sendo assim, apresentados os aspectos da sociedade, a partir deste ponto, será enfocada a subjetividade individual. Sob esta perspectiva, aquele *ethos* dos primeiros capitalistas, inscrito num contexto material específico, que priorizava a busca *racional* do lucro, cedeu lugar a novas formas de subjetividade. Ao longo de um processo histórico em que as relações econômicas nas sociedades capitalistas avançadas se complexificaram, um novo *ethos* desenvolveu-se, em que a busca pelo consumo, aparentemente *irracional, desenfreada, sem limites*, passou a ocupar um papel central. A

sociedade de consumo de massa inverteu assim aquela máxima da ética protestante que consistia em consumir o estritamente necessário. Simultaneamente, o corpo e a saúde, no início, simplesmente bens a se conservar austeramente, tornaram-se objetos de um ‘labor narcísico’. Nesse novo contexto pode ser situada, como mais um alvo do consumo, a dificilmente saciada preocupação com o corpo, o que desencadeou o crescimento vertiginoso da ‘indústria da beleza’.

Em suma, sob a perspectiva das subjetividades, a análise dessa transformação histórico-social pode ser sintetizada por meio das figuras do ascético e do narcisista, descritos, em termos *weberianos*, enquanto ‘tipos-ideais’ que correspondem, respectivamente, aos *ethos* predominantes de dois momentos distintos: o primeiro caracteriza o tipo de personalidade relacionada aos primórdios do capitalismo e o segundo representa um tipo emblemático do período que se segue, do pós-fordismo e da sociedade de consumo. Em suma, a adequação às mudanças numa esfera ‘macro’ (da sociedade, do sistema capitalista), engendrou a tendência da substituição dos traços de personalidade ascética pelos da narcisista.

No entanto, embora o narcisista apresente características bem contrastantes e *novidades*, em relação ao ascético, nele também podem ser apontados elementos de continuidade, o que fica evidente no fato da imagem da ‘malhação’ reunir traços de ambos. Se a onipresença dos espelhos indica um forte traço narcisista, não se pode acreditar que os valores ascéticos foram simplesmente abandonados, pois, conforme descrito, eles se mantêm arraigados em diversas atitudes, sob uma roupagem sofisticada. De um lado, o lazer deixou de ser proibido, porém a preguiça continua sendo pecaminosa, pois os períodos de tempo livre e de trabalho assemelham-se em função dos horários marcados, da disciplina rígida e da programação racionalmente planejada.

A transformação dos valores baseados na austeridade e na acumulação para o estabelecimento de uma ética do consumo, lazer e desfrute, repercutiu, na esfera dos padrões de beleza, numa forma corporal em que se apresentaram *outras maneiras de acumular capital* que não no corpo. Isso explica o fato de que, no crescente protagonismo assumido pelo corpo, que a magreza (com músculos definidos!), tenha se tornado critério de distinção social.

Assim, na discussão acerca do culto ao corpo, quando o enfoque é apontado para a sociedade, é descrito o conjunto de transformações pelas quais passou o sistema capitalista, e quando é apontado para o indivíduo, percebe-se que foi propiciada a emergência de determinados traços de personalidade mais condizentes à nova fase. Um aspecto importante a ser levado em consideração é a mudança do foco, inicialmente voltado para a produção, em direção à emergência de uma sociedade de consumo. Na esfera da subjetividade, observou-se a substituição de um *ethos*¹³¹ marcado pela austeridade, sintetizado na figura do ascético, por outro baseado no gasto e no desfrute.

Considerando mutuamente dependentes os aspectos psicológicos e os sociológicos, busca-se captar essa complexa questão a partir de um maior número de ângulos possíveis. Seria desejável que as mudanças, ocorridas em todos os diferentes níveis, pudessem ser esclarecidas, todas ao mesmo tempo, que é de fato como ocorreram, numa dinâmica muito mais complexa do que por meio de meras relações de causa e efeito. Todavia, ao longo de um texto teórico, faz-se necessário dissecar uma a uma de suas facetas, ainda que se mantenha a consciência de que se trata de uma separação meramente didática e de que não será possível apontar todas elas.

¹³¹ Ethos, do grego uso, costume.

2. SOBREVENDO MARCAS

2.1. Variações Sobre o Mesmo Tema

‘strange days have found us’ Jim Morrison

Foi apresentado, até o momento, um percurso de sucessivas rupturas, iniciado com o advento da modernidade, cuja aceleração venceu os obstáculos em direção ao nosso estarrecido presente. Na intenção de retomá-lo e desenhá-lo, foi utilizada a imagem das *marcas*, compreendida como um possível elo entre as dimensões do tempo e do espaço. Como as rugas, as marcas representam uma zona intermediária, onde restam vestígios do passado, mas que existem na atualidade, concretamente, são acessíveis ao toque e, portanto, ocupam espaço. Sobrevoar o presente por meio de suas marcas leva à observação da diversidade dos produtos, à entrada na era pós-fordista, da constituição de segmentos específicos da sociedade, ligados por sua vez a opções por determinados estilos de vida, ao movimento de construção da identidade, o qual baseia-se em critérios que remetem novamente às marcas, positivas, a distinção, e negativas, o estigma.

Uma idéia corrente deste momento é a de vivermos numa época ‘pós’, ou seja, depois de algo que teria vindo antes: pós-moderna, pós-fordista, pós-industrial. Nesta, repete-se e amplifica-se aquela qualidade atribuída ao ‘moderno’, no sentido de que significa apenas um índice, que depende de uma referência anterior. Um dado importante acerca do corpo é que ele também se tornou pós: pós-orgânico, pós-humano? Tendo deixado de ser um dado irreversível, o corpo tornou-se um suporte para experiências de transformações inusitadas. Por outro lado, o título ‘variações sobre o mesmo tema’ justifica-se pelo fato de que, embora tenha sofrido transformações radicais, o sistema capitalista manteve aspectos importantes de sua estrutura, resumidos na busca do lucro, na geração e aumento do capital, sob novas e mais sofisticadas roupagens.

Zajdsznajder observa que, embora o enigma do presente, em geral, exerça mais atração que o mistério do futuro e os fantasmas do passado, sabemos bem pouco acerca do solo que estamos pisando. Dentro do que ele chama de um ‘conjunto de sinais e sintomas da instauração do pós-moderno’, o autor aponta um tempo que ainda não possui essências nem contornos definidos. Segundo ele, se a antiguidade e o medievo estavam orientados para o passado, e a modernidade para o futuro, o pós-moderno tem como referência o presente (Zajdsznajder,1992:1-6). Na verdade, a idéia de uma época pós-moderna é bastante complexa e traz consigo muitas controvérsias. Uma primeira dificuldade que se apresenta ao se tratar do presente reside na falta de um mirante mais ‘confortável’ de onde observá-lo, já que estamos também imersos neste turbilhão. Outro problema é encontrar para ele um nome adequado. Existem diversas expressões criadas para pensar ‘no que veio depois’ da instauração da modernidade, tais qual ‘hiper-modernidade’, pós-modernidade, modernidade tardia, baixa modernidade, modernidade líquida, sociedade pós-industrial, pós-fordista, chamando atenção para o fato de que não são sinônimas, e que cada uma possui suas particularidades e sutilezas, as quais não se deseja aprofundar aqui.

Quanto à idéia do pós-moderno, Lyotard (1979) afirmou ser essa a condição geral da cultura nas sociedades do Primeiro Mundo após as transformações porque passaram a ciência, as artes e a literatura desde o final do século XIX. O autor trabalhou com a hipótese de que ‘o saber muda de estatuto ao mesmo tempo em que as sociedades entram na idade dita pós-industrial e as culturas na idade dita pós-moderna’ e discorre sobre as conseqüências da informatização na produção de saber. Na busca de esclarecer a idéia de ‘pós-modernidade’, Coelho, por sua vez, afirma que a sensibilidade atual é claramente distinta da que vigorou até o início da Segunda Guerra Mundial ou da que orientou a percepção, a emoção ou a reflexão até o advento da bomba atômica, o desenvolvimento da televisão e a formulação do novo pensamento científico que, iniciado com Einstein na primeira década do século, veio lentamente penetrando no cotidiano (Coelho,1995:7). Ele sintetiza assim os principais acontecimentos que inauguraram uma nova fase:

‘Depois de Hiroshima e Nagasaki, da Guerra Fria, da invasão da Hungria pela URSS, da Guerra do Vietnã, da rebelião dos jovens de 1968, da Primavera de Praga, do choque do petróleo, da queda do muro de Berlim, do esfacelamento da antiga URSS e da inquietante ascensão dos pré-modernos fundamentalismos religiosos (...), a sensibilidade humana não pode mais ser a mesma e não pode mais ser estimulada ou atingida pelas propostas que, de um modo ou de outra, puderam ser chamadas de modernas. Surgiram no cenário novos modos de expressão musical (*Beatles, Rolling Stones, heavy metal, death metal* e segue-se longa lista), novos modos de imagem (a MTV, o CD-ROM), a publicidade pervagante¹³², o cinema de grandes trucagens, o jornal quase sem palavras¹³³, novos modos de viver em sociedade, enfim: uma multidão de novos modos estéticos e éticos que pouco ou nada têm em comum com o universo e a sensibilidade da época do romance *balzaquiano*, da pintura impressionista, do primeiro cinema. Revisões na moda, um diferente entendimento das práticas sexuais em diferentes versões, o surgimento da AIDS, tudo aponta para uma sensibilidade à qual os cânones modernos pouco dizem’ (Coelho,1995:8).

Quando se refere ao ‘novo pensamento científico’ e a Einstein, Teixeira Coelho levantou um outro aspecto importante a ser levado em consideração, que é a mudança de paradigma ocorrida no campo da ciência. Prigogine identificou, na atualidade, uma situação teórica totalmente diferente daquela que norteava o enorme progresso científico ao longo dos três séculos que nos separam de Newton, apontando uma metamorfose da ciência. De fato, enquanto para a ciência clássica a natureza era semelhante a um autômato submetida a leis matemáticas, segundo o paradigma emergente, o discurso científico busca situar o homem no próprio mundo que ele descreve, o que implica na abertura desse mundo. Essas questões não se restringem à esfera da ciência, já que sua própria existência e o conteúdo de suas teorias têm inevitavelmente a ver com as relações que os homens mantêm com o mundo natural e com a condição da ciência enquanto prática cultural, o que faz com que todas sejam renovadas (Prigogine,1997:1-3).

Recorda-se que a ciência moderna constituiu-se um produto de uma cultura contra certas concepções medievais até então dominantes, tais como o aristotelismo e a alquimia. (rever 1.1). A ciência clássica estabeleceu um tipo de relação entre o homem e a natureza.

¹³² Pervagante, que pervaga, percorre em diversas direções, atravessa, cruza (Ferreira, 1554:1999).

¹³³ E as revistas do tipo ‘Caras’, por exemplo, onde se dá muito mais destaque para as imagens que para o texto.

visando compreendê-la e modificá-la, iniciaram o chamado ‘diálogo experimental’, que consiste numa estratégia de interação entre a teoria e a manipulação prática, baseada na ‘separação’: ‘Tiro um corpo do seu meio natural, separo-o, coloco-o num meio artificial que controlo e sobre o qual faço variar um certo número de determinações e que me permitem conhecê-lo’ (ibidem:30-1). A ‘separação’ norteava todo o conhecimento, para o qual as dificuldades eram separadas e seus problemas resolvidos um a um, o que delimitou os respectivos domínios das diferentes disciplinas.

O comportamento da natureza submissa teria por chave leis acessíveis ao homem através dos meios da mecânica racional, o que trouxe a idéia de que leis matemáticas podiam ser descobertas. Recordar-se que o primeiro sucesso, a teoria gravitacional, é passível de aplicação desde as coisas que caem até aos corpos celestes, e nunca foi desmentido. A ciência clássica negava questões mais complexas porque era incapaz de lhes dar um lugar, o que gerava um enorme contraste entre a beleza tranqüila da ciência e o turbilhão mesquinho das experiências mundanas (ibidem:5). No entanto, a surda insistência das questões negadas acabaria por vir à tona e os conceitos básicos que fundamentavam a concepção clássica de mundo encontraram seus limites no progresso teórico. Com o advento da mecânica quântica, abandonou-se a ambição de que a função da ciência seria ultrapassar as aparências complexas e reduzir a diversidade de processos naturais a um pequeno número de leis matemáticas simples. Além disso, passou a ser considerada ilusória a antiga idéia de que era possível discriminar entre a realidade objetiva e a subjetividade.

Em suma, o objeto das ciências da natureza transformou-se: não estamos mais no tempo em que os fenômenos imutáveis, as situações estáveis e as permanências prendiam a atenção, o que interessa, agora, são as evoluções, as crises e as instabilidades, tudo aquilo que se transforma, as perturbações geológicas e climáticas, a evolução das espécies, a gênese e a mutação das normas que interferem nos comportamentos sociais. Finalmente, as sociedades industriais, de um modo geral, procuram compreender-se melhor, interrogando os saberes das práticas ‘primitivas’. A ‘velha aliança’ rompeu-se e o homem passa a saber, finalmente, que está só na imensidão indiferente do Universo do qual emergiu por acaso (ibidem:2). Em

contraste com a cosmovisão mecanicista, Prigogine apontou para um ‘novo diálogo’ com a natureza, levando em consideração a existência de uma espécie de ‘criatividade’ constante em seus processos, trazendo de volta seu ‘reencantamento’.

Por outro lado, apesar de toda a reviravolta no pensamento científico, muito da ciência moderna continua a dominar os modos de vida. As práticas de ‘malhação’, por exemplo, baseiam-se numa concepção absolutamente mecanicista do corpo humano, não levando de modo algum em consideração esse ‘novo diálogo com a natureza’. A questão é complexa, pois paradigmas diversos convivem lado a lado, indicando a permanência de elementos do passado, dependendo do ângulo observado. Por isso, para compreender o ‘hoje’, o desenvolvimento tecno-científico é considerado crucial no sentido de se estabelecer diferentes modos de classificação para fases e transformações pelas quais passou o capitalismo.

Uma idéia bastante aceita é a de que a economia industrial, que teria começado com o nascimento das primeiras fábricas, desenvolve-se ao longo de ciclos - identificados primeiramente por Krondatieff e, mais tarde, por Schumpeter. Resumidamente, cada um desses ciclos poderia ser descrito por meio de fases, na primeira das quais se daria um rápido crescimento e acumulação de capital, seguida de uma de estabilização, para finalmente, se entrar num período de redução do crescimento e dos lucros. Tendo concebido a evolução da economia industrial por meio da *destruição criadora* (rever 1.1), Schumpeter afirmou que, quando um conjunto de novas tecnologias encontra aplicação produtiva, as tecnologias tradicionais são destruídas, por não serem mais capazes de competir no mercado. Durante a fase de estabilização, devido ao aumento da competição entre as empresas, que já adotaram as novas tecnologias, os lucros caem e, finalmente, devido a um excesso de oferta em relação à demanda, começa uma fase de decadência daquele determinado modelo produtivo. É por esse motivo que uma das maneiras de definir historicamente seus ciclos é sob o ponto de vista da marcha da evolução tecnológica e seus elementos-chave para a respectiva produção¹³⁴.

¹³⁴ Sob o ponto de vista da marcha da evolução tecnológica, é possível enumerar, portanto, cinco ciclos, ou ondas, desde o início do capitalismo até os dias de hoje: a primeira, situada ainda nos finais do século XVIII, relaciona-se à energia hidráulica, utilizada nas primeiras indústrias têxteis e de ferro; a segunda, que teve início em meados do século XIX, é identificada pela utilização da energia a vapor, o surgimento das ferrovias e da

Boltanski e Chiapello, a seu turno, tomando emprestado e desdobrando em novas fases a expressão *weberiana*, identificaram, no capitalismo, ‘três espíritos’. Delineando uma cronologia que alcança os dias de hoje, aquele espírito descrito por Weber não passaria do primeiro deles, que pode ser sintetizado na figura do burguês empreendedor. Já no ‘segundo espírito’, etapa situada por volta da década de 1930, aquele primeiro sujeito (o ascético) viria a ser substituído pela figura-chave do ‘diretor-gerente’, ou o ‘capitão de indústria’. Concomitantemente, eclodem movimentos de trabalhadores na reivindicação de seus direitos. Adentra-se no terreno da sociedade de produção em massa – ou ‘pós-industrial’ – quando o capitalismo passou a se centrar em torno das grandes empresas. Enquanto mecanismos para se justificar e se legitimar, foram criados os planos de carreiras, a associação do capitalismo privado com o desenvolvimento do Estado de Bem-Estar Social (*Welfare State*)¹³⁵, e expressões meritocráticas de justiça fundadas em julgamento de competência com base em diplomas conquistados.

Em suma, o primeiro e o segundo espírito traduzem a passagem do momento dos tempos ‘heróicos’ da Revolução Industrial do século XIX - considerados a ‘pré-história’ das fábricas, onde reinavam as ‘grandes máquinas sujas’, e as relações sociais por elas geradas, tais como jornadas de trabalho de dezesseis horas diárias, os imundos bairros operários, juntamente ao uso do carvão, até o advento do automóvel – para a sociedade pós-industrial’ que o sucedeu, com a qual chegaram a química sintética, a eletrônica e a televisão.

Surgido nos anos 1980, sob o ponto de vista da produção, o ‘terceiro espírito’ refere-se à abolição do modelo da economia industrial do século XX, sintetizado na idéia de *fordismo*, que se baseava na aplicação da eletricidade à produção e reorganização das fábricas em torno da linha de montagem. A contribuição de Boltanski e Chiapello reside na observação de que as indústria do aço; a terceira, na virada para o século XX, está ligada à descoberta da eletricidade e dos motores de combustão interna; a quarta, por volta de 1950, já apresenta o uso do petróleo, equipamentos eletrônicos e aviação; a quinta, iniciada em torno da década de 1990, é caracterizada pelas informática, as redes digitais, softwares e novas mídias (Magnoli,2000:72).

¹³⁵ Essa classificação em fases é bastante genérica e localizada nos países ricos, visto que não se pode afirmar que o Brasil tenha em algum momento experimentado o Estado de Bem Estar Social nos termos descritos, mas essa discussão não cabe aqui. A questão central é que, mesmo que não tenha passado por essas fases de modo semelhante, aqui também se dão repercussões das mesmas.

novas etapas traduzem adaptações no sentido do sistema se transformar e criar novas justificativas para e manter sua continuidade, eventualmente aproveitando até mesmo elementos da crítica a ele próprio. Eles demonstraram assim a habilidade do capitalismo de se transformar e tornar obsoletas as críticas que o atacaram na fase anterior, em especial nas décadas de 1960-70 (Boltanski e Chiapello:8).

Foi assim que, no terceiro espírito, teria ocorrido uma flexibilização das relações de trabalho e a absorção de uma série de críticas dos movimentos contestatórios. Introduziram-se a ‘criatividade’ e ‘personalidade’ que o sistema havia sido acusado de carecer. Essa mudança refletiu-se na segmentação da cultura em nichos de mercado de modo que não sejam perdidas as possibilidades de lucro, inclusive levando em conta de segmentos sociais que outrora poderiam ser considerados minoritários. Assim, se a fase anterior estava relacionada à produção em série para mercados homogêneos, nas indústrias de ponta da revolução tecnocientífica, o modelo passou a ser o da produção flexível de mercadorias adaptadas a nichos de mercados específicos, tema do próximo capítulo. O pós-fordismo assistiu à passagem do consumo massificado para aquele que alcança uma grande diversidade de gostos e estilos. Assim como se ampliou o leque de possibilidades de consumo para a moda no vestuário, as técnicas de construção do corpo, incluindo as práticas de atividade física, vêm se multiplicando numa variedade inédita, buscando alcançar gostos e estilos de vida mais variados.

Essa idéia pode ser ilustrada por meio da observação de que a prática da malhação, por meio de aparelhos de musculação e aula de ginástica localizada, por exemplo, convive lado a lado, nas academias, assim como nos espaços públicos, com práticas corporais ditas ‘alternativas’, tal como o *yoga*, as diversas técnicas de alongamento, práticas desportivas mais criativas e ‘lúdicas’, enfim, modalidades que surgem a cada verão e que se tornam uma verdadeira febre, como indica a recente proliferação do *Pilates*¹³⁶. O mais importante é que, a cada novo desejo, seja oferecido um produto, que os consumidores fiquem satisfeitos, o que se

¹³⁶ *Pilates*: técnica de movimento de origem alemã, muito na moda hoje em dia, em que são utilizados exercícios que envolvem contrações e alongamentos musculares, em colchão e em aparelhagem própria com cabos de tração.

traduz numa fonte segura de lucro, de modo que as práticas corporais não escapam a essa dinâmica.

Deve-se reconhecer, além disso, que apesar de existirem nítidas transformações desde os primórdios do capitalismo até os dias de hoje, qualquer classificação é didática, e que na verdade muitos de seus elementos encontram-se sobrepostos na realidade. É sob esse aspecto que o ‘espírito empreendedor’ da primeira fase, com devidas sofisticções, mantém-se presente até a atualidade, o que explica que sejam encontrados elementos do ascetismo, não somente na malhação, mas até mesmo na atitude dos praticantes do *yoga* e meditações, pois é óbvio que o contexto em que se realizam essas atividades em nada se assemelha ao dos *yoges* da Índia, que não têm nessa atividade uma prática meramente corporal, mas também (e principalmente) espiritual e religiosa. Ao contrário, essas atividades são oferecidas, freqüentemente, pelas mesmas academias - de preço exorbitante, ar condicionado gelado e arquitetura de ‘não lugar’ – que se dirigem à satisfação de seus consumidores, via de regra, pessoas muito atarefadas e apressadas, com objetivos bastante pragmáticos e voltados para enfrentamento dum cotidiano frenético e o sucesso profissional, amoroso, individual, enfim.

Aqueles traços da personalidade ascética, contudo, são hoje difundidos sob uma nova configuração. O que parece ter ocorrido é que aquele empreendedorismo, antes identificado como uma característica predominantemente dos ‘patrões’, na atualidade, difundiu-se para a massa dos indivíduos, sob a ameaça de uma total exclusão da nova sociedade a que devem se adequar. Observando o declínio do ‘Estado de Bem-Estar Social’ (*Welfare State*) e da emergência do neoliberalismo, Rose descreve o estímulo do surgimento do ‘sujeito ativo’, que não mais dependeria do Estado para a resolução de seus problemas, mas que, ao contrário, passaria a se comportar como um ‘empresário de si mesmo’. Emblemática desta nova etapa é a frase de Margareth Thatcher, primeira-ministra da Inglaterra entre 1979 e 1990, em que afirmou, certa vez, que não existia ‘essa coisa de sociedade’. Em outras palavras, o que existe são apenas pessoas, grupos familiares, num Estado que diminui cada vez mais sua participação na economia e os gastos sociais (Rose,2003).

A importância assumida pela boa-forma corporal está intimamente relacionada às qualidades exigidas dos sujeitos sob a ótica do terceiro espírito do capitalismo. A aparência individual, assim como as instalações de uma empresa, representa um indicador imediato do sucesso ou fracasso, este último tornado inadmissível e praticamente um sinônimo de exclusão do paraíso do consumo.

Diante desta nova realidade, Sibilia observa que hoje vivemos num contexto bastante distinto daquele que serviu de cenário à sociedade industrial. Por conta disso, ela supõe que estão emergindo novos modos de subjetivação, diferenciados daqueles que produziram os corpos dóceis e úteis dos sujeitos disciplinados descritos por Foucault (rever 1.3.). Na visão da autora, o novo capitalismo é assistido pelo poder de processamento do instrumental digital, à medida que:

‘metaboliza as forças vitais com uma voracidade inaudita, lançando e relançando ao mercado, constantemente, novas formas de subjetividade que serão adquiridas e de imediato descartadas pelos diversos *targets* aos quais são dirigidas, alimentando uma espiral de consumo de modos de ser em aceleração crescente. Assim, a ilusão de uma identidade fixa e estável, característica da sociedade moderna e industrial, vai cedendo terreno aos *kits* de perfis padrão ou identidades *prêt-à-porter* (nos termos de Suely Rolnik). Tratam-se de modelos identitários efêmeros, descartáveis, e sempre vinculados às propostas e aos interesses do mercado’ (Sibilia,2002:33).

Se o funcionamento do regime disciplinar era pautado por um regime massificante e individualizante, que operava por moldes e visava à adequação às normas, no contexto atual, Sibilia afirma que tanto a noção de massa quanto a de indivíduo, intimamente ligadas à modernidade, estariam perdendo força. No lugar dessas figuras, emerge a figura do *consumidor*, que ao invés de integrar a *massa* – como nos Estados-Nação da era industrial – ele faz parte de *amostras*, nichos de mercado, segmentos de público, *targets* e bancos de dados. Cada vez menos definido em termos do território geopolítico onde nasceu ou vive, esse sujeito tende a se relacionar com as corporações de um mercado global. A passagem de um mundo analógico para um digital pode ser ilustrada pela substituição de seus mais

emblemáticos símbolos, a carteira de identidade, pelos cartões de crédito e senhas de acesso (Sibilia,2002:34-5).

Resumidamente, a transição ocorrida entre o primeiro e o segundo ‘espírito’ do capitalismo pode ser compreendida a partir do deslocamento do foco do sistema, inicialmente voltado para a produção e, em seguida, para o consumo. O segundo, que viveu seus ‘anos dourados’ por volta de 1945 a 1973, caracterizava-se por uma estrutura burocrática, piramidal, controlada de modo centralizador, orientada para a produção estandarizada de bens, de modo que, como um elefante pesado, era rígida e alienante. A partir da crise na acumulação de 1970, ela deu lugar ao regime pós-fordista de acumulação flexível, de modo que aquela velha burocracia passou a dançar o ritmo neo-liberal. A ele corresponde a entrada no terceiro espírito, em que o consumo de massa de bens *standartizados*, sem que se possa dizer que deixou de ser de massa,deu lugar à produção e ao consumo desdobrados em um leque heterogêneo, pois passaram a corresponder a segmentos do mercado mais específicos e variados, em que se ampliou a variedade de opções de consumo. Nessa fase, o gerenciamento se descentralizou, a pirâmide se achatou e ocorreu uma especialização flexível da produção, que passou a ser orientada para *nichos de mercado* (Vandenberghe,2004:3).

Por esse motivo, a segmentação da cultura consiste num objeto interessante para ilustrar a passagem de um modelo de produção em massa para a implementação de um sistema que passou a se preocupar com a busca da afirmação da identidade individual, da diversidade, da criatividade e da inovação. Sob outro aspecto, diante de tantas exigências de *flexibilidade* com que as empresas e os indivíduos se depararam, por trás de um amplo espectro de padrões de beleza ‘singulares’, percebidos enquanto novos segmentos de mercado, a magreza (com músculos) passou a ser mais adequada a esse novo modelo, de modo que uma suposta variedade convive com a hegemonia da forma magra, buscada por caminhos variados.

2.2. Segmentação da Cultura

Descrito o processo da transformação de valores de austeridade e acumulação para uma ética do consumo, lazer e desfrute, relatou-se o surgimento de outras maneiras de acumular capital que não no corpo e de novos padrões de beleza. O corpo passou a assumir um protagonismo sem precedentes, sob o conceito de boa-forma que se confundiu com a magreza, associada a músculos fortes e definidos. Esse padrão está fortemente relacionado às aspirações narcisistas, ao mesmo tempo em que se constituiu num lucrativo ramo da sociedade de consumo. Por trás de sua hegemonia, coexistem diversas estratégias de construção do corpo, dentre elas a prática de atividade física, que se abre num vasto leque de modalidades. Por trás de um modelo hegemônico, a sociedade pós-fordista assistiu ao surgimento de uma variedade de opções, o que se reflete na variedade dos meios disponíveis para buscar o corpo ideal. Por outro lado, os *frankfurtianos* afirmaram que a indústria diversificou seus produtos sem que isso viesse a consistir numa verdadeira identidade, mas sim num processo de *pseudo-individação*.

Situando-a no âmbito das práticas corporais, é introduzida aqui a noção de segmentação da cultura. Ela está relacionada àquela característica do terceiro espírito do capitalismo de oferecer, em diversas esferas da vida, uma grande variedade de opções (e de marcas). Servindo como uma ilustração para o tema em tela, pode-se estabelecer uma analogia entre como ocorre esse processo nos meios de comunicação e no âmbito das práticas corporais, comparando-se o público de leitores ao de praticantes de atividade física. Além de auxiliar a compreensão da idéia de segmentação, a proliferação de revistas especializadas e a presença freqüente do tema em revistas de variedades – um dos elementos que motivaram à escolha do tema desta tese - demonstram que o culto ao corpo se tornou um importante filão editorial. Portanto, as revistas oferecem um quadro bastante elucidativo acerca de variados aspectos que entram em jogo na cultura contemporânea, inclusive o culto ao corpo.

Mira observou que as revistas sempre foram mais segmentadas que meios de comunicação mais caros, tais como o cinema e a TV. Investigando exemplares de revistas, de

grandes e pequenas tiragens, a autora estabeleceu a especificidade dos leitores, seus respectivos estilos de vida e o que diferenciava umas das outras, percebendo que as grandes fronteiras entre os públicos eram basicamente as variáveis sociológicas de gênero, geração e classe social¹³⁷ (Mira, 2000:11)¹³⁸. Essa realidade não se refere a fórmulas editoriais que se mundializam, mas sim a *modelos culturais* que correspondem, em cada país e num dado momento, a uma condição moderna vivenciada por certos segmentos de público¹³⁹. Se de um lado, essas diversas publicações estabelecem canais de comunicação com condições de vida, hábitos e práticas específicos, de outro, à medida que a sociedade de consumo ganha dimensão mundial, a segmentação consiste numa estratégia para atingir novos nichos de mercado, ao se cruzarem essas três variáveis básicas e se especificarem as ofertas. Segundo uma dinâmica cada vez mais sofisticada, o leitor tornou-se um consumidor em potencial, e o editor um especialista em um grupo de consumidores. Tendo se tornado uma espécie de ‘catálogos de compra’, as revistas penetram nos meandros da subjetividade, relacionando-se diretamente à construção da identidade e ao modo de vida de seus leitores.

Na sociedade brasileira, a modernização levou a uma considerável transformação de todos os setores da produção cultural com vistas ao mercado. Desde os anos 1960, período de grandes transformações mundiais, com o surto de industrialização e urbanização no país, o surgimento de um leitor apressado passou a exigir publicações que trouxessem o máximo de informação num mínimo de tempo¹⁴⁰. A partir dos anos 1980, a construção da auto-imagem e a

¹³⁷ Porém, ela ressalta que, se ‘mulheres’ e ‘jovens’, por exemplo, acabaram por se constituir como alteridades e segmentos do mercado consumidor, as diferentes classes, embora demarquem níveis de consumo desiguais e uma diversidade quanto à preferência por certos produtos, não podem ser vistas exatamente como segmentos. Isso porque as diferenças de classe atravessam toda a cena cultural (Mira, 2000:11-2).

¹³⁸ Num estudo acerca da questão da segmentação da cultura sob o ponto de vista da atual adoração pela boa-forma, Castro (2003) propôs o mesmo recorte utilizado por Mira (2000) - gênero, geração e classe - para investigar os estilos de vida de grupos frequentadores de diferentes modalidades de atividades física de algumas academias de São Paulo, relacionando também seus achados ao conteúdo das revistas especializadas, o que será descrito adiante.

¹³⁹ A autora considerou as revistas um meio privilegiado para abordar o antagonismo entre massificação e diversificação da indústria cultural, de modo que o tema da globalização e da segmentação constituíram, portanto, os fios condutores de sua pesquisa.

¹⁴⁰ As revistas *Playboy* (1975) e *Nova* (1973), por exemplo, marcaram a delimitação dos grandes segmentos mundiais em termos de gênero, além de traduzirem mudanças de costumes. Globalizadas, possuem como leitores,

elevação da auto estima deixaram de se relacionar unicamente à moda e seus artifícios, tais como as vestimentas e maquiagens, e passaram a se inscrever profundamente no corpo. A crescente preocupação com a forma física se reflete no fato de *Nova* ter originado *Saúde!* e *Boa Forma*, que se especializaram no tema. No contexto do avanço do processo de segmentação da mídia, surgiram inúmeras outras revistas¹⁴¹.

A temática do corpo e do estilo de vida, que já recebia ênfase nas revistas voltadas para o público jovem, passou a ser introduzida nas revistas femininas e masculinas tradicionais, como 'Cláudia', 'Nova' e 'Playboy'. Pouco a pouco, observa-se o declínio da fórmula de beleza que se baseava em artifícios, tais como o *pan-cake*, as perucas e as unhas postiças e a transformação na direção de um corpo natural e saudável, associado a atividades físicas prazerosas¹⁴², tendo como temas básicos os exercícios físicos e as dietas (ibidem:187).

Dos anos 1990 em diante, as revistas especializadas em corpo passaram a proliferar abundantemente nas bancas¹⁴³. Nelas, identificam-se duas tendências marcantes ligadas ao culto ao corpo: uma que se preocupa com a saúde e outra cujo objetivo é estético. Apesar da

respectivamente, homens e mulheres do Brasil, cujo perfil muito se parece com o dos norte-americanos (idem:). Nesse período surgem as revistas *Claudia*, *Quatro Rodas*, *Realidade* e *Veja*. *Claudia* e pretendia atualizar a 'mulher brasileira' e consolidou a imprensa feminina no Brasil. *Quatro Rodas* reuniu elementos voltados para o público masculino, surgindo quase simultaneamente à implantação da indústria automobilística no país. *Veja* (1968), ao contrário de *Realidade* (1966), que durou dez anos, sobrevive até hoje como uma revista semanal de informação.

¹⁴¹ Podem ser citados, como exemplos: *Pop* e *Bizz*, para o público jovem, *Capricho* e *Carícia*, para garotas, *Placar* e *Fluir*, respectivamente sobre futebol e esportes radicais, e *Casa Claudia*, sobre decoração. *Exame Vip* expressa o estilo de vida e as marcas de classe de seus leitores, em geral sofisticados executivos. *Contigo* e *Caras* enfocam a vida e a intimidade dos 'olimpianos', ou seja, os ricos e famosos, astros de telenovela e pessoas da alta-sociedade, tema discutido adiante neste capítulo.

¹⁴² A idéia é bastante complexa, à medida que as revistas não deixam de consistir em catálogos de venda, conforme assinalou a própria autora. O fato é que, para se atingir o corpo com a referida aparência de 'natural', é importante dedicar alguns esforços, entre eles inclusive o da compra de produtos, anunciados pelas próprias revistas. O final da década de 1990 assistiu a uma proliferação das práticas cirúrgicas, em especial, às de implante de silicone, o que vai na contra-mão dessa idéia de 'corpo natural'. O que entra em jogo são os 'gostos diferenciadores' que por sua vez situam-se no contexto dos valores de distinção de cada grupo social e época determinados, o que leva alguém a considerar certa característica como 'chic' ou 'brega', temas tratados durante a pesquisa de campo deste trabalho. Em relação a essas transformações ao longo do tempo, surge o tema da moda, que será discutido adiante.

preocupação estética prevalecer sobre a questão da saúde, elas não são incompatíveis, em princípio, pois a primeira tende a englobar a segunda, e ambas confundem-se, já que prevalece a idéia de que um corpo saudável é um corpo bonito e vice-versa. Desse modo, o exercício físico e a dieta aparecem como pontos de confluência entre essas duas visões, pois quem se alimenta corretamente e faz exercícios físicos tem um corpo bonito (magro) e evita problemas circulatórios, respiratórios, depressão. Simultaneamente, a obesidade tornou-se o grande mal de uma sociedade sedentária e da abundância, para as classes que consomem (ibidem:185-6)¹⁴⁴

Manifestando essas duas tendências, surgem ‘Saúde!’ e ‘Boa Forma’, sendo esta a primeira a ocupar o rico filão do mercado do *fitness*. ‘Corpo a Corpo’ que, no início, tratava de temas ligados à ecologia, esoterismo e vida alternativa, após a realização de uma pesquisa entre os assinantes, acabou por se concentrar na questão da forma física, pois, segundo o então diretor de sua editora, ‘as pessoas não acreditam mais naquele ‘tipo cabeça’, que não liga para o corpo. É crescente a importância de cuidados com a beleza e saúde’¹⁴⁵ (Mira, 186).

Espaço privilegiado para a negociação das diferentes identidades, recuperar a auto-estima passou a ser, antes de tudo, recuperar o próprio corpo, pois é nele que o sucesso e o fracasso são negociados. Observa-se que essas revistas utilizam as convenções básicas do gênero ‘auto-ajuda’, tema cuja expansão vem despertando o interesse das análises sociológicas, à medida que seus altos índices de vendagem correspondem a uma forte tendência da subjetividade contemporânea.

Giddens identificou no livro do gênero ‘O sentido do corpo’, de Vernon Coleman, um sintoma de que a aparência e a postura, em ambientes pós-tradicionais da alta modernidade,

¹⁴³ Seria possível dedicar um estudo somente à sua análise, mas aqui são somente apontados alguns aspectos relevantes, pois um maior aprofundamento do tema foge a nosso objeto em questão. Conforme citado, o estudo de Castro (2003) baseou-se nas revistas ‘Corpo a Corpo’ e ‘Boa Forma’.

¹⁴⁴ Adiante, quando forem expostos os achados da pesquisa de campo, em todos os universos pesquisados, a idéia de que uma boa saúde está relacionada à boa alimentação e à atividade física é unânime e perpassa as diferentes classes sociais.

¹⁴⁵ Essa revista é publicada pela Editora Azul, e o depoimento do diretor de então encontra-se no artigo ‘Movimentação do segmento de revistas de *fitness*’, citado por Mira, 86.

não podem mais ser consideradas definitivas. O corpo participa de maneira muito direta do princípio de que o eu deve ser *construído*. O ‘sentido do corpo’ envolve algo que os especialistas não podem oferecer, mas simplesmente auxiliar, quando consultados, que é o ‘cuidado do corpo’. Abordando desde hábitos alimentares aos cuidados com a saúde, o livro oferece um programa de triagem visando a um concreto planejamento da vida, trazendo consigo uma idéia exageradamente simplista: uma lista de controle que permite, por meio de questionários relativos a diferentes assuntos, o cálculo da expectativa de vida da pessoa (Giddens,2002:97). O corpo é um elemento importante na *reflexividade* moderna, já que ‘regimes corporais e a organização da sensualidade (...) se abrem à atenção reflexiva contínua, contra o pano de fundo da pluralidade da escolha’ (ibidem:98). Vale a pena atentar para esse conceito, muito utilizado por Giddens, que se refere ‘à capacidade tipicamente humana de monitorar a própria conduta e de voltar-se sobre seus próprios produtos e repensá-los, com maior ou menor produtividade’ (Domingues,2001:156). Para esclarecer essa idéia, Domingues afirma que:

‘duas lógicas atuam na reflexividade: a do inconsciente – segundo Freud, o local do desejo e da fantasia – e da atividade consciente do ego. Esta, por seu turno, pode ter caráter meramente prático ou envolver articulação discursiva. Racional é a reflexividade que se exerce de forma sistemática. A reflexividade se processa no plano individual – sempre referida, por outro lado, aos processos interativos em que os agentes atuam - bem como no coletivo – dentro de subjetividades coletivas e na interação entre elas’ (Domingues:156).

Domingues também demonstrou que na literatura de auto-ajuda, assim como no senso comum, apresenta-se, ainda que diluída, a noção de ‘indivíduo utilitário’ - herdeira do ‘utilitarismo’, corrente filosófica surgida entre os séculos XVIII e XIX concomitantemente à Revolução Industrial, na Inglaterra. Para tal, observou que, em ‘O sucesso não ocorre por acaso’, Lair Ribeiro assegura que para ‘conseguir o que você quer’, é preciso planejar, conforme descreve abaixo:

‘Em outras palavras, definidas suas ‘metas’ imediatas e ‘finalidades de vida’, trata-se de buscar a melhor maneira de atingi-las¹⁴⁶. Ou seja, definidos seus interesses de curto e de longo prazo, cabe ao sujeito centrar-se, estabelecer uma direção determinada e sistemática para sua ação, bem como autocontrole, de modo a adequar, da melhor maneira possível, os meios a seu dispor aos fins que almeja alcançar. Originalmente os filósofos da Ilustração e do utilitarismo acreditaram que o sujeito teria, salvo distorções que poderiam ser removidas, clareza em relação a seus interesses e objetivos; racionais por princípio, eles se organizariam mental e praticamente para utilizar-se do mundo a seu redor, inclusive de seu corpo, visando a realização de seus projetos’ (Domingues: 2001: 29).

Na fórmula da literatura de auto-ajuda, compartilhada por livros e revistas, são facilmente localizadas as noções de ‘reflexividade do eu’ e de utilitarismo. Como exemplo, pode ser citada a matéria em que uma nutricionista aconselha como ir ao supermercado ‘sem colocar em risco a dieta’, sugerindo que se faça uma lista sem supérfluos, que não se vá às compras com fome, que se inicie pelo setor de ‘horti-frutis’, incluindo versões *lights* dos produtos (Eloísa Guarita, Dieta Já!, junho de 2004, p:8)¹⁴⁷. O trecho a seguir apresenta algumas soluções para lidar com o perigo de ‘engordar no inverno’:

‘É só dar uma esfriada no tempo e – perigo! – a gente relaxa logo na preocupação com a silhueta. Tudo favorece a um certo descuido: as roupas que encobrem os pneuzinhos, a fome extra que dá e, principalmente, as comidas gostosas, quentes e mais calóricas (...) Lembre-se de que o importante, sempre, *é ter prazer em tudo o que se faz*.¹⁴⁸ Se o regime é um sofrimento, claro que fica mais fácil capitular e deixá-lo de lado diante do primeiro *cheeseburger* que aparece na frente. Por isso,

¹⁴⁶ É curioso como os valores vigentes são percebidos pela arte, de modo que a canção de Moska, cantor e compositor carioca, faz uma crítica da idéia contida no trecho citado: ‘te chamo para a festa mas você só quer atingir sua meta’.

¹⁴⁷ Os questionários de ‘monitoramento’ exercem forte atração no público das revistas do gênero: são uma espécie de ‘teste psicológico’ acerca de algum aspecto da vida, baseados cujos resultados se traduzem em pontuações, numa linha semelhante aos programas de Coleman. Um exemplo do tipo é apresentado em ‘pronta para lidar com os altos e baixos da dieta!’ (idem: 26-7) (acrescentar outros exemplos). A matéria apresenta referência a cuidados correspondentes às respectivas estações do ano, tais como o perigo de engordar no inverno, tema freqüentemente mencionado nos editoriais das revistas.

¹⁴⁸ Observa-se aí uma contradição num discurso que mistura prazer e sacrifício, tema abordado anteriormente em relação às palavras de ordem que obrigam à diversão e ao lazer.

é importante que seus pratos prediletos sejam incluídos no cardápio' Rosana Faria de Freitas, diretora de grupo (idem: 3).

Na mesma linha, a revista 'Dieta Já!' traz uma seção fixa, chamada de 'minha história', com o relato de uma 'pessoa comum' acerca da transformação de seu corpo – alguém que conseguiu 'vencer a batalha' contra o peso e emagreceu muitos quilos. Como exemplo, a paulista Érica Paschoal conta que 'deu uma reviravolta completa na vida: afinou 46kg , transformou-se em corredora e está cursando Educação Física' (Dieta Já!, junho 2004,p:15). Indicada na foto da capa, a seção que aborda personalidades do mundo artístico e esportivo, revelando o que fazem para manter a boa-forma, também é uma atração importante. A atriz Suzana Vieira posa apresentada pelo seguinte subtítulo: 'aos 61 anos e com um corpo de 30 - ela conta como conquistou essas formas'.

Mira afirmou que as pessoas comuns ofereceriam uma identificação direta com as leitoras, enquanto as atrizes e atores, modelos e esportistas dividiriam o espaço com os especialistas. No entanto, é importante ressaltar que, enquanto a base do convencimento dos últimos reside em seu discurso de autoridade científica, os '*olimpianos* modernos' - um produto original do novo curso da cultura de massa - possuem um papel bastante peculiar. Foi assim que Morin se referiu aos 'ricos e famosos' da mídia os quais, simultaneamente magnetizados no imaginário e no real, como o herói-deus da tradição cristã, possuem uma dupla natureza: embora sobre-humanos no papel que encarnam, são humanos em sua existência privada, pois é dela que é retirada a substância para sua identificação, nesse caso, com o leitor (Morin,1969:111).

'Condensadores energéticos da cultura de massa', encarnando mitos de auto-realização da vida privada, eles tornam-se modelos de cultura, de conduta e de vida, refletindo valores do imaginário contemporâneo. Essa idéia é ironicamente sintetizada no lema que um bem sucedido corretor de imóveis, personagem do filme 'Beleza Americana', repete a si mesmo e a uma 'discípula': 'O segredo do sucesso é aparentar sempre uma imagem de sucesso'.

Segundo Morin, a sobre-individualidade dos *olimpianos* consiste no fermento da individualidade moderna, o que leva sua presença a todos os setores da cultura de massa (ibidem:113-4). Sua afirmação, embora feita há mais de trinta anos, permanece atual, e pode ser estendida aos modelos de conduta no que diz respeito ao corpo, à medida que, como foi demonstrado, nas revistas de *fitness*, os *olimpianos* oferecem dicas e relatam o que fazem para atingirem sua tão desejada (ou ‘invejada’) perfeição.

Castro elaborou também um estudo interessante acerca das relações entre mídia e sociedade no que se refere à questão do corpo, analisando a maneira pela qual se dá a mediação entre as tendências, valores e padrões relativos ao corpo da sociedade e as necessidades mercadológicas do produto. Ao longo das entrevistas da pesquisa de campo, a autora percebeu uma forte sintonia entre as propostas editoriais abordadas e as motivações individuais (Castro, 2003:60). Ela explica que o culto ao corpo consiste numa manifestação cultural que conta com uma base material concreta, e que dá sustentação ao discurso hegemônico sobre corporeidade, o qual perpassa toda a sociedade como ideologia – doutrina, sistema de valores, que expressa a disputa de interesses econômicos em jogo – e como cultura - ou seja, como um processo social no qual os homens definem e modelam suas vidas. Pela análise de questões como essas, que se manifestam no discurso das revistas, a autora relacionou a lógica dos usos e a lógica da indústria cultural¹⁴⁹.

Recorda-se que, por meio da expressão ‘indústria cultural’, os teóricos da Escola de Frankfurt ¹⁵⁰- Adorno, Horkheimer, Marcuse – criticavam a racionalidade técnica e o processo

¹⁴⁹ Castro analisou as revistas ‘Corpo a Corpo’ e ‘Boa Forma’, junto ao discurso de frequentadores de academias de ginástica paulistas. As publicações mesclam argumentos estéticos e técnicos, trazem dicas e funcionam como ‘catálogo de compras’ da indústria da beleza, subdividida também em correntes variadas de estilos e gostos pessoais.

¹⁵⁰ A expressão ‘indústria cultural’ foi cunhada por Adorno, na década de 1940, ao analisar a questão dos bens culturais (Adorno,2002:9), a fim de estabelecer um contraponto às noções usuais de ‘cultura de massa’ e ‘cultura popular’. Isso porque, enquanto as últimas remetem à idéia de que as massas seriam as criadoras das mercadorias culturais por elas consumidas, Adorno ressaltou que a produção, distribuição e recepção dos produtos culturais - veiculados pelas emissoras de rádio, televisão, editoras de revistas e ‘best sellers’ - são organizadas de maneira industrial e seguem os mesmos processos de padronização e de alcance ao respectivo público alvo que os dos demais segmentos da indústria. Isso o levou a afirmar que ‘a indústria cultural, mediante suas proibições, fixa positivamente (...) uma linguagem sua, com uma sintaxe e um léxico próprios’ (ibidem, 2002:17-19).

de uniformização exercido sobre os indivíduos. Segundo esse processo, ‘a eliminação das diferenças possibilita a previsibilidade e o reforço da dominação, enquanto as malhas do tecido social vão sendo cada vez mais atadas de acordo com o modelo do ato de troca’(Adorno:1986:78). À primeira vista, portanto, a idéia de segmentação parece incompatível com a de massa, levando à indagação de ‘como pode ao mesmo tempo ser a massa homogênea, se a indústria cultural diversifica seus produtos?’. Todavia, os próprios *frankfurtianos* a responderam, afirmando que o mercado divide seus produtos em A, B ou C para melhor captar a todos e, novamente, dentro de cada segmento, transformar o indivíduo num ser genérico. Assim, eles concebiam a segmentação da cultura como nada mais que parte de um processo de ‘pseudo-individuação’ promovido pela indústria cultural.

Segundo esse ponto de vista, a segmentação reflete os mecanismos pelos quais o mercado se apresenta ao consumidor como se esse *fosse realmente especial*. Não é à toa que, para aparentemente se opor à massificação, a publicidade afirma ‘seja você mesmo’, ou ‘porque você é especial...’, o que se trata de uma farsa, se simplesmente for lembrado que o referido anúncio se dirige a milhões de consumidores, e como podem, milhões, serem ‘especiais’?

Basicamente, a segmentação explicita uma espécie de ‘retro-alimentação’ na relação entre a sociedade e os processos das subjetividades individuais. Ao serem detectados os interesses, desejos e tendências de comportamento de segmentos sociais específicos, a eles são oferecidos produtos adequados, enquanto estratégia para atingir novos setores do mercado, que se revelam por nichos sociais - tais como, por exemplo, ‘a mulher executiva’ (gênero), ‘aposentados’ (geração), ou ‘executivos negros’ (questão étnica) (Mira,2001:214). Segundo a mesma lógica, a preocupação com o corpo engendra um mercado próprio, de revistas, artigos de consumo e modalidades de atividades, todos voltados para públicos de segmentos específicos.

Se na fase ‘fordista’, a principal característica do capitalismo consistia na rigidez de um sistema de produção em série, de bens padronizados (estandardizados), dirigidos

indistintamente à massa de consumidores, após a crise desse modelo, houve uma flexibilização da produção, que gradualmente substituiu aqueles bens ‘massificados’ por produtos mais diferenciados, dirigidos a públicos, ou seja, segmentos, específicos, sondados a partir de minuciosas pesquisas de mercado (Boltanski,1999). A fase ‘pós-fordista’ é norteadada pela busca do encontro das especificidades do consumidor, que se satisfaz de encontrar nas prateleiras exatamente o que procurava, o que se reverte em lucro. A partir do momento em que segmentos minoritários são identificados como alvos lucrativos, pesquisas buscam satisfazer também seus gostos. Assim, a idéia de segmentação demonstra que, por trás da idéia de ‘massa’ ¹⁵¹ - que remete a um grupo extenso, indiferenciado e homogêneo de consumidores - existe uma *diversidade* de públicos, de modo que o mercado das atividades físicas e da ‘boa-forma’ de modo geral reproduz esse mesmo processo.

Assim, a cultura moderna pode ser concebida sob o prisma de uma *massa*, ainda que diversificada, de consumidores. Marcuse havia afirmado, que na ‘totalidade administrada’ da sociedade pós-industrial, a *unidimensionalidade* do sujeito não se opõe à *pluralidade* das marcas a serem consumidas(Severiano,op.cit.:69).¹⁵² Contudo, a descrição dos *frankfurtianos* de um homem unidimensional - que simplesmente aceita e busca se adequar a uma realidade, percebida como dada - pode ser considerada excessivamente pessimista. A dinâmica da massificação não poderia ocorrer somente num sentido, pois às suas pressões correspondem reações. Desse modo, o surgimento dos segmentos sociais com contornos definidos, assim como a intensificação da busca da construção da identidade, ou mesmo a tendência à exacerbação das atitudes ‘narcisistas’, podem ser consideradas disposições no sentido oposto, como um conjunto de típicas de um indivíduo que, ainda que acuado pelos papéis sociais que lhes são impostos, busca avidamente se diferenciar.

2.3. Estilo de vida

¹⁵¹ Massa: grupo muito amplo e vasto de pessoas, aberto, inorganizado, formado de contatos impessoais, caracterizado por ‘ter sua unidade formada apenas pela reação comum a um mesmo estímulo’ (Ferreira, 1977: 176).

¹⁵² Por outro lado, embora os *frankfurtianos* não tivessem apresentado saída para a questão, alguns autores passaram a se referir a uma ‘*desmassificação* da cultura’, à medida que o conceito de massa foi se mostrando cada vez mais insatisfatório para entender a cultura moderna (Mira,op.cit.:10).

O estilo de vida será concebido, portanto, de um ponto de vista mais otimista, que leva mais em consideração a capacidade dos indivíduos de fazerem escolhas. Contudo, tratando-se de idéias tão intimamente misturadas, uma possibilidade de estabelecer essa diferenciação, tão sutil, entre segmentação da cultura e estilo de vida, surge pela troca da perspectiva de análise: a primeira define grupos sociais amplos a partir de certas variáveis, a segunda parte das características referentes às escolhas em diferentes aspectos da vida das pessoas. Elas podem vir a se interpenetrar, quando os segmentos venham a se confundir com grupos de pessoas que compartilham um estilo de vida semelhante. Essa correspondência, todavia, não é absoluta, pois o estilo refere-se a uma esfera mais precisa do que a de ‘fatias’ da sociedade, essas compostas de variadas possibilidades de estilos de vida, a tal ponto que uma análise minuciosa poderia identificar um estilo único para cada indivíduo.

A busca pela beleza e pela saúde, com enfoque sobre as atividades físicas, pode ser situada na lógica dos estilos de vida. Castro afirmou que a escolha da modalidade de atividade física constitui um tipo de consumo cultural, configurando uma das dimensões do estilo de vida de seus praticantes¹⁵³ (Castro,2003:16-18). A autora verificou uma sobreposição entre estilo de vida e segmentação social, ao observar que essa escolha é ‘fortemente *influenciada*¹⁵⁴ pelas variáveis classe, gênero e geração, as quais se mesclam e se atravessam mutuamente na formação social contemporânea’ (Castro, 2003:18)¹⁵⁵.

¹⁵³ A autora concebeu as referidas revistas como ‘intermediadores culturais’, na definição de Bourdieu, que traduzem para a linguagem para a linguagem dos leitores o saber culto e científico, preenchendo um vazio cultural relativo a informações que não foram herdadas pela família ou pela escola 45. A pesquisa de Castro será retomada adiante, na discussão sobre ‘estilo de vida’.

¹⁵⁴ Chama-se atenção, novamente, para o termo ‘influenciada’, no sentido de que é diferente de ‘determinada’, pois não é possível, a partir do segmento social, numa correspondência matemática, determinar o estilo de vida. A partir daí, pode-se indagar se essa suposição pode ser ou não estendida a outras práticas de atividade física, tais como o *cooper*, a caminhada nas pistas públicas, atividades em grupo, ao ar-livre, dentre inúmeros outras, tais como as lutas, danças, natação, as quais ocorrem em espaços diferentes de uma academia tipicamente de ginástica.

¹⁵⁵ A autora observou que a variável geração não representa apenas uma sucessão de grupos que compartilham a mesma idade, mas sim, pessoas que vivenciaram determinados eventos que definem trajetórias passadas e futuras. Para esclarecer a idéia, ela cita como exemplo as atividades de ginástica convencional e de capoeira. Os praticantes da primeira, embora na maioria jovem, aproxima-se em termos de consumo cultural do grupo da terceira idade, enquanto os capoeiristas compartilham um universo cultural comum que respeita particularidades

Featherstone considerou a noção de estilo de vida, no âmbito da cultura de consumo contemporânea, como indicativa de individualidade, auto-expressão e uma consciência estilizada de si, levando a discussão sobre estética para o âmbito da vida cotidiana. Desse modo, ‘o corpo, as roupas, o discurso, os entretenimentos de lazer, as preferências de comida, a casa, o carro, a opção de férias, de uma pessoa são vistos como indicadores da individualidade, do gosto’ (Featherstone,1995:128).

Giddens apontou a relevância do estilo de vida no que diz respeito à própria economia, já que a mesma trata-se de uma instância que ‘quer um mundo social que julgue os homens por suas capacidades de consumo, por seu *standing*¹⁵⁶, por seu estilo de vida, assim como por suas capacidades de produção’ (ibidem: 136).

No dia-a-dia, a *escolha* consiste num dos elementos centrais dessa dinâmica. Se anteriormente, a tradição e os hábitos estabelecidos ordenavam a vida dentro de canais relativamente fixos, a modernidade confronta o indivíduo com uma complexa variedade de opções, ao mesmo tempo em que oferece pouca ajuda sobre quais devam ser selecionadas. Por isso, apesar da noção de estilo de vida soar um tanto trivial - muitas vezes pensada em termos de um consumismo superficial, como sugerem as imagens das revistas e da publicidade - em condições da ‘alta modernidade’, Giddens chamou atenção para o fato de que, não só *seguimos* estilos de vida, mas *somos obrigados* a fazê-lo. Em outras palavras, ‘não temos escolha senão escolher’(Giddens,2002:79). Segundo o autor, uma das conseqüências dessa situação moderna peculiar seria a primazia do estilo de vida, o qual ele conceitua como:

‘um conjunto mais ou menos definido de práticas que um indivíduo abraça, não apenas porque essas práticas preenchem as necessidades utilitárias, mas porque elas dão forma material a uma narrativa particular de auto-identidade’ (Giddens, 2002: 79).

próprias da adolescência, fase em que se encontra a maioria, no caso, a idade biológica sendo um importante fator na definição do estilo de vida (Castro, 2003: 18). Cabe recordar também que nem todos são adolescentes, o que demonstra que há adultos cujo estilo de vida aproxima-se mais daquele dos adolescentes que do estilo de seus contemporâneos.

¹⁵⁶ *Standing*: posição, situação ; posição social, reputação, categoria, prestígio. Houaiss, 2000.

Daí o termo ‘estilo de vida’ não ser passível de aplicação precisa em culturas tradicionais¹⁵⁷. Se ele implica em uma escolha dentro de uma pluralidade de opções possíveis, ele é muito mais ‘adotado’ do que ‘outorgado’, como ocorria (ou ocorre) naquelas culturas. Os estilos de vida são práticas rotinizadas, incorporadas em hábitos de vestir, comer, modos de agir e lugares preferidos de encontros com os outros. Essas rotinas estão abertas à mudança, para a qual contribuem cada uma das pequenas decisões tomadas num dia. Tanto as corriqueiras quanto as importantes, essas decisões não dizem respeito somente a *como agir*, mas também sobre *quem ser*. Giddens observou que, quanto mais pós-tradicionais as situações, mais o estilo de vida diz respeito ao próprio centro da auto-identidade e a seu constante fazer e refazer. Por outro lado, referir-se a uma multiplicidade de escolhas não deve levar à suposição de que todas as escolhas estão abertas a todos, ou que as pessoas tomam todas as decisões sobre as opções com pleno conhecimento da gama de alternativas possíveis (ibidem:80-1).

Dentro de um leque de possibilidades que pode ser mais amplo ou restrito, o estilo de vida inclui, portanto, todas as opções, até mesmo de trabalho, dieta, lazer e, como não mencionar, de atividade física. Apesar da inexorabilidade do componente genético, ele possui uma ampla margem de transformação, de maneira que todas essas opções acabam por se refletir na construção da forma corporal com a qual o indivíduo se apresenta ao mundo. É curioso que seja comum ouvir das pessoas o comentário freqüente de que ‘estão de dieta’, quando, na verdade, todos nós estamos, pois *seguimos sempre* alguma dieta. Ainda que seja de um tipo altamente calórico, se a pessoa come *fast food* diariamente, pode-se dizer que ela faz uma dieta *junkie*¹⁵⁸, o que não deixa de ser uma dieta, pois são sempre escolhas individuais,

¹⁵⁷ Recorda-se que Simmel já havia apontado a pluralidade de estilos de vida como um dos traços mais marcantes da experiência do moderno. Segundo ele, o jogo entre subjetividade e objetividade, ou a experiência individual do contato com a efemeridade, próprias da vida moderna, formatam o estilo de vida, que ganha forma na relação que se estabelece entre cultura subjetiva e cultura objetiva. Entretanto, embora tenha se referido a uma pluralidade, Castro observa que Simmel descrevia *uma* experiência do moderno, recordando que Pierre Bourdieu colocou a idéia de Simmel no plural, propondo o conceito de *habitus* (Castro, 27-28).

¹⁵⁸ ‘Junkie’, que quer dizer ‘sujo’, ‘lixo’, é um termo pejorativo que se utiliza para o tipo de comida das lanchonetes ‘*fast food*’, ou seja, comida rápida. O documentário recente ‘Super Size Me’ denuncia os males que a alimentação do McDonalds’ acarreta à saúde, ao mostrar suas conseqüências numa pessoa que se prestou a se

constituintes de um estilo de vida peculiar. Em suma, esse conceito representa todo um conjunto de valores que levam os indivíduos a optarem - na maioria das vezes, certamente, de maneira inconsciente - por um e não por outro estilo. Por isso, o estudo do tema consiste num item importantíssimo na área de marketing, à medida que os anúncios, há muito, já deixaram de falar sobre as virtudes do produto que vendem: o que procuram agora é associá-lo ao estilo de vida que seu consumidor potencial tem ou gostaria de ter. Tanto que:

‘as pesquisas de mercado orientam-se freqüentemente pela *Vals (values and life styles)*, uma técnica que combina informações demográficas - sexo, renda, nível educacional – com hábitos de compra, auto-imagem e aspirações, a fim de classificar os estilos de vida dos consumidores que são lucrativos para os anunciantes’ (Mira, 2000:192).

Quanto às relações entre estilo de vida, valores e práticas corporais, no contexto urbano, embora tenham sido abordadas a malhação e a caminhada, de maneira genérica, as práticas corporais não podem ser concebidas como um campo da atividade único e homogêneo. As primeiras investidas em campo desta pesquisa depararam-se com uma grande variedade de modalidades, trazendo a suposição de que a opção por uma delas poderia apresentar uma relação de correspondência com determinados estilos de vida.. Diante de um amplo leque, com diferentes propostas e objetivos¹⁵⁹, percebeu-se a definição de inúmeros grupos, com traços comuns.

Assim, há tanto atividades ‘típicas’ de um determinado lugar – por exemplo, a capoeira e o *jiu-jitsu* brasileiro são lutas ‘inventadas’ em nosso país, o *surf* existe somente nas cidades que possuem praias com ondas propícias, o *skí*, onde neva – quanto outras que podem ser chamadas de ‘globalizadas’, pois são bastante semelhantes, em diferentes lugares do mundo, dentre as quais a caminhada e a ginástica de academia são exemplos relevantes.

submeter diariamente a essa ‘dieta’.

¹⁵⁹ Uma descrição minuciosa de cada uma delas num centro urbano já resultaria num outro trabalho de pesquisa, o que, no entanto, não é o objetivo presente. Pela necessidade metodológica de definição de um recorte, conforme já foi afirmado, foram selecionados na pesquisa de campo os universos dos praticantes de ginástica de academia e de caminhada nas pistas públicas (incluindo dentre os últimos os que se utilizam de cadeira de rodas como meio de locomoção e de prática de atividade aeróbica).

Além disso, há tanto elementos *estilísticos* que diferenciam os segmentos sociais – tais como os gostos por determinados tipos de música, lazer, religião, padrões de beleza - como pontos de aproximação, no que se refere a valores e conhecimentos que atualmente permeiam a sociedade de maneira praticamente total. A caminhada, por exemplo, é um ‘ritual contemporâneo’ (Segalen,1994) que se apresenta de modo muito semelhante nos diferentes locais e classes sociais. Apesar da diferença na quantidade e qualidade das pistas, ao longo dos bairros de elite e de periferia - segundo a presença de equipamentos apropriados e espaços arborizados - ante a indagação do que é necessário para uma boa saúde, quase sem exceção, foi obtida, indistintamente, a mesma resposta, por voluntários de todos os segmentos sociais: ‘boa alimentação e a prática de atividades físicas’.

O gênero e a geração são dimensões importantes na construção da subjetividade e do estilo de vida, mas Castro (2003) observou que, embora o discurso do *marketing* tenda a ocultar, o recorte de classe também é fundamental. No entanto, enquanto algumas práticas são nitidamente elitistas - tais como o *golf*, o tênis ou o *squash* - a questão é mais complexa. Além das limitações materiais – referentes ao preço que se pode pagar, o local que se vive ou trabalha e o tempo livre disponível, essas mais diretamente ligadas à classe social a que pertence o indivíduo -, a escolha de uma atividade e o *estilo de vida* a que se relaciona dependem do gosto e de valores pessoais. A ‘despesa’ com o corpo pode ser limitada pelo poder aquisitivo, mas isso não se explica por um mero determinismo, pois a escolha ocorre dentro de um espectro de possibilidades¹⁶⁰.

Por outro lado, se a constatação de necessidades e gostos específicos engendram novas fatias de mercado, às quais dirigidos produtos adequados, segundo a dinâmica dos estilos de vida, são identificados públicos variados – incluindo os conceitos de boa-forma, gostos, hábitos e a opção por uma determinada prática corporal - como o que se observa na seguinte manchete de capa de uma revista (de variedades): ‘MALHAÇÃO E ALEGRIA -

¹⁶⁰ Alguns desses elementos serão abordados, sob outro ângulo, no capítulo referente à distinção (2.5.), já que eles podem ser compreendidos como critérios que diferenciam determinados grupos de outros, além de representarem um importante fator no que diz respeito à construção das identidades individuais.

descontração, muito divertimento e contato com a natureza são as novidades das academias neste verão’, anunciando a seguinte matéria:

‘Barriga no lugar, bumbum e pernas bem torneadas são uma espécie de sonho de consumo da humanidade. Antenadas com esse anseio coletivo, as academias de ginástica aproveitam o verão para atrair alunos ou estimular a fidelidade dos já conquistados. Só que dessa vez algo novo se desenha no horizonte. Claro, ainda há muito pula-pula e corre-corre – e há quem goste disso. Felizmente, porém, as academias estão se esforçando para oferecer alternativas mais criativas, relaxantes e divertidas. As novidades vão desde alongamento na água, para ajudar a sossegar o espírito, até aulas inspiradas em artes circenses. Fora dos ‘clubes de malhação’ também surgem opções que estimulam a atividade física. Agências de turismo ecológico e de esportes de aventura promovem (...) verdadeiras maratonas ao ar-livre. Meter o pé na mata já virou mania. Além disso, os especialistas garantem que a tendência do *fitness* é associar o exercício ao prazer. Ou seja, a regra do momento não é apenas aperfeiçoar os contornos. Além de fazer par com a boa saúde, a atividade física está cada vez mais ligada ao bem-estar’ (Cilene Pereira e Lena Castellón, Isto É, 29-01-2003:44).

São citados também o *rafting* (descida em corredeira), o *trekking* (caminhadas por trilhas), a escalada, o *rapel* (técnica de descida que envolve cordas) e o arborismo (subir e passar de uma árvore a outra por passarelas estreitas)¹⁶¹, além de atividades lúdicas, como pular corda, dentro da própria academia. Essa matéria refuta a idéia de que as atividades físicas oferecidas por profissionais especializados restringem-se aos aparelhos de musculação, pois esse mercado vem se sofisticando e atingindo os variados adeptos. Outra revista, voltada para negócios, sugere como uma promissora fonte de lucros a área dos esportes radicais ao ar-livre¹⁶².

Em suma, a questão foi tratada segundo a constatação de que, apesar de serem identificados como fatias do mercado, os diferentes estilos representam uma expressão concreta dos gostos pessoais, um espaço para a escolha, num campo configurado por

¹⁶¹ A matéria relata ainda que uma academia de São Paulo abriu recentemente uma unidade chamada ‘*outdoor*’, que treina interessados em fazer provas de aventura e triatlo.

¹⁶² Matéria ‘Adrenalina sempre a mil’, em ‘Pequenas Empresas & Grandes Negócios’, maio 2004, n° 184: 28. Essa revista relata também o sucesso de uma escola de natação infantil cujo proprietário é um ex-campeão mundial do esporte (p:24).

possibilidades e limites. Avançando nessa dinâmica, que se iniciou numa esfera ‘macro’, da segmentação, a um nível ainda mais próximo das escolhas e referências pessoais, adentra-se pela questão da identidade.

2.4. Identidades à deriva

‘meus amigos julgam até
que perdi minha identidade
se perdi, (# @),
ainda tenho meu C P F’
Ivan Monteiro, poeta brasileiro

Os processos descritos até o momento - a exacerbação dos traços de personalidade narcisista, a busca de pertencimento a um segmento, a construção de estilos de vida - podem ser compreendidos enquanto uma resistência à diluição na massa. São recursos por meio dos quais o indivíduo luta para construir e manter sua identidade e não se dissolver numa silenciosa e indiferenciada maioria. Enquanto os indivíduos buscam avidamente construir suas identidades, a fim de não se diluírem num todo amorfo, a indústria cultural capta esse movimento das subjetividades contemporâneas e o transforma numa nova fonte de lucro. Neste capítulo, a idéia de identidade será acompanhada mais de perto.

A diferenciação entre as idéias de estilo de vida e construção da identidade é, portanto, bastante difícil, pois se referem a fenômenos muito próximos, campos que se interpenetram, mas que podem ser observados a partir de diferentes perspectivas. Um estilo é escolhido, à medida que o indivíduo identifica-se com ele, enquanto, simultaneamente, adotar um determinado estilo está relacionado à construção da identidade. Uma possível tentativa de diferenciá-los seria supor que, ao tratar de estilo, por mais pessoal que o mesmo venha a ser, ele está inserido no contexto de um grupo, portanto, mais próximo à questão da segmentação da cultura, enquanto quando se utiliza o termo identidade, ele se refere a uma individualidade, ao singular, ou modo peculiar de *interpretação* de um determinado estilo. Desse modo, se for

traçado um ‘mapa’ que situe simultaneamente os pontos de vista sociedade e do indivíduo, a segmentação seria um primeiro nível de divisão, mais abrangente, portanto mais próximo da sociedade como um todo; o estilo, situado plano intermediário, enquanto a identidade, questão extensamente discutida hoje na teoria social, refere-se a praticamente os mesmos agenciamentos, porém a nível do próprio indivíduo.

Ao tratar das mudanças relativas à globalização, à constituição das identidades pessoais e à vida urbana, Giddens (1996) afirmou que o *self* – ou seja, a própria identidade, a percepção do eu - tornou-se um projeto reflexivo, o que, cada vez mais, também se dá em relação ao corpo. Os indivíduos não podem mais se contentar com uma identidade que é simplesmente legada, herdada, ou construída em um *status* tradicional, mas, ao contrário, ela necessita, em grande parte, ser *descoberta, construída, sustentada ativamente*.

Aquela noção de indivíduo, surgida em determinado momento da História, levou a uma perda do caráter decisivo do nascimento como critério de posição na hierarquia social. Recordar-se que, a partir daí, a cada um passou a ser imposta *a necessidade de definir sua posição e elaborar as imagens de si*, o que gerou insatisfação e novos sofrimentos íntimos (Corbin, 1995:419). Ao longo da História, a configuração que o individualismo vem assumindo na contemporaneidade atingiu a fronteira mais emblemática do próprio sujeito, sua pele, seu envelope material que o separa do mundo, ou seja, o próprio corpo. A necessidade de se constituir enquanto indivíduo, radicalizada, levou à idéia de que o corpo não deva mais ser aceito como sina, como uma mera bagagem física que acompanha o *self*. Isso faz com que, cada vez mais, tenhamos de decidir não somente quem somos, e como agimos, mas como *parecemos* para o mundo exterior, ou seja, como *construimos* nossos corpos. A respeito da aparência, Giddens observou que:

‘O crescimento dos distúrbios alimentares é um índice negativo do avanço desses desenvolvimentos no âmbito da vida cotidiana. A anorexia, a bulimia e outras patologias alimentares ainda tendem a se concentrar nos países do Primeiro Mundo, mas agora também estão começando a aparecer nas sociedades do Terceiro Mundo’ (Giddens, 1996: 98).

Esses distúrbios apontam para as dificuldades engendradas pela imposição de uma construção ativa da identidade, processo que engloba a elaboração da (boa) forma do corpo. Essa observação pode ser útil no campo da prática dos profissionais da Saúde, tendo em vista que traz a evidência de que a questão da imagem corporal não pode ser compreendida se não for levado em consideração, além do sujeito, o paciente, o contexto mais amplo da sociedade em que ele vive. Constata-se, portanto, que a insatisfação gerada pela dificuldade de alcançar os padrões de beleza vigentes, é socialmente construída, e está relacionada, por sua vez, às idéias de distinção e de estigma, discutidas em seguida.

Não é por acaso que o enredo de tantos filmes venha trazendo esse assunto. Já na década de 1980, o canadense 'O Declínio do Império Americano' descrevia o nascente culto ao corpo por meio de diálogos ocorridos durante a prática de atividades físicas no cenário das academias. Os personagens perseguem ansiosamente a felicidade e a realização pessoal num mundo individualista e que, segundo uma escritora, já apresentava sinais de decadência. É ela mesma, no entanto, que se queixa de ter nascido numa época errada, pois 'antes não era preciso ser tão magra'. Diversos outros filmes recentes contam com personagens com distúrbios da imagem corporal.

Em 'Elefante' - roteiro baseado na tragédia da escola de *Columbine* - três adolescentes apresentavam bulimia: além de demonstrarem muita preocupação com a contagem de calorias durante as refeições, logo após as mesmas, as meninas iam ao banheiro provocar vômito, cada uma trancada em sua 'privada' individual (o adjetivo seria uma redundância se a privada não fosse um objeto, o vaso sanitário, denominação carregada de sentido, ver 1.1). Em 'minha vida sem mim', uma personagem coadjuvante é uma comedora compulsiva, altamente insatisfeita com sua silhueta, em eterna em dieta. Há também uma garçonete que afirma que, se enriquecesse subitamente, iria a um cirurgião pedir que a deixasse idêntica à *pop-star* de quem era fã. 'Como tudo na vida', de Wood Allen, conta com uma personagem magérrima que se queixa de se achar gorda. Em 'Beleza Americana', uma moça caricaturalmente vulgar e

vaidosa, se achando muito bonita, mas bastante insegura, não pára de repetir o que representa seu pior receio: ‘não existe nada pior no mundo do que ser comum¹⁶³’.

Seria difícil esgotar a lista de filmes com essa temática, mas o que todos esses personagens possuem em comum é a busca ansiosa pela construção de uma identidade com que se satisfaçam - embora pareça redundante, com que se ‘identifiquem’ – ou que lhes sirva, lhes caia bem, em inglês, seria *fit*, o que remete à construção do corpo. Desse modo, é possível identificar, na dinâmica contemporânea da construção do *self*, não apenas elementos de continuidade, mas um processo que leva o advento do individualismo, ocorrido há mais de três séculos, às últimas conseqüências. Todavia, se recordarmos que tocar num extremo pode acabar engendrando o seu oposto, há quem enxergue neste momento de radicalização da idéia de indivíduo o prenúncio de sua própria dissolução, descrita em termos de uma ‘crise do sujeito contemporâneo’. Isso faz com que diferentes autores divirjam acerca do assunto, uns defendendo a permanência do individualismo, outros negando, considerando-no uma noção ultrapassada. Para compreender esse debate, é importante ter em mente que, no complexo universo da existência humana, convivem elementos muitas vezes díspares, os quais, para efeito de estudo, o cientista social busca distinguir, sem perder de vista que eles não se encontram claramente separados na realidade.

Segundo a reflexão filosófica, a ‘identidade’ refere-se à própria natureza da existência. Afirmando a estreita relação entre ambas, consideram identidade e existência como duas irmãs siamesas indissolavelmente ligadas¹⁶⁴. Locke introduziu a idéia singular de identidade de uma coisa com ela mesma (196). Com efeito, é comparando uma coisa com ela mesma em tempos diferentes que nós formamos a idéia de identidade e diversidade, de maneira que, desde que o indivíduo existe, ele é idêntico a si mesmo, quaisquer que sejam as transformações mais ou menos importantes que lhe possam acontecer. Daí a afirmação de Leibniz: ‘o que não é verdadeiramente *um ser* não é mais verdadeiramente *um ser*’ (Ferret,11). De modo sucinto, a

¹⁶³ *‘there is nothing worst than to be ordinary’*

¹⁶⁴ Na visão de Aristóteles, eles são quase sinônimos. Portanto, sua ‘Metafísica’ é tanto um tratado do ser quanto da identidade, à medida que nenhuma desses termos seria elucidado sem o outro. ‘No entity without identity’ (Quine) é um ditado que sintetiza essas idéias.

identidade pode ser definida como a relação que cada indivíduo, coisa ou entidade mantém consigo mesmo ao longo de sua existência ou de sua carreira. Contudo, numerosos filósofos concebem a identidade como uma pura e simples ilusão mental, ou uma ficção do espírito, como testemunha a célebre máxima de Heráclito segundo a qual ‘não podemos nos banhar duas vezes no mesmo rio’. Essa máxima ilustra uma tradição antiga, conhecida como ‘mobilismo universal’, a qual concebe o mundo constituído por seres nos quais não há uma permanência, mas sim um *constante devir*. Nessa perspectiva, os seres não são, mas *se tornam* e se tornam sempre *outros* (Ferret, 17).

É curioso que essa antiga perspectiva filosófica aproxime-se muito de discussões recentes das Ciências Sociais, as quais vêm tratando do tema da ‘crise das identidades’ na modernidade tardia. Silva observou que a questão da identidade e da diferença está hoje no centro da teoria social e da prática contemporânea. No chamado ‘cenário pós-moderno’, ao mesmo tempo em que as antigas fontes de ancoragem da identidade estão em crise - a família, o trabalho, a igreja, entre outras -, desenvolve-se uma nítida política da identidade, de modo que novos grupos culturais, buscando afirmação, passam a se tornar visíveis na cena social, questionando a posição privilegiada das identidades até então hegemônicas. Isso faz com que os conceitos estabelecidos na distinção e no estigma, tratados adiante, outrora bastante definidos, venham sendo virados ‘de cabeça pra baixo’.

Acerca dessa temática, Hall indaga se essa crise realmente existe, em que ela consiste, que acontecimentos a precipitaram, que formas que ela toma e quais as suas conseqüências. Considerando a identidade um conceito complexo e pouco desenvolvido, ele afirma que, embora possamos nos ver, seguindo o senso comum, como sendo ‘a mesma pessoa’, em todos os nossos encontros e interações, não é difícil perceber que somos posicionados de maneira diferente, nos variados momentos e lugares, de acordo com os diferentes papéis sociais que estamos exercendo em cada um deles. O autor aponta, assim, para o declínio das velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, o que traz o surgimento de novas identidades e a fragmentação do indivíduo moderno, até aqui visto como sujeito unificado (Hall,1997:9).

Hall compreende a ‘crise de identidade’ como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. Para ele, as sociedades modernas do final do século XX estão sofrendo um tipo de mudança estrutural responsável pela fragmentação das paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, as quais, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Essas transformações modificam nossas identidades pessoais, abalando a idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Nessa perda de um ‘sentido de si’ ligada à crise de identidade para o indivíduo estável, Hall identificou um processo de descentramento, ou descentração, deslocamento, ou fragmentação do sujeito moderno (ibidem:9).

Numa perspectiva histórica, Hall esboçou um quadro desse descentramento a partir de pontos estratégicos, simplificações, ou pontos de apoio para desenvolver seu argumento central, segundo o qual podem ser distinguidas três concepções muito diferentes de identidade, sejam elas, a do sujeito do Iluminismo, a do sujeito sociológico e a do sujeito pós-moderno. O primeiro ponto corresponde à época moderna, em que se assistiu à emergência do indivíduo, ou seja, uma concepção nova e decisiva, ‘individualista’, do ‘sujeito humano’ e de sua identidade. Nele, a identidade da pessoa seria o centro essencial do eu. Assim, ao mesmo tempo em que as transformações da modernidade libertaram assim o indivíduo de seus pontos de apoio estáveis nas tradições e nas estruturas antes acreditadas como divinamente estabelecidas, o sujeito do iluminismo baseou-se numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo ‘centro’ consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo – contínuo ou idêntico a ele – ao longo da existência do indivíduo (idem:13,23-25). Pode-se interpretar esse fenômeno como um deslocamento do eixo da tradição para o próprio indivíduo, o que enfatiza a idéia de livre-arbítrio.

A noção de sujeito sociológico, por sua vez, refletiu a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que esse núcleo interior do sujeito não era autônomo e auto-suficiente, mas era formado na relação com ‘outras pessoas importantes para ele’ que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos – a cultura – dos mundos que ele ou ela habitava. Mead, Cooley e os interacionistas simbólicos são figuras-chave na sociologia que elaboraram esta concepção ‘interativa’ entre o eu e a sociedade. Nessa, o sujeito ainda possui um ‘eu real’, representado por um núcleo ou essência interior, mas este inclui, é formado e trans-formado, num diálogo contínuo com os mundos culturais ‘exteriores’ e as identidades que esses mundos oferecem. A identidade corresponde, segundo esse ponto de vista, àquilo que preenche o espaço entre o ‘interior’ e o ‘exterior’, entre o mundo pessoal e o mundo público, ‘costurando’ o sujeito à estrutura. (Hall,11-12).

Uma característica inusitada desta era, segundo Hall, é que isso está mudando. O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado, composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias e não resolvidas. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático. Esse processo produz o sujeito ‘pós-moderno’, conceituado como alguém que não possui uma identidade fixa, essencial ou permanente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente. Isso faz com que existam, simultaneamente, dentro de nós, identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas.

Hall afirma que, se sentimos que temos uma identidade unificada que vai do nascimento até a morte, é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma ‘narrativa do eu’ confortadora. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma mera fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, em cada uma das quais poderíamos nos

identificar – ao menos temporariamente. A percepção desse deslocamento possui então afinidade com aquela antiga concepção filosófica do mobilismo universal.

Essas mudanças e flutuações nas concepções do sujeito contemporâneo já foram identificadas pela publicidade. Tanto que, num curto intervalo de televisão, percebe-se que alguns comerciais, preocupados em atingir nichos de mercado os mais variados possíveis, procuram afirmar que se os produtos que anunciam se prestam a vários tipos de personalidade e estilos de vida. Podem ser citados o do *shopping* ‘Conjunto Nacional’, de Brasília, que descreve personagens com diferentes tipos de perfil; o do Banco ‘HSBC’, no qual um único ator, passa por muitas metamorfoses-relâmpago, transformações radicais, sucessivas e rápidas, visando a transmitir a idéia de que, ao longo da vida, uma pessoa pode assumir variados estilos, atentando para a provisoriedade e volatilidade das identidades da sociedade contemporânea, transmitindo a idéia de que nossas identidades e nossa aparência estão em mudança permanente, para a qual aquele é o melhor banco. O *jingle* do Banco ‘Itaú’, por sua vez, apresenta variados tipos-ideais de personalidade: ‘modernos, apressados, práticos, urbanos, que precisam de um banco’ – representados por pessoas com aparência ‘alternativa’, de artista, praticante de esportes radicais, funcionária de repartição – a fim de veicular a mensagem de que aquele banco é o ideal para todos eles, apesar de suas diferenças, lançando o lema sugestivo ‘quem tem que ser careta é o seu banco e não você’. Assim, ao invés de relacionar as empresas anunciadas somente a públicos mais ‘convencionais’, e se perderia uma parcela significativa do mercado consumidor, fica nítida a intenção da propaganda de atingir os mais diferentes públicos.

Essas passagens levam à idéia de que a hiper-modernidade assiste a um complexo fenômeno de relação entre a subjetividade individual e seu modo de estar na sociedade circundante: de um lado existe uma grande pressão no sentido da massificação, mas, do ponto de vista individual, a necessidade de se afirmar enquanto único, ter o seu próprio estilo, ou simplesmente, ‘ter estilo’. De volta, como foi abordado no capítulo da ‘segmentação’, o mercado se sofisticando para captar cada vez mais os gostos de seu público, e dirigindo-se a seus consumidores como se eles fossem especiais, enquanto paira no ar a evidência de que se é apenas mais um na multidão. Além disso, a busca pela identidade está imbricada ao processo de *identificação*, oriundo da psicanálise. Por meio dele, nos identificamos com os outros, seja pela ausência de uma consciência de diferença ou separação, seja como resultado das supostas similaridades. A atitude de imitar os ídolos ou se tornar igual a eles, como a garçonete do filme citado, é um exemplo de levar essa idéia às últimas conseqüências¹⁶⁵.

Mercer observou que a identidade se tornou uma questão justamente por estar em crise, como ‘quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza’ (idem:9). Em meio a esse tão abrangente processo de transformação, Hall indaga se não seríamos compelidos a perguntar se não é a própria modernidade que está sendo transformada.

Em um caminho semelhante, Figueira utiliza a noção de ‘desmapeamento’ para designar a coexistência de mapas, ideais, identidades e normas contraditórias nos sujeitos. O desmapeamento não é a perda ou a simples ausência de ‘mapas’ para a orientação, mas sim a existência de mapas diferentes e contraditórios inscritos em níveis diferentes e relativamente dissociados dentro do sujeito. (as materializações das idealizações passam pelo efeito de

¹⁶⁵ A identificação é o processo psicológico pelo qual um sujeito assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo desse outro. A personalidade constitui-se e diferencia-se por uma série de identificações. Se, como apontou Freud, a identificação é o processo pelo qual o sujeito humano se constitui e se esse processo é realizado através da assimilação de alguma coisa do ‘outro’, devemos perguntar como esse ‘outro’ se constitui. Tanto o ‘eu’ quanto o ‘outro’ se constituem pelo mesmo processo, fazendo com que se quebre a idéia de que existe um ‘outro’ original, primeiro. A forma como essa série de identificações assume visibilidade, ou, o processo através do qual ‘o sujeito humano se constitui’, estará fundamentada nas reiterações performáticas (Bento, 18: 220).

desmapeamento (Sérvulo Figueira *apud* Bento,189). Todos esses acontecimentos, enfim, estão relacionados com o caráter de mudança da modernidade tardia, a globalização e seu impacto sobre a identidade cultural. Em suma, levantar a questão da identificação impõe a tarefa de refletir sobre os jogos de negação e de afirmação, de repulsa pelo outro, que habitam as margens, e de atração por modelos idealizados de maneira que a identidade é, portanto, marcada pela diferença (Bento,2003:221), o que será explicado nos próximos capítulos sob a dialética da distinção e do estigma.

Faz-se presente, ininterruptamente, uma tensão entre dois movimentos opostos: de um lado, ao longo da modernidade ocorre um fortalecimento da idéia de indivíduo, de liberdade e do lema ‘seja você mesmo’. De outro, a busca de alcançar determinado padrão, processo apontado como uma forma de ‘pseudo-individação’ pelos estudiosos da Escola de Frankfurt, no sentido contrário à suposta originalidade e singularidade individuais.

2.5. Distinção

1. ato ou efeito de distinguir (-se); diferença, separação: ‘já Aristóteles, na poética, fazia distinção entre o historiador (conta o que aconteceu) e ou narrador (conta o que poderia ter acontecido)’ (Álvaro Lins, *Literatura e Vida literária*). 2. caracteres, características, qualidades, pelos quais uma pessoa ou coisa difere de outra: *Pouca distinção havia entre as duas irmãs*. 3. Elegância e reserva no porte, nas maneiras: *É mulher de tato e rara distinção*. 4. Correção de procedimento; dignidade. 5. Prerrogativa, honraria, privilégio: *Recebeu do governo as mais altas distinções*. 6. Classificação de distinto em provas ou exames: *O aluno obteve distinção em português*. (Ferreira, 1986: 600)

No movimento de construção da identidade, reside a busca de alcançar aquilo que é socialmente aceitos – no caso, a beleza – e negar o indesejável. A busca do corpo perfeito está pautada sobre critérios e valores pessoais dos quais as marcas representam a tradução mais explícita. A metáfora do espelho d’água, onde se vislumbram as figuras do Narciso e da Moura-Torta, presta-se a ilustrar a dialética, entre o belo e o feio, o desejável e o indesejável. Extraíndo-se, do reflexo, somente seus traços graficamente relevantes, dele restariam somente

‘marcas’. A marca pode ser definida como ‘um sinal que se faz num objeto para reconhecê-lo; desenho ou etiqueta de produtos industriais; categoria, qualidade espécie, tipo; sinal; nódoa, vestígio de doença ou contusão’ (Ferreira,1999:1282). O termo *griffre*, originário do francês, designa uma roupa comprada em loja cara, com etiqueta famosa e *chic*, assim como significa ‘arranhão’ e ‘garra’. Ou seja, pode significar algo positivo ou o contrário, tanto elitizar, distingüir alguém como superior, especial, quanto ‘arranhar’, rotular como vulgar, ou ainda, estigmatizar, levando ora à aceitação, ora à rejeição.

Considerando que os valores da subjetividade dos indivíduos de um dado contexto histórico-cultural são socialmente construídos, o corpo sempre foi receptáculo das marcas de sua cultura. Em relação à aparência, signos positivos ou negativos representam critérios de distinção social, no sentido de promover uma superioridade, uma separação das ‘massas’, do ‘populacho’, ou um motivo para discriminação. Uma peculiaridade desta era é a sofisticação alcançada pela questão da boa-forma, a enorme multiplicidade de técnicas aí envolvidas, o que faz com que a aparência do corpo denuncie possibilidades e limites no acesso às práticas existentes.

A idéia de distinção relaciona-se à separação entre o que é bom e o que é mal, o que presta, e o que não presta, enfim, entre o joio e o trigo. Os significados acima auxiliam à compreensão desse fenômeno, que diz respeito não somente ao vestuário, modos, hábitos alimentares, enfim, aos gostos de um modo geral, mas também à questão do corpo e seus respectivos cuidados. Nos grandes centros urbanos do Brasil e do mundo, a partir da década de 1980, ocorreu um verdadeiro *boom* da malhação e proliferou-se a prática de atividade física em academias e nos espaços livres, preconizadas a *todos*, sob o argumento da necessidade de manutenção da saúde e da boa-forma (1.5.). Contudo, por razões que vão desde os hábitos alimentares até a disponibilidade de tempo livre e dinheiro, pode-se supor que o corpo ideal apresentado pela mídia, por não estar ao alcance de todos, representa um elemento diferenciador na hierarquia social¹⁶⁶., ou seja, um critério de distinção.

¹⁶⁶ Daí o motivo de terem sido especialmente pesquisados, locais de diferentes níveis sócio-econômicos: a academia mais cara da cidade, pois seu próprio preço já limita o acesso a esse serviço a pessoas de uma determinada faixa de renda, áreas livres freqüentadas principalmente por pessoas de classe média, assim como

É importante esclarecer que, embora essa distinção refira-se a um ponto de vista da contemporaneidade ocidental, essa atitude não consiste numa particularidade deste tempo, à medida que manifesta características das respectivas épocas. A título de exemplo, recorda-se que Elias analisou rigorosamente a lógica interna da sociedade de corte francesa, demonstrando as regras do jogo social segundo as quais os atores se acomodavam. Retratou, assim, um tipo de sociedade que acabou servindo como um modelo, freneticamente perseguido por outras elites, desejosas de manterem seu prestígio social, o que nada mais é do que um conjunto de características distintivas em relação às outras classes (Elias, 1974).

Há também outras modalidades de diferenciação entre grupos sociais que não se referem propriamente à distância entre classes, como são concebidas no Ocidente. Apesar de suas especificidades, o sistema de castas da Índia, sobre o qual Dumont se debruçou, permite algumas analogias com essa idéia num contexto moderno. Trata-se de um tipo de sociedade holista, compartimentada em categorias que se estendem num prisma que vai dos Brâmanes aos Intocáveis (Dumont, 1987:85)¹⁶⁷. A classificação das castas baseia-se num princípio hierárquico de ‘oposição de contrastes’ tais como puro e impuro, o que depende de critérios tais como o próprio regime alimentar e a moral da renúncia (idem: 106). Suas palavras demonstram uma nítida linha divisória entre o homem e a natureza, a qual é evidente não somente entre os hindus, mas como entre nós:

‘Em relação à organização social, as pessoas puras são, por um lado, o equivalente do que chamamos ‘gente de bem’ ou ‘bem-nascidos’. ‘Com relação à natureza, indicamos (...) como a impureza marcava a irrupção do biológico na vida social’ (ibidem:111).

uma cidade de periferia, tanto em espaços livres quanto numa academia, com condições materiais radicalmente diversas da primeira. Desse modo, é possível investigar alternativas às quais pessoas de baixa renda lançam mão a fim de conquistar o corpo desejado.

¹⁶⁷ Conforme citado no capítulo 3.2, ‘o indivíduo’, Dumont observou que, enquanto as sociedades tradicionais dão ênfase sobre o homem coletivo, pressupondo uma hierarquia, a sociedade moderna enfatiza cada homem em particular. Com base nessa percepção, ele as denominou respectivamente sociedades holistas e individualistas.

No que diz respeito ao corpo, pode-se estabelecer uma analogia entre os conceitos de pureza do sistema de castas e os de adequação aos padrões de beleza vigentes. Numa época como a nossa, marcada pela ‘lipofobia’ (Fischler,1995:69), os ‘obesos’, por exemplo, estariam situados no extremo impuro do prisma da hierarquia estética. De maneira semelhante ao descrito na Índia, sua condição física revelaria hábitos alimentares inadequados, uma incapacidade de renunciar a prazeres, uma falta de disciplina para a prática de atividade física, itens que refletiriam ‘indesejáveis irrupções do biológico na vida social’.

Assim, embora possa ser surpreendente que na Índia, o simples fato de comer ou não carne bovina seja determinante para situar alguém numa casta, entre nós, conceitos estéticos vigentes tidos como dados levam freqüentemente o senso-comum a estabelecer uma associação entre aparência e valores morais. Isso leva uma pessoa obesa a ser vista como alguém que não possui auto-controle ou amor-próprios suficientes, tema a que se retornará no próximo capítulo. A efemeridade deste padrão de beleza, contudo, é verificada se lembrarmos que ‘era preciso sem dúvida, no passado, ser mais gordo que hoje para ser julgado obeso e bem menos magro para ser considerado magro’ (Fischler, 1995:79).

De fato, a idéia de pureza referida por Dumont está ligada a valores simbólicos que ultrapassam o aspecto físico imediato de higiene e limpeza. Do mesmo modo, num estudo acerca dos valores e critérios de distinção entre grupos, Elias e Scotson (2000) perceberam uma relevante desigualdade social, onde os indicadores sociológicos correntes, tais como renda, educação ou tipo de ocupação, eram relativamente homogêneos, em ‘Winston Parva’ - nome de um povoado industrial fictício da Inglaterra. Nesse local, os habitantes mais antigos estigmatizavam os recém-chegados, como se fossem pessoas de menor valor humano e como se lhes faltasse uma virtude superior ou um carisma grupal distintivo. Os autores investigaram as causas dessa atitude e perceberam que os ‘estabelecidos’ forneciam um ‘modelo moral’ para todo o grupo.

É curioso como o relato de uma brasileira residente na África do Sul, cujo marido tem ascendência holandesa, ilustra como por vezes as questões relativas aos grupos discriminados

se confundem, relacionando ‘desvios’ em relação à norma estética vigente à segregação étnica:

‘Ann (uma familiar), ela sim, freqüenta um círculo de amigos negros e mestiços. Talvez por ser muito gorda, e ter a auto-estima muito baixa, ela procure andar com pessoas de classes sociais inferiores, pois lá fica mais à vontade¹⁶⁸’

De fato, essas relações têm sempre algo em comum. Elias aponta no movimento nazista um exemplo de relação que se encontra no mundo todo. ‘Ele eleva a si próprio ao coroamento da humanidade, ao tipo humano mais valioso, que é convocado pela natureza para dominar outros grupos. Os judeus eram considerados como contraponto, como a parte menos valiosa da humanidade’ (Elias, 2000:199).

Em relação à ‘boa-forma’, as diferenças nas condições de existência apresentam-se tanto no domínio da atividade física quanto no da alimentação. Um reflexo disso pode ser encontrado numa pesquisa acerca da história da comida, em que um historiador afirma que, pela primeira vez, em milênios, as classes privilegiadas desejem se distinguir pela magreza, ligada a um estilo de vida sofisticado, e não pela opulência das formas. Por outro lado, apesar da comida leve e saudável custar caro, a difusão dos conhecimentos científicos e o aumento da preocupação com a saúde expandiu-se significativamente ao longo de diferentes segmentos da sociedade, de modo que aquilo que, há algumas décadas, representava somente uma preocupação das elites, atingiu as pessoas de baixa renda. Os meios de comunicação de massa e os profissionais de saúde encarregam-se de divulgar as recentes descobertas científicas, de modo que as práticas corporais desdobram-se em diferentes segmentos e nichos de mercado, e a busca¹⁶⁹ de saúde e ‘boa-forma’ não se restringe às classes abastadas.

Prova disso é que, mesmo nas localidades em que a maior parte da população não tem poder aquisitivo para freqüentar uma academia, as pistas públicas estão repletas de pessoas caminhando, com assiduidade, além da própria presença de academias, com preços mais

¹⁶⁸ Entrevista realizada em outubro de 2003.

¹⁶⁹ Atenção: ‘busca’ não quer dizer que seja o mesmo ‘acesso’.

acessíveis àquela população. Apesar desses grupos não possuírem o mesmo acesso aos serviços de saúde, a informação acerca da importância da prática de atividade física é difundida amplamente na sociedade. Nessas camadas da população, muitas pessoas afirmaram prestar atenção à alimentação – por exemplo, tomando cuidado para evitar o excesso de sal e de gordura - e demonstram conhecer a importância desse aspecto para a boa-saúde, o bem-estar e a longevidade.

Tudo isso se dá a partir do modo como são vivenciadas as ‘imagens de nós’ dos grupos dos ‘aceitos’ e dos ‘discriminados’. Membros dos grupos mais poderosos pensam a si mesmos e se auto-representam como humanamente superiores e podem fazer com que os indivíduos ditos inferiores se sintam carentes de virtudes. Dessa maneira, o curso dos acontecimentos assume seu significado e sentido, para os homens nele envolvidos, através da elevação ou diminuição em um esquema prévio de autovalorização. As relações de autovalorização e o núcleo em torno do qual é construída a auto-estima de uma pessoa ou grupo varia imensamente. ‘Seja como for, os seres humanos são sempre valorizados do seu próprio ponto de vista e aos olhos dos outros’ (idem:209).

Elias e Scotson descreveram, por meio do microcosmo de ‘Winston Parva’, processos e propriedades de alcance geral nas relações de poder na sociedade, tais como a maneira como um grupo de pessoas é capaz de monopolizar as oportunidades e utilizá-las para marginalizar e estigmatizar membros de outro grupo muito semelhante (Elias e Scotson,2000:8-13).

Seu trabalho serve, portanto, de guia para o levantamento de outros valores sociológicos à medida que apresenta um caso que ilustra atitudes sociais típicas que podem ser estendidas a toda uma gama de padrões de desigualdade humana: relações entre classes, grupos étnicos, colonizadores e colonizados, homens e mulheres, pais e filhos, homossexuais e heterossexuais, judeus e alemães, deficientes e (ressaltam-se as aspas) ‘normais’ e, por que não, ampliando a discussão para o presente estudo, falar em gordos e magros, novos e idosos, feios e bonitos, ‘sarados’ e ‘caídos’.

Essas relações estão presentes também no discurso dos astros da mídia, que nas revistas de boa-forma oferecem espécies de ‘dicas’ para manter seus corpos maravilhosos. Ocorre que ali, estão se auto-representando como superiores sob um esquema prévio de auto-valorização, de modo análogo ao descrito por Elias e Scotson. Não é à toa que freqüentemente é utilizado o adjetivo de ‘poderosa’ para as mulheres ‘olimpianas’¹⁷⁰. Além desses exemplos, conversas cotidianas indicam que a ‘boa aparência’ e a ‘boa forma’ possuem a utilidade de um cartão de visitas, de modo que correspondem definitivamente a um tipo de *poder simbólico*.

Bourdieu definiu *poder simbólico* como um poder ‘invisível’ que só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que os exercem¹⁷¹. O corpo magro e perfeito, o rosto jovem, cabelos ‘lisos’ e ‘obedientes’, termos freqüentes nos anúncios de produtos capilares, assim como a pele clara, num país com passado escravocrata, como o nosso, trazem consigo esse poder. Trata-se, portanto, de uma forma transformada, irreconhecível, transfigurada e legitimada das outras formas de poder, que se define numa relação determinada entre os que o exercem e os que lhe estão sujeitos, na própria estrutura do campo em que se produz e se reproduz a ‘crença’. Desse modo, o campo de produção simbólica representa um microcosmo onde se exerce a luta simbólica entre as classes e os diferentes grupos.

Por meio da idéia de distinção, Bourdieu concebe a dimensão do estilo de vida como uma tradução da luta de classes para o plano simbólico. Às diferentes posições no campo social correspondem estilos de vida, sistemas de desvios diferenciais que são a revelação simbólica de diferenças objetivamente inscritas nas condições de existência. Assim, em ‘A Distinção’, Bourdieu (1979) elaborou um estudo acerca da ‘sociologia do gosto’ e, assim

¹⁷⁰ Não faltam exemplos desses termos nas revistas de *fitness*. A existência desse suposto ‘poder’, e o fato de que ele foi adquirido, conseqüente ao poder aquisitivo propriamente dito, é ilustrada num *site* na *internet*. Trazendo o lema que diz que ‘não existe feiúra, o que existe é gente pobre ou rica’, nesse *site* é possível acessar fotos de ícones da mídia ‘antes e depois’ do enriquecimento: Xuxa, Carla Perez, Elba Ramalho, Alexandre Pires, Ronaldinho, entre muitos outros.

¹⁷¹ O autor exemplifica, como símbolos de poder, o traje e o cetro reais, que são nada mais do que formas de capital simbólico objetivado cuja eficácia está sujeita às condições descritas acima. Outro exemplo reside no poder das palavras de ordem, derivado da crença na legitimidade das palavras e daquele que a pronuncia.

como enuncia o subtítulo, ‘uma crítica social do julgamento’. Nessa obra, ele definiu a distinção como ‘o conjunto de mecanismos de diferenciação segundo os quais os grupos sociais dominantes afirmam sua distância em relação às classes subalternas’, de maneira que os *gostos diferenciadores* indicam ‘um abandono progressivo por parte das primeiras das práticas culturais apropriadas pelas últimas’ (Bourdieu,1979).

Foi assim que, por meio de uma metodologia que combinou a mais clássica análise estatística com um conjunto de entrevistas em profundidade ou de observações etnográficas, em ‘A Distinção’, Bourdieu investigou os mecanismos de diferenciação ou de afirmação da distância pelos grupos sociais dominantes. Nesse estudo, o autor revelou opiniões emitidas espontaneamente acerca de apreciações estéticas - do consumo de objetos culturais classificados como tais, englobando também questões como a alimentação e as práticas de esporte e lazer - colocando em questão o famoso dito popular: ‘gosto não se discute’, provando, à luz da sociologia, que os ‘gostos diferenciadores’ indicam um abandono progressivo das práticas culturais apropriadas pelas classes subalternas (Bourdieu,1979).

Bourdieu citou, como um exemplo de ‘gosto diferenciador’, a peculiar relação com o prazer que marca a nova burguesia francesa. Considerando-se que compartilha algumas características com a burguesia de outros países, inclusive a do Brasil, ela reflete a conversão da moral ascética em hedonista, tratado por meio das figuras do ascético e do narcisista. Em suma, enquanto a primeira fundou-se na abstinência, na sobriedade no arrojado e no cálculo, a segunda fundou-se no crédito, no gasto, no desfrute, enfim, no consumo. Contudo, trata-se de um consumo referente a um estilo de vida sofisticado, no plano da alimentação, por exemplo, mais leve, saudável e cara.

Assim, apesar da diversificação dos estilos de vida estar associada à democratização do consumo e à personalização das escolhas, ofertas ‘personalizadas’ caminham lado a lado com uma elitização do consumo. Os *gostos diferenciadores* indicariam o abandono progressivo por parte das elites das práticas culturais apropriadas pelas classes populares (Bourdieu,1979), o que alcança o campo do prazer e do corpo. Levando em conta os efeitos da globalização,

pode-se considerar que a marca peculiar da burguesia francesa, descrita por Bourdieu, pode ser estendida à brasileira, no que diz respeito à conversão da moral ascética em hedonista¹⁷².

Ora, nos padrões estéticos vigentes na contemporaneidade ocidental, o corpo ‘sarado’ é um importante símbolo de poder simbólico, ao qual o acesso não se dá de modo igualitário ao longo das diversas posições na hierarquia social. Excluindo-se o fator ‘sorte’ - ou seja, o acaso estatístico que faz com que alguns sejam geneticamente ‘privilegiados’ e já possuam, sem qualquer esforço, o corpo perfeito (são uma minoria, certamente) – alcançar esse padrão exige uma gama de investimentos tais como tempo, dinheiro, força de vontade, além da necessidade de prazer e identificação com a atividade física escolhida. Além disso, atualmente, é evidente que uma alimentação balanceada custa mais caro que aquela baseada em carboidratos, o que mais engorda¹⁷³. Insiste-se, portanto, na idéia de que a dificuldade de alcançá-lo faz com que o corpo esbelto tenha se tornado um critério de distinção social¹⁷⁴.

Por outro lado, em relação à consciência dos códigos para a aceitação e das vantagens decorrentes de possuir uma boa forma física, Bourdieu observou, à época daquela investigação, que as classes médias francesas dispensavam uma atenção maior à aparência que as populares, o que evidenciaria, nas respectivas visões de mundo, diferentes tensões entre ‘ser’ e ‘parecer’ (ibidem:200). Ele afirmou que o interesse e os investimentos em cuidados que as diferentes classes sociais dispensam à sua apresentação estão ligados à consciência das possibilidades de benefícios materiais ou simbólicos com que podem ser retribuídos por isso. (ibidem:203). Por isso, segundo ele, as classes populares se vestiam, em geral, de maneira mais ‘funcionalista’¹⁷⁵.

¹⁷² Definida anteriormente a partir das figuras do ascético e do narcisista. Sabe-se que enquanto a primeira fundou-se na abstinência, na sobriedade no arrojado e no cálculo, a segunda fundou-se no crédito, no gasto, no desfrute, enfim, no consumo, e ao mesmo tempo, um consumo sofisticado, em termos de alimentação, de preferência mais leve e saudável

¹⁷³ Evitando uma lista extensa de produtos *diet* e mais calóricos, limitamo-nos aqui a informar a discrepância facilmente verificável entre os preços da comida ‘a kilo’ em restaurantes self-services comuns e ‘naturais’.

¹⁷⁴ A forma corporal também representava um critério de distinção quando o padrão de beleza era um corpo opulento, também dificilmente alcançável pelos indivíduos das classes populares. O acesso à alimentação ‘que engorda’ tornou-se mais fácil às massas que aquele a uma alimentação mais saudável.

¹⁷⁵ Quanto a isso, cabe lembrar que esse autor pesquisou na França, há mais de vinte anos, e seria arriscado afirmar que o mesmo se dá aqui no Brasil, indagação que serviu como uma das hipóteses da pesquisa de campo.

Malysse, entretanto, afirmou que, hoje, o corpo estaria muito mais presente visual e culturalmente na realidade do Rio de Janeiro que na França, ‘pois os cariocas pareciam dar muito mais importância a seus corpos que os europeus’ (Malysse,2001). Embora ele tenha pesquisado na zona sul do Rio de Janeiro, todas as outras grandes cidades do Brasil são fortemente influenciadas pelos padrões culturais de lá originados, processo em que a Rede Globo exerce grande influência. Entretanto, ao contrário do que ocorria na pesquisa de Bourdieu, Malysse observou que, embora a parcela da população que dispõe de tempo e dinheiro para frequentar academias de ginástica e dedicar-se à aparência seja relativamente pequena, muitos dos ‘excluídos’ dessas práticas também sonham com um corpo ‘ideal’. Em outras palavras, possuem, sim, consciência da importância do ‘capital estético’. Comparando-as às elites, apesar da falta de acesso às condições de nele investir, essas pessoas buscam alternativas a seu alcance, como, por exemplo, fazendo dietas, ‘malhando’ por conta própria, ou, se possível, comprando ou tomando emprestadas revistas especializadas no tema.

Assim, como os *outsiders* (Elias,2000), os que não alcançam o padrão de beleza vigente podem se sentir ‘carentes de alguma virtude’, ao se identificarem com o modelo moral fornecido pelos sarados, ou estabelecidos, em relação a esse determinado campo simbólico. Por outro lado, devido à consciência da importância desse capital simbólico, esses indivíduos podem procurar estratégias alternativas, no sentido de buscar o corpo ideal, o que fica evidente no fato de que nas regiões da periferia de Brasília e de outros grandes centros urbanos brasileiros estejam diariamente repletas de caminhantes, e que lá sejam constantemente inauguradas novas academias.

Malysse sintetizou essas idéias afirmando que mesmo os que não têm condição de pagar uma academia anseiam por ‘transformar o próprio corpo para se apropriar das diversas características corporais valorizadas socialmente’. Assim, os valores do culto possuem grande alcance e sob maneiras diversas, pela ânsia insaciável dos consumidores ou pela frustração daqueles que não podem participar integralmente de seus ritos, mas bem que gostariam, de

modo que ‘entre o desejo e a possibilidade de mudar o próprio corpo existe uma margem social ligada ao fato dessas práticas de malhação serem antes de tudo práticas de consumo do corpo’ (Malysse, 2001).

Ora, além da beleza estar associada ao poder simbólico e se traduzir, eventualmente, em capital propriamente dito, como ocorre com aqueles que tiram da aparência o seu sustento¹⁷⁶, a busca de um corpo ‘padrão’ possui repercussões a nível emocional, pois está intimamente ligada à necessidade de aceitação. Satisfeitas as necessidades materiais mais básicas, nossa necessidade de estima pelos outros, cuja natureza é tão real quanto a fome, chega a ser maior que qualquer outra, talvez com exceção somente da auto-estima. A dor conseqüente à negligência ou ao desprezo do mundo é comparável às dores reumática e renal, de modo que ser rejeitado pelo grupo e o isolamento social são fontes de aflição tão potentes que podem levar ao suicídio e à morte por ‘vudu’. Aliás, nas culturas ocidentais, a rejeição constitui uma punição severa em si, independentemente de suas outras conseqüências legais (1996, Elster:143).

Elster chamou de ‘emoções sociais’ os sentimentos de vergonha, desprezo, vaidade, afeição, orgulho e admiração. Todos eles estão presentes na discussão acerca da corpolatria, tanto ao se referirem diretamente à pessoa quanto às suas ações. As características físicas podem vir a engendrar a aceitação ou a rejeição, afetos por parte do grupo que vão trazer respectivamente à pessoa satisfação ou frustração, tanto porque se referem à manifestação da aparência quanto ao fato de que, segundo os valores contemporâneos, atingem a esfera moral, pois representam responsabilidades individuais, ligadas a atos e compromissos específicos tais como o de se cuidar, ‘malhar’ ou comer ‘bem’, em resumo, ‘se gostar’.

¹⁷⁶ Aí podem ser citadas inúmeras profissões que perpassam todas as classes sociais, desde os mais valorizados *top-models* até os seguranças, *strippers*, passando pelas recepcionistas, enfim, a lista é infindável e já seria objeto de um outro trabalho.

Se a beleza alimenta o sentimento de aceitação, é importante tomar cuidado para não cair na armadilha do mero preconceito que vê na busca do corpo sarado apenas uma atitude fútil. Simplesmente execrar essa conduta é um ponto de vista superficial. Por isso, há quem celebre o valor, não somente da prática saudável de exercícios físicos e de uma dieta balanceada, mas também de intervenções ditas ‘artificiais’ sobre o corpo, tais como cirurgias plásticas, de lipoaspiração, implantes de cabelo, silicone, injeções de ‘botox’, uso de drogas anabolizantes, ‘viagra’, entre os inúmeros exemplos. Há que se admitir que elas trazem benefícios a quem a elas se submete, pois, assim como podem prejudicar a saúde, elas também podem repercutir de modo positivo sobre a auto-estima e a imagem corporal dos indivíduos. Se fosse o contrário, não haveria explicação para a proliferação de uma prática que custa caro e que envolve riscos: se as pessoas optam por corrê-los, obviamente aquilo ocupa grande relevância em suas vidas.

Contextualizando essa atitude na esfera da ‘moda’, é útil a perspectiva de Lipovetsky, que, numa linha contrária à de Bourdieu, em certo sentido, defende seus aspectos positivos. Elegendo por objeto a moda e seus destinos nas sociedades modernas, Lipovetsky discorda do rótulo de pura frivolidade que se aplica frequentemente ao tema. Esse autor ressaltou que a ‘forma moda’ estende-se hoje bem além de seu campo original - a vestimenta - para englobar, além dos comportamentos não-essenciais, superficiais e frívolos, tudo o que se possa tornar objeto de admiração repentina e passageira, desde a produção intelectual ou cultural à vida política.

Embora a moda pareça pertencer ao campo dos comportamentos irracionais por excelência, do contingente, do fortuito, Lipovetsky buscou encontrar algum sentido na ‘história do frívolo’, visto que aparentemente não existe qualquer racionalidade por trás do comprimento das saias, dos cabelos a cada ano, e, por que não acrescentar, nos detalhes do formato dos corpos de homens e mulheres (Renault:1998,43).

A fim de responder a essa pergunta, Lipovetsky apontou duas possíveis interpretações: a primeira vê o fenômeno da moda segundo condicionamentos inconscientes gerados por uma orquestração subterrânea dos imperativos do consumo e da publicidade, e às leis da rivalidade

social entre grupos que buscam se distinguir uns dos outros. Segundo essa primeira visão, numa referência clara aos *frankfurtianos* e a Bourdieu, a inteligibilidade do processo estaria velada aos atores, prevalecendo a perspectiva da dominação do indivíduo – até certo ponto, ingênuo - pela sociedade. A segunda visão, em contraste, concebe a moda como um fenômeno especificamente ocidental e moderno, visto que na China, na Índia e nas sociedades ocidentais pré-modernas, durante milênios, as vestimentas somente admitiam modificações excepcionais. Por meio dela, Lipovetsky refuta a idéia de que a moda trata-se meramente de um fenômeno de concorrência entre os grupos sociais, questionando a tese da distinção de Bourdieu, visto que, conforme já foi exposto acima, essas relações sempre existiam nas sociedades ‘não-modernas’, sem que suscitassem a moda propriamente dita. Segundo ele, a partir do momento em que a dinâmica da moda, inicialmente reservada aos meios aristocráticos, estendeu-se ao conjunto da sociedade, por volta de 1880, ela se tornou mais uma expressão de uma singularidade ou individualidade, por meio do cultivo de pequenas diferenças, do que uma afirmação de distanciamento social, em outras palavras, muito mais de ‘parecer jovem’ do que ‘mostrar classe’.

Enfim, na visão de Lipovetsky, a moda evoluiu para uma democratização e uma periodização cada vez mais curta e acelerada do processo, muito mais no sentido de romper com o passado do que distingüir-se de tal ou qual grupo. No espaço da moda, os indivíduos recusam-se a se conformar servilmente com a herança do passado, desejando ser mestres e possuidores de regras que se definem no presente e que se renovam constantemente, refletindo a própria lógica do Ocidente moderno, que é a da ruptura com a tradição.

Essa ‘forma moda’ atinge, por sua vez, os padrões de beleza e perfeição física vigentes, visto que esses são efêmeros e variam bastante de um verão para outro. Se estendida à questão do corpo, essa tendência ilustra de maneira contundente a ruptura com a tradição, à medida que alcança as raias da modificação da própria *herança genética*. De um lado, a transformação do corpo pode ser vista como uma mera reprodução de valores consumistas, mas, de outro, ela pode representar um tipo de liberdade inusitado, em relação à aparência ‘dada’ ao nascimento,

em outras palavras, uma capacidade de optar por uma identidade, um modo de estar e parecer ao mundo escolhido pelo próprio indivíduo.

As possibilidades de construção do corpo estendem-se ao longo de um prisma vastíssimo, que engloba desde as atitudes tidas como meramente consumistas até outras, supostamente ‘inconformistas’ ou ‘revolucionárias’. As últimas visam romper com padrões sociais, alcançando os extremos do conceito de *body modification*, dos quais os artistas Orlan e Sterlac representam exemplos notáveis¹⁷⁷. Essa idéia traduz simultaneamente a prática baseada na tecnologia da cirurgia plástica e as técnicas de *piercing*, tatuagem, incluindo os esteróides anabolizantes, numa mistura de técnica, arte e denúncia, característicos da desconstrução pós-moderna frente aos pares dicotômicos em que se ancoravam as categorias identitárias (Villaça e Góes, 1998: 63-5)

Sob o ponto de vista de Lipovetsky, é possível identificar aspectos positivos na relação entre moda e construção do corpo. Além disso, deve-se ter em mente que, para uma pessoa que teve que enfrentar por anos o escárnio dos colegas de escola e apelidos pejorativos devido a um nariz grande, uma cirurgia plástica pode ser uma verdadeira libertação, assim como o que ocorre a uma mulher cujo tamanho dos seios causa dores e uma cifose dorsal, dentre inúmeros exemplos. Por outro lado, embora esse autor enfatize a singularidade individual, desprezando a perspectiva *bourdieusiana* de distinção entre classes sociais, é importante ressaltar que as ‘pequenas diferenças’ a que ele se refere podem custar um preço elevado, e que não dependem exclusivamente do desejo de afirmar um gosto pessoal, mas particularmente do poder aquisitivo para o acesso a elas. Em especial no campo da modificação corporal, as diferenças de acesso são gritantes, o que reporta à distinção. Obviamente, dentro de um determinado segmento sócio-econômico, embora exista alguma margem de escolha para a afirmação das diferenças de gosto, conforme o que se observou ao

¹⁷⁷ Orlan é uma artista que, por meio de inúmeras cirurgias plásticas, vem transformando seu corpo em lugar de debate público, questionando seu estatuto na contemporaneidade, numa luta contra o nato, o inexorável e a natureza (Villaça e Góes, 1998: 63-5). Para Sterlac, artista plástico australiano, o corpo é obsoleto, despojado de valor, tornado insípido e suscetível de todos os emparelhamentos tecnológicos ou de todas as experiências extremas para ampliar suas possibilidades, suprimi-lo ou convertê-lo em simples suporte (Le Breton, 2003:52).

longo da pesquisa de campo, os limites – dados principalmente pelo domínio econômico - são evidentes.

É interessante retomar, nesse ponto, a ênfase dada por Dumont ao fato de que a comparação sociológica exige que o indivíduo seja considerado como tal, ou seja, como um valor – ‘ou antes, ele faz parte de uma configuração de valores *sui generis*’ (Dumont, op. cit:57). O autor procurou em quê o homem de castas poderia ensinar ao homem ‘indivíduo’, à medida que somente num certo momento da história ocidental, os homens passaram a se ver como indivíduos, o que não significa que não eram mais seres sociais. Muito pelo contrário, o homem moderno idealmente autônomo seria mais dependente que nunca de seus semelhantes, em função da sofisticação a que chegou a divisão do trabalho na sociedade. Ele afirmou que ‘uma sociedade tal como foi concebida pelo individualismo nunca existiu em parte alguma, pela razão (...) de que o indivíduo vive de idéias sociais’ (ibidem:298).

Segundo ele, o traço da sociedade moderna que se opõe mais imediatamente às sociedades holistas seria a questão da igualdade (ibidem:59). O que se observa, entretanto, é que, ao mesmo tempo em que a igualdade afirmou-se enquanto um valor de grande relevância ao longo da modernidade, num jogo de tensão de opostos, desenvolveram-se critérios de diferenciação entre as classes sociais. Em suma, essa discussão permite identificar, ao longo do processo histórico da modernidade, uma nítida tensão entre dois valores dialeticamente opostos: de um lado, a idéia de ‘igualdade’, de outro, a necessidade de se opor a essa igualdade, por meio da busca de critérios específicos de distinção social.

Tanto que, abordando a noção de democracia, Renault recorda que simultaneamente aos movimentos sociais que visavam a uma real igualdade de condições, suplantando a igualdade meramente jurídica, surgem novas hierarquias. Essas, ao contrário daquelas do ‘*Ancien Regime*’ - compreendidas como os privilégios supostamente *inerentes* a determinados grupos sociais - se instaurariam segundo as novas configurações de desigualdades econômicas e sociais (Renaut,1998:27).

Embora as mesmas tenham surgido basicamente num mesmo contexto histórico, percebe-se uma tensão latente entre as idéias de democracia (e igualdade) e modernidade. Isso porque, se a última trouxe a necessidade de romper com a tradição, a partir do momento em que essa ruptura transformou-se na própria ‘tradição’ da modernidade, adquirindo uma conotação de obrigatoriedade, se alcançá-la não é acessível a todos, como é possível conciliar essa dinâmica com ideais democráticos? É como se, por trás da ruptura com a tradição residisse uma imposição, semelhante à que reside no lema ‘é proibido proibir’, no cerne do qual, alguma proibição se mantém. No sentido da imposição, esse é um dos aspectos ‘negativos’ que a forma moda apresenta, e que, levada à intervenção sobre o corpo, pode alcançar situações, além de inacessíveis para muitos, dolorosas e até mesmo perigosas.

Atentando para a complexidade da questão, observa-se que, conforme defende Lipovetsky, de um lado, os ideais democráticos fortaleceram-se, porém, como simultaneamente as classes menos favorecidas conquistam os mesmos símbolos e objetos que as elites, a necessidade de distinção aumentou, à medida que a oportunidade de acesso ao consumo enfraquece o elemento diferenciador. É esse mecanismo que leva as elites a investirem nesse desejo de distinção no consumo, buscando novas modas e novos estilos para demarcar sua distância (Bourdieu,1979:196). Essa distinção manifesta-se não somente nos hábitos alimentares, como em inúmeros outros sofisticados recursos, no que se refere ao corpo – academias, cirurgias, implantes, produtos, tratamentos ...

Apesar da importância da relação de distinção entre as classes sociais, sob o ponto de vista do corpo, é importante ressaltar que, devido à rigidez do padrão imposto, o simples fato de pertencer à elite não significa que seja fácil alcançá-lo. Além disso, ele é extremamente transitório, visto que são constantemente inventados ‘novos defeitos’ no corpo, de modo que a satisfação completa não é jamais alcançada. Desse modo, todos os que fogem a seus critérios sentem-se, de algum modo, inadequados, sentimento esse que atinge um contingente cada vez maior da sociedade, e que explica o aumento dos distúrbios da imagem corporal, tais como a anorexia, principalmente nas classes favorecidas. Isso porque é muito mais ‘fácil’, para quem tem poder aquisitivo elevado, se vestir ‘distintamente’, dirigir automóveis caros, dentre outros

signos de consumo, do que alcançar um corpo perfeito. Esse último exige esforços maiores que apenas gastar dinheiro, mas privações, disciplina, esforço físico, características de personalidade que nem todos possuem num mesmo grau.

Outro aspecto interessante é que, embora a possibilidade de modificação possa ser anunciada como uma liberdade inédita de expressão individual, não há como negar que a meta a que se dirige o desejo de modificação do corpo, para uma imensa maioria, é quase sempre a mesma, conforme prescrevem os professores de educação física das academias – perda de gordura e aumento de massa muscular – e os cirurgiões plásticos em suas prósperas clínicas – lipo-escultura, retirada de gordura de abdômen, costas, às vezes, culotes, coxas, aumento de nádegas, implante de silicone nos seios. Seria uma mera coincidência que, tanto os supostos ‘defeitos’, quanto a busca de liberdade vá sempre numa mesma direção, para quase todos??

Nesse campo, em que, nitidamente, entram em jogo elementos do poder simbólico, aqueles que ficam excluídos de seus significantes são também diferenciados, mas sob um aspecto negativo. No próximo capítulo, será exposta uma outra forma de distinção, porém que, ao invés de elevar o poder simbólico, segrega e exclui os portadores de seus sinais.

2.6. Estigma

A distinção refere-se à aceitação pelo meio social, e sob o ponto de vista da aparência do corpo, traz importantes repercussões a nível emocional. Tomando esse fenômeno pelo ‘avesso’, vem à tona a questão da ‘deficiência’, e a maneira como os ‘deficientes físicos’ constroem seus corpos e se relacionam com a auto-imagem. Sua ‘diferença’ que oferece um rico material para desenhar um prisma entre a singularidade de cada indivíduo, único e insubstituível, e o estereótipo, quando se busca reproduzir um determinado padrão de beleza¹⁷⁸.

¹⁷⁸ O tema que pode ser extrapolado para inúmeras esferas, as quais não serão aprofundadas aqui, tais como os avanços biotecnológicos e a clonagem humana.

A linguagem utilizada para descrever a deficiência e sua própria definição varia muito no tempo e de uma cultura para outra. Sob o ponto de vista da lei, essa palavra começou a ser empregada no Ocidente no século XIX e servia para designar aqueles a quem ‘faltava algum tipo de competência ou capacidade legal’ (Jones e Marks,1999:4). Frequentemente, escorregões de linguagem tornam os termos próprios a essas pessoas em insultos, tais como: ‘aleijado’, ‘lesado’, ‘mongol’, ‘retardado’. O termo ‘deficiente’ acabou se tornando uma categoria do senso comum, tal como ‘mulher’, ‘negro’ ou ‘homossexual’. Por isso, as leis do *apartheid* da África do Sul definiam os indivíduos ‘africanos’ e ‘de cor’ com precisão, da mesma forma que o nazismo o fez na perseguição dos judeus, dentre outros exemplos dos idos acima, por em ‘Os Estabelecidos e os *Outsiders*’ (Elias e Scotson:2000). O que o que está em jogo é a idéia de distinção, desta vez, no sentido oposto: ao invés de uma diferenciação positiva, esses indivíduos tornam-se portadores de uma espécie de rótulo (ou marca) que os diferencia *negativamente*. Trata-se de um *estigma*, termo que tem sua origem na Grécia Antiga, quando significava ‘sinal’ e servia para evidenciar alguma coisa de extraordinário ou de mau sobre o *status* moral de quem os apresentava. Esses sinais eram feitos ‘com cortes ou fogo no corpo e avisavam que o portador era um escravo, um criminoso ou um traidor – em outras palavras, uma pessoa marcada, ritualmente poluída, a qual devia ser, portanto, evitada’ (Goffman,1988:11).

Posteriormente, o cristianismo modificou essa perspectiva, e passou a relacionar o termo a sinais corporais que indicavam a graça divina. Com base nisso, a medicina começou a utilizá-lo para se referir a distúrbios físicos. Hoje, estigma remete à noção grega original, porém sendo especificamente ‘mais aplicado à própria desgraça do que à sua evidência corporal’ (ibidem:11). Goffman afirmou também que ‘a sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias. Os ambientes sociais estabelecem as categorias de pessoas que têm probabilidade de serem neles encontradas’ (ibidem:12-3).

Esse autor utiliza o termo estigma, portanto, em referência a um atributo profundamente depreciativo. Contudo, ele aponta para a necessidade de uma linguagem de

relações e não de atributos, à medida que um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem, o que faz com que ele não seja, em si mesmo, nem honroso nem desonroso (ibidem:12-3). As representações sociais relacionadas às noções de distinção e estigma possuem uma historicidade.

Dessa maneira, ele enumerou três tipos de estigma, dos quais o primeiro consiste nas abominações do corpo ou deformidades físicas. Depois, as culpas de caráter individual – tais como fraqueza da vontade, paixões tirânicas ou não naturais, crenças falsas e rígidas, desonestidade – inferidas a partir de relatos conhecidos de distúrbio mental, prisão, vício, alcoolismo, homossexualismo, desemprego, tentativa de suicídio e comportamento radical. O terceiro corresponde aos estigmas tribais de raça, nação e religião – aos quais, em nota, ele acrescenta o estigma decorrente de se pertencer à classe baixa - que também podem ser transmitidos e acabar contaminando os membros de uma família (ibidem:14).

A obesidade – e, em certos casos, também a feiúra e outras características físicas indesejáveis - relaciona-se aos três tipos de estigma, visto que representa uma abominação do corpo, é associada a questões morais e à culpa individual – já que, na contemporaneidade, é vista como responsabilidade da pessoa e consequência de alguma espécie de fraqueza, como a gula ou a preguiça – além de, em certos casos, possuir um componente ligado à classe, diante da dificuldade do acesso ao padrão de beleza na falta de poder aquisitivo para tal, ou à herança genética.

A deficiência física, por sua vez, poderia ser incluída na primeira categoria, já que se refere a uma marca inscrita no corpo da pessoa, embora, em muitas sociedades, no senso-comum, e em função do preconceito, também possa ser confundida como questões morais e de classe. O campo que tem nela seu objeto, os ‘*disability studies*’, embora já estabelecido enquanto área da sociologia de outros países, no Brasil ainda se encontra muito pouco explorado, a ponto de nem ao menos existir para a expressão uma tradução mais imediata e

usual¹⁷⁹. Essa área baseia-se num modelo teórico que toma emprestado e recria em seu campo próprio a distinção efetuada pelos estudos feministas (e de gênero), entre o sexo – referente ao domínio biológico - e o gênero – propriamente social (Shakespeare,1999:25).

De maneira análoga ao que se deu com os movimentos feministas e com os estudos de gênero, o ativismo político trouxe desafios à compreensão da deficiência, à medida que buscou deslocar a associação entre a mesma e a incapacidade física e/ou mental. Segundo esse ponto de vista, a deficiência é o produto de um contexto social, e não o atributo de um indivíduo, como se difunde em geral no senso comum (ibidem:25).

Em termos de conquistas políticas ao longo da História, esses movimentos estão situados no contexto dos Direitos Humanos. A doutrina dos Direitos do Homem, desde seu surgimento, em meio ao pensamento político dos séculos XVII e XVIII, passou por muitas transformações. Ao longo do século passado, manifestou-se uma nova tendência, que pode ser chamada de *especificação*, que consiste na passagem gradual e cada vez mais acentuada da noção de ‘sujeito universal’ para uma ulterior determinação dos sujeitos específicos titulares de direitos. Os movimentos em torno da questão da diferença fazem parte do que se denominou Direitos Humanos de Quarta Geração¹⁸⁰. Bobbio observa que o abstrato sujeito homem já encontrara uma primeira especificação no cidadão (no sentido de que podiam ser atribuídos ao cidadão novos direitos com relação ao homem em geral), e que posteriormente ‘fez-se valer a exigência de responder com uma nova especificação à seguinte questão: *que* homem, *que* cidadão?’ (Bobbio,1992:62).

¹⁷⁹ A expressão ‘disability studies’ poderia ser traduzida, ao pé da letra, por ‘estudos da incapacidade’. Entretanto, a escolha de um termo mais correto é um assunto extenso que pode ser objeto de futuros estudos, de modo que se optou por deixá-la sem tradução. Refere-se a uma área abrangente de estudos que propõe reflexões diversas tais como a questão da luta e expansão dos direitos à diferença no mundo das grandes cidades ocidentais, ante o desenvolvimento das biotecnologias, visto que os corpos com seqüelas graves sobrevivem às custas dos avanços tecnológicos da medicina e finalmente, embora à primeira vista o deficiente físico ocupe uma posição ‘desvantajosa’ em relação aos valores competitivos, ele muitas vezes transforme a deficiência em oportunidade de buscar outros valores.

¹⁸⁰ As conquistas dos Direitos humanos são classificadas segundo as seguintes gerações: a primeira baseia-se na idéia do cidadão, a segunda, no aspecto dos direitos sociais, a terceira, na soberania nacional e quarta, o direito ligado à ecologia, aos grupos sociais minoritários, ao respeito às diferenças.

Essa especificação ocorreu então em relação às questões tais como gênero, minorias étnicas, fases e estados excepcionais da vida. Ao longo desse processo foram sendo reconhecidas as diferenças entre homem e mulher, entre a infância, a velhice e a fase adulta, entre os estados ‘normais’ e excepcionais, fazendo-se valer assim os direitos especiais aos idosos, às mulheres, às grávidas, aos doentes, deficientes, doentes mentais, dentre outros.

Documentos aprovados por organismos internacionais ao longo do século XX atestam essa progressão¹⁸¹. Embora Bobbio lamente o contraste entre as declarações solenes, a aprovação de documentos legais, e sua real execução, ou seja, entre a grandiosidade das promessas e a miséria das realizações (Bobbio,1992:62), indiscutivelmente, houve conquistas, das quais não há como retroceder.

Um aspecto marcante dessas conquistas foi o questionamento - lançado por correntes ligadas aos direitos humanos - à abordagem dominante para a deficiência, até então vista como um assunto que concerne ao indivíduo e à sua incapacidade. Quando classificada como uma anormalidade, a solução para a deficiência seria transformar e *normalizar o corpo* (Jones e Marks, 5). Porém, essa é uma visão superficial do senso comum, que lida com a deficiência sob o ponto de vista da incapacidade clinicamente definida.

Desafiando essas noções essencialistas, os *disability studies*, ao contrário, preferem levar em consideração a questão da *diferença*, em detrimento da idéia de incapacidade, já que esse termo pode ser demasiadamente patológico ou pejorativo. De fato, a própria definição de incapacidade traz uma série de dificuldades, se for considerado que ela varia ao longo de diferentes culturas, períodos históricos, ou quando se trata de um grupo minoritário ou majoritário, se é permanente ou temporária (como a gravidez ou a velhice), se consiste na

¹⁸¹ Podem ser citados como exemplos relevantes, inclusive os que dizem respeito ao portador de deficiência física, os seguintes documentos: a *Declaração dos Direitos da Criança* (1959), a *Declaração sobre a Eliminação da Discriminação à Mulher* (1967), a *Declaração dos Direitos do Deficiente Mental* (1971) e, no Brasil, a Lei da CORDE (1989), o Estatuto da Criança e do Adolescente (1989), a Lei de Organização da Assistência Social (1993), a Lei da Acessibilidade (2000), a Portaria n 4.677-98 de Porcentagem de Pessoas Portadoras de Deficiência em empresas (1998), dentre outras (fonte: Federação Nacional das APAEs, 2001).

seqüela de alguma afecção, mas não uma doença em si, visto que a pessoa não necessita de cuidados médicos, ou se aquela diferença afeta ou não seu desempenho na vida diária.

Definir os deficientes como ‘pessoas que vivenciam um nível significativo de incapacidade física, sensorial ou mental que afeta de alguma maneira sua vida diária’ faz parte de uma abordagem que enfoca o déficit, a falta. Em primeiro lugar, é muito complexo chegar a um consenso quanto ao que seja uma incapacidade *significativa*. A pessoa deficiente, em geral, não gostaria de ver somente um aspecto de sua existência – sua restrição corporal – tornar-se a característica definidora de sua vida. Além disso, a deficiência física pode acabar servindo para justificar um *status* social subordinado, como uma forma de determinismo biológico, semelhante ao que se deu, ao longo da História, com o gênero ou a ‘raça’¹⁸² - categorizados em termos de inferioridade física e psicológica.

Por outro lado, ao se pensar na absoluta singularidade das personalidades individuais, suas qualidades e ‘faltas’, assim como no fato de que, à medida que a pessoa envelhece, inevitavelmente acaba adquirindo um certo grau de incapacidade, é possível afirmar que *todos são incapacitados*, em alguma medida, o que faz com que seja problemático identificar a pessoa deficiente somente com base num déficit específico que não está presente na maioria da população. As pesquisas referentes ao Genoma Humano trouxeram a informação de que *todos* os indivíduos carregam em seu código genético quatro ou cinco gens recessivos que, no caso de seu parceiro também os possuir, poderiam se manifestar em seus descendentes. Isso prova que, ao menos a um nível latente, está sempre presente a possibilidade de vir à tona uma diferença em relação ao que é considerado culturalmente como a norma.

Em suma, Shakespeare enumera três possíveis abordagens que buscam definir a deficiência. A primeira delas está ligada àqueles que elaboram leis e políticas públicas. Nesse caso, em geral, a preocupação central está menos voltada para se saber ‘*o que é*’ uma pessoa deficiente do que ‘*quem são*’ e ‘*quantas são*’ essas pessoas. Por isso, os instrumentos das pesquisas nesse sentido costumam apresentar falhas metodológicas severas, justamente em

¹⁸² O termo ‘raça’ é considerado incorreto para a Sociologia, que utiliza preferencialmente a idéia de ‘etnia’.

função da dificuldade de definição, o que torna a confirmar que ‘deficiência’ e ‘incapacidade’ são categorias socialmente construídas.

Essa constatação leva à segunda abordagem chamada de ‘modelo social’. De origem predominantemente inglesa, ela define a deficiência é definida a partir da relação entre a incapacidade e forças econômicas e sociais, de modo que as pessoas são deficientes em função da sociedade e não de seus corpos. Recordando que as sociedades se desenvolveram historicamente com base na exclusão - e construindo um mundo para a maioria ‘capaz’, sem levar em consideração e segregando os que não correspondem aos requisitos do sistema - esse modelo enfoca o contexto social e não o indivíduo. A solução daí decorrente, ao contrário de ir ao encontro de ‘necessidades especiais’, seria buscar a eliminação de barreiras. Isso seria possível pelo desenvolvimento de uma sociedade inclusiva que reconheça todo o leque da experiência humana e possibilidades corporais¹⁸³, valorizando igualmente todos os indivíduos, independente de sua contribuição a ela.¹⁸⁴, o que aponta para um sentido contrário a essa perspectiva. O uso da expressão pode ser criticado com base na idéia de que, de um modo ou de outro, *todos* os indivíduos possuem necessidades especiais, as quais variam enormemente.

Uma terceira abordagem seria a que vê o deficiente como uma pessoa oprimida, membro de um grupo social minoritário. Ela está geralmente associada ao termo ‘pessoa com deficiência’, o que visa ressaltar que, em primeiro lugar, se trata de uma *pessoa*. Uma consequência dessa visão seria o incremento da solidariedade e da identidade coletiva.

Shakespeare apresentou as qualidades e desvantagens de cada um desses modelos. As primeiras estão presentes à medida que cada uma delas corresponde a um tipo de demanda: num determinado momento é importante saber quem são os deficientes, em outro, eliminar

¹⁸³ Na verdade, ‘possibilidades corporais’ foi uma opção de tradução para o termo ‘embodiment’, que, no francês, é comumente traduzido como encarnação. Outra possibilidade para o português seria encorporamento, ou incorporação, porém, embora seja uma tradução mais literal, distancia-se do sentido proposto.

¹⁸⁴ No Brasil, freqüentemente, o termo ‘deficiente’ vem sendo substituído pelo ‘portador de necessidades especiais’ (P.N.E.). Apesar de se questionar a expressão, seu uso está presente em conquistas, tais como a criação, pela Universidade de Brasília, do PPNE – Programa de Apoio ao Portador de Necessidades Especiais - um programa pioneiro dentre as universidades brasileiras em que são discutidos os problemas e buscadas soluções para os alunos portadores de necessidades especiais, junto ao qual a pesquisadora teve oportunidade de desenvolver um trabalho de dança.

barreiras, ou finalmente, desenvolver nelas os sentimentos de solidariedade e de pertencimento a um grupo. Como erros, ele aponta as citadas falhas metodológicas da primeira, a desvalorização do indivíduo da segunda e o perigo da criação de guetos pela terceira.

Finalmente, esse autor propõe a necessidade da elaboração de um novo modelo, que busque a concepção do deficiente enquanto uma categoria social, que leve em conta processos sociais como a linguagem, as políticas públicas e a representação cultural, propondo Foucault como um possível referencial. Isso pelo fato desse autor ter traçado o desenvolvimento de conceitos tais como os de homossexualidade e de loucura, relacionando-os a seus respectivos contextos sociais e culturais de origem.

Os movimentos ligados à deficiência, no mundo inteiro, obtiveram grandes avanços ao longo do século XX. Na esfera dos Direitos Humanos, o que esses movimentos possuem em comum é basicamente a reivindicação do direito à diferença, à singularidade, o que pode ser concebido como uma modificação sofrida por aquela noção de indivíduo dos primórdios da modernidade. Por outro lado, no capítulo dedicado ao narcisista, foi visto que a *diferença e a singularidade* individuais podem ser, muitas vezes, ilusórias, ao mesmo tempo vendidas pela sociedade de consumo e ocultando uma simulacro.

A deficiência foi abordada aqui porque estabelece analogias com outros tipos de diferença, ou alteridade, tais como a obesidade, ou qualquer outra característica corporal inadequada aos padrões de beleza vigentes, ao consistirem num estigma. Além disso, ao longo da pesquisa de campo, participaram voluntários que trazem sua vivência relativa à primeira. Segundo o modelo social, percebe-se que a insatisfação com o corpo é – inúmeras vezes – socialmente construída. Ela nasce de um padrão imposto exteriormente e gera a formação de minorias, semelhantes às descritas na ‘terceira abordagem’, pois muitas vezes os estigmatizados se reúnem em grupos de auto-ajuda: ‘vigilantes do peso’, ‘comedores compulsivos’, ‘cirurgiados de estômago’, ou mesmo os obesos que buscam se aceitar, na linha da médica norte-americana Cheri Ertzman.

Recordando a dialética do ‘estabelecidos e *outsiders*’ (Elias,2000), a deficiência serviu como um elemento norteador para traçar um prisma em que é possível demarcar pontos de contato e contrastes com o outro extremo, onde situam-se os corpos perfeitos, modelos que alimentam a busca desenfreada pelo *fitness*. Assim, esse referencial evidencia que essas conquistas, no sentido do direito à diferença, ou à singularidade, colocam em cheque a atitude de busca de um modelo ideal. As informações veiculadas pela mídia, portanto, apresentam-se contraditórias em relação às conquistas políticas no campo dos direitos humanos. Além disso, fica evidente uma carência de veracidade e uma certa esquizofrenia nos dizeres publicitários que pedem que você ‘seja você mesmo’, ‘seja único’, quando aparecem cercadas de todas aquelas outras que sugerem que você se pareça com determinado modelo.

Nesse sentido, curiosamente, a pessoa com deficiência – tendo em vista que, no prisma dos padrões de beleza, está situada no extremo oposto ao da boa-forma - parece, sob certo ponto de vista, ser poupada da obrigação de buscar um modelo. Considerando que o mesmo, para ela, é decididamente inatingível, isso favorece que desenvolva outros caminhos para construir seu corpo e sua identidade. Além do padrão estético, com elas, o mesmo ocorre com a busca por mais velocidade - relevante motivação na luta contra a perda de tempo, com raízes na moral ascética e máxima ‘tempo é dinheiro’. É recorrente a afirmação, vinda dessas pessoas¹⁸⁵, de que sua perda de velocidade lhes trouxe a possibilidade de observar e refletir, negada aos ‘que andam’.

Com relação a essa temática, sabe-se que os objetivos centrais da reabilitação evoluíram e se sofisticaram ao longo da História, de modo que extrapolaram o âmbito da sobrevivência do paciente e passaram a concebê-lo como um ser humano, favorecer seu retorno à sociedade e buscar a qualidade de vida e a felicidade. Essas idéias são provenientes de abordagens que levam em conta a imagem corporal (Schilder,1994), enfatizando a necessidade primordial do deficiente de se *aceitar*. Outra discussão importante diz respeito à historicidade do conceito de doença, que pode ser ampliada para o de deficiência física,

¹⁸⁵ Essa observação foi obtida durante a pesquisa de campo, por meio de voluntários portadores de deficiência física, usuários de cadeiras de rodas e de muletas.

segundo a inadequação aos padrões vigentes. A obra de Canguilhem trás uma contribuição relevante, à medida que defende que os problemas das estruturas e comportamentos patológicos humanos devem ser compreendidos, não isoladamente, mas num todo o único. Essa posição o levou a questionar termos como ‘desvio’ e ‘homem médio’ (Canguilhem, 2002:119-121)¹⁸⁶.

Todavia, as manchetes das bancas de revistas vão de encontro a essas abordagens: ‘Fique magra!’; ‘Entre em forma nesse verão’; ‘Cabelos lisos em alguns minutos’. ‘Acabe com a barriga!’. Quando somados a enunciados do tipo ‘seja mais você’, ou ‘encontre seu próprio estilo’, trazem uma mensagem dúbia, que ora leva as pessoas não se aceitarem e modificarem seus corpos, ora traz o referido discurso da ‘aceitação’, oferecendo um arsenal de informações aparentemente esquizofrênico.

A corrente de Ertzman, para obesos, difunde valores visando a aceitação do corpo, numa perspectiva semelhante à dos movimentos de minorias que lutam pela conquista de seu espaço na sociedade¹⁸⁷. Contudo, se, por um lado, esses grupos apresentam uma atitude semelhante à do terceiro modelo descrito por Shakespeare, o da luta política dos deficientes enquanto um grupo social minoritário, de outro, eles ‘naturalizam’ a obesidade, deixando de relacioná-la a causas que residem em todo um estilo de vida – alimentação, ansiedade, sedentarismo – proveniente da mesma sociedade que as exclui. Desse modo, essa perspectiva carece da visão do modelo social, a qual indaga até que ponto a diferença não é, em parte, socialmente construída.

A obesidade se aproxima também da questão da deficiência pelo problema das ‘barreiras arquitetônicas’, se for considerado que os assentos dos cinemas, aviões, postos de trabalho, são desenhados a partir de uma minoria ‘magra’ ou não-obesa. Quanto a essa ‘inadequação’, é importante ressaltar que, sob certo aspecto, os deficientes são *produto* de uma

¹⁸⁶ ‘O Normal e o Patológico’.

¹⁸⁷ Cheri Ertzman, médica americana obesa, desenvolveu um grupo de auto-ajuda ligado a todo um filão de consumo tal como roupas especiais para mulheres obesas, às quais ela se refere, de maneira simpática ou eufemística, como ‘avantajadas’ (Ertzman,1996). De certo modo, apontam na sociedade uma perseguição injusta à sua diferença, em defesa das vantagens de ser avantajada e conclamando-as a se unirem em sua satisfação com seu corpo.

determinada configuração histórica e sócio-cultural. Isso é evidenciado no fato de que o aumento vertiginoso de pacientes portadores de seqüelas traumato-ortopédicas e neurológicas, é concomitante, tanto aos avanços da tecnologia médica que permitiram sua sobrevivência, quanto à proliferação dos edifícios com muitos andares, dos veículos de alta velocidade, da difusão das armas de fogo e das guerras. Não por acaso que a reabilitação tenha sido reconhecida como área médica justamente na década de 1940, ou seja, no entre-guerras.

Não se poderia, portanto, estabelecer uma analogia entre a origem das causas da deficiência com as da população obesa, a última, por sua vez, evidenciando indiscutivelmente um ‘estilo de vida’ em que se ingere mais do que o que se gasta em termos de quantidade calórica? Já se afirmou que o que torna a teoria de Ertman discutível é o fato de que ela apresenta uma visão essencialista, pois se refere à obesidade como uma característica intrínseca das pessoas (ou de origem puramente genética), quando se sabe que o estilo de vida é um fator importantíssimo no que diz respeito a essa doença. Seria ingênuo considerar um mero acaso que os Estados Unidos, país que exporta a maneira ‘*fast food*’¹⁸⁸ de comer, seja o campeão mundial em incidência de obesos. Curiosamente, esse país ocupa também o primeiro lugar nos índices de anorexia nervosa, que pode ser compreendida como o outro lado da mesma moeda.

Portanto, as tendências individuais à obesidade ou à anorexia podem levar em consideração a globalização de determinados estilos de vida, que tende a repercutir nos modos de construção de corpo. Tanto os estilos quanto os padrões vigentes são socialmente construídos. De um lado, prevalece a hegemonia do modelo magro e musculoso (sarado), que se reflete na fórmula prescrita pelos médicos e academias de ginástica. De outro, a capacidade de escolha dentre as inúmeras opções. A partir deste momento, busca-se compreender essa realidade iniciando a pesquisa de campo, que propõe uma ‘aterrissagem’ em alguns locais de prática de atividade física, freqüentados por diferentes segmentos sociais de Brasília.

188

3. 11. Fragmentos de um discurso do corpo

Nesta parte, serão transcritas partes das entrevistas em profundidade realizadas com pessoas escolhidas ao longo da pesquisa de campo por apresentarem uma relação com o corpo peculiar. A fim de que realmente expressassem suas idéias, no momento das entrevistas, buscou-se o máximo de naturalidade e descontração possível.

poeta

'Cafona? Até essa palavra tá fora de uso, né? Brega? Essa coisa exaurida, cansada pela mídia. Filmes, discos, essas coisas que a Indústria Cultural te impõe. Essa coisa de country, essas modas. Eu gostava muito do Neil Young, do country como um todo. Mas depois que os brasileiros, os 'breganejos' fizeram essas versões country, de rodeio, pra mim é um mal-gosto danado. 'Chic é um estilo de vida, uma postura, uma atitude. Chamar pra fazer um jantar agradável, convidar os amigos. Nada relacionado com estilo grã-fino, pulseira, relógio rolex, cordão de ouro. Nada disso é chic, não tem a ver com a questão econômica da pessoa, tem a ver com atitude, cultura, é passar, refletir pros outros o seu bem-estar, sua beleza interior, isso é chic. Felicidade: pô, isso aí é um poema que eu fiz... eu vou te dar uma resposta bem filosófica: é estar pleno, realizado. 'Poder falar com os pássaros'. 'Beleza: Eu não sou muito dessa questão do rosto, não, nem nessa ditadura da magreza. É um lance de pele, conversar, olhar. Convencionalmente, isso é uma coisa do brasileiro, olhar peito e bunda. Mas se você tem peito e bunda e na cabeça uma minhoca, dá um 'orgasmo terrible'! (mulheres bonitas) eu sou muito saudosista. A Sophia Loren, a Nathalie Wood e a Jane Fonda de Barbarela. Eu já vejo o lado da qualidade artística. A Isabelle Adjani... Eu gosto dessas belezas estranhas... homem? Apesar da bissexualidade, essa coisa andrógina do Mick Jagger. O Pedrinho Aguinaga, aquele ator canastrão. A mídia hoje exatamente fabrica esses rostos bonitos, mas são pessoas assim que não têm nenhum propósito em relação à qualidade de vida, nenhuma preocupação social. Por exemplo, o Anthony Queen, antes de morrer, adotou uma filha brasileira. Se você o colocar dentro desse padrão estético, ele é horrível, mas foi um grande

ator. Tudo tá relacionado com a indústria da beleza. Esse rosto bonito tá vendendo um produto, um bronzeador, um óculos, alguma coisa. Então é a tirania da cultura importada. Uma coisa que eu adoraria seria uma coisa que desde os antigos eles falavam, aquele elixir da longevidade, a fórmula, o mito da imortalidade da alma. Desde a Renascença, dentro desse questionamento da beleza, o homem já se preocupava em viver mais tempo e prazerosamente, intensamente. Ah, lembrei, era a Pedra Filosofal, que era o mito da eternidade, em busca da Pedra Filosofal, essas coisas... Você sempre tem na imprensa notícia de alguém que tentou colocar implante de silicone e se deu mal, tentou encurtar o nariz e deixou seqüela. As pessoas que têm essa obsessão pela beleza, elas sabem que tem casos, que é uma coisa temerosa ficar trabalhando essa obsessão' (...) 'Pessoa de baixa renda, da periferia, onde a questão do sorriso aberto e peito largo é cantada em prosa e verso. Muitas vezes essas pessoas não podem procurar um profissional qualificado, mas mesmo assim, elas vão nesses profissionais que vêm na comunidade. Fatalmente você tem casos de pessoas que vão ter problemas futuros com relação a isso, nem que seja diploma comprado, elas estão mais expostas'. 'A saúde depende de estar bem consigo. Socialmente, emocionalmente, culturalmente. Os dragões do emocional, as paranóias que a vida moderna cria, eu estou devendo o banco tal, não estou conseguindo manter meu padrão de vida'. (João Luís, 48 anos, professor da Fundação Educacional do DF e poeta, praticante de caminhada da Asa Norte).

empregada doméstica

'Meu corpo teve muita transformação. Engordei muito. Não era muito magra, mas pesava 67, agora eu tô com 77.4. me sinto muito mal. Porque é muito triste, né. Fiquei com banhas, bastante banhas. Já tentei emagrecer e não consegui. Faço caminhada, mas ainda não consegui perder peso. Eu acho mais triste é por causa das roupas que não entram na gente e tal. Aí eu fico triste. Foi no ano passado que eu engordei, acho que foi mais por causa do cigarro que eu deixei. Foi difícil, não usei remédio. E aí a gente sente triste porque as pessoas falam 'como você tá gorda!', pra quem me conhecia antes. Aí eu falo 'vou emagrecer'. Ontem a minha ex-patroa falou 'você engordou' aí eu fiquei triste aí fiquei sem comer o dia inteiro. Fico pensando como eu era antes quando eu pego uma roupa que eu olho e falo 'olha como

era meu corpo'. Só que eu vou conseguir. Eu mesma fiquei muito feia, a gente tem vergonha de arrumar uma pessoa, porque aí eu fico com complexo da minha banha. Eu queria, era se eu tivesse dinheiro, eu entrava numa, como é que é o nome, espaço. Spa, é mesmo. Porque lá eu sei que eu ia emagrecer. Pior que emagrece mesmo, a gente tem que ficar lá internada, né. A pista (do Paranoá) é muito boa, ela é grande. Antes não tinha a gente fazia caminhada e desviava de um carro, agora tem lugar próprio mesmo pra isso, sabe. Me sinto bem a gente conhece muitas pessoas assim igual ao meu problema mesmo e a gente vai ó, só caminhando e pensando só de emagrecer. A gente conversa mais assim, menina a gente tem que caminhar mesmo, a gente engordou então fica um pouco difícil. (...) A gente fica com vergonha, né, de namorar, e aí depois, a barriga a banha, fica com vergonha de rolar outras coisas e aí, né, passar vexame. Então eu tenho que emagrecer logo, né, eu tive um namorado eu tava sentada e ele falou assim, 'menina, que barriga é essa!'. Ele ainda fica querendo, só que eu fiquei com raiva dele, falei 'ó, não vem olhar mais pra mim, não, vc fica falando que eu tô gorda'. Eu falei pra ele a gente só volta a namorar quando eu ficar magra, assim voltar ao meu peso. Eu nunca fui magrinha, não, eu tinha um corpo bonito. Todo mundo achava o meu corpo bonito, mas agora...é que a gente fica mesmo esquisita, quando a gente vai numa loja. Se eu tivesse dinheiro, eu não compraria roupa pra mim, eu só compraria depois que eu emagrecer mesmo. A gente se olha no espelho, assim, vai e vê aquela transformação esquisita. Quando eu der entrevista de outra vez, vai ser falando que eu consegui. Dei uma entrevista tão boa, a gente se sente tão bem...

- num segundo encontro, em que ela relata ter emagrecido quatro quilos, caminhando e tomando lecitina de soja:

'Depois que eu fiquei magra, eu arrumei um bocado de paquera. Eu tava na parada de ônibus, aí o rapaz, ele trabalha bem ali, num negócio de geladeira, a gente perdeu o ônibus aí ele falou 'vambora lá pro eixo'. A gente não foi, ficamos ali mesmo. Ele falou 'queria marcar um encontro com você'. Até o antigo (namorado) agora fica querendo voltar comigo. Parece que depois que eu fiquei magra, parece que o pessoal me enxergaram. Tem esse que quer namorar comigo, ele é lá do Paranoá mesmo, quer namorar comigo sério. (...) Outro dia, eu tava no mercado, uma mulher me viu e deu um grito: 'como você ta esquisita'. Eu me senti

muito mal, não gostei, acho que ela tá é com inveja porque eu emagreci'. (Shirley, 37 anos, praticante de caminhada e moradora do Paranoá. Natural de Almadinha, interior da Bahia).

Recém submetida à cirurgia plástica

'Eu comecei a malhar por incentivo do Pedro Henrique (filho). Eu queria maximizar aquele tempo, sempre tive admiração pela técnica das artes marciais, mas eu achava que não tinha coordenação motora suficiente. Aí o professor perguntou: 'você dirige! Se você dirige você tem coordenação, sim'. Aí eu venci uma inibição inicial que acho que é normal. Comecei a fazer karatê e foi legal em termos de postura, de concentração, as duas coisas estão bem relacionadas. Ainda não pensava em fazer a cirurgia. Eu vi o resultado, você emagrece, enrijece a perna. (...) A cirurgia foi um presente que eu ganhei dos meus irmãos. A minha mãe fez e eles gostaram muito do resultado. Ela teve sete filhos e com a cirurgia ficou gata. Até arranhou um namorado de 24 anos. Tá com ele até hoje. Eles falaram que quando eu quisesse era só dar um toque e avisar com antecedência. Foi um médico indicado pela minha irmã que é médica também. Um jovem cirurgião, extremamente habilidoso. Fui totalmente respaldada. Tirei barriga e botei bunda. Tirei aqui das costas e botei atrás, é lipo-escultura que eles chamam. Fiz peito, lipo-escultura nas costas e cintura, abdome total e injetei 220 gramas de gordura no bumbum. Como eu tenho três filhos e ascendência indígena, o peito é aquele peito de índia. A barriga, quanto mais eu emagrecia ficava pior ainda, por causa da pele solta. Muita estria. (...) Com seis meses eu me separei dele (do pai do bebê). Amamenteei durante dois anos. Aí me organizei pra fazer a cirurgia. Segui o conselho de um amigo que me disse pra fazer durante a lua minguante, pra diminuir a quantidade de líquido do corpo e melhorar a cicatrização. A recuperação foi excelente, o exercício físico me deixou muito forte. No dia seguinte eu já levantei da cama a enfermeira falou 'cuidado pra não desmaiar' e eu consegui levantar, tomar banho, fiz todas as atividades porque eu estava bem fisicamente. As enfermeiras ficaram impressionadas com a minha recuperação, e as pessoas que me visitaram também. Eu tirei licença. Os alunos perguntaram se eu tinha feito plástica no rosto (de tão bem que fiquei)(...) (antes) eu tinha um pouco de vergonha do meu corpo. Namorei um carinha de 24 anos, lindo, um metro e oitenta! Eu preferia namorar mais no escuro, por

causa daquelas coisinhas. Mas pra o homem, lá no rala-rola é indiferente, não tem nada disso. O que causa é aquele momento do impacto visual. Não precisa ser necessariamente o corpo perfeito, mas um quê de mulher, isso é o 'x' da questão(...).Eu tenho um 'rolinho' aí que disse: você já era maravilhosa, mas agora tá melhor ainda, tá filé.

É um novo astral que surge diante disso. Você melhora sua auto-estima, a imagem que as pessoas fazem de você. Numa sociedade de consumo, pra mulher, isso é socialmente valorizado. Passa a ser a meta e o desejo das colegas de trabalho. E os gatinhos também ficam mais atentos (Esse padrão) existe e é valorizado. Eu já me considerava uma mulher bonita, mas o impacto é maior, porque a cinturinha tá fina, no universo masculino tem isso. Mas tem uma coisa também. Você muda, é uma mudança grande, mas é uma mudança exterior, porque as condições objetivas da sua existência não mudam. (falei bonito, né?). Quero dizer, sou mulher, crio meus filhos, batalho, isso continua igual. (Maria Cristina, 39 anos. Professora do Ensino Público, moradora do Setor de Mansões do Lago Norte. Faz karatê na academia do Paranoá e submeteu-se a uma cirurgia plástica há dois meses).

Filha de cirurgião plástico

'Entre para essa academia porque terminei um namoro e não queria mais. Malho (musculação, aeróbica e capoeira) pela saúde, pra me sentir bem olhando para o espelho. Já coloquei implante de silicone três vezes. Me preocupo muito em ganhar massa muscular. Sinto um prazer inexplicável quando to malhando, nunca falto, sou completamente viciada em academia e esse vício tá até me incomodando. Eu até estava pensando em fazer terapia por causa disso, porque tá me atrapalhando. Se eu vou pra um lugar que não tem academia, porque eu sou magra, o que eu ganhei o ano inteiro vai embora. Por exemplo, eu tô pensando em passar um mês na Inglaterra, eu falei (pro agente de viagens) 'vê um lugar que tenha academia perto'. Por um lado, isso é bom, mas por outro é ruim, porque eu fico muito dependente. Aeróbica você faz em qualquer lugar. Eu posso correr, mas eu sinto falta de massa muscular, eu perco massa. Se eu não malhar um dia eu não posso por um biquini porque eu acho que tô feia, com comida é a mesma coisa, fico achando que na mesma hora apareceu celulite, estria. Eu sei que (malhar) faz bem à saúde, mas nas vezes que você tem

vontade, isso vai piorando cada vez mais... a beleza exerce muita influência na minha vida, e no meu trabalho, porque eu sou filha de cirurgião plástico e trabalho na clínica do meu pai. Acho completamente impossível a pessoa estar fora de forma e estar feliz, tem gente que consegue, mas não entra na minha cabeça, não. Acho bonito homem moreno, que gosta de cuidar de si, que faça esporte. Mulher, morena, malhada, mas não exagerada, não modelo, magra, que não come nada, mas não tem o corpo definido. Gosto de pegar sol no clube e e ir ao Pontão (do Lago Sul)'. Tô solteira, não tem como arranjar namorado nessa cidade' (Júlia, de 20 anos, estudante e funcionária da clínica do pai. Malha na mega-academia).

crítica

'Todo mundo tem que ser igual. Todo mundo tem que ter o mesmo sorriso, alinhado por esses aparelhos de dente, aliás isso aí é uma máfia danada. Tornam metálica a mais bela sensação que é o sorriso. Tem um amigo meu que é da saúde, ele falou que essa história de no Brasil todo mundo ser esperto, todo mundo se dar bem, todo mundo ser malandro, tem isso na saúde também. Então, hoje em dia se coloca criança em oxigênio (terapia) sem necessidade, o Brasil é o país que tem o maior número de cesarianas. Em todos os países desenvolvidos do mundo, as mulheres grávidas têm um preparatório, aula durante a gravidez, para parir em casa, isso é um curso que no Brasil não tem. Porque no Brasil não tem curso de parteira, é sage-femme, na França! Porque tem uma máfia por trás disso. Você pode trabalhar com dez parteiras e um médico. Porque falta médico no Brasil. Ela (a parteira) substitui a figura da mãe e do médico. Porque ela tá ali, ela sabe o que você tá sentindo. Porque você não tá doente, você só tá parindo, e parir é um ato natural. Isso é a humanização da saúde, e a saúde só tem um único caminho, é se humanizar. Outro dia eu vi uma garota dizendo que tinha que perder não sei quantos kilos, e eu perguntei pra ela, 'mas por que isso, você já é super-magra!', e ela respondeu: 'não, eu não sou magra, não, olha como tem gordura...' e eu falei pra ela que ela estava precisando se tratar, procurar uma psicoterapia, por que ela não estava enxergando no espelho uma imagem real, estava enxergando outra coisa. Então é assim, todo mundo com o mesmo corpo, fabricado em academia. O mesmo comportamento, senão a gente se sente

over. E as pessoa estão perdendo a individualidade, o que é mais triste'. (Ísolda, 40 anos, formada em psicologia, funcionária do Poder Executivo).

professora de Educação Física que engordou

-
Senti vontade de fazer Educação Física, primeiro porque eu pensava: se eu for professora de EF, eu nunca vou ser gorda. Fiz a faculdade, tinha aquele bando de atividade lá, morria correr nadar, buscava o corpo. Até então eu nunca tinha engordado também não, mas eu tinha medo de engordar. Então eu falei 'vou escolher uma faculdade onde eu esteja mexendo o tempo todo o meu corpo para que eu me conscientize que eu aprenda como ele se desenvolve, para eu saber mecanismos de não deixar a coisa despencar além da gravidade que já ninguém tem como evitar.(...) E sorri muito gostei muito do curso, a faculdade foi um clube noturno, foi super lúdica, prazerosa pra caramba. Fiz a extinta D. Bosco que foi comprada pela Católica, hoje é em Taguatinga, mas quando eu fiz ainda era aqui no Plano. E depois eu procurei fazer especialização na UnB porque eu trabalhava com crianças em idade escolar então eu procurei uma especialização em EF escolar. eu não gosto daquela busca de resultado técnico, da parte muito técnica vou mais pelo lado de trabalhar aquela espontaneidade da criança, os elementos do lúdico. Espontaneidade, criatividade, do prazer, da vontade e também deles fazerem porque eles queriam fazer. Nunca gostei de Academia, porque eu acho que assim o ambiente de academia não é um ambiente que eu curto muito, acho que o pessoal é muito assim, muito só o corpo, poucos pensam em saúde. Hoje já tem profissionais mais ligados nisso mas a maioria do público que vai lá é pra mostrar o tênis pra procurar ver a marca da roupa que você usa, sabe, e aí eles já começam a elitizar, até pelo preço que colocam a mensalidade, então virou muito um comércio assim e... como eu não sou uma pessoa assim muito ligada a esse lance, assim, de grana, por grana, entendeu, lógico que eu quero meu dinheiro pra pagar meu supermercado, colocar meus filhos no lugar, tarará, mas grana por grana, eu nunca fui muito ligada nisso. Então nunca gostei também de academia não. E aí tive meus filhos depois que eu terminei a minha faculdade me formei tava até grávida de um sem saber e tal. Em cada gravidez eu engordei pra caramba e aí veio aquela cobrança. Pô, você é professora de Educação Física e tá gorda, né. Até o segundo

filho eu voltei o corpo legal,mas na terceira, até hoje tô pra voltar. Aí veio toda aquela cobrança dos pais, dos alunos, das pessoas na rua, é, o pessoal esquece assim que um dentista pode ter dor de dente, entendeu, que um médico tem que fazer um dia uma operação, que a manicure encrava a unha, né, um professor de EF não pode engordar, ele tem que morrer é com tudo em cima, né, como o pessoal gosta de falar, sarado. E não tem nada a ver, é um ser humano como outro qualquer, que tem as suas limitações, as suas dificuldades, que luta. Então, hoje em dia o que é que eu busco pra mim. Eu busco pra mim é... encontrei uma atividade prazerosa que é a água A água é a minha atividade. Como o meio da água eu uso a hidroginástica que eu amo porque eu posso conversar eu adoro falar (...) a natação eu já faço mais por uma questão de queima de gordura. Mas o que eu faço assim de prazer mesmo é a hidro. Segunda quarta e sexta eu consigo fazer duas aulas, uma eu faço sozinha a outra eu levo a minha filha pra fazer a natação dela e faço outra enquanto ela ta fazendo e tal mas assim eu já nem lembro q eu to fazendo pra, com o fim de emagracimento eu já tô fazendo de prazer mesmo. (Silvana, 35 anos, nasceu em São Paulo, formada em Educação Física com especialização em educação física escolar, professora da Fundação Educacional, trabalha com ensino de informática).

Cadeirante

'4 vezes por semana vou ao parque da cidade e costumo dar a minha cadeirada, no mínimo 4 km, no máximo 10, 10 é raro. Aqui (eixão do lazer), no Domingo eu faço assim uns 7, 8 km, eu sei certinho assim porque eu já marquei de carro, a cronometragem, e no parque tem a marcação. (...) Minha lesão foi em 92 tem 10 anos, aliás 11. E ah, já tem uns 9 anos que eu faço isso, sacô. Os 2 primeiros anos após, não. Aquela fase meio complicada e tal tal, aí tipo um ano depois assim eu já comecei. Antes eu já malhava né, eu praticava esporte, fazia ciclismo, fiz triatlon. Comecei na piscina, no CETEF. Não era nadar, eram aquelas manipulações, boiar, perder o medo. Ia para a pista de atletismo, tocando a cadeira. O que para mim era 400 metros, uma volta na pista, era uma eternidade. Hoje, embora não faça com facilidade, quando tô praticando muito, de férias, indo todo dia porque fico mais treinado, ida e vinda até o final da Asa Norte e até a Rodoviária, a Asa Norte toda são 6 km.

Antes fazia 400, fui aumentando pra 800. Pra mim é fundamental porque é o meu exercício físico com o pouco que restou de musculatura, é o que eu ainda mexo. Eu trabalho esses músculos, trabalho minha capacidade cárdio-vascular, principalmente pro tetra essa questão é fundamental. Quando você tá internado, é o maior perigo o cara ter uma pneumonia. Quando tava internado no hospital tive uma, acho que vem de infecção hospitalar. Eu exercito muito minha parte física, intra-física, a parte interna, e a externa também. Também eu pego um sol que é legal pros ossos e faço um exercício mental do caramba. Às vezes eu tô estressado, vou ao Parque, boto um walk-man, escuto uma música, me sinto super-bem. Isso reflete pra caramba na vida, reflete mesmo, no dia-a-dia. Eu vou fazer umas compras, rodo o shopping todo e não fico cansado (relata que uma vez estava com uma amiga, também 'cadeirante', e que ela não teve fôlego para rodar com ele no shopping). Esse último mês, que eu tava no final do ano, muito trabalho e muito estudo, se não tiver com uma capacidade física legal, eu não agüento. O exercício me dá esse suporte, de agüentar mais o dia-a-dia. A gente tem essa coisa do deficiente que é tentar ser 'normal', de no trabalho querer, ou pelo menos tentar, fazer o que todo mundo faz de igual pra igual. Só que a gente cansa. O que todo mundo faz a gente cansa, porque tudo é mais difícil, e essa questão da condição física ajuda, não a tentar fazer igual, porque igual não vai ser, mais de ser bem produtivo, de Ter uma produção satisfatória. (...) Eu fazia esporte. Cara, todo mundo que pratica esporte é preocupado com a saúde e com a estética, não há como negar isso. Não é uma coisa assim... mas todo mundo quer estar com o corpo bonito, faz parte da nossa sociedade, essa sociedade da imagem. Então (quando você faz atividade física), você fica com a pele mais bonita, com cheiro melhor, o cabelo fica melhor, e você fica com uma postura melhor. (ele assovia para um amigo do outro lado, no eixinho, é surpreendente, ele consegue assoviar muito forte). Agora eu consigo, mas logo depois do meu acidente eu não tinha força pra soltar alto o som, ficava fraquinho (tem a ver com a capacidade respiratória). Esse ano eu tava fazendo um balanço da minha saúde. Fiz uma cirurgia há dois anos de ampliação da bexiga, porque eu tava tendo infecções urinárias recorrentes, isso tava me destruindo, tinha que tomar muito antibiótico. Eu tô bem satisfeito com a minha saúde hoje em dia, mas o meu corpo não é o corpo que eu gostaria de ter, isso é lógico, né. Essa coisa de aceitar a deficiência não é uma coisa muito racional, não. Acho que tem a ver com a personalidade. Por exemplo, você tem

dois filhos, educa os dois do mesmo jeito, põe no mesmo colégio, dá a mesma comida. Aí, um vira um cara estressadão e o outro um cara super relax. Uma época eu ia muito no Sarah (Hospital). Eu ia visitar os pacientes, mas não ia visitar, eu ia trocar experiências. Eu queria ver tudo aquilo que eu tinha passado, aquele momento brabo de recuperação, que a gente esquece. Era um lugar que eu me sentia mais livre, porque eu podia pedir pro meu pai me deixar lá e falar 'volta daqui a duas, três horas', porque eu ainda não tinha segurança pra pedir pra ele me deixar num barzinho, num shopping. Eu pensava: 'lá, qualquer coisa, eu tô num hospital, tem gente que pode ajudar', então lá foram as minhas primeiras saídas sozinho. Então, eu ficava vendo os pacientes lá e pensando que passa muito pela questão da personalidade. É inexplicável porque algumas pessoas se aceitam tão bem e outras que ficam com muita resistência. (...) Eu nadava, pedalava, corria. Tanto é que eu sofri meu acidente pedalando, né, treinando. Aqui em Brasília. Eu fui atropelado, o carro me pegou. (...) O eixão pra mim é a maior terapia. Atividade física é (atividade física), pra mim, é que nem escovar os dentes. Você pode até achar chato, mas você tem que limpar. Como é que você vai dormir sem escovar os dentes? Senão os bichos vão comer os seus dentes todos à noite. Agora engordei 3 kg, e, tô fazendo um, não tô fazendo dieta não, tô só comendo um pouquinho menos, mas o problema é a cerveja, né. A cerveja é que tá me fazendo engordar. E daqui pro final do ano, putz, cara...

*

(sobre o termo para a deficiência) 'isso aí é um saco. Eu tive uma reunião na UnB, com o pessoal do MEC, porque eu sou o representante dos alunos da UnB junto à reitoria e a gente tava tendo um problema com o pessoal deficiente auditivo, porque eles não passam no vestibular. Os especialistas do MEC estavam tentando ver como adaptar melhor a prova, usar LIBRAS (linguagem brasileira de sinais), fazer uma prova oral. Aí, lá pelas tantas, alguém falou uma palavra lá e a professora, que é uma 'especialistíssima', falou, 'essa palavra tá em desuso, tá condenada'. Não lembro direito qual era a palavra, é uma palavra que a gente usa muito, acho que era adaptação, não sei, e era tipo 'adequação' que ela falou ser a certa, não tenho certeza. Aí eu olhei para a especialista, a especialista olhou pra mim e eu falei: 'mas o que tem demais com adaptação', aí a mulher do MEC falou 'tabu lingüístico'. Durante o resto da reunião, foi engraçado, porque toda hora, alguém falava, porque os espaços físicos

têm que passar por uma adaptação, aí todo mundo se olhava e ria. Com o termo é a mesma coisa: eu uso portador de deficiência, só, não de deficiência física. Portador de deficiência física seria uma espécie do gênero portador de deficiência, que é uma espécie do gênero portador de necessidades especiais. Porque em portador de necessidades especiais entram outros, por exemplo, o disléxico, o que possui altas habilidades, que é a super-dotação, o obeso... Agora, na Constituição Federal, em todas as leis, em toda essa parte legal, é pessoa portadora de deficiência. A não ser que seja um texto específico na área de Educação. Aí é portador de necessidades especiais e é o gênero que estão falando. Engraçado, né, entre os meninos que jogam basquete, eles se chamam aleijados. Eles falam numa boa entre eles, mas eu não gosto, eu não acho legal. Agora, entre portador de deficiência e deficiente é a mesma coisa. Mas de vez em quando eu uso é deficiente, mesmo, por ser mais rápido, é uma palavra só. Falam que existe uma diferença entre ser deficiente e portar uma deficiência, porque o deficiente seria uma coisa intrínseca ao 'ser', como dizer que em você falta alguma coisa do seu ser. E o portador, ele porta... Eu acho isso uma grande babaquice (sic). Tem gente que dá valor pra caramba pra essas coisas, principalmente os especialistas, os tecnicistas, os burocratas... existem as doidas fazendo mestrado e doutorado que nem você e ficam inventando essas coisas, porque mestrado e doutorado você tem que inventar alguma coisa, inventar moda. Mas aí quem vai acabar botando no papel são os especialistas, e se você fala diferente, você tá errado. Por exemplo, às vezes a lei: ela é legal, mas não é legítima. Tá na lei, você tem que adotar, senão você tá errado, mas ele não é um conceito legítimo, porque não foi buscado nas bases, realmente no cotidiano, ele simplesmente foi convencionado na lei, ele não retrata exatamente o que acontece, mas passa a ser o oficial. Tem duas palavras que eu não gosto: uma é aleijado, porque me remete visualmente a uma coisa feia, toda deformada, aquela coisa do Aleijadinho. É um preconceito visual. E outra, é paraplégico, mas se você for ver, paraplégico não tem nada demais, qual é a diferença entre paraplégico e parapléxico? Mas eu acho feia, é um problema semântico, eu não gosto dessa palavra. Mas entre paraplégico e aleijado, eu ainda prefiro paraplégico.

Alberto, 37 anos, funcionário público. Tetraplégico; dá uma 'cadeirada' no eixão e no Parque da Cidade; é formado em História e cursa Direito.

PARTE 3: ATERRISSAGEM NO ESPAÇO

3.1. Recorte do Objeto

Este capítulo relaciona os critérios adotados para a realização da pesquisa de campo, que investigou a prática de atividade física em diferentes localidades de Brasília. A intenção da pesquisa de campo foi a de conhecer a relação das pessoas com seus corpos, a fim de compreender as motivações e as questões envolvidas com as práticas. Neste capítulo, serão enumerados os critérios que foram levados em consideração ao se estabelecer um recorte para a pesquisa e que nortearam a demarcação de um campo de trabalho.

Como foi visto, as estratégias de construção do corpo ocorrem mediante um complexo jogo – ou tarefa - de construção de identidades, em que se busca a aceitação, a adequação a papéis sociais e padrões de beleza vigentes, onde se fazem presentes mecanismos de desencaixe e reencaixes da contemporaneidade. Diante de uma questão tão abrangente, o primeiro problema apontou para a necessidade de *demarcar* um campo, a fim de definir que indivíduos ou grupos sociais seriam investigados. O enfoque poderia se dar sobre as possibilidades disponíveis de intervenção sobre o corpo - as cirurgias de implantes de silicone e outras próteses, lipoaspiração, plásticas de modo geral, os centros de estética, os praticantes de dietas, os adeptos dos diferentes tipos de *body modification*, o *piercing*¹⁸⁹, a tatuagem, além dos ‘marombeiros’, os atletas, os lutadores, os bailarinos, os deficientes ... – os distúrbios da imagem corporal – anorexia, bulimia, vigorexia- sem falar na mídia, nas revistas especializadas, no consumo dos mais variados artigos ligados ao corpo e ao emagrecimento, nas terapias e abordagens corporais, desde as mais convencionais às ditas alternativas, ou mesmo como essa temática aparece no enredo dos filmes, na arte, no entretenimento de modo geral.

¹⁸⁹ A *Body-modification* inclui técnicas de modificação do corpo com finalidades estéticas, contestatórias, de pertencimento a uma ‘tribo’ tais como a tatuagem e o *Piercing*. A última, freqüentemente realizada no mesmo local (e-ou por mesmos profissionais) que a tatuagem, originária na cultura *punk*, consiste em introduzir um tipo de alfinete em locais não-convencionais, ao contrário do brinco (embora também possa ser usado na orelha), tais como o umbigo, nariz, língua, sombrancelha etc.

Na busca de se estabelecer esse recorte, optou-se por tomar como objeto a *atividade física*, pois, de maneira geral, ao contrário de outros tipos de construção do corpo, ela possui a peculiaridade de depender muito, ou quase exclusivamente, do esforço e disciplina individuais - ainda que possa ser necessário, além disso, pagar caro pela mesma - o que não ocorre, por exemplo, numa situação em que se decide se submeter a uma cirurgia. Essas características de personalidade, tais como a persistência, a disciplina, representam uma marca indiscutível da modernidade, abordadas extensivamente em 1.4. Conforme discutido, embora tenham passado por devidas transformações, muitas dessas características, cuja expansão foi identificada nos primórdios do capitalismo, ainda podem ser encontradas na subjetividade contemporânea.

Não se discorda de que fazer uma dieta também depende de esforço, disciplina. Entretanto, a opção pela esfera da atividade física deu-se pelo fato de se ter inferido que a escolha de uma determinada prática reflete ou requer uma atitude de ‘adesão’¹⁹⁰. Esta adesão é comparável ao termo utilizado, na área de Saúde, para se referir à aceitação do paciente ao tratamento prescrito. Uma peculiaridade das atividades que envolvem movimento é a de que, se não houver um mínimo de *prazer* ao executar o exercício (ainda que conquistado a médio prazo), é muito difícil, senão impossível, ‘aderir’ à sua prática, pois ela deve se inserir no cotidiano do indivíduo. Fato semelhante não ocorre com os que se submetem a um tratamento cirúrgico, pois, além do paciente não ter que passar todos os dias à mesa de cirurgia, durante o procedimento cirúrgico, ele ‘entrega’ passivamente seu corpo à intervenção de um especialista e aguarda seus resultados, no máximo com a tarefa de sofrer as dores e tomar os devidos cuidados do período pós-operatório¹⁹¹.

Além disso, a proliferação da prática de atividade física relaciona-se à disseminação dos conhecimentos relativos à saúde e à modificação ocorrida nos padrões estéticos vigentes.

¹⁹⁰ Segundo o dicionário, adesão significa ‘aprovação, concordância, aderência’ (Ferreira, 1999:). Quando o termo é utilizado pelos profissionais das áreas de saúde, em geral, eles referem-se a aceitação e colaboração dos pacientes com determinado tratamento prescrito.

¹⁹¹ Em relação às cirurgias estéticas, o primeiro fator que impede seu acesso é o econômico. Embora já seja uma prática, em parte, acessível às camadas médias, em função das facilidades em termos de parcelamento, convênios, ainda para elas, não se trata de um procedimento tão fácil quanto para as elites. Para as classes populares isso é uma possibilidade remota, devido às longas filas nos hospitais públicos. Outra dificuldade levantada é o medo de se submeter a uma cirurgia, que embora não tenha sido especificamente investigado aqui, pareceu diminuir à medida que se sobe o poder aquisitivo.

Portanto, ressalta-se que as mesmas situam-se num determinado contexto histórico, geográfico, sócio-cultural, e que seus objetivos são a ele relacionados, de modo que a atividade praticada num centro urbano ocidental contemporâneo possui um significado que lhe é peculiar e que difere radicalmente daquela praticada num grupo humano anterior à Revolução Neolítica, exigida pela própria sobrevivência, que dependia da caça, ou da Grécia Antiga, ou dos samurais japoneses, embora, em termos de análise cinesiológica ou biomecânica, o corpo humano possua, em todos esses casos, as mesmas alavancas e estruturas osteo-articulares.

Outro aspecto relevante é que, além de estar relacionada à busca de transformação ou construção do corpo, a atividade física está inserida na esfera das atividades de lazer¹⁹² da vida. É preciso recordar, então, que ‘não é possível pensar em lazer sem se preocupar com a questão do prazer’ pois ‘não existe lazer sem a expectativa de realizar alguma forma de prazer’ (Gutierrez, 2001:13). Gutierrez chama a atenção para o fato de que o prazer possui uma dimensão fisiológica evidente, comum a todos os mamíferos, ligada às práticas reprodutivas, alimentares e o conforto com o corpo. Entretanto, há também o aspecto cultural, que a transcende, e que leva ao campo das relações construídas entre as pessoas, o qual, ‘sem o exercício da crítica e da reflexão pode aparecer naturalizado aos olhos do indivíduo, como as manifestações da natureza a exemplo da chuva ou o crescimento das árvores’ (ibidem:14)

Por tocar nessa questão, embora algumas dessas atividades possam ser consideradas extremamente desagradáveis, e apesar do forte caráter de *obrigação* ao qual estão associadas, conforme já relatado, há de se convir que, para quem as realiza, na grande maioria das vezes, elas representam uma fonte de prazer, e que os gostos podem ser muito variados. É nesse sentido que a opção pelo estudo da atividade física acaba abrangendo esferas mais amplas dos

¹⁹² Por outro lado, o lazer não pode ser compreendido fora de uma respectiva configuração sócio-histórica. Em relação aos tempos atuais – a baixa modernidade, para citar um dos termos – há autores que identificam no tempo do lazer uma mesma lógica que define o tempo de trabalho, de modo que, assim como o último, o primeiro também deve assumir a característica de um tempo ‘produtivo’. Como essa discussão é bastante complexa, ela será retomada posteriormente.

gostos e opções individuais, que por sua vez constituem uma das dimensões do estilo de vida¹⁹³, trazido, agora sob a perspectiva do conceito *bourdieusiano* de *habitus*.

No entanto, apesar da enorme variação existente, não se desejava como ponto de partida trabalhar com um grupo homogêneo, mas, ao contrário, a intenção era tomar conhecimento de um quadro mais abrangente possível de gostos e estilos. Por isso, num momento seguinte, quando foi preciso definir *qual*, dentre as modalidades existentes num cenário urbano, optou-se pelo campo dos praticantes de ginástica em academia e de caminhada em espaços livres. O critério que levou à opção por essas duas práticas respeitou o fato de serem atividades amplamente difundidas, com grande número de adeptos, considerando que as lutas, danças e esportes possuem características muito específicas e pertencem a um nível de segmentação excessivamente preciso, o que fugiria ao objetivo presente, de traçar um quadro mais geral¹⁹⁴.

Uma outra questão surgiu, logo no início da etapa de observação participante, durante a qual a pesquisadora freqüentou uma grande e sofisticada academia da cidade, quando lhe chamou atenção o fato de que as atividades físicas proporcionam efeitos bastante distintos ao corpo, e agradam seus praticantes de forma diversa, se realizadas num ambiente fechado ou ar-livre. O *spinning*, por exemplo, uma das atividades mais disputadas nas academias, que consiste em pedalar numa bicicleta ergométrica própria, com música ambiente, motiva campeonatos - verdadeiras provas de resistência física – que chegam a durar quatro ou cinco

¹⁹³ Um 'estilo de vida' peculiar e a própria construção da 'identidade' consistem em elementos que se referem ao 'projeto reflexivo do eu', apontado por Giddens como uma característica da cultura contemporânea (Giddens, 2002:79), conceitos que serão retomados ao longo da exposição teórica. Giddens utiliza a expressão 'projeto reflexivo do eu' ao se referir ao surgimento de novos mecanismos de auto-identidade que são constituídos pelas instituições da modernidade e que também as constituem. Desse modo, o 'eu' não é uma entidade passiva, somente determinada por influências externas (Giddens, 2002:9), tema abordado no capítulo 2.3. Este capítulo limita-se a expor um quadro inspirado na teoria *bourdieusiana* do *habitus*.

¹⁹⁴ Dentre os freqüentadores de outras aulas, há muitos que combinam essas atividades às práticas aeróbicas, dentro e fora do espaço das academias. As últimas alcançam, assim, um leque bastante abrangente de gostos pessoais, o que não ocorreria se o enfoque se desse sobre atividades mais específicas, em que possivelmente seria encontrada uma maior homogeneidade em termos de gostos, hábitos e estilos de vida. O estudo de Castro (2003), em academias paulistas, por exemplo, aponta para muitas afinidades entre os alunos de capoeira ou entre os de alunos de *yoga*, enquanto os praticantes de musculação e caminhada podem também praticar outras atividades e consistir um grupo bem mais heterogêneo.

horas seguidas, de pedaladas *indoors*. O termo *indoors* quer dizer ‘num espaço fechado’, ou, no sentido literal, ‘no interior das portas’, o contrário de ‘ao ar livre’, e ilustra um certo tipo de sensibilidade, sintetizando a grande diferença entre praticar uma atividade física num contexto institucionalizado de uma empresa, a academia, sob o cuidado de profissionais especializados e envolvendo investimento financeiro, ou por iniciativa própria, gratuitamente, num espaço público.

Foi proposta, assim, uma primeira divisão, no seio da população de praticantes de atividade física: entre os freqüentadores que ‘malham’¹⁹⁵ em academias (em especial, os adeptos da musculação e dos treinamentos aeróbicos em aparelhos ergométricos – bicicleta, esteira, dentre outros) e os que ‘fazem caminhada’ em vias públicas.

Acerca da prática de caminhada, cabe aqui uma espécie de parênteses, por ser considerado um dado importante a peculiaridade de se estar pesquisando uma cidade como Brasília, onde a classe média locomove-se quase que exclusivamente de carro. Um primeiro comentário que um novo morador costuma ouvir, ao chegar aqui, é que, em Brasília, ‘o corpo humano é dividido em cabeça, tronco e rodas (!)’¹⁹⁶. Nesta cidade, raramente se vai a pé até algum lugar, ou seja, raramente se faz disso um meio de transporte para chegar ao trabalho, escola, ou faculdade. Tanto que, com exceção das proximidades da Rodoviária do Plano Piloto e da zona central de Regiões Administrativas (R.A.s) historicamente chamadas de ‘cidades-satélites’, a imagem tão comum de multidões caminhando e atravessando as avenidas nas faixas dos semáforos nas regiões movimentadas das cidades grandes, como o Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, simplesmente não existe em Brasília.

¹⁹⁵ O termo ‘malhação’ foi utilizado para designar a prática em academia, referindo-se, em princípio, à musculação, sendo que ele também é utilizado para outras ginásticas, de modo que o verbo ‘malhar’ acabou praticamente tornando-se um sinônimo de ‘ir à academia’.

¹⁹⁶ ‘Rodas’, neste caso, significa o carro. Essa idéia chamou particularmente a atenção devido ao fato de que a pesquisadora havia trabalhado com usuários de cadeiras de rodas, o que aumentou a curiosidade para a falta de hábito de se locomover por outros meios de transporte que não o automóvel.

Adiante, Brasília será abordada novamente, mas já se sabe, de antemão, que, para a maioria daqueles praticantes das camadas médias dos espaços livres, provavelmente, aquela é a única oportunidade de caminhar de que dispõem, considerando que, exceto por aquele momento, só se locomovem de carro. Assim, é procedente que o hábito de ‘fazer caminhada’ tenha sido considerado, por Segalen, um ‘rito contemporâneo’ (Segalen,1994:60)¹⁹⁷. Embora ‘fazer caminhada’ seja, certamente, um rito, menos institucionalizado do que frequentar uma academia, também depende de uma decisão racional de se separar um intervalo de tempo na rotina para o cuidado com o corpo. Como esse hábito não é inserido em outros momentos do cotidiano, em Brasília, o aspecto de rito torna-se ainda mais explícito, devido à diferença entre a caminhada que visa a uma atividade física, e que nela encerra o seu objetivo, e a utilitária, o ‘ir a pé’ como meio de transporte.

É curioso que, quando surgiu, por volta da década de 1960, fosse considerado quase que um ato ‘subversivo’ (Segalen,1994:60), o fato é que esse hábito foi paulatinamente se tornando parte do cotidiano urbano: desde a década de 1980, assim como em todas as grandes cidades do Brasil e do mundo, em Brasília, tornou-se freqüente e corriqueira a imagem de pessoas - vestindo de ‘*jogging*’, ‘*body*’, ‘*collants*’¹⁹⁸ e tênis - caminhando nas calçadas e pistas, ou se dirigindo às suas academias, cujas práticas se exibem através das vidraças de prédios comerciais. Esse quadro, por meio do qual podem ser traçados diferentes ‘diagnósticos’ de estilos de vida, encerra uma questão insistente da sociologia: a relação entre o indivíduo e a sociedade, assim como a constante alternância de hierarquia entre cada uma das perspectivas.

Levantou-se então a hipótese de que existiria uma correspondência entre atividade física escolhida, incluindo-se aí o local para a sua prática, e determinados estilos de vida. Em outras palavras, os estilos e características identitárias - que podem ser conhecidos a partir da

¹⁹⁷ A idéia de ‘rito’ baseia-se aqui em Segalen (1994:60). Em ‘Rites et rituels contemporains’, a autora assim considerou a caminhada (ou *jogging*). Outros exemplos e rituais contemporâneos por ela enumerados seriam o futebol, as festas, os espetáculos e os acontecimentos políticos.

¹⁹⁸ Palavras de origem estrangeira que se referem ao vestuário próprio para as práticas de atividade física. *Body* é uma espécie de macacão (uma peça única) de *lycra*, *collant* pode ser tanto a calça comprida quanto o maiô de *lycra*, e *jogging* (recebe o mesmo nome que a prática de caminhada da qual ele é quase que um uniforme) é o conjunto de calça e camisa ou casaco, que pode ser de mangas compridas, de malha.

análise das preferências em termos de gosto, valores, satisfações dos grupos estudados - manifestariam alguma relação com a opção por *uma* modalidade de prática corporal. Esses estilos, por sua vez, pertencem a segmentos mais amplos, de modo que não podem ser ignorados seus respectivos níveis sócio-econômicos. Essas escolhas estão inseridas, então, simultaneamente, dentro de um leque de possibilidades que depende do gosto individual e da limitação imposta por uma determinada condição econômica, o que trás à tona a questão da classe social.

Em relação à idéia de classe social, convém dedicar algumas palavras à teoria moderna da estratificação social. Stavenhagen apontou uma certa confusão na diferenciação entre os fenômenos da estratificação e da classe social, em especial na sociologia dos Estados Unidos e da América Latina. Se a estratificação, na visão de Davis e Moore, seria universal, representando a distribuição desigual de direitos e obrigações numa sociedade, uma definição corrente para o conceito de classes é o de agrupamentos discretos, hierarquizados dentro de um sistema de estratificação. A principal diferença entre os estratos e as classes é que as primeiras são descritivas e estáticas, enquanto as segundas são categorias analíticas, que fazem parte da estrutura da sociedade, com a qual mantêm relações específicas, além de não serem imutáveis no tempo, pois estão ligadas à evolução e ao desenvolvimento da mesma. Atribui-se ao marxismo o critério para distinguir as classes sobre uma base econômica, enfatizando que elas não existem isoladamente, mas dentro de um sistema de classes (Stavenhagen,1974:152).

De fato, a obra de Marx e a de Weber representam os pivôs da discussão, pois foram eles que deram ao conceito de classes seu fundamento científico e o integraram como parte primordial de seu sistema sociológico e econômico (Stavenhagen,1974:132). Segundo Medeiros, apesar dessas principais referências apresentarem grande heterogeneidade interna, elas não são incompatíveis, já que um esquema de estratificação pode incorporar elementos oriundos de fontes diversas.

Resumidamente, Marx teria definido classe como 'um grupo de pessoas com relações semelhantes de produção de propriedade'(Medeiros, 2003:50). Lênin definiu classes como

grandes grupos de homens que se distinguem pelo lugar que ocupam num sistema historicamente definido de produção social, e por sua relação, na maioria das vezes fixada em lei, com os meios de produção, por seu papel na organização social do trabalho e, conseqüentemente, pelos meios que têm para obter a parte e o tamanho da riqueza social de que dispõem. As classes seriam então grupos de homens, dos quais um pode apropriar-se do trabalho do outro, em virtude da posição social diferente que ocupam num regime determinado da economia social. Portanto, elas não apenas constituem elementos estruturais da sociedade, mas também, agrupamentos de interesses econômicos particulares. As classes em oposição são as classes dominantes e dominadas e as relações entre elas são de dominação e subordinação (ibidem:150-4). O surgimento de uma classe tecnocrática ou burocrática, em geral incluída no termo ‘classes médias’, explica-se pelo fato de que na sociedade industrial, a propriedade e o ‘controle’ dos meios de produção tendem a se separar cada vez mais, de modo que aqueles que controlam e tomam decisões nas empresas deixaram de ser os proprietários, no sentido jurídico, mas técnicos, gerentes, enfim, assalariados (Stavenhagen,1974:163). Ressalta-se que, na pesquisa de campo, a classe média ocupou um papel de destaque, pois, conforme será descrito adiante, em função do grande contingente da população economicamente ativa ser constituída de funcionários da administração federal, o Plano Piloto e os Lagos Sul e Norte de Brasília aparecem como grandes bairros de classe média.

Em Weber, é relevante a estratificação baseada na separação entre elite e massa, ou simplesmente entre elite e ‘não elite’¹⁹⁹, (Medeiros, 2003:50-67)²⁰⁰, assim como a distinção da sociedade em em suas dimensões econômica, representada pela classe, social, a do *status* (*stand*, posição) e política, a do partido (Stavenhagen,1974:142).

¹⁹⁹ Uma possível abordagem do campo que abrange a elite e a não-elite pode se dar em termos dos grupos que têm ou não acesso aos serviços do Estado, tais como número de policiais por habitante, saneamento básico, asfalto, sinal de trânsito, acesso à escola e a hospitais, tanto públicos quanto particulares, assim como a uma maior renda per capita.

²⁰⁰ Essa visão é contestada por Poulantzas, que recorda que Marx, em ‘O Capital’, teria afirmado que ‘a posição dos indivíduos na estrutura de produção é uma peça-chave para definir sua situação de classe. Outras referências importantes acerca do tema das classes sociais são as obras de Veblen, Giddens e Bourdieu (Medeiros, 2003:50-67), sendo o último o mais utilizado como referência nesta pesquisa de campo.

Ao observar que análises sociais geralmente procuram delimitar instrumentos operacionais passíveis de utilização na configuração das classes em determinada sociedade, Nunes recorda que, não somente as condições objetivas determinadas pelo lugar ocupado na estrutura produtiva, mas também valores subjetivos são adequados para uma classificação (Nunes,2004:109). Ele afirma que pertencer a uma classe pressupõe a conjunção de certos atributos que identificam, de um lado, o indivíduo num grupo e, de outro, o próprio grupo:

‘numa estrutura social construída com base na autonomia individual, estes atributos contudo não uniformizam os membros da classe, de forma que todos tenham características explicitamente comuns. Há um permanente movimento de atração e repulsa entre os lugares sociais numa eterna procura de ascensão social ou de garantia do lugar ocupado, justamente porque a estrutura é móvel, dotada de um equilíbrio estável’ (ibidem:109).

Além dessas idéias, para definir os universos pesquisados, esta tese baseou-se na noção de *habitus*. Se a classe pode ser pensada por meio do poder aquisitivo - ligado à renda familiar mensal e à própria localização da residência (questões indagadas durante as abordagens) – na visão de Bourdieu, os estilos de vida das diferentes classes constituem-se segundo *habitus* apreendidos ao longo do processo de socialização. O *habitus*, elemento central que caracteriza a socialização, é definido por Bourdieu nos seguintes termos:

‘os condicionamentos associados a uma classe particular de condições de existência produzem *habitus*, sistemas de disposição duradouros e transponíveis, estruturas estruturadas dispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, como princípios geradores e organizadores de práticas e representações que podem ser objetivamente adaptadas ao seu objetivo sem supor a visada consciente de fins e o controle expresso das operações necessárias para atingi-los, objetivamente ‘reguladas’ e ‘regulares’, sem ser em nada o produto da obediência a regras e sendo tudo isso, coletivamente orquestradas sem ser o produto da ação organizadora de um maestro’ (Bonnewitz,2003:77).

Se o *habitus* é compreendido, em suma, como um sistema de disposições duradouras adquirido pelo indivíduo durante o processo de socialização, essas disposições seriam:

‘atitudes, inclinações para perceber, sentir fazer e pensar, interiorizadas pelos indivíduos em razão de suas condições objetivas de existência, e que funcionam então como princípios inconscientes de ação, percepção e reflexão. A interiorização constitui um mecanismo essencial da socialização, na medida em que os comportamentos e valores aprendidos são considerados como óbvios, como naturais, como quase instintivos; a interiorização permite agir sem ser obrigado a lembrar-se explicitamente das regras que é preciso observar para agir’ (Bonnewitz,2003:77).

Por meio da idéia de *espaço social*, Bourdieu rompeu com as representações tradicionais da hierarquia social fundadas sobre uma visão piramidal da sociedade. Segundo ele, o espaço social estaria estruturado por diferentes formas de capital, sejam elas, o capital econômico, o capital cultural, o capital social e o capital simbólico. Sendo assim, a posição dos agentes no espaço das classes sociais depende do volume e da estrutura do seu capital. O volume permite hierarquizar, na dimensão vertical, o quanto dispõem, situando assim, no topo da hierarquia, os patrões, os profissionais liberais, e os professores universitários, enquanto na base estariam os operários e agricultores. A estrutura refere-se à importância respectiva, por exemplo, do capital econômico e do capital cultural, no volume total de capital do agente social. Um exemplo clássico é o da oposição entre os patrões industriais e os professores: enquanto os primeiros são mais dotados de capital econômico em relação ao cultural, nos segundos, ocorre o contrário (Bonnewitz,2003:52-5).

Acerca da questão dos estilos de vida, o esquema geral da análise da sociedade francesa contemporânea empreendida por Bourdieu, pode se resumir, respectivamente, à pertinência a uma dessas três classes: o estilo de vida da classe dominante, o da pequena burguesia e o das classes populares. O *habitus* da primeira funda-se na noção de distinção (tratada no capítulo 2.5). Por meio de sua *hexis* (boa apresentação corporal), linguagem, mobília da casa, lugar de lazer e férias, trata-se de parecer distinto, de diferenciar-se da ‘massa’, do ‘vulgar’. Dentro da mesma classe, porém, Bourdieu distingue ainda os detentores de capital econômico dos de capital cultural, em que opõe os gostos de luxos dos primeiros ao aristocratismo ascético dos segundos. A pequena burguesia tem como elemento característico a vontade de ascensão social, e no seio dela ocorre uma nova clivagem, segundo à sua situação

de ascensão ou decadência,. Às classes populares, definidas pela quase ausência de capital, resta ‘escolher o necessário’, embora existam também diferenças ao longo dos diversos grupos profissionais (ibidem:57-58).

Esse é um esquema bastante resumido, mas a intenção foi, por meio dele, fundamentar o questionamento daquele famoso dito popular: ‘gosto não se discute’. As idéias acima permitem que o gosto, seja sim, discutido e estudado pelas Ciências Sociais, e foi esse justamente o trabalho ao qual se dedicou exaustivamente Bourdieu, em ‘A Distinção’, onde ele afirma que a economia dos bens culturais possui uma lógica específica que deve ser esclarecida a fim de se escapar do economicismo, o que pode ser feito:

‘trabalhando primeiramente para estabelecer as condições nas quais são produzidos os consumidores de bens culturais e seus gostos e, ao mesmo tempo, para descrever as diferentes maneiras de se apropriar quais dentre esses bens são considerados a um momento dado como obras de arte e as condições do modo de apropriação que é considerado legítimo (Bourdieu,1979:I).

Bourdieu afirma, contra a ideologia ‘carismática’ que toma os gostos em matéria de cultura legítima como um ‘dom’ da natureza, a observação científica mostra que as necessidades culturais são o produto da educação:

‘A enquete estabeleceu que todas as práticas culturais (frequência a museus, concertos, exposições, leituras) e as preferências em termos de literatura, pintura ou música são estreitamente ligadas a um nível de instrução (medido pelos títulos escolares e anos de estudo) e secundariamente pela origem social. (...) A definição de nobreza-cultural é algo que está em jogo numa luta que, desde o século XVII a nossos dias, não cessou de opor, de maneira mais ou menos declarada, grupos separados pela idéia que fazem a respeito da cultura, na relação legítima com a cultura e com as obras de arte, logo, de quais as condições de aquisição das quais essas disposições são o produto’ (Bourdieu,179:II).

Embora o tema discutido aqui não seja o do gosto por obras de arte, mas sim pela prática de determinados tipos de atividade física, na perspectiva de Bourdieu, nesse campo opera a mesma lógica. Na verdade, seu estudo não se limitou à fruição da arte, mas abrangeu

também as preferências alimentares, de vestimenta, de cosméticos e práticas desportivas, as quais ele afirmou se organizarem dentro da mesma estrutura fundamental, ou seja, a do espaço social determinado pelo volume e estrutura do capital²⁰¹. Ele afirmou que:

‘para construir completamente o espaço dos estilos de vida no interior do qual se definem as maneiras de consumo cultural, seria necessário estabelecer, para cada classe e fração de classe, quer dizer, para cada uma das configurações de capital, a fórmula geradora do *habitus* que retraduz dentro de um dentro de um estilo de vida particular as necessidades e facilidades características dessa classe de condições de existência relativamente homogêneas e, feito isso, determinar como as disposições do *habitus* se especificam, para cada um dos grandes domínios da prática, realizando uma ou outra das possibilidades estilísticas oferecidas por cada campo, seja o do esporte ou o da música, da alimentação ou da decoração, da política ou da linguagem, e assim por diante’ (Bourdieu, 1979:230).

Situado dentro desse quadro, ele exemplifica que o universo das práticas e espetáculos esportivos se apresenta frente a cada novo participante como um conjunto de escolhas bem preparadas, possíveis objetivamente instituídos, tradições, regras, valores, equipamentos, técnicas, símbolos, que recebem seu significado social do sistema que eles constituem e que deve, a cada momento, uma parte de suas propriedades, à história (Bourdieu,1979:231). Com relação às práticas de cuidado com o corpo, Bourdieu pesquisou quais eram as atividades esportivas e os gostos pelos esportes ao longo de diferentes grupos profissionais, tais como agricultores, operários, artesãos e pequenos comerciantes, empregados, executivos, profissionais liberais, de nível superior, além da diferença entre os gêneros (ibidem:238). Ele apontou peculiaridades nas classes médias, em sua ânsia de ‘parecer’, e nas classes populares, que valorizariam mais a força e a funcionalidade, enquanto o gosto da classe dominante limitou-se a locais reservados e separados em que se pode praticar *tenis, golf ou ski*.

Não se deseja aqui apresentar detalhadamente os achados de Bourdieu, mas apenas chamar atenção para o fato de que, nesta tese, embora tenham sido utilizados seus pressupostos, o caminho foi o inverso, tendo em vista que foram investigadas *as mesmas* atividades, porém praticadas em lugares freqüentados por pessoas de diferentes classes sociais.

²⁰¹ Recorda-se a aceção de capital simbólico em nota à pg. 49.

Se não existe, contudo, uma diferença na atividade em-si, espera-se que *a relação* que o indivíduo tem com aquela prática pode se apresentar de modo diferente segundo seus gostos, objetivos, frustrações, crítica ao padrão vigente, ou seja, dentro do próprio discurso acerca dela, além das diferentes condições oferecidas pelos respectivos locais (equipamentos, sombra e árvores, odores, segurança, conforto etc.). Embora a atividade seja a mesma, neste caso, caminhar e ‘malhar’ em equipamentos de musculação, é provável que esses grupos de diferentes posições na hierarquia social, apresentem diferenças em outras instâncias do estilo de vida, tais como os gostos pela música, os hábitos alimentares e de bebida, o acesso à diversão e ao tempo livre em função da possibilidade de pagar empregados, além do acesso a outras práticas ligadas à forma física.

E de que maneira podem se manifestar essas diferenças? Se for tomado o ponto de vista da sociedade se sobrepondo ao indivíduo, a escolha desse ‘rito corporal’ seria mais determinada pelo ‘meio’ enquanto, no oposto, a do indivíduo como protagonista, uma mera questão de ‘livre escolha’. Na verdade, tratam-se de duas teorias da socialização que se opõem, acerca das quais a noção de *habitus* oferece novamente uma valiosa contribuição:

‘Para uma abordagem *holística*, o indivíduo não seria mais que um simples receptáculo de normas e valores impostos de fora para dentro, através de condicionamento. A ‘sociedade’ exerce uma coação sobre indivíduos passivos. Assim, as ações destes são condicionadas por sua cultura e determinadas por lógicas sociais que o superam. Em contrapartida, os defensores do *individualismo metodológico* consideram que as normas e os valores são apenas possibilidades oferecidas ao indivíduo, que conserva sempre uma margem de liberdade no exercício de seus papéis sociais. A ação individual se explica então, em termos de estratégias racionais. O indivíduo faz escolhas para maximizar um resultado; a lógica de suas práticas é a do *homo economicus* (Bonnewitz, 2003:81).

Ao longo da pesquisa de campo, partiu-se do pressuposto segundo o qual essas duas perspectivas são indissociáveis, imbrincadas de tal maneira, que só é possível tratar com maior atenção ora a uma ora outra, sem perder de vista que consistem somente em recursos metodológicos diversos. Para Bourdieu, essa oposição é artificial, de maneira que:

‘O *habitus* se interpõe como uma mediação entre as relações objetivas e os comportamentos individuais o conceito de *habitus* permite assim superar a alternativa objetivismo-subjetivismo. (...) o *habitus* também implica que o determinante da ação não é simplesmente a busca do interesse econômico. Esta consideração leva Bourdieu a definir o indivíduo como um *agente social*, mais do que um ator social. O agente social é agido (do interior) tanto quanto age (para o exterior). A partir desse postulado, é possível encarar uma verdadeira economia das práticas, em que o termo ‘economia’ é tomado num sentido amplo, de ordem, de estrutura lógica. Dizer que há uma economia das práticas é dizer que há uma razão imanente às práticas que não tem a sua origem num cálculo explícito nem em determinações exteriores aos agentes, mas no *habitus* destes’ (Bonnewitz,2003:84).

Essa breve referência a Bourdieu teve como objetivo propor um quadro em que se inspirar, de modo que essas divisões apresentam-se como recursos didáticos. Obviamente, por meio de sua teoria não é possível explicar *todas as escolhas e gostos*. Além disso, se a sociedade francesa passou por transformações neste período de mais de duas décadas que nos separa da publicação de ‘A Distinção’, a sociedade brasileira, especificamente, a de Brasília, possui características ainda mais peculiares. Entretanto, esse esquema pode ser útil como uma base sobre a qual se abordará o campo estudado e se desenhará o conjunto dos respectivos achados.

A fim de ilustrar as idéias expostas acima, pode-se reportar a uma imagem análoga àquela das pessoas caminhando nas pistas e ‘malhando’ nas academias: quando se avista, passando pela rua, um casal desconhecido, ela com o bebê no colo, ele carregando a sacola plástica em cores pastéis e motivos infantis com os apetrechos de um recém-nascido. Sabemos que são seres humanos *únicos* e insubstituíveis, que podem se chamar Joana, Marcelo, e o bebê, Lucas. Porém, aos olhos de um observador desconhecido, eles são pai, mãe e filho recém-nascido. Em outras palavras, o que chama a atenção à primeira vista são seus *papéis sociais*, que compartilham com bilhões de outros seres humanos do planeta, guardadas as variadíssimas formas por meio das quais se manifestam. De maneira semelhante, isso ocorre com a moça que caminha com a amiga, ambas de tênis e *jogging*, ou aquela que se dirige à academia, vestindo um *collant*, com bolsa esportiva e garrafa d’água nas mãos: elas podem ser a Júlia, a Paula, mas, certamente, naquele momento, elas estão reproduzindo um rito social

contemporâneo, compartilhado por tantas outras pessoas, em cidades situadas até mesmo do outro lado do planeta. Isso sem falar nos ‘possíveis estilísticos’, que em termos de indumentária, além do *jogging*, vestimenta apropriada para malhar, poderiam ser observados em situações cotidianas em geral, mesmo quando, após a atividade, o sujeito se trocou e vestiu roupas *hippies* indianas, ou rasgadas *punks*, ou uma ‘casual’ combinação de jeans e camiseta de malha ... enfim, os exemplos são infinitos.

Nesse sentido, uma parte da tarefa da sociologia exige uma atitude panorâmica, tal qual a do artista que dá nome às suas pinturas: assim como a empregada retratada pelo pintor Vermeer virou ‘Moça com brinco de pérola’²⁰², a vizinha, Lúcia, que passeia com seu cachorro, deixa de ser Lúcia, a vizinha, mas ‘mulher passeando com cachorro’, à imagem de Julia e Paula pode-se atribuir o título de ‘moças indo malhar’. Afirmou-se, contudo, que essa é ‘uma parte’ da tarefa, pois não haverá consistência se a interpretação sociológica não levar em consideração o aspecto do indivíduo²⁰³, único e irreprodutível, alcançável somente naquela – única - Júlia.

Na busca de reunir as idéias que fundamentaram a pesquisa de campo, cabe se reportar a uma célebre frase de Tolstói: ‘para ser universal, basta falar de sua aldeia’. Considerando-se que, em Brasília, no âmbito da prática de atividade física, observam-se características que são compartilhadas com outros centros urbanos do Brasil e do mundo, sua afirmação é pertinente para efeito deste trabalho. Quanto às especificidades, ou seja, elementos encontrados somente aqui, essas fizeram com que fosse inevitável, adiante, dar à cidade de Brasília alguma, merecida, atenção.

²⁰² Referência ao filme de Peter Webber (2003), baseado em livro homônimo de Tracy Chevalier e adaptado por Olivia Hetreed, que revela o mistério por trás de uma das mais enigmáticas obras do pintor holandês Johannes Vermeer (1632-1675).

²⁰³ Soma-se ao problema a constatação de que a própria percepção de si enquanto indivíduo ser um acontecimento relativamente recente, com uma idade não superior a quatro séculos, tema que será aprofundado adiante, o que faz com que também se alterem as possibilidades de análise, conforme uma dada configuração histórico-social.

A fim de responder a esta investigação, a escolha das localidades baseou-se na intenção de selecionar locais por meio dos quais se pudessem conhecer as especificidades, diferenças e pontos em comum na relação com o corpo e nas respectivas configurações da prática de determinadas atividades físicas em diferentes segmentos sócio-econômicos de Brasília. Num momento seguinte, foi dada ênfase à subjetividade individual. Os lugares escolhidos deveriam inevitavelmente selecionar seus frequentadores, em função de sua valorização (imobiliária mesmo), o que obviamente não é possível ocorrer de modo completo, pois podem ocorrer exceções, além de um grau maior ou menor de heterogeneidade. Para tanto, foram eleitos espaços frequentados, eminentemente, pelas classes média alta e alta - residentes, tanto nos bairros dos Lagos Sul e Norte quanto no Plano Piloto -, pelas classes médias da Asa Norte, e por uma população de baixa renda, residente numa região administrativa (R.A.), considerada 'periferia'. A combinação entre locais de prática de caminhada e musculação, abertos e fechados, que fundamentou o tema da unidade 'espaço', resultou no seguinte²⁰⁴:

- 1) uma *academia*, de elite, 'globalizada';
- 2) um *espaço livre* urbano de classe média e média-alta;
- 3) um *espaço livre* da periferia;
- 4) uma *academia* da periferia.

Ressalta-se que aqueles quatro locais foram selecionados enquanto os principais, para efeito de demarcação do universo da pesquisa de campo, porém diversas outras práticas e outros lugares foram visitados, tanto em Brasília quanto em outras cidades do Brasil e do exterior²⁰⁵.

²⁰⁴ Para efeito de diferenciação entre esses espaços, no restante desta tese, a academia de elite será chamada de 'mega-academia' (devido a sua estrutura espacial) e a outra, de academia do Paranoá, enquanto os espaços livres são chamados de pistas da Asa Norte e do Paranoá.

²⁰⁵ Entre esses, destacam-se, em Brasília: o Parque da Cidade, o Parque Nacional da Água Mineral, duas academias de ginástica, uma academia de balé e dois clubes da Asa Norte, com atividades de hidroginástica e natação. Fora de Brasília: uma mega-academia de São Paulo, uma mega-academia da zona sul e outras de porte pequeno e médio do centro do Rio de Janeiro, pistas (espaços livres) do Rio de Janeiro (Lagoa, pista das 'Paineiras', calçadão do Leblon, Ipanema e Copacabana), espaços livres (ciclovias e parques), academia elitizada

A mega-academia foi uma das mais caras da cidade. Optou-se por não revelar seu nome pelo fato dela ser semelhante a muitas de outras marcas que, como ela, possuem filiais em outras cidades do Brasil. Globalizadas, todas elas compartilham de características idênticas a outras do resto do mundo, de modo que apenas detalhes diferenciariam uma de outra, o que remete à noção de não-lugar, abordada adiante (3.9).

Os espaços livres urbanos de Brasília, predominantemente de classe média - pistas, calçadas e parques públicos em se pesquisou a prática de caminhada - foram as calçadas das quadras 400, o 'eixão do lazer' (termo informal para o eixo rodoviário que corta todo o Plano Piloto cujo acesso a carros é impedido aos domingos) e o Parque Ecológico Olhos D'água, sendo que um maior enfoque foi dado às pistas das quadras 400²⁰⁶ - todos na Asa Norte, e agrupados como um mesmo conjunto, considerando as características muito semelhantes ou idênticas apresentadas pelos seus freqüentadores, em sua maioria, pertencentes à classe média e à classe média alta. A maioria das pessoas abordada na pesquisa de campo caminhava, mas houve também voluntários que corriam, ou que realizavam exercícios nos equipamentos públicos, além dos que se locomoviam em cadeira de rodas, de modo que também foram ouvidos portadores de deficiência física. Entretanto, para efeito desta tese, com referência a esses espaços, foi utilizado simplesmente o termo 'caminhada', do qual *cooper* ou *jogging* podem ser considerados sinônimos²⁰⁷. A expressão correspondente à que se referiu um usuário de cadeira de rodas para seu treinamento de se deslocar tocando a cadeira nas pistas da Asa Norte foi 'dar uma cadeirada'.

de Pequim, espaços livres (ciclovias e parques) de Amsterdã, espaços livres (ciclovias e praias) das cercanias de Lisboa.

²⁰⁶ O Plano Piloto de Brasília, projetado por Lúcio Costa, é dividido em 'super-quadras', que são áreas residenciais formadas por conjuntos de 'blocos' (edifícios residenciais). Essas super-quadras são dispostas ao longo de faixas longitudinais que compõem as 'Asas' Norte e Sul, cada qual recebendo uma numeração segundo sua localização em uma respectiva centena (100, 200, 300 e 400). Ver mapas do Distrito Federal nos anexos.

²⁰⁷ As palavras *cooper* e *jogging* são aplicadas, em geral, indistintamente para os que correm quanto para os que caminham, de modo que não houve aqui uma preocupação em diferenciá-las. A palavra *cooper* deriva de Dr. Cooper, nome de um médico americano que, no final da década de 1970, preconizou e disseminou a corrida com finalidade de manutenção da saúde (ver capítulo 1.5.). *Jogging*: ação de correr lentamente ou andar, em passos ritmados, com fins higiênicos. Vestuário esportivo, composto de calça e blusa, em geral do mesmo tecido ou cor, usado sobretudo para fazer *jogging* (Ferreira, 1999:1163).

O desdobramento entre os espaços livres e os espaços institucionalizados das academias, por sua vez, sofreu uma segunda partição, dessa vez referente à segmentação em termos de nível sócio-econômico, a fim de trazer à tona a discussão acerca das características dessas práticas em diferentes classes sociais. Na ‘periferia’ escolhida, a Cidade do Paranoá, foram investigadas a pista de prática de caminhada – que por sua vez dá acesso ao Parque Ecológico do Paranoá – e uma academia situada na Praça Central, tida como referência dentre os habitantes, que repetidamente a apontaram como a melhor da cidade. A pesquisa mostrou, entretanto, que nessa cidade reside uma significativa classe média, além de comerciantes de poder aquisitivo elevado, que lá construíram seu patrimônio e nem por isso desejam se mudar, e de moradores dos condomínios próximos que também utilizam os mesmos espaços para a prática de atividade física.

O que se discute, nesse ponto, então, é justamente a relação entre um certo grau de determinismo e uma margem de liberdade e de exceções à regra. Se, de um lado, é quase impossível que um morador de classe baixa da periferia (no caso desta tese, a cidade do Paranoá) venha a freqüentar a academia mais cara de Brasília - a não ser que, excepcionalmente, por trabalhar na mesma, como recepcionista, ‘*baby-sitter*’ ou auxiliar de higiene, receba a mensalidade como cortesia – de outro, naquela cidade, além da pista repleta de praticantes de caminhada pelas manhãs e tardes, há pelo menos três academias, de maneira que, dentro das possibilidades oferecidas, existem, sim, leques de escolhas, referentes aos gostos individuais. Além disso, a mesma academia, da ‘periferia’, cujo valor da mensalidade, à época, chegava a ser cinco vezes menor que o da mega-academia, é freqüentada tanto pelo filho do dono do supermercado local, quanto pelo filho do carroceiro. O último não teve dificuldade em conseguir uma bolsa de estudos, por jogar futebol no time da região e ter recebido como presente um par de tênis usados de um aluno com melhores condições financeiras.

Da mesma maneira, somente os que podem pagar uma mensalidade que chega a R\$300,00 freqüentam as academias mais caras do Plano Piloto. No entanto, nem todos que podem pagar optam por isso, pois as pistas das quadras dos bairros do Lago Sul e Norte, Asa

Sul e Norte, e dos parques, gratuitas, também são utilizadas. Tanto existe esse leque de possibilidades disponíveis que, dentre os voluntários da Asa Norte que participaram da pesquisa, a maior parte certamente *opta* por esse local e, embora pudesse pagar, se assim o desejasse, não frequenta uma academia simplesmente por não gostar, ao que tecem críticas do tipo, ‘não gosto de fazer exercício num lugar fechado, respirando aquele ar que todo mundo respira’. Tudo isso, sem lembrar daqueles, dentre todos os segmentos sociais, que não praticam atividade física alguma, e ‘vão muito bem, obrigado’, mas fogem ao campo estudado por esta pesquisa.

Observou-se que, embora a mega-academia pesquisada seja nitidamente identificada como um lugar de elite, as pistas da Asa Norte também são frequentadas, por uma elite, representada pelas classes média e média alta, que residem naquelas quadras. Isso se dá predominantemente, mas não exclusivamente, pois, eventualmente, também caminham ali empregados das residências, como porteiros e domésticas, assim como moradores de apartamentos residenciais mais modestos dos edifícios das entrequadras comerciais. A academia e a pista da cidade do Paranoá, por sua vez, são predominantemente frequentadas pelas não-elites. A mega-academia do Plano é o espaço que mais seleciona, devido a seu preço elevado, de modo que os únicos frequentadores que não pertencem à elite são os funcionários que recebem o abono da mensalidade como salário indireto.

A fim de traçar esse quadro, em que se alternam, portanto, os enfoques entre a liberdade de opção e seus limites, a pesquisa de campo iniciou-se por meio de uma etapa de observação participante nesses quatro locais, que foram, não somente visitados, mas ‘experimentados’²⁰⁸. Durante essa fase, foram apreendidas muitas de suas características e das atividades neles praticadas, de modo que são descritos esses cenários e os perfis de seus praticantes, a fim de expor alguns elementos envolvidos na prática de seus respectivos ‘ritos’.

²⁰⁸ A pesquisadora teve a oportunidade de praticar a atividade física nos quatro locais ‘observados’, exceto na Academia da Vila do Paranoá, em que não se julgou necessário.

Em seguida, foi elaborado um questionário – com o objetivo de conhecer aspectos ligados à motivação, gostos, estilo de vida, padrões de beleza, relação com o corpo – aplicado nos quatro locais pesquisados - ao todo, a 120 voluntários, praticantes de atividade física de cada uma dessas localidades, 80 na Asa Norte, 20 da academia de elite, 20 do Paranoá. Inicialmente muito extenso, ele foi reduzido a seus itens mais relevantes, não por um problema de planejamento, mas porque não há outra forma de certificar sua eficiência senão testando, construindo e re-elaborando o método de investigação durante o encontro com os sujeitos da pesquisa. Não se quer negar sua importância, mas como ele se mostrou insuficiente para responder a questões mais subjetivas²⁰⁹ - ligadas à relação com o próprio corpo e a características de personalidade - ocorreu que, além das respostas obtidas, o questionário serviu prioritariamente como um instrumento *exploratório*, ao trazer um estímulo para que as pessoas tecessem comentários relevantes *que não estavam contidos exatamente nas respostas àquelas perguntas*. Desse modo, dispensando a exigência de respostas fechadas, as questões funcionaram como um ‘roteiro flexível’ (Bento,2004:14). A essas falas, muitas vezes até mesmo bastante críticas, assim como opiniões e características mais gerais dos praticantes, também foi dedicada atenção, pois nelas encontrava-se um rico material (exposto ao longo da parte 3). Durante a pesquisa de campo ocorreu uma mudança de uma abordagem quantitativa para a qualitativa. A partir dos questionários, portanto, não se construiu uma correlação entre atividade física e estilos de vida, mas sim, foram selecionadas as informações mais relevantes trazidas pelos entrevistados.

Finalmente, após a descrição daqueles universos, foram realizadas algumas entrevistas individuais em profundidade, com pessoas que demonstravam uma característica peculiar em sua relação com o corpo, sendo que *nem todas* foram selecionadas em algum dos quatro locais

²⁰⁹ Percebeu-se que a satisfação ou insatisfação com o corpo não poderiam ser identificadas por meio de uma pergunta fechada ‘você está satisfeito com seu corpo!’ A resposta a ela, freqüentemente, nos diversos locais, embora positiva, vinha acompanhada de um porém: ‘sim’, ‘mas gostaria de diminuir a barriga...’. Enquanto isso, algumas pessoas que respondiam ‘não’, não demonstravam, no decorrer da abordagem, tanta insatisfação assim. As respostas em relação à vontade de fazer ou não uma plástica apareciam muito vagas e pouco informativas: por ex., uma pessoa que deseja se submeter a uma cirurgia estética pode aceitar melhor seu corpo que outra que não deseja, por medo. Ficou nítido que o assunto não poderia ser captado somente daquele modo. Os traços de personalidade, esses, então, mostraram-se realmente inatingíveis a perguntas fechadas, embora essas possam eventualmente servir para apontar algumas pistas.

citados anteriormente. Nesse caso, foi enfatizada a subjetividade individual, ou seja, o foco foi direcionado ao entrevistado, tendo o lugar ou a prática assumido o papel de um pano de fundo.

A metodologia utilizada neste trabalho afina-se com o que Bauer, Gaskell e Allum distinguiram enquanto quatro possíveis dimensões do processo de pesquisa da investigação social: o delineamento da pesquisa de acordo com princípios estratégicos; a coleta de dados; o tratamento analítico de dados; e finalmente, os interesses do conhecimento, que se referem à classificação de Habermas acerca do controle, da construção do consenso e da emancipação dos sujeitos do estudo (Bauer, Gaskell e Allum, 2000:19)²¹⁰. Ao abordar a questão, os autores utilizaram a imagem de uma partida de futebol, comparando os atores sociais aos jogadores, situados dentro do ‘campo de ação’, e os espectadores a um ‘campo de observação ingênua’ – pois, ao torcerem por um dos times, *fazem parte* do jogo. Segundo essa linha de raciocínio, o cientista seria um espectador ‘especial’, que ocuparia um ‘campo de observação sistemática’, pois, a fim de descrever a situação, requer-se dele não estar envolvido com nenhum dos dois times, de modo a ser capaz de realizar uma análise fria da situação (ibidem:17-8). Este trabalho apresenta uma característica bastante peculiar, pois durante a etapa de observação participante, a pesquisadora realizou as mesmas atividades que os nativos, os quais foram abordados *durante* essas práticas (inclusive na academia da periferia, em que, no entanto, a pesquisadora não ‘malhou’, pois não se fez necessário, tendo em vista que os exercícios eram muito semelhantes aos já experimentados anteriormente. Neste caso, é como se o cientista, ainda que realizando uma ‘observação sistemática’, tivesse que ‘descer da arquibancada’ e realizá-la no próprio campo²¹¹

²¹⁰ Nesta pesquisa, a primeira dimensão consistiu na observação participante, embora essa tenha sido combinada com outros princípios de delineamento. Na segunda, foi adotada, primeiramente, a técnica de aplicação de questionários, que exerceram a função de ‘roteiros flexíveis’, seguida da realização de entrevistas em profundidade. A terceira é representada pela análise de conteúdo (coletado na segunda) e a quarta refere-se ao próprio conhecimento produzido a partir das questões levantadas. Como a ênfase da pesquisa voltou-se para a metodologia qualitativa, os itens do questionário e os dados obtidos a partir da abordagem dos nativos, por meio desse instrumento, encontram-se nos anexos).

²¹¹ A metodologia aqui eleita possui afinidades com as utilizadas por Wacquant (2002) e por Veiga (2004). O primeiro frequentou um ginásio de boxe de uma comunidade afro-americana de baixa renda de Chicago, o que engendrou um trabalho que não somente descreve o processo de produção do corpo, mas também o ‘espírito’ do

3.2 Arquitetura da Paisagem

O vasto leque de modalidades de práticas corporais ocorre ao longo de *espaços diferentes*, respectivamente apropriados à sua realização. A relevância da temática do espaço veio à tona, portanto, por ele consistir num dos elementos que caracterizam a própria atividade. Para tratar da questão e fundamentar a compreensão dos locais pesquisados, foi necessário buscar referências teóricas em campos tais como a geografia e o urbanismo, dos quais são utilizados conceitos em que se baseou a descrição dos universos eleitos na pesquisa de campo, sejam eles: a idéia de *lugar*, o tema da *arquitetura de paisagem*, que abre a discussão acerca dos *espaços livres* urbanos, além de algumas observações acerca de *Brasília*. Aos espaços livres das regiões de periferia atribui-se a conotação de '*subúrbio*', enquanto os espaços de elite '*globalizados*' – tais como os *shoppings centers*, onde estão situadas as mega-academias de ginástica - remetem à noção de '*não-lugar*'.

Além disso, a atenção para o espaço está relacionada à formação de bailarina da pesquisadora, pois na dança, a maneira pela qual o corpo faz uso do espaço é determinante para as intenções estéticas do artista. Rudolf Laban (1879-1958) ao criar um sistema original de registro do movimento para o teatro e a dança, apontou no espaço um dos elementos constituintes do movimento expressivo. Não causa surpresa que esse bailarino e coreógrafo húngaro tivesse formação também em arquitetura.

A relação com o espaço assume uma extrema relevância, pois as repercussões sobre o corpo variam conforme as condições ambientais em que ocorre a atividade física, sejam elas ao ar livre, com sombras ou num ambiente inóspito, num local fechado, com ar-condicionado, confortável ou calorento, com elementos visuais, odores, sonoridade, temperatura específicos, além das possibilidades de convívio social. A quantidade de lugares variados para a prática de uma atividade corporal é imensa, basta enumerar as diferenças entre uma sala de aula de

boxeador (Wacquant, 2002) (ver página). O último frequentou, durante um ano, como aluno, uma escola de circo, aperfeiçoando-se em uma de suas atividades, a acrobacia, ao mesmo tempo em que coletou dados acerca da questão do risco envolvido nas mesmas e como isso se apresenta no conteúdo onírico de seus praticantes (Veiga, 2004).

ballet, ou de *jiu-jitsu*, piscinas, abertas ou cobertas, espaços livres das quadras, quadras de esportes, locais de prática de esportes radicais.

Daí a necessidade de se ter estabelecido um recorte, situado, em princípio, no contexto de um centro urbano, pois não se está levando em conta populações rurais, ou de cidades minúsculas do interior, pessoas abaixo da linha de pobreza, da seca do sertão ... Os espaços freqüentados pelos praticantes de caminhada de duas localidades com habitantes de diferentes níveis sócio-econômicos atestam a proliferação desse hábito e o avanço do conhecimento ligado à prática de atividades físicas mesmo dentre aqueles que não podem ou simplesmente não desejam ser atendidos por profissionais e instituições especializadas, mas as realizam por sua própria iniciativa em áreas públicas.

À descrição dos espaços livres e das academias serão acrescentadas informações relevantes acerca dos praticantes abordados, de modo a ilustrar esses lugares com breves perfis de seus freqüentadores, sem que tenha havido uma preocupação com uma amostragem ou aspectos quantitativos. Esperou-se apenas uma descrição global dos lugares, já permitindo uma modesta incursão na subjetividade das pessoas, aprofundada nas entrevistas, apresentadas adiante.

Considerando que o centro urbano escolhido para a realização da pesquisa de campo foi justamente Brasília, uma cidade com características muito peculiares - pouco mais de quarenta anos de existência, planejada, tombada - esta unidade é permeada por uma tensão entre suas particularidades e elementos presentes em outras cidades de mesmo porte do mundo (em especial, em países subdesenvolvidos e em desenvolvimento), em outras palavras, pela relação entre o *local* e o *global*. É importante assumir, entretanto, que *falta* algo a essa discussão. Primeiro, porque a própria idéia de espaço trás consigo uma falta, um vazio, vazio este acentuado nos espaços amplos do Planalto Central. Depois, pelo fato de que, embora seja indiscutível a importância de *Brasília* dentro dessa temática, ela é apenas lançada, sinalizando que um aprofundamento das relações entre corpo e espaço, *nesta cidade*, exigiria um trabalho inteiro dedicado a isso. A questão exigiria um foco para elementos da percepção, da

fenomenologia, das emoções, da psicologia, da geografia, da arquitetura, do urbanismo, de modo que foge às intenções iniciais desta tese. Isso fez com fosse, em parte, mas não totalmente, reprimida, a explícita *fascinação* exercida por Brasília a um espírito investigador. Dentre as possíveis motivações desse fascínio, pode-se enumerar, incontestavelmente, que Brasília é *única*. Um aspecto comentado por um visitante do Rio de Janeiro foi que ela ‘necessita o tempo todo falar de si mesma’ (sic), o que pode ser interpretado como um desejo marcado de construir uma cultura própria, a qual, de certo modo, comparada às cidades mais ‘velhas’, lhe falta, de auto-alimentar um imaginário urbano coletivo, ou mesmo, como se necessitasse confirmar sua existência, como alguém que se belisca incessantemente para comprovar se está realmente vivo...

Sua capacidade de sedução foi lindamente traduzida por um irreverente poeta - desta cidade de porte *médio*, de classe *média*, situada no *meio* do Brasil - na década de 1980, quando ainda era possível dizer que ... ela não tinha estrias, celulite, lordose ...

‘Brasília só carrega / vinte anos pelas costas
nem lordose nem corcunda / Brasília é reta e sem bunda
mas é gostosa demais’

Aldo Justo, poeta de Brasília

Brasília é citada, pois foi ela, e não outra, a cidade escolhida para a investigação acerca de algumas práticas corporais. O espaço, que o corpo ocupa e onde se movimenta, é um pré-requisito para a realização de uma prática corporal. Diante da necessidade de empreender a tarefa de escrever uma tese, é imprescindível um espaço adequado: mesa com um computador, cadeira confortável, alturas corretas, prateleiras com livros organizados e à mão.

Considerando os rituais contemporâneos da caminhada e das práticas em academia, suas possibilidades de realização remetem imediatamente à temática do planejamento urbanístico e arquitetônico. Barcellos afirmou que a mera existência de locais adequados não é

determinante para a prática e utilização dos mesmos, todavia, ela indica as *possibilidades e limitações* em relação às atividades a serem ali realizadas. (Barcellos, 1999:116).

Amsterdã é uma cidade que ilustra a relação entre a difusão de uma determinada prática de atividade física, no caso, o ciclismo, e as possibilidades para seu exercício, em termos urbanísticos, por meio das ciclovias ao longo de seu território. A construção das ciclovias – resultado de conquistas políticas, em moldes semelhantes aos dos países escandinavos - acabou por intensificar e inserir o hábito de utilizar a bicicleta como meio de locomoção. Em Pequim também, como em outras cidades chinesas, a bicicleta não é apenas um passatempo, mas sim um meio de transporte cotidiano.

Tuan desenvolveu o original conceito de *topofilia*²¹², para abordar a temática da relação entre indivíduo e espaço: ele designa o elo efetivo entre a pessoa e o lugar, ou ambiente físico. Embora difuso, ele é um conceito concreto enquanto experiência pessoal e abrange os pontos de vista da percepção, atitudes e valores envolvidos na relação com o meio ambiente. O autor definiu espaço como ‘um termo abstrato para um conjunto complexo de idéias. Pessoas de diferentes culturas diferem na forma de perceber seu mundo, de atribuir valores às suas partes e de medi-las, de modo que as maneiras de dividir o espaço variam enormemente em complexidade, e sofisticação, assim como as ‘técnicas de avaliação de tamanho e distância’ (Tuan, 1983). Ele aponta a postura (e a estrutura) do homem e as relações entre pessoas.- próximas ou distantes - como dois fatores que constituem os princípios fundamentais de organização espacial: ‘O homem, como resultado de sua experiência interior *com seu corpo* e com outras pessoas, organiza o espaço, a fim de conformá-lo a suas necessidades biológicas e relações sociais’ (ibidem, 1983:29).

Tuan relaciona o espaço à idéia de ‘estilo de vida’, que ele define como ‘a soma de suas atividades econômicas, sociais e ultraterrenas. Essas atividades geram padrões espaciais os quais requerem formas arquitetônicas e ambientes materiais que, por sua vez, após

²¹² Topofilia: o termo não se encontra nem mesmo no dicionário, mas quer dizer ‘amigo, ou amante, do lugar’, logicamente derivado dos radicais gregos ‘topos’ (lugar) e ‘filos’ (amigo, amante).

terminados, influenciam o padrão das atividades. O ideal é um aspecto do estilo de vida total' (Tuan,1980:199). A busca de organizar e conformar o espaço de acordo com as necessidades e o estilo de vida das pessoas modificam o espaço, remetendo à noção de lugar, definida como 'um foco de história carregado de cultura e sentido'. O espaço é preenchido pelo conteúdo inerente ao lugar, de modo que 'o espaço não encontra o seu fundamento em si mesmo, sua ordem é o lugar' (Lucena, 2001:21). À medida que engloba conotações históricas e culturais, conseqüentes à intervenção do homem sobre o espaço, a paisagem se transforma.

A proliferação dos locais para as práticas corporais reflete, portanto, a expansão do conhecimento relativo à importância da atividade física para a saúde e boa-forma, repercutindo num desenho urbanístico que passou a levar em consideração esse elemento. Dependendo do nível sócio-econômico do bairro, esse desenho se manifestará de maneiras diferentes quando se trata de um local valorizado ou da periferia. Concomitantemente, a expansão dos ritos corporais em locais fechados teve como conseqüências imediatas a percepção desse lucrativo filão e o investimento empresarial na fundação de academias de ginástica. Assim, ritos e práticas sociais relacionam-se com o traçado urbano e com a arquitetura por meio de um mecanismo de retro-alimentação: o espaço possibilita as práticas que, por sua vez, exercem pressão política a transformação do espaço - construção de locais apropriados, conforme atestam, dentre outras cidades, Amsterdã e Pequim. Segalen percebeu essa dinâmica, afirmando que 'a prática desse esporte-jogo (a caminhada e a corrida) reorganiza o cotidiano, o tempo e o espaço' (Segalen,1998:62).

A preocupação do homem com um meio ambiente aprazível, por meio da construção de áreas para contato com a natureza e o lazer, faz parte do campo da arquitetura da paisagem (*landscape architecture*), expressão cunhada por Frederick Law Olmsted (1822-1903), arquiteto e urbanista norte-americano. Sua obra mais conhecida é o Central Park de Nova York, projetada em 1858, junto com o colega Calvat Vaux. Com o termo, Olmsted visava descrever o campo de atividades que trabalham com a paisagem, que deveria ser tratada de forma prática, tal como fazem os arquitetos, ao analisarem e diagnosticarem os problemas, a fim de gerar uma solução, por meio de desenhos. A ASLA (*American Society of Landscape*

Architects), fundada por seus discípulos, em 1899, definiu a arquitetura da paisagem como ‘a arte de organizar a terra e os objetos sobre ela para o uso e deleite humanos’ (Barcellos, 1999:21).

No Brasil, o surgimento e a institucionalização da arquitetura da paisagem ocorreu de maneira diferente daquela dos Estados Unidos, tendo em vista situações institucionais, políticas e culturais peculiares. Aqui, desde o início, essa área manifestou uma intenção estética de mediar a obra arquitetônica e seu entorno. Roberto Burle Marx (1909-1994), um de seus maiores expoentes, possui uma vasta obra internacionalmente reconhecida. O Parque do Flamengo (conhecido como ‘Aterro’), no Rio de Janeiro (1961), seu trabalho mais famoso, representou um marco da Arquitetura da Paisagem no Brasil (ibidem,21).

3.3. Brasília

‘Brasília – uma cidade ideal moderna: As cidades modernas, quando são estabelecidas *ex-nihilo*, retêm algo das antigas concepções sobre o lugar do homem no cosmo. A base religiosa e o simbolismo cósmico da cidade ideal. Não somente a Pequim tradicional, mas a Brasília futurística está plena de símbolos expressivos de um desejo comum e profundo de ordenar a terra e estabelecer um elo entre o espaço terrestre e a abóbada celeste’ (Meira Penna, Tuan, 1980:196).

‘Brasília, cidade jovem, planejada, é uma cidade real. Construída da estaca zero (como costumava dizer Lúcio Costa, criador da cidade) se cristaliza e tem seu papel no cenário nacional como centro dos acordos políticos, sede dos três Poderes (Executivo, Legislativo e Judiciário) e palco das manifestações sociais: a sede do príncipe ou a sede do governo. Tombada como Patrimônio Cultural da Humanidade. Real porque vivida cotidianamente pelos mais de dois milhões de habitantes (...). Apresenta uma dinâmica urbana conflitiva e injusta como qualquer outra grande cidade de países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento da América Latina’ (Cruz, 2003: 102)

‘A especificidade de Brasília reside em sua criação. As cidades surgem de forma voluntária, a partir de um somatório de decisões individuais que, sem apresentar um nexos aparente, acabam por adquirir coerência. Já as cidades novas ou planejadas, como Brasília, decorrem de decisões que substituem

esses processos voluntários, pressupondo sempre uma escolha política e um desenho de seu sítio que sustenta tecnicamente essa escolha' (Nunes,2002:101)

Embora tenha nascido em 1960 - vinte anos antes da explosão das práticas de atividade física - o projeto do Plano Piloto de Brasília parece ter sido encomendado pelos praticantes de caminhada e *cooper*. Exceto pelas 'tesourinhas'²¹³ das entrequadras comerciais, onde os 'caminhantes' têm que esperar para atravessar a rua, trocando passos sem sair do lugar ou executando posições de alongamento, as alamedas repletas de árvores exuberantes estendidas ao longo das quadras consistem numa excelente pista de caminhada. Comparada às outras cidades brasileiras, a paisagem de Brasília destaca-se pela arborização, possuindo a maior relação árvore *per capita* do Brasil. Sua grande quantidade de espaços livres, quase sempre densamente arborizados, confere características marcantes à sua paisagem urbana. Entretanto, segundo Barcellos, somente uma pequena parcela está tratada e equipada de modo adequado ao lazer (Barcellos:1999).

Na Asa Sul, os 4,2 milhões de metros quadrados do Parque da Cidade são o maior e melhor equipado espaço de lazer da cidade - dimensões essas superiores às do Parque do Flamengo e às do Ibirapuera, em São Paulo (Barcellos,1999:134)²¹⁴. O 'Parque Ecológico Olhos d'Água', na Asa Norte, de dimensões mais modestas, possui uma bela vista do horizonte ao norte e exala o cheiro agreste do cerrado. Outro local adequado para a caminhada é o 'eixão do lazer', como é chamado, aos domingos e feriados, o eixo rodoviário que corta longitudinalmente a cidade, quando é impedida a circulação de veículos para se transformar em área de lazer. Durante esses dias, a via fica repleta de pedestres, ciclistas, patinadores e crianças, de modo semelhante ao que ocorre nos calçadões e avenidas das cidades litorâneas. Contínuo, além de possuir um asfalto mais adequado e liso para certas práticas, tais como a patinação, o *skatismo* e o ciclismo, o eixão 'oferece um maior senso de urbanidade que as calçadas das quadras, cujo ambiente é mais introspectivo' (Barcelos, 1999:112).

²¹³ 'Tesourinha' é o nome informal que recebe uma espécie de 'rotonda' ou 'balão' presente no projeto urbanístico de Brasília em torno do qual o motorista gira a fim de fazer um retorno ou mudar de uma via para outra.

²¹⁴ Na verdade, o Parque Nacional de Brasília possui uma área bem maior (30 mil hectares), porém somente uma pequena parte dele é aberta ao público.

Talvez como um resquício dos primeiros tempos, contudo, ainda predomina a idéia de que Brasília é uma cidade de poucas possibilidades de lazer, ‘sem esquinas’, ‘sem praias’, onde ‘não se tem nada para fazer’. Barcellos considera essa visão estereotipada, em parte conseqüente a uma problemática comparação com outras cidades, pois Brasília não teria como ter consolidado, como elas, um contexto urbano tão fortemente, devido à sua fundação recente. Do ponto de vista do ar livre, porém, a cidade oferece uma grande quantidade de espaços livres disponíveis para a população (Barcellos,1999:109). O lazer, segundo ele, assume características específicas no Plano Piloto, seja pela maior quantidade de espaços livres e pela qualidade de infra-estrutura, seja pelo fato de aí se concentrarem os segmentos de maior renda e com maior disponibilidade para o lazer. No espaço das superquadras, existe uma nítida segmentação de públicos segundo as áreas e seus usos. As crianças utilizam os parquinhos, enquanto os adultos limitam-se quase que exclusivamente a utilizar a periferia das super-quadras para caminhadas. Essas são feitas em geral no início da manhã e no final da tarde e com um claro sentido de exercício físico que beneficia a saúde e serve de contraponto às obrigações de um cotidiano de trabalho (Barcellos,1999:111).

Lúcio Costa projetou o Plano Piloto²¹⁵ segundo os ideais da ‘cidade-parque’. Sua abundância de espaços livres, alvo de intensa polêmica, é um dos aspectos que mais atrai a atenção sobre Brasília. Uma crítica que se costuma fazer com freqüência ao Plano Piloto, todavia, é sua homogeneidade física espacial. Segundo Barcellos, a mudança nos moldes de se conceber a cidade traz como conseqüência o fato de que as tradicionais funções desempenhadas pelos espaços livres, tais como locais de circulação de pedestres ou de interação social, sejam diluídas. Há quem considere essa diluição como causadora do empobrecimento ou do enfraquecimento das relações dos habitantes com o universo social. Entretanto, para os segmentos da classe média que aí vivem, preponderantemente, esse enfraquecimento das relações seria compensado pela qualidade do ambiente urbano e eficiência face às necessidades da vida cotidiana. Machado define essa configuração como um ‘espaço instrumental de um projeto de vida elaborado nos parâmetros do individualismo’,

²¹⁵ Brasília foi projetada de modo a apresentar a configuração polinucleada de um conjunto formado pelo Plano Piloto, seu núcleo e pelas cidades satélites, de modo que, do ponto de vista funcional, a cidade seja uma só, como um arquipélago de ilhas urbanas entremeadas de espaços livres. (Barcellos, 1999)

apontando-a como compatível com as expectativas da classe média, a qual, de modo geral, não se interessa ou tem dificuldade de conviver com vizinhos, ter encontros espontâneos com desconhecidos, trocar informações e estabelecer relações com indivíduos de diferentes classes sociais (Barcellos, 104:1999).

Nunes, por sua vez, afirmou que o urbanismo racional de Brasília ‘segrega o território em função das faixas de renda’. Com isso, além de impedir a interação de diferentes segmentos da sociedade no espaço público, o cotidiano urbano é permeado de uma ideologia e uma prática específicas de determinada classe (Nunes, 2002:94), notadamente as camadas médias, com grande contingente de funcionários públicos e profissões ligadas à burocracia estatal.

É interessante que, embora não se tratasse de uma pergunta direta, durante as abordagens, não raros entrevistados teceram comentários acerca de Brasília²¹⁶. Enquanto alguns fazem referência à beleza e à qualidade do ar puro nas pistas de caminhada, outros se queixavam da dificuldade de se manter uma vida social ou de ‘arranjar’ um namorado. Uma moça, praticante de caminhada, relatou ter um grupo de amigos, o que a ‘consolava’ do fato de estar ‘sem namorado’: *‘pelo menos isso: se não tivesse amigos, aí era demais, não ia nem sair de casa...’* (Sônia, 25 anos). Por outro lado, muitas pessoas referiram possuir grupos de amigos e uma vida social significativa, portanto, apesar de terem chamado atenção, essas ‘queixas’ não representaram um elemento que se possa generalizar.

²¹⁶ Esses comentários não têm a finalidade de traçar um painel do tipo pesquisa de opinião. Apenas surgiram durante as entrevistas, que se referiam à outra temática – corpo – e são ilustrativos de elementos tratados na literatura acerca da cidade.

3.4 Pistas da Asa Norte:

Embora possuindo suas especificidades, esses três locais são aqui denominados, em bloco, ‘pistas da Asa Norte’, pois as características semelhantes apresentaram-se mais relevantes que as diferenças. O Parque Olhos D’água é melhor aparelhado, contando com equipamentos de ginástica para alongamento e fortalecimento, quadros com imagens de exercícios, uma pista de 2100 metros contínua e com marcas de metragem. No quiosque próximo à Administração também ocorrem aulas de ginástica e outras atividades, gratuitas. Há praticantes, porém, que preferem as calçadas das quadras ao parque. Embora descontínuas, possuem mais sombras de árvores - *‘não posso tomar sol’*, afirmou uma entrevistada – e um terreno mais plano, enquanto no parque há ladeiras íngremes.

O ‘eixão do lazer’ é compartilhado por caminhantes, ciclistas, patinadores, crianças, de bicicleta e velocípede, ‘cadeirantes’ (usuários de cadeiras de rodas), em todos os casos, desde atletas, praticantes regulares até pessoas que vão passear, sem o objetivo da atividade física. É também um espaço de lazer das famílias, pois os domingos e feriados são dias de ‘folga’²¹⁷. Ao longo da via, vendem-se água e água de côco, expõem-se tendas de promoções publicitárias, verifica-se a pressão arterial e obtêm-se informações sobre saúde e atividade física. As pessoas que não gostam de caminhar no eixão afirmam ser um espaço muito inóspito, ‘muito cimento’, ou ‘sem graça’.

Nessas pistas, a maioria dos entrevistados constituiu-se de moradores da Asa Norte, pertence à classe média, numa faixa de renda familiar que se concentra entre um e três mil reais mensais, sendo que foram mais encontrados os níveis de escolaridade superior, completo e incompleto. Embora as pistas situem-se nas Quadras 400, moradores das 200 também caminham nelas, pois são as mais adequadas à prática, por serem as mais arborizadas e contínuas do lado ‘par’ da Asa Norte. No ‘eixão do lazer’ e no Parque Olhos D’água caminham pessoas de várias super-quadras da Asa Norte.

²¹⁷ Às vezes, ali são realizados eventos, tais como corridas ou comemorações, o que atrapalha os usuários comuns, que não são atletas das referidas competições.

Ao longo das quadras e no parque, todos os dias, de segunda a segunda, praticamente durante toda a manhã, com maior movimento entre 8:00h e 10:00h, quanto à tarde, entre 16:30 e 19:00h., a não ser que chova intensamente, a calçada das quadras 400²¹⁸ virada para as 200 torna-se repleta de praticantes de todas as idades, desde adolescentes a pessoas idosas, em diferentes ritmos, desde uma caminhada suave até a corrida. A maioria caminha e não corre²¹⁹. Como se trata de um local freqüentado por muitos pedestres, é fácil distinguir entre quem está praticando uma atividade física – geralmente vestindo roupas confortáveis de malha, ou *collants* semelhantes aos freqüentadores de academias, calçando tênis ou sandália de velcro – de quem está simplesmente indo comprar pão ou saindo de casa a pé.

Muitos caminham sozinhos, às vezes de *walk-man*, outros em dupla ou em grupos pequenos, colocando as conversas em dia, alguns levam o cachorro para passear ²²⁰. Há pessoas que caminham com pesos e bolas de borracha, para também trabalhar os músculos dos braços, muitos carregam uma garrafa d'água. No eixão é comum encontrar ciclistas bastante equipados. Como a prática exige uma certa disciplina, são mais ou menos as mesmas pessoas, todos os dias, eventualmente, algumas se cumprimentam, de modo que a caminhada é também um encontro de vizinhos. Os trajes são esportivos, geralmente mais despojados que os dos freqüentadores das academias. São comuns as camisetas largas, enquanto na mega-academia, sejam mais freqüentes, entre as mulheres, roupas mais justas e específicas para ginástica, e marcas de tênis mais caras, o que não quer dizer que não se vejam também nos espaços livres.

A procedência dos praticantes é muito variada, há naturais de praticamente todos os Estados do país, sendo muito raros os nascidos em Brasília²²¹. Observou-se também uma grande variedade de profissões, dentre as quais podem ser citadas: funcionário público, bombeiro, funcionário de empresas privadas, arquiteto, técnico de enfermagem, analista de sistemas, advogado, porteiro, professor da Fundação Educacional do DF, corretor de imóveis,

²¹⁸ Ver mapa do Plano Piloto de Brasília nos anexos.

²¹⁹ Foram abordados somente os caminhantes. Em primeiro lugar, por serem o objeto do estudo, pessoas 'comuns', não atletas propriamente ditos, de que se aproximam os corredores. Assim, a abordagem e colocação das perguntas ocorreu de maneira que a pesquisadora caminhava ao lado da pessoa.

²²⁰ No Parque, são proibidos os animais, assim como o bicicleta e *skate*.

²²¹ Ver tabela ao final deste capítulo.

manicure, técnica de 'Raio X', diarista, economista, professor universitário, jornalista, bancário, consultor, comerciante, músico, administrador de empresa, funcionário do Banco Central, Banco do Brasil, engenheiro, médico, veterinário, artesã, e até mesmo (duas) sociólogas, além de uma significativa parcela de estudantes e aposentados.

A resposta mais freqüente para a escolha do local para a prática da atividade física relacionou-se ao fato de ser '*próximo de casa*', em função da praticidade, '*estou sem carro*', afirmou um deles, além de ser '*de graça*', '*academia é muito caro*'. Além dos que não têm dinheiro para pagar uma academia, alguns relatam preferir a atividade ao ar-livre, considerando aquele um espaço de consumo e esnobismo, ou até mesmo insalubre: '*um monte de gente respirando ao mesmo tempo num lugar fechado*' e '*gosto mais de caminhar ao ar livre do que de academia*'. O prazer de se exercitar ao ar livre, num local agradável cheio de sombras, o contato com a natureza é freqüentemente apontado: a beleza das árvores, o canto dos passarinhos. Foram freqüentes exclamações como '*gosta*', '*sou apaixonada*', '*isso aqui é um paraíso*', '*é maravilhoso*', '*enquanto caminho, penso um monte de coisas*'. e outra: '*o ambiente é gostoso, você vê as mesmas pessoas, não sabe o nome mas já conhece*'. '*Caminhar aqui é um prazer quase sexual. Vejo olhos novos, de vez em quando recebo um sorriso*'. (Ari, 59 anos, médico aposentado) '*Fico pensando num monte de coisa, olhando as árvores, pensando como vou resolver os meus problemas. Vejo passarinho, uma flor. Isso distrai*'

Acontecem também cenas singelas tais como a presença de uma senhora de idade avançada sentada num banco de cimento ao longo da pista distribuindo 'bom dias' e pequenos folhetos com mensagens bíblicas de alguma instituição religiosa. Todos a conhecem e a cumprimentam. Uma das praticantes, de 23 anos, estudante de pós-graduação em arquitetura, cumprimentou-a efusivamente, afirmando: '*Eu adoro ela*'. Além disso, o estímulo trazido pelo movimento das pessoas trás uma sensação de segurança. Alguns mencionaram o perigo de caminhar em lugares desertos. Como a maioria caminha nos dias de semana, pois os finais de semana são reservados para compromissos sociais e familiares, durante os finais de semana, o

espaço fica *mais deserto, menos movimentado e ‘perigoso’*, na visão de alguns, e são vistas pessoas *‘desconhecidas’ e ‘esquisitas’*.

Outra característica a ser ressaltada é que Brasília, segundo Nunes, é uma cidade cujo *‘urbanismo racional segrega o território em função das faixas de renda’* (Nunes, 2002). Além disso impedir a interação de diferentes segmentos da sociedade no espaço público, o cotidiano urbano é permeado de uma ideologia e uma prática específicas de determinada classe. No entanto, apesar dessa indiscutível *‘segregação’*, típica da cidade, em função de sua gratuidade, as pistas da Asa Norte apresentaram alguma (não muita) heterogeneidade em termos de níveis sócio-econômicos dos frequentadores. Encontraram-se dentre os moradores, não somente altos executivos, profissionais com pós-graduações mais variadas, mas também residentes de apartamentos mais modestos das quadras comerciais, assim como pessoas que lá trabalham, ou seja, até, além de porteiros, domésticas, e pessoas que não concluíram nem mesmo o primeiro ciclo do Ensino Fundamental, dificilmente encontráveis numa academia do Plano Piloto

A resposta à pergunta se a pessoa sente prazer durante a prática da atividade foi positiva na maioria das vezes, sendo que muitos afirmaram sentir muito prazer. Raros afirmaram que aquilo era um sacrifício, e houve também afirmações do tipo: *‘no início, dá preguiça, mas depois é um prazer’*. Muitos referem algum tipo de desconforto físico, ou simplesmente *‘falta’* de alguma coisa, no dia que não praticam, outros dizem que não sentem nada demais. Nesses casos, ao contrário do que ocorre nas academias, não existe orientação de um profissional para a prática. Entretanto, como a maioria dos praticantes pertence às classes média-média e média-alta, possuindo acesso a informações acerca de saúde, muitos deles frequentem consultórios médicos periodicamente. São pessoas que se sentem bem praticando atividade física sem um vínculo institucional e que se consideram capazes de alcançar uma disciplina suficiente sem ter que pagar por isso.

Dentre as principais motivações referidas para a prática, esses voluntários relataram a saúde e a beleza, e as outras foram a *distração e, o contato com a natureza*. A busca de saúde e bem-estar enquanto motivação principal é confirmada, pois quando deixam de caminhar,

referem desconforto físico, *'sentem falta', preguiça, falta energia, pesado, irritado, horrível, pula uma etapa do dia, dores, falta de fôlego, angústia, culpa*. Há quem tenha respondido não sentir *'nada demais'*. Quase todos caminham ou procuram caminhar com regularidade, transformando essa atividade num hábito que se incorpora à sua rotina.

alguns retratos:

Ilka, 53 anos, socióloga, renda familiar mensal entre R\$3000 e 5000,00. Natural de Minas Gerais, vive em Brasília há 25 anos. Lê a Revista Carta Capital, e jornais, mas diz que o *'Correio Braziliense'* está cada dia pior e que a Folha de São Paulo é outra *'porcaria'* Gosta de ir ao cinema, de preferência na Academia de Tênis, teatro, shows e de viajar nas férias. Não professa nenhuma religião, milita na política partidária. Freqüenta restaurantes naturais, bebe cerveja e *whiskie*, e a comida preferida é massa, mas está fazendo dieta no momento. Caminha para se sentir bem, pela saúde física, mental, e emocional. *'O corpo começa um processo de envelhecimento, isso não me agrada, mas também é um processo de você acostumar a aceitar a natureza. Se tiver algo pra me ajudar, a minha alimentação é cara, como algas marinhas...'*(...) *'Acho (plástica) um risco desnecessário. Lógico que eu gostaria (de mudar alguma coisa no meu corpo), mas não perco tempo em buscar essas coisas. Agora, por exemplo, estou me achando linda, maravilhosa'*. *'(Acho bonito) a pessoa se assumir, assumir sua vida, suas coisas, não ter vergonha de ser assim. A Fernanda Montenegro nunca ter feito uma plástica, chiquérrima, poderosa!'*

Regina, 36 anos, corretora de imóveis e síndica de seu prédio, nível médio completo. Natural de Goiás, reside em Brasília há nove anos. É católica praticante, gosta de ler romance, Correio Braziliense e revistas (Galileu, Superinteressante, Istoé). Gosta de caminhar nas pistas porque é *'próximo de casa'*, quando caminha, sente-se *'mais animada para o dia'*, e quando não vem, sente que *'fica faltando alguma coisa'*. Não está satisfeita com o corpo e não tem coragem de colocar *bikini* na praia. Tem vontade de fazer uma cirurgia plástica, mas não tem coragem. Gostaria de *'reduzir braços, levantamento do rosto (lift) e pálpebras'*. Queixou-se de sua vida social: *'aqui em Brasília é um lugar que é péssimo para isso. Tenho só duas amigas, a gente*

se encontra muito raramente. Não me acostumei a morar aqui. Meu sonho é sair daqui de Brasília. Para ela, felicidade é 'saber que as pessoas gostam de você, é muito importante se sentir amada, quando você não se sente amada, não se sente em paz'.

Ana Cláudia, 25 anos, arquiteta, cursando pós-graduação na UnB, natural do Pará.

'Acho que quanto menos você mexer no corpo, melhor. Se Deus deu assim... Mas, mesmo assim, ela diz: 'Nunca fiz plástica, mas gostaria. Bem que você podia sortear uma plástica pra o pessoal que está te dando entrevista, hein? Tenho até um amigo que está se tornando um cirurgião plástico. Já falei pra ele, no futuro você vai fazer um descontinho pra mim, mas foi brincando'. (sobre os riscos de uma cirurgia). Ontem os caras esqueceram dois negócios na barriga de uma moça em Goiânia. Hoje, a formação acadêmica é duvidosa devido à quantidade de faculdades particulares sem registro no MEC.

Ronaldo, 62 anos, maranhense, jornalista aposentado. Professa a religião espírita, vai freqüentemente à sua chácara. Gosta de roupas 'esporte', pois trabalhou 35 anos 'de paletó e gravata'. Caminha pela saúde, não tem um segundo motivo, 'é saúde e acabou'. 'Questiono tudo. Não acredito na medicina, um organismo não é um homem. Também não sou Testemunha de Jeová. Para ter saúde, é importante ter uma cabeça boa, se cuidar, não exagerar em comer, beber, fumar'. Tem prazer em ver a natureza, as pessoas, quando não vai, fica aborrecido. Diz que a beleza tem muita importância para o sucesso, 'num país racista, como o nosso', mas não no amor, pois uma mulher 'não precisa ser padrão de beleza, pode ser fisicamente linda, linda por fora, mas na cabeça só tem cocô'. Para ele, 'essa coisa do que é brega, cafona isso é criação de marketing, da mídia, isso não existe. A mídia cria padrões de comportamento, o mercado. Você vive seu eu, sua vida, contanto que não atrapalhe os outros. Você pode ser chic de várias maneiras, saber falar, se expressar'

Mônica, 37 anos, natural de Minas Gerais, corretora de imóveis, cantora de uma banda, como hobby. Tem nível médio completo e ganha entre R\$1000,00 e R\$3000,00. Caminha, em primeiro lugar, pela saúde, em segundo, pela beleza, em geral, gosta, porque é perto de casa, quando não vai, sente muita falta e dor nas pernas. Tinha complexo, na infância, por ser muito

magra, *‘era muito nova e insegura, ficava muito magoada, me sentia muito mal, quando me chamavam de Olívia Palito, no colégio’*. Hoje está satisfeita com seu corpo, gostaria apenas de fazer um tratamento dentário de limpeza: *‘Não quero ficar com bundão, peitão. A mídia que cria isso para a mulher e a mulher fica altamente infeliz por causa disso. Já amamentei três filhos e não tenho a menor vontade de botar silicone. Você se preocupa demais com o corpo e acaba esquecendo isso aqui (faz um gesto apontando o indicador para a cabeça).’* Quando estou bem, alegre, irradiando as pessoas, as pessoas me olham muito. Acha bonitos, da mídia, o Andy Garcia e o Antônio Banderas, e a Suzana Vieira: *‘ela é linda e feliz, alegre, simplesmente isso, e mais nada. A felicidade se reflete nela toda. No amor, não vê muito ‘a aparência física’, vê ‘o que o homem tem para oferecer em termos de maturidade, cabeça. Já fiquei com feios ótimos. Ficante, não. Tem que ter mais respeito, carinho’*.

Silvia, 38 anos. Jornalista, natural de Goiás, faz doutorado em História na UnB, renda mensal entre R\$5000,00 e 10000,00. Caminha e faz yoga, *‘pra cabeça, pra relaxar, é importante pensar no corpo junto com a cabeça, trabalhar a respiração’*. Quando não vai, sente culpa. Gostaria de emagrecer. *‘dizer que uns kilos a mais não me incomodam, incomodam, sim. O tempo inteiro se fala disso. A mídia é perversa. Eu tento não me submeter à escravidão. Minha vizinha de 60 anos acabou de fazer plástica. Sou muito auto-crítica. É um apelo mercadológico fetichista. O corpo é uma mercadoria, tem valor de troca nesta sociedade. Esse corpo das modelos de passarela me dá uma certa aflição, tenho a impressão de que elas estão doentes. Acho doentio. Pra mim, são mulheres-objeto, sou feminista, né, isso me repudia. Acho que os neurônios são mais importantes que os hormônios’*. Você pode estar com uma roupa velha e estar elegante, isso vem de dentro.

Rubem, 50 anos, natural do Rio de Janeiro, renda mensal entre R\$5000,00 e 10000,00, funcionário público, formado em direito. Gosta de viajar nas férias, para Trancoso (Bahia). Lê notícias pela *internet*, Correio Braziliense, e outros. Leu a Veja por dez anos, mas *‘cansei, ta*

muito direcionada'. Caminha por saúde, e pela 'azaração²²²'. Não gosta de engordar, 'roupa apertada dá um incômodo', gostaria de perder um pouquinho da barriga.

'nas academias, as pessoas se vestem para o verão. Estão nas vitrines, todo mundo se transforma em mercadoria. Você entra na internet, as pessoas se descrevem, é cada uma se descrevendo do melhor jeito ,quase nunca corresponde à realidade. A atração é questão de sentir ou não sentir. Não faz diferença, no final das contas, os gordinhos, magrinhos, todo mundo ta se encontrando, tocando a vida, amando, namorando. A internet parece uma prateleira de açougue onde as pessoas vão comprar carne. Em determinada faixa etária, 90% das pessoas vão às compras, outra faixa vai à procura do outro, da sua cara-metade'.

Marcos, 64 anos, natural de Minas Gerais, militar aposentado, renda mensal entre R\$5000,00 a 10000,00. 'Católico Apostólico Romano', participa ativamente da Igreja e faz trabalho filantrópico junto a dependentes químicos. Lê o Correio, a Veja e uma revista da Igreja. Gosta de música romântica, dos anos 1960 e de tomar cerveja. Acha bonita a Ana Paula Padrão, 'até no nome ela é padrão', e fora da mídia, minha esposa, a vovó mais bonita de Brasília. Sou casado com ela há 39 anos e sou apaixonado até hoje. A Revolução de 1964 foi a melhor coisa que aconteceu para o Brasil, aconteceu no momento certo'. 'Caminho pela saúde, disposição física, em segundo lugar pela beleza. A vaidade é um combustível para viver. Sinto bem estar, medito enquanto caminho, tenho prazer de ver as pessoas e dar bom-dia.

Regina, 30 anos, natural do Sergipe. Formada no curso técnico de instrumentadora cirúrgica, está sem trabalhar no momento, veio para Brasília por causa da transferência do marido, que é militar. Além de jornais e revistas 'Veja' e 'Isto é', lê 'Boa Forma'. Colabora com movimento filantrópico e participa de reuniões culturais e aulas de corte e costura. Como lazer, frequenta o Parque da Cidade, o Expo-Center e shoppings. Gosta de caminhar no eixão, porque na reta é mais gostoso. No início sente 'uma mistura de desanimação com cansaço, depois fica gostoso'. Se falta, sente-se péssima e cheia de culpa, 'o organismo pede'. Sente-se mal para colocar uma roupa e sair com o marido, que por ser militar faz muito exercício físico: fica

²²² Azaração (gíria): ato ou efeito de azarar, paquera; azarar: cortejar, paquerar (Ferreira, 1999:245).

parecendo ‘três laranjas dentro de uma meia’, (como se fala em SE). ‘Quando estou me sentindo gorda, só o fato dele (maricdo) colocar a mão, eu tiro, porque acho que ele está sentindo as gordurinhas que estão sobrando’. E lamenta: ‘na classe alta a mulher tem filho e nem parece é tanta estética, tanto produto, tecnologia... a gente que tem uma renda baixa tem que malhar muito. Você vê a Carla Perez, não gosta de academia. Clínica estética faz um bem psicológico, só por você estar ali dentro mexe com o corpo todo.’ Acha bonita a Sheila Carvalho, porque ‘a baixinha tem um corpo lindo’, mas de rosto ‘poderia ficar com o meu’.

3.5. suburbano coração

Os projetos urbanísticos não dedicam, certamente, a mesma atenção, no que diz respeito à Arquitetura da Paisagem, às diferentes regiões de uma cidade, segundo seu referido *status*. Como em outras cidades brasileiras, a periferia de Brasília não é tão bem servida de equipadas áreas de lazer, natureza, sombra e ar puro quanto as valorizadas quadras do Plano Piloto. No entanto, as calçadas de todas as outras Regiões Administrativas do Distrito Federal apresentam-se repletas de praticantes de caminhada pela manhã e fins de tarde. Sob determinado ponto de vista, às ‘satélites’²²³ pode ser atribuída a condição de ‘subúrbio’. O termo possui conotações antagônicas, pois pode tanto ser tido como um ‘ideal’ – os *suburbs* dos países ricos ocidentais sugerem, para as pessoas de renda média, um estilo de vida perfeito, que combina o melhor da vida rural e urbana excluindo seus defeitos – quanto parecer zombar desse ideal, à medida que a palavra *suburbia*, um neologismo de criação recente, traz a idéia de *carência* da civilidade que caracteriza e é sinônimo de ‘cidade’²²⁴ (Tuan,1980:261).

Se, de um lado, nas antigas cidades de porte médio dos Estados Unidos, junto à visível deterioração das áreas do centro, os subúrbios (...) adquiriram riqueza e charme, de outro,

²²³ As regiões Administrativas do Distrito Federal situadas fora do Plano Piloto e dos Lagos são historicamente denominadas de Cidades-Satélite, embora esta expressão possua uma conotação pejorativa e seja criticada.

²²⁴ Cidade significa civilidade. A palavra civilização foi cunhada pela primeira vez no século XVIII. No começo significava simplesmente a civilidade e a urbanidade que se espera encontrar em companhia dos moradores da cidade (Tuan,262).

historicamente, chamar alguém de ‘sub-urbano’, sem significar um camponês inculto, referia-se, literalmente, a ‘não ser tão urbano, ser menos urbano, não tão civil, não plenamente civilizado’. Isso porque o centro da cidade costumou reter os cidadãos mais ricos e o *status* cultural, o subúrbio permaneceu, metaforicamente, *fora dos muros* (idem:262). No caso de Brasília, assim como nas outras cidades brasileiras do mesmo porte, a idéia de subúrbio utilizada para denominar as satélites refere-se a essa última conotação, ou seja, como um sinônimo de periferia²²⁵ (enquanto os condomínios de casas de classe média se aproximariam da idéia de subúrbio das cidades norte-americanas).

Ao indagar ‘como as práticas sociais, crenças e valores dos e das habitantes da *urbe* contemporânea se materializam no desenho urbanístico das cidades brasileiras’, Mori-Cruz observou que, em Brasília, a idéia ‘de que pensamento social do espaço seria capaz de resolver as injustiças da sociedade brasileira não se efetivou’. Embora tenha sido concebida por Lúcio Costa e Oscar Niemeyer, humanistas que certamente tinham em mente uma relação menos desigual da população com o espaço urbano, o que ocorreu, ao contrário, foi que ela ‘trouxe o revés da moeda: uma dinâmica urbana ainda mais perversa, uma vez que a segregação social é também espacial, o que acaba por resultar em falsas imagens, com a de ‘ilha da fantasia’ (2003:102). Desse modo, como toda cidade de países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento, Brasília apresenta uma dinâmica espacial decorrente da segregação social, nas quais, embora não seja o único, o padrão centro-periferia é o mais comum (Mori Cruz, 2003:152). Nas ‘cidades-satélites’, os espaços livres resultaram de uma decisão política de não repetir, na periferia, o desenho, as soluções e os padrões urbanísticos do centro, ou seja, das superquadras do Plano Piloto, cujos custos foram muito superiores às práticas mais corriqueiras de urbanização. A criação de Taguatinga, por exemplo, repete esquemas similares aos de loteamentos de baixa renda promovidos, na época, pela iniciativa privada, em diversos pontos do país (Barcellos, 1999:104).

²²⁵ Evidentemente, o termo subúrbio aplica-se a situações bastante distintas, conforme a cidade, e está sendo utilizado para as satélites como uma referência possível, visto que, tanto o Plano Piloto quanto a periferia de Brasília representam uma configuração urbana *sui generis*, dificilmente passível de comparação com qualquer outra, mas, em todo caso, há alguns elementos que permitem essa aproximação. A fim de exemplificar um outro subúrbio, da megalópole paulistana, peço licença para outra citação de Gilberto Gil: ‘sou *punk* da periferia – sou da freguesia do ‘ó’, óóóóó aqui pra vocês, sou da freguesia ...’

Um primeiro aspecto a ressaltar, nas cidades-satélites, diz respeito à sua diferença de condições para a realização do lazer e recreação, em relação às oferecidas no Plano Piloto. Como já foi dito, ‘embora simplesmente a existência de locais adequados não seja determinante para a prática e utilização dos mesmos, ela indica as possibilidades e limitações em relação às atividades a serem ali realizadas’ (Barcellos, 1999:116), de modo que, no ‘subúrbio’, essas possibilidades são totalmente diversas dos espaços das camadas médias da população de Brasília. Nas cidades-satélites, a situação dos espaços livres públicos destinados às necessidades cotidianas da população nas áreas residenciais é insatisfatória. Isso não se deu por falta de previsão, mas por uma generalizada carência e precariedade de espaços livres.

Resguardadas as particularidades de cada uma das satélites, elas resultaram, em geral, num ambiente visualmente inóspito e carente de urbanidade, o que contribui para o enfraquecimento e rebaixamento das possibilidades de lazer e recreação. Há uma evidente precariedade de espaços livres, visto que foram construídas com uma infra-estrutura mais elementar. Quanto ao *hábito* de praticar atividade física, já que seus habitantes são pessoas de baixa renda, a questão do nível sócio-econômico deve ser também levada em conta. Em geral, migrantes recentemente estabelecidos, eles canalizam todas as suas energias e recursos para a construção de suas próprias moradias, tarefas que costumam ocupar até os fins de semana e envolver toda a família, dificilmente dispõe-se de tempo para o lazer, a não ser aquele que permite somente recuperar as energias perdidas (Barcellos,1999:117).

A despeito das dificuldades, entretanto, comparando-se com o Plano Piloto, isso não quer dizer que as atividades de lazer e recreação não sejam intensas. O que ocorre é que o lazer tende a se manifestar de modo diferenciado. No Plano Piloto, ele tende a se evidenciar, já que as práticas são mais formalizadas, sejam pelos trajes e equipagens utilizados, seja pelos lugares em que tais práticas ocorrem (idem:117). Em todas essas cidades - Taguatinga, Ceilândia, Gama, Guará, Paranoá - é possível encontrar praticantes em determinadas pistas, pela manhã e ao final da tarde. Na região do Cruzeiro - cujos moradores possuem um perfil sócio-econômico muito próximo dos do Plano Piloto²²⁶ - os caminhantes percorrem a pista que

²²⁶ No Setor Sudoeste e nas Áreas Octogonais esse perfil chega mesmo a ser idêntico.

circunda as Áreas Octogonais e o Sudoeste. De fato, Barcellos observou que nas áreas urbanas onde a população atinge um melhor nível de renda, as práticas de lazer tendem a se assemelhar às aquelas encontradas no Plano Piloto. O autor exemplifica sua afirmação por meio de uma fotografia de crianças patinando no Núcleo Bandeirante e pessoas caminhando numa pista da Ceilândia Sul (QNN 36-38). (Barcellos,1999:116-7).

3.6. A cidade do Paranoá

A cidade do Paranoá consiste numa Região Administrativa (R.A .) situada próxima ao Plano Piloto, mas que apresenta algumas das citadas características de uma região de periferia. Dentre elas, a condição de ‘cidade-dormitório’, referente às aquelas das quais parcela significativa dos habitantes trabalha em outro local, neste caso, o Plano Piloto, e muitas vezes fornecendo mão de obra para serviços de empregada doméstica, diarista, porteiro. Como outras R.As., ela possui uma história de intensa migração, principalmente da Região Nordeste do país. Convém esclarecer também que existe uma grande heterogeneidade social, e que nem todos os seus habitantes pertencem à classe baixa: há uma classe média significativa, de comerciantes locais e pessoas empreendedoras que ali construíram seus negócios e não desejaram se mudar, jovens que freqüentam faculdades no Plano Piloto, além dos moradores dos condomínios de classe média próximos, que utilizam, além das pistas e academias, o comércio e os serviços locais.

A aproximação da cidade do Paranoá durante esta pesquisa ocorreu nas pistas de caminhada, situadas próximas à Rodovia DF-0005. Pela manhã, por volta de 6:30 às 9:00h., e pela tarde, em torno de 17 h., o fluxo de praticantes de caminhada é intenso, constituído basicamente de moradores daquela região, mas foram encontrados também moradores dos condomínios adjacentes. Pelas ruas dessa cidade, vêem-se mais ciclistas que no Plano Piloto. Embora seja nítido que se trata de um meio de transporte, de modo semelhante ao que ocorre na China e na Holanda, seu contingente não é tão expressivo e também não há condições de segurança, pela inexistência de ciclovias.

Buscando um espaço livre de uma cidade-satélite, a escolha desse local deveu-se ao fato de que, embora próxima ao Plano Piloto, a cidade abriga uma população de nível sócio-econômico bem diverso do daquele, e devido ao grande contingente de praticantes de caminhada em uma pista construída recentemente com função de área de lazer. Após o contato com moradores, foi constatado que se trata de uma comunidade que já passou por diversos problemas desde seu surgimento, o que a tornou politicamente organizada frente à questão da moradia e da cidadania, o que trouxe aqui a necessidade de sua contextualização histórica.

Praticantes da pista que responderam ao questionário, durante a pesquisa participante, trouxeram informações relevantes acerca da história da cidade, o que suscitou o interesse pelo aprofundamento no tema. Também durante essa fase, a pesquisadora tomou conhecimento da academia ‘Furacão’, onde se deu continuidade à pesquisa, de modo que foram eleitos dois espaços diferentes naquela mesma cidade. Ao longo de uma das entrevistas, a caminhada estendeu-se além da pista, adentrando no ‘Parque Parque Urbano do Paranoá’. A moradora abordada relatou que a cidade antes ficava situada naquele local, época à que se referem como ‘Paranoá Velho’, mas que naquele tempo se chamava ‘Vila do Paranoá’.

Focalizando a participação popular na preservação do meio ambiente, com base no conceito de desenvolvimento sustentável, Lemos analisou o processo de urbanização no Paranoá. A Região Administrativa (R.A.) do Paranoá foi criada em 10-12-1964. No Censo do IBGE de 2000, possuía uma população de 54.928 habitantes. Em 2002, com as novas invasões, tenha ocorrido um aumento de 20.000 novos habitantes. Hoje, a cidade localiza-se à montante do Lago Paranoá, num espaço contíguo à barragem, a 25 quilômetros do Plano Piloto, e limitada pela Estrada Parque do Paranoá (EPPR – DF 005), ao sul e a oeste, a Estrada Parque do Tamanduá (EPTM – DF 015), ao norte, e a Estrada Parque do Contorno, a leste. A cidade é cercada por Áreas de Proteção Ambiental (APAs) e até 1997 estava inserida na APA do Paranoá. Um caráter peculiar desse assentamento é que, nele, qualquer intervenção deveria ser feita com o mínimo de impacto ambiental (Lemos,2002:10-106).

O Plano Diretor de Ordenamento Territorial de 1997 (DPOT- 97) definiu o Paranoá como 'zona urbana de risco controlado'. Isso porque essa cidade originou-se de uma obra que representou um impacto gigantesco sobre o meio ambiente, em 1957: a construção da Barragem do Paranoá, responsável pelo represamento das águas que deu origem ao 'Lago Paranoá'. O cerrado jamais havia presenciado tamanha agressão em toda a sua história. (idem, 106). Essa grande obra da época elevou o fluxo migratório para o cerrado, atraindo trabalhadores ao acampamento assentado na ombreira norte da barragem, abaixo da cota 1.100 metros. Originou-se aí a antiga 'Vila do Paranoá', hoje chamada de 'Paranoá Velho'. A vila não existe mais e deu lugar ao Parque Urbano do Paranoá, mas emprestou seu nome à cidade do Paranoá, construída próxima ao local original (ibidem:106).

Relativamente próxima ao Plano Piloto, entre as áreas sul e norte do Setor de Mansões do Lago, a Vila do Paranoá era um local atraente. Com uma bela paisagem e vista para o Lago Paranoá, representou esperança para a população que migrou de Estados do nordeste – principalmente do Ceará, Piauí, Bahia, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Alagoas, Sergipe – assim como de Goiás, Minas Gerais e Mato Grosso. Seus primeiros habitantes buscavam melhor qualidade de vida na capital do país e tinham como característica comum a luta pela sobrevivência (ibidem:110).

Em agosto de 1988 o então governador José Aparecido assinou decreto fixando a população da Vila do Paranoá. Ao longo de sua história, desde os pioneiros, os moradores encontraram sua identidade, conquistada através de uma prioridade comum, a luta pela moradia. Decreto de 1989 fixou os novos limites das R. As. do D.F. e regulamentou a R. A. do Paranoá. Iniciou-se a transferência e o assentamento definitivo da Vila do Paranoá, dado 'seu relevante interesse público e social' (termos do Decreto), o que originou o 'Paranoá Novo', a atual 'Cidade do Paranoá'. Toda a vila antiga foi desmontada, exceto a Igreja São Geraldo, tombada em 1993, hoje situada dentro do parque. O processo de mudança durou cerca de quatro meses, sendo que alguns lotes ainda estavam em situação bastante precária quando foram entregues a seus donos. Entretanto, os moradores não ficaram satisfeitos, pois além das 5600 famílias de habitantes da Vila, o governo tinha a intenção de assentar mais novas 3000.

Alguns moradores reivindicaram espaços maiores para seus lotes e finalmente conquistaram esse direito (idem:110). A proposta de ‘fixação’ transformou-se em ‘remoção’ dos moradores, de seu antigo habitat, para uma área próxima. ‘De cima para baixo’, o processo não consultou a população, que considerava possível fixar-se numa área que continha valores culturais construídos durante anos. (...) ‘O governo foi passando um trator sobre a história social daquela comunidade (...), ou seja, ao governo interessava a destruição política do grupo (...) desse modo, o Paranoá foi a ‘experiência piloto’ para a instauração do modo clientelista de governar Brasília’ (ibidem:136)

Por outro lado, segundo o relato de uma moradora, durante o governo Collor, ‘como ele morava no Lago Norte’, movido por interesses de *marketing* político, ele colocou recursos do Governo do Distrito na região, de modo que o Paranoá foi urbanizado em pouco tempo, e tornou-se mais avançado em termos de saneamento básico que outras Regiões Administrativas (ibidem 127). Situado numa área que não chega a ser ‘de risco’, mas ambientalmente sensível, o Paranoá fica muito próximo a um local que não foi previsto para ser ocupado ‘por essa gente comum’. Isso exigiu que a comunidade local se organizasse e lutasse pela obtenção do direito de habitar. Ao longo de sua história, os moradores tiveram o apoio de entidades de classe, tais como o Sindicato dos Arquitetos do Distrito Federal, assim como o local foi objeto de pesquisa de diferentes áreas da Universidade de Brasília, em que se destaca a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (F.A.U.), e de trabalhos do Governo Distrital. (Lemos, 2002:10).

‘por mais que você tenha consciência das coisas, tem hora que a necessidade fala muito alto. Agora, ninguém vai me convencer de que pobre não pode morar num lugar bom, num lugar bonito, uma paisagem como essa que nós temos aqui! Ninguém me convence disso!’ depoimento da moradora Maria de Lourdes Pereira dos Santos (Lemos, 2002: 102).

3.7 Pista do Paranoá

A pista de caminhada foi construída em 2003, às margens da rodovia DF-005, e recebe um fluxo intenso de praticantes, pela manhã e no final da tarde. Como se pode imaginar, o perfil dos moradores, não somente sócio-econômico, como cultural, é radicalmente diferente do daqueles que caminham na Asa Norte ou que ‘malham’ nas academias de ginástica do Plano Piloto. A maioria de seus praticantes, na verdade, trabalha no Plano, sendo que, muitas vezes, como empregadas domésticas e porteiros nas superquadras. É interessante, entretanto, que as questões ligadas à busca de manutenção da saúde, de uma melhor qualidade de vida e, obviamente, de uma boa-forma física, estejam igualmente presentes.

Durante a abordagem dos praticantes de caminhada das pistas, foram obtidas as primeiras informações acerca da história da cidade e da transferência (remoção), em 1983, do espaço do atual Parque Ecológico para o atual. Um assunto que se repetiu durante os encontros, tanto na pista quanto na academia, foi o aumento da violência. Um dos entrevistados referiu-se à cidade, no passado, como um lugar *‘muito tranquilo e pacífico’*, onde *‘todos se conheciam’* e que hoje estava *‘tudo mudado’*. Uma das entrevistadas afirmou caminhar somente na pista, e não no Parque ao qual ela dá acesso, um lugar muito bonito, por sinal, pois o último era um local perigoso onde teria ocorrido recentemente um assassinato por atentado à bala.

Os Estados de procedência dos praticantes foram Ceará, Piauí, Bahia, Minas, além de praticantes nascidos na própria cidade ou em outra do Distrito Federal. Todos, com exceção de um, que residia num condomínio de classe média da região, residiam no próprio Paranoá. As profissões encontradas foram: costureira, dona de casa, merendeira, aposentado, estudante, esteticista, empregada doméstica, diarista e funcionário de supermercado. A renda variou entre R\$0 a 500, R\$500 a 1000, e alguns R\$1000 a 3000,00, e os níveis de escolaridade encontrados variaram entre 1º grau incompleto, até a 4ª ou 6ª série, 1º grau completo e 3º grau incompleto (morador de condomínio próximo).

Dentre os motivos referidos pela escolha do local, alguns entrevistados responderam: *‘próximo de casa’*, *‘é a melhor (pista) que tem, antes era na pista (na beira da estrada)’*;

‘mais fácil’, ‘mais movimentada, tem (outros) lugares que são perigosos’ (também foi citada como perigosa a pista próxima à Rodoviária do Paranoá), ‘tem uma subida, onde faz mais esforço, sua mais’. Praticamente todos referiram sentir prazer durante a caminhada. Uma das entrevistadas comentou: *‘tem dias que estou ansiosa e quero acabar logo, por causa da ansiedade’, mas também que, quando não vai, sente ‘dor no corpo, um vazio e mais vontade de comer’.*

Os motivos citados para a prática de atividade física foram a saúde, além de afirmações como: *‘não posso ficar parada nessa idade, tomo muito remédio que fez inchar’, ‘tomo remédio controlado’, ‘por indicação do cardiologista’, e ainda a beleza, a necessidade de perder calorias e o bem-estar, para ‘manter o corpo em forma’, ‘porque é muito bom, pra saúde, pra tudo, a gente se sente muito bem’ e ‘me sinto mais sadio’.*

Alguns retratos

Railda, 36 anos, natural do Ceará, veio para o DF quando criança. Tem primeiro grau completo, é merendeira da Fundação Educacional, renda mensal entre R\$500,00 e R\$1000,00. É católica praticante. Faz caminhada por indicação médica. Teve depressão, fez psicoterapia no HUB. Engordou muito após ter tomado remédio controlado, indicado pelo psiquiatra. Gosta do lugar por ser *‘mais movimentado, aqui (no Paranoá) tá muito perigoso’.* Sente prazer enquanto caminha, mas tem dias que está mais ansiosa, e quer acabar logo. Quando falta, sente dor no corpo, por causa da ansiedade, um vazio, uma vontade de correr. Acha que está lhe fazendo bem, pois agora não fica mais gripada. Para uma boa saúde, acha importante a alimentação e o exercício físico. Frequenta o clube dos funcionários da FEDF e gosta de ir passear na torre (de Tevê). A beleza não influencia no seu trabalho. É concursada, então, lutou para entrar, entrou, e não cresce. *‘Não sai da mesma coisa. Fica como merendeira pro resto da vida’.* Acha que ninguém é feliz, se está gordo: *‘nunca vi uma gordinha dizer que é feliz. Eu conheço várias’.* Esse padrão de beleza a deixa frustrada, *‘fico pau da vida, porque não tem condição de uma seca daquelas não comer. Com tanta coisa gostosa... a vida também não é só dizerem, ah, você é bonita, e nunca poder comer uma coisa legal. Aquela sequidão*

delas é muito difícil (de alcançar)'. Gosta de arrumar a casa, de decoração. 'Chic', para ela, é 'pegar seu esposo e ir pro cinema'. 'Tem coisa que eu gosto e que eu faço e outras, que não faço, porque não posso. Uma coisa que eu gosto, e faço, é cozinhar. Outra, é ir ao teatro, assistir orquestra. Não tenho tempo nem verba pra ir. A gente acaba deixando o lazer pra depois'.

Lourdes, 53 anos, costureira. Natural do Piauí. Estudou até a quarta série primária, renda mensal de aproximadamente R\$1000,00. Caminha há dois anos, por indicação médica, pois foi atropelada por uma moto (atendida no Hospital do Paranoá). Diz não ter nenhum lazer, só vai às vezes à casa do filho e cuida de sua netinha. Gosta de música caipira. Não gasta nada com beleza, porque sua filha é cabelereira. Acha que para ter uma boa saúde é só nunca ultrapassar os limites, e se cuidar. Para ela, um homem bonito tem que ter um físico bem-feito, educação, jeito de falar, moral, modo de tratar as pessoas. Mulher, a mesma coisa, *'só não pode ser barriguda'*. *'Já teve muita mulher bonita, hoje estão tudo derrubadas. A Angélica, tá mais caidinha'*. No seu trabalho, o que exerce influência é a simpatia (não a beleza). Brega, para ela, é a pessoa gostar de se apresentar, de ser, o que não é, e *chic* é a pessoa que trata bem as outras, é educada, não faz vergonha aos outros.

José, 54 anos, residente num condomínio próximo ao Paranoá. Natural de Minas Gerais, nível superior incompleto, técnico de indústria aposentado. Renda familiar entre R\$1000,00 e 3000,00. Católico, *'mas acho que Deus é um só'*. Frequenta a Igreja Batista também. *'Todas as religiões são boas, depende do coração de cada um'*. Gosta de música sertaneja. Sente prazer em caminhar, com isso, busca a saúde. Se pudesse, faria plástica no rosto. Alimentação e exercício físico *é tudo*. *Se fosse nascer de novo, queria nascer negro. Se eu fosse um cara rico, tinha meia dúzia de mulheres. Se todo cidadão fosse igual a mim, o Brasil tava diferente. Denuncio, batalho. Se dependesse de mim, o Ronaldinho tava ganhando um salário mínimo.*

3.8. Academia do Paranoá

A pesquisadora chegou até a academia 'Furacão' por indicação de praticantes da pista. Localizada à 'Praça Central', próxima à Igreja Santa Maria, funciona num pequeno prédio comercial, do qual se utiliza o térreo e o subsolo. No térreo há uma sala com chão revestido de colchonete apropriado, onde ocorrem as aulas de artes marciais – *karatê*, *kick-boxing*, *kung fu*, *tae kwon do* - e de ginástica localizada. No subsolo encontram-se os aparelhos de musculação. Não há ar condicionado e faz muito calor no ambiente. Os equipamentos de musculação são antigos, e não se comparam aos sofisticados da mega-academia. Contudo, funcionam sob o mesmo princípio, originário da 'mecanoterapia', que utiliza cargas com o objetivo de adquirir força, massa e resistência muscular.

A academia possui em torno de 220 alunos, 100 de artes marciais, 100 de musculação e 20 de ginástica localizada. Pelo preço de R\$30,00 (à época, 2003-4) é permitido praticar todas as modalidades oferecidas. No entanto, muitos alunos são bolsistas, pois a academia tem convênio com um grupo de jogadores de futebol da cidade. Há pessoas de diferentes faixas etárias, e de ambos os sexos, mas a grande maioria dos frequentadores é de homens que buscam as aulas de artes marciais, o 'carro-chefe' da academia. No período diurno (manhã e tarde), a maioria dos alunos é de rapazes jovens, estudantes, que buscam na musculação um meio para atingir a forma corporal desejada, assim como um 'passatempo', um local para se distrair. As aulas de ginástica localizada são frequentadas somente por mulheres, constante que se repete nas academias de todos os preços, relatada por outros pesquisadores. A musculação também é frequentada por mulheres, assim como as artes marciais, principalmente a capoeira. Uma das alunas comentou: *'capoeira é a minha paixão. Já até tentei largar, mas era só ouvir um roda, o berimbau tocando, e o sangue fervia.'*

O proprietário, Raimundo, maranhense, tendo iniciado como praticante e instrutor de *karatê*, é formado em Educação Física pela Universidade Católica de Brasília. Abriu a academia desde 1985, oferecendo *karatê* e ginástica localizada. Ela é um exemplo das primeiras academias de ginástica do Brasil, cujo proprietário é o próprio professor de Educação Física. Segundo ele, *'95%' dos alunos que procuram a musculação estão buscando*

performance, no sentido de um padrão estético forte, sarado, e apenas 5% buscam a saúde'. As praticantes de ginástica localizada, todas mulheres, buscam a boa-forma sob o aspecto estético. Comentou que os homens não fazem ginástica localizada, pois consideram essa aula 'coisa de mulher'. Os que freqüentam as artes marciais, na maioria das vezes procuram a academia visando à auto-defesa. Porém, ele relatou uma mudança quanto a essa motivação, pois de 'uns tempos pra cá os pais começaram a colocar seus filhos em aulas de artes marciais, visando o esporte e a recreação'.

Com os alunos, Raimundo destaca a importância da atividade física voltada para a saúde e pede que não façam uso de anabolizantes. Segundo ele, essa questão é de grande importância em todo o mundo. Ele não acredita que consiga conscientizar ou convencer a todos, mas pelo menos acha que pode diminuir esse comportamento pela orientação: *'Se (eu) começar a exigir muito, eles saem da academia, porque hoje a moda é estar fortão. Quem não está assim não arruma namorada. Arrumar, até arruma, mas com dificuldade. Tanto homem quanto mulher. O homem procura mais crescer fisicamente e a mulher, reduzir medidas, perder gordura'. Ele se queixa de que as pessoas querem resultados muito rápidos, e se esquecem de que 'ficam dez anos engordando e querem perder tudo em um mês'. E acrescenta: 'Você pode até perder com endocrinologista, e perder a saúde também. O endocrinologista, na verdade, eu não condeno, eu até oriento os alunos a procurarem, se vão tomar remédio, mas o que eu mais indico é o nutricionista. Senão você emagrece tudo em um mês, parou o remédio e volta tudo em dobro. Além do que ninguém segue à risca as orientações do médico'.*

Dentre os alunos entrevistados, a maioria era de jovens, estudantes, com renda familiar de até R\$500,00, alguns entre R\$500 e R\$1000,00, tanto com 1º quanto 2º graus completos. Foram também encontradas as seguintes profissões: balconista de farmácia, vigia, jardineiro, 'cuidador' de pessoa idosa, operador de caixa de supermercado e uma moça analfabeta, recém-chegada à cidade.

A maioria dos alunos disse sentir prazer em malhar e ficar, de alguma maneira incomodado, quando não vai, sentindo *'falta'*, *'desânimo'*, *'no outro dia parece que já sequei'*, *'pareço ter perdido um pouco de estrutura física, em termos de dia-a-dia, o dia não fica legal'* e *'agoniado'*, ou *'nada demais'*.

Apesar da diferença gritante entre os níveis sócio-econômicos de seus freqüentadores e proprietários das academias pesquisadas, há pontos em comum, tais como os objetivos dos alunos, assim como a confiança no serviço contratado, ressalvadas suas respectivas possibilidades materiais, como será acrescentado adiante. Em ambas, a motivação principal é a busca da boa forma ligada a uma busca de um ambiente de socialização, somada à certeza de que optaram pelo que há de melhor no mercado, auxílio de profissional especializado, dentro das condições que lhe são permitidas pagar por isso. Portanto, ainda que exista um abismo entre elas, observa-se que em ambas está presente a idéia de distinção. Enfocando o universo do Paranoá, tanto o carisma do proprietário quanto o fato dele possuir curso superior em Educação Física e demonstrar preocupação com determinados critérios, trazem um diferencial positivo em relação às outras academias da cidade, segundo os próprios freqüentadores.

Uma característica peculiar da academia reside na importância da relação pessoal dos alunos com o proprietário²²⁷, o que representa um dos motivos da escolha da mesma. Foram freqüentes, entre as respostas às perguntas relativas ao porquê da escolha por esta academia, visto que existem pelo menos 3 outras na cidade, as alusões ao fato de Ribamar ser muito *'gente fina'*, e que *'as outras até são boas, mas esta é a melhor'*, ou *'eu dou nota 1000 pra ele'*.

²²⁷ Como será descrito adiante, na academia de elite, essa relação, totalmente institucional e impessoal, está ligada a uma *empresa, produto, ou marca* de confiança, e não a uma pessoa. Ao invés de profissional da área, a proprietária assume o papel de empresária, que assegura estar contratando os melhores professores do ramo e desempenhando funções gerenciais, e seu nome ou pessoa não foram sequer mencionados pelos freqüentadores.

Alguns retratos

Júlio, 17 anos, nasceu no Paranoá. Renda (da família) até R\$500,00. Gosta de jogar bola, tem bolsa na academia, pois ela patrocina os jogadores de seu time. Cursa a 8^A. série, é 'crente', frequenta o grupo jovem da Igreja Universal. Lê o Correio e o Galo de Briga, jornal da cidade. Gosta de funk e malha (musculação) 'para ficar com o corpo definido'. Acha feio pernas finas, queria ter massa muscular, mas isso não incomoda muito. Acha importante, para a saúde, a alimentação, tomar cuidados, não pegar muito sol, muita poeira. Acha bonitos, dentre as mulheres, a Camila Pitanga, e homem, Rodrigo Santoro.

Edson, 31 anos. Chefe de segurança, tem 1^o. grau completo e estuda para concurso. Frequenta a Igreja Sara Nossa Terra e não bebe. Acha importante ter saúde, *para quando ficar mais velho, ter resistência. A vaidade é superficial, 'eu era muito, depois que eu entrei para a Igreja tudo mudou. Já cheguei a gastar R\$400,00 em suplementos e agora não tomo mais. Já tomou anabolizantes, parou. Mulher não precisa ser bonita de rosto, tem que ser bonita por inteiro, ser legal, humilde. Beleza física não é muita coisa, tem que ter caráter.*

Ana, 24 anos, maranhense, está em Brasília há um ano, por causa da irmã, é ela quem paga a academia. Só estudou até a classe de alfabetização (respondeu em voz baixa, demonstrando acanhamento). Renda até R\$500,00. frequenta a Igreja Universal. Gosta de *reggae*, de boate. *Malho porque estou gordinha, para o pessoal parar de falar mal. Gostaria de fazer uma lipo no abdome. Acha a Xuxa linda e o Daniel. O Ratinho não é bonito, mas ela gosta dele. Não posso fazer o que elas fazem (as mulheres da tevê). A gentee somos feinho porque não temos dinheiro. Tenho vontade de fazer uma lipo e não tenho dinheiro.*

3.9. O Não-Lugar

Surgidas da década de 1990 em diante, as mega-academias ocupam o outro extremo prisma. Situam-se, como as lojas de departamentos, em geral, dentro de *shopping centers*. Optou-se por não citar o nome da que foi pesquisada, visto que, estejam situadas em Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro ou Pequim, são praticamente idênticas, de modo que poderia ser qualquer uma delas. Isso remete à noção de globalização, definida como ‘o processo de constituição de uma economia-mundo através da integração dos mercados nacionais e do aprofundamento da divisão internacional do trabalho’ (Magnoli,2002:95). Ao longo do mesmo, ‘os territórios nacionais se transformam num espaço nacional de economia internacional e os sistemas de engenharia mais modernos, criados em cada país, são mais bem utilizados por firmas transnacionais que pela própria sociedade nacional’.

Uma consequência da globalização, apontada por Santos, é a de que ‘nossa relação com o mundo mudou’. Convém citar um trecho de sua obra, em que desenvolve a idéia de que, se antes, essa relação era permeada por um eixo entre o local-local, agora, ela é ‘local-global’:

‘Hoje, temos uma nova relação com o mundo, porque o vemos por inteiro. Através dos satélites, temos a imagem da Terra absolutamente inteira (Michel Serres). Nesse sentido, a globalização apresenta reflexos no sentido de fazer também descobrir a *corporeidade*. (...) O mundo da fluidez, a vertigem da velocidade, a frequência dos deslocamentos e a banalidade do movimento e das alusões a lugares e a coisas distantes revelam, por contraste, no ser humano, o *corpo*, como uma certeza materialmente sensível, diante de um universo difícil de apreender’ (Santos, 1997: 251).’

Santos atribui a esses acontecimentos o fato de que hoje, como afirmou Morin, cada um de nós pode ser compreendido ‘como o ponto singular de um holograma que, em certa medida, contém todo o planetário que o contém’ (ibidem:251). Os lugares são considerados, assim, ‘um intermédio entre o mundo e o indivíduo, (...)’, para quem a lógica do desenvolvimento dos sistemas sociais se manifesta pela unidade de tendências opostas à individualidade e à globalidade:

‘Realidade tensa, dinamismo que está se recriando a cada momento, uma relação permanentemente instável, e onde globalização e localidade, globalização e fragmentação são termos de uma dialética que se refaz com frequência. As próprias necessidades do novo regime de acumulação levam a uma dissociação dos respectivos processos e subprocessos, essa multiplicidade de ações fazendo do espaço um campo de forças multicomplexas, graças à individualização e especialização minuciosa dos elementos do espaço: homens, empresas, instituições, meio ambiente, ao mesmo tempo em que se aprofunda a relação de cada qual com o sistema do mundo (ibidem:194).

‘Cada lugar, à sua maneira, é o mundo. Todos os lugares, são, virtualmente, mundiais’ (idem:65). Mas também, cada lugar, inescusavelmente imerso numa comunhão com o mundo, tornando-se exponencialmente diferente dos demais. A uma maior globalidade, corresponde uma maior individualidade, fenômeno que G. Benko denomina ‘*glocalidade*’. Para apreender essa nova realidade do lugar, não basta adotar um tratamento localista, já que o mundo se encontra em toda parte. A história concreta de nosso tempo repõe a questão do lugar numa posição central (ibidem:252).

Com arquitetura e serviços praticamente idênticos em diferentes cidades do Brasil e do mundo, as mega-academias ilustram as afirmações acima²²⁸. Sem dúvida, trata-se de um espaço globalizado, pois, não importando em que parte do planeta, elas são todas muito semelhantes, o que ‘põe em xeque a noção de territorialidade’(Santos,1997:194). Santos referiu-se à ‘desterritorialização’, atribuindo-lhe alguns significados extremos, como o de suspensão do espaço pelo tempo ou o da emergência do que chamam de ‘não-lugar’ (Santos,1997:194).

A original noção de ‘não-lugar’ auxilia à compreensão do desenho arquitetônico e do *conceito* em que se baseia a concepção das mega-academias. Refletindo sobre ela, Augé relata a trajetória de um personagem fictício que, após inserir o cartão magnético, saca dinheiro do caixa eletrônico, ouve uma saudação da máquina (‘obrigada e volte sempre!’), atravessa Paris

²²⁸ Nos anos 1970, conforme se afirmou anteriormente, essa idéia dava seus primeiros sinais, quando, à ocasião da inauguração de uma academia, em Paris, afirmou-se que nela ‘você se sente em plena América’.

dirigindo seu carro, paga com cartão de crédito um pedágio, guarda na carteira o bilhete do estacionamento, deixa seu carro no subsolo do aeroporto, faz o *check-in*, livra-se das bagagens, desiste de comprar qualquer coisa no *duty-free-shop*, e, depois de embarcar no avião lê a seguinte resenha de livro numa revista da companhia aérea:

‘A homogeneização das necessidades e dos comportamentos de consumo faz parte das fortes tendências que caracterizam o novo ambiente internacional da empresa... Com base no exame da incidência do fenômeno de globalização sobre a empresa européia, sobre a validade e o conteúdo de um *euromarketing* e sobre as evoluções previsíveis do ambiente do *marketing* internacional, inúmeras questões são debatidas. (...) as questões propícias as desenvolvimento de um *mix* o mais estandardizado possível e a arquitetura de uma comunicação européia’ (Augé, 1994: 11).

Essa fábula hipermoderna ilustra que, se um lugar pode se definir como ‘identitário, relacional e histórico’, um espaço que não pode se definir por nenhum desses três elementos constituirá o ‘não-lugar’²²⁹. Auge considera a supermodernidade como produtora de não-lugares, isto é, de espaços que não são em si ‘lugares antropológicos’, e que, contrariamente à modernidade *baudelairiana*, não integram lugares antigos (ibidem:73). No entanto, ele adverte que opor o espaço simbólico do lugar ao espaço supostamente não-simbólico do não-lugar, seria uma definição negativa, e errônea, dos não-lugares (ibidem,77), (o que pode ser comparado ao equívoco do senso comum que não percebe evidentes as marcas da cultura no corpo de seus contemporâneos). Não se pode negar, portanto, a intensa carga de significados num espaço de passagem como o dos - impessoais e assépticos - aeroportos, hospitais, lojas de departamentos e mega-academias ... Sant’Anna observa, com procedência, a semelhança assumida, em várias partes do mundo, entre a decoração e a arquitetura hospitalar tornaram-se semelhantes às dos hotéis, aeroportos e *shopping centers*:

²²⁹ Sua definição pode ser comparada à oposição, estabelecida por Certeau, entre lugar e espaço: para ele, o último representa um ‘lugar praticado’, ‘um cruzamento de forças motrizes’, de modo que ‘são os passantes que transformam a rua geometricamente definida pelos urbanistas como lugar’. Outra possível comparação é com Merleau-Ponty, o qual diferencia o ‘espaço antropológico’, enquanto ‘espaço existencial’, do espaço meramente ‘geométrico’. O primeiro seria o lugar de uma experiência de relação com o mundo de um ser essencialmente situado ‘em relação com o meio’ (Auge,1994:75).

‘Espaços globalizados que incorporam a presença de jardins artificiais, pisos coloridos, quadros, salas de televisão, cabeleireiro, lanchonete, salas de espera com jornais e revistas’.
(Sant’Anna, 2001:31)²³⁰

Esses espaços fornecem um cenário adequado para a condição que assumiu o indivíduo, o grande protagonista do início da modernidade, após todas as transformações relatadas. Seu drama desenrolou-se em meio a onipresentes *canteiros de obras*, substituindo tudo que os precedia no instante anterior²³¹, concretizando na paisagem a o sentimento de insatisfação permanente, o próprio motor do movimento de destruição criativa. Se, no início, os canteiros descreviam somente cercas, calçadas, paredes e muros, a paisagem que os sucedeu é composta de avenidas, viadutos, arranha-céus e passagens subterrâneas, dispersas pelas megalópoles.

O ruído repetitivo das novas máquinas mistura-se ao odor exalado pelos ‘não-lugares’ que ali se anunciam: aeroportos, hipermercados, *shopping-centers*, mega-academias... E são esses símbolos que permitem o acesso àqueles ‘não-lugares’ - aeroportos, hipermercados, *shopping-centers*, e, dentro deles, as mega-academias. Todos espaços muito semelhantes, aparentemente desenhados pela mesma escola de arquitetura, compartilham uma impessoalidade reluzente: pés direitos gigantescos, vidros espelhados, grandes tubos aparentes de climatização do ar suspensos no teto, pisos assépticos, funcionários uniformizados, eventualmente calçando patins, roletas eletrônicas, câmeras, câmeras e câmeras, acompanhadas dos imprescindíveis cartazes que avisam: ‘SORRIA, VOCÊ ESTÁ SENDO FILMADO’.

O enunciado é dirigido a ‘você’, o que remete àquele tipo de percepção datada do início do projeto da modernidade, afinal, é o *indivíduo* que está sendo filmado. Pelo uso desse pronome, ainda se pode identificar a presença daquela idéia emblemática de uma era. No

²³⁰ A autora recorda que a palavra hospital vem do latim *hospes*, e sugere os termos hospedaria e hóspede(Sant’Anna, 2001:31)

²³¹ A imagem dos canteiros de obras é apresentada por Berman (1987)em ‘Tudo o que é sólido desmancha no ar’.

entanto, esse indivíduo é radicalmente diferente daquele sujeito soberano do Iluminismo e dá sinais de uma iminente auto-destruição. Se, para seu surgimento, foi utilizada a metáfora do ‘cercamento dos campos’, no momento que agora se descreve, observando todas as grandes transformações ocorridas ao longo do processo histórico, é como se aquelas cercas deixassem de ser somente uma demarcação e passassem a pressionar esse ator - com licença para utilizar uma gíria, ‘o cêrco fosse se apertando’ em torno dele de tal modo – até se tornarem uma espécie de camisa-de-força a ponto de evidenciarem o prenúncio de seu ocaso. Em outras palavras, a pressão crescente estaria atingindo as fronteiras do envoltório corporal, da própria superfície da pele, e esse ‘sufoco’, elevado ao extremo, ensaia o irromper de uma espécie de explosão, de colapso, apontada por autores recentes como uma suposta crise do sujeito moderno. De um lado, o sentimento de insatisfação mantém-se presente, mas adquire novos contornos, de outro, essa crise representa, para alguns, um ponto de inflexão, após o qual não se sabe o que virá.

O culto ao corpo reside no âmago dessa crise, pois tornou um elemento crucial na construção da identidade individual e afirmação de posição no espaço social. A partir dessas reflexões, é possível esboçar a seguinte pergunta: ‘Não seria a atual obsessão contemporânea pela forma física o ápice de uma concepção de mundo que se iniciou com o advento do indivíduo, e que, ao atingir seu ponto de inflexão, expressa sua máxima sofisticação no atual culto ao corpo?’ Por isso, as práticas corporais apresentam-se como um objeto de estudo privilegiado para a identificação dessas tendências, pois seguem essa dinâmica como mais um produto dirigido às massas consumidoras, onde convivem elementos de continuidade e rupturas das respectivas etapas históricas.

Quanto aos espaços assépticos - acessíveis apenas aos ricos, onde os sistemas de ar-condicionado central promovem uma ‘primavera perpétua’, uma ‘climatização geral da vida’ – é importante recordar que não existe somente esse tipo de não lugar. São ótimos exemplos, mas há que se recordar que os ‘lixões’ miseráveis sobrevoados por aves de rapina, os terrenos baldios perdidos no nada, os silenciosos canteiros de obras, os vendedores de qualquer coisa e pedintes à beira das estradas, as solitárias muretas dos viadutos e pontes das megalópolis,

todas essas imagens tão conhecidas também consistem em não-lugares, à medida que também remetem à citada condição de ‘desterritorialização’.

‘Miséria é miséria em qualquer canto’: essa canção dos ‘Titãs’ retrata um ‘não-lugar’ sem ar-condicionado. Bem próximo à pista de caminhada pesquisada, na cidade do Paranoá, do outro lado da rodovia, pode-se avistar um terreno baldio utilizado como ‘lixão’, o que não deixa de ser um ‘não-lugar’. Contudo, *neste* trabalho, o não-lugar escolhido e pesquisado em campo foi um espaço fechado, institucionalizado, privado, climatizado, elitizado: a mega-academia.

Nela, como em locais semelhantes, identifica-se uma série de significados da supermodernidade. Embora ‘espaço’ seja um termo eminentemente abstrato, pois aplica-se indiferentemente a um intervalo, ‘uma extensão, uma distância entre dois pontos’, Augé considera significativo que, hoje, seja feito dele um uso sistemático na língua corrente e nas linguagens particulares de certas instituições representativas de nosso tempo: espaço aéreo, espaço publicitário, espaço cultural, espaços verdes, espaço de uma empresa aérea ou de automóveis (Augé, 1994:78). ‘Espaço do corpo’ ou ‘Espaço da Saúde’ são ótimos nomes para academias, se é que já não existe uma assim. No Rio de Janeiro, uma das representantes mais caras chama-se ‘Estação do Corpo’, o que dá quase na mesma. Segundo Augé, o fato do termo ‘espaço’ estar em voga nos dias de hoje, comprova, ao mesmo tempo, que se tratam de:

‘termos que povoam a época contemporânea (a publicidade, a imagem, o lazer, a liberdade, o deslocamento) e a abstração que os corrói e ameaça, como se os consumidores de espaço contemporâneos fossem, antes de mais nada, convidados a se contentar com palavras’ (ibidem:78).

Em todos esses casos, o consumidor-usuário, mesmo que submetido a um relativo anonimato, por partilhar a identidade dos passageiros, dos motoristas, dos clientes desconhecidos, mantém com o não-lugar uma relação baseada num contrato, cuja existência (e por que não, a negação da inadimplência) é solicitada a cada passagem aberta com seu cartão

magnético. Isso leva Augé a observar, que, de certo modo, ‘o usuário do não-lugar é sempre obrigado a provar sua inocência’ (ibidem:94).

É o que ele faz quando exhibe seu cartão, carteira de sócio, placa do carro, senha, passíveis de se conferir com uma imagem fotográfica sua registrada e gravada previamente, ou mesmo, sistema que muitas academias de ginástica vêm adotando mais recentemente (não somente as mais caras), quando coloca o dedo sobre um aparato fotoelétrico, a fim de confirmar de que se tratam realmente das digitais de um ‘associado’, um consumidor, um condômino, enfim, alguém ‘especial’²³².

Recorda-se que o projeto urbanístico das quadras do Plano Piloto já tenha sido considerado causador de diluição e enfraquecimento das relações dos habitantes com seu universo social - o que o leva a ser concebido como um ‘espaço instrumental de um projeto de vida elaborado nos parâmetros do individualismo’, o que pode ser mesmo desejável para as camadas médias que ali habitam. Uma consequência previsível desse individualismo somado ao crescente medo da violência urbana é que muitos de seus edifícios (denominados ‘blocos’) passaram a ser, sucessivamente, equipados com sofisticados sistemas de segurança – câmeras de vídeo, monitores, portões abertos por controle remoto - visando proteger seus moradores de encontros indesejáveis, ou perigosos, com desconhecidos, não-portadores das senhas de acesso²³³. Nos condomínios fechados, contudo, esse *enfraquecimento das relações* é levado ao extremo, chegando mesmo a se tornar um *impedimento*. Diversos autores vêm chamando a atenção para o estabelecimento desse tipo de moradia. No Brasil, podem ser citados, como exemplos, o *Alphaville*, sofisticado conjunto residencial paulista, assim como os condomínios da Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro. Num deles, poderia ocorrer a seguinte cena:

‘O vigia na guarita fortificada é novo no serviço, e tem a obrigação de me barrar no condomínio. Pergunta meu nome e destino, observando os meus sapatos. Interfona para a casa 16 e diz

²³² Para aprofundar a discussão acerca da questão dos ‘consumidores e cidadãos’, são sugeridos autores tais como Canclini e o próprio Milton Santos, mas optou-se por deixá-la de lado, por ora.

²³³ A expressão francesa para ‘senha’ é bastante sugestiva: *mot de passe* (palavra de passe). Daí já ter sido utilizada como título de um livro de Baudrillard e de um longa metragem recente.

que há um cidadão dizendo que é irmão da dona da casa. (...) A casa 16, no final do condomínio, tem outro interfone, outro portão eletrônico e dois seguranças armados' (Caldeira, 2000:257).

Caldeira achou que esse trecho de Estorvo, de Chico Buarque (1991), captava bem a experiência de viver atrás dos muros e vigiado por seguranças que marca o novo estilo de vida nas cidades brasileiras. Embora o cenário do romance seja o Rio de Janeiro, ele bem poderia ser São Paulo ou em qualquer outra cidade de muros, inclusive Brasília, esclarecendo que, nessas cidades, especialmente para suas elites...

'um ato banal como uma visita à irmã implica lidar com guardas particulares, identificação, classificação, portões de força, intercomunicadores, portões eletrônicos, cachorros – e muitas suspeitas. O homem aproximando-se do portão é um bom candidato a suspeito, já que anda a pé em vez de guiar um automóvel, ou seja, usa o espaço público da cidade de uma maneira que os moradores do condomínio rejeitam. Condomínios fechados, o novo tipo de moradia fortificada da elite, não são lugares para os quais as pessoas caminhem ou pelos quais passem. Eles são distantes, para serem aproximados só de automóvel e apenas por seus moradores, uns poucos visitantes, e, é claro, os empregados, que devem ser mantidos sob controle e comumente são encaminhados para uma entrada especial – a famosa entrada de serviço. (...) (Caldeira, 2000: 257-8)

A autora acrescenta ainda que os condomínios fechados hoje constituem o tipo mais desejável de moradia para as classes altas em São Paulo e representam a versão residencial de uma categoria mais ampla de novos empreendimentos urbanos que chamou de 'enclaves fortificados'. Segundo ela, esses estariam mudando consideravelmente a maneira como as pessoas das classes média e alta vivem, consomem, trabalham e gastam seu tempo de lazer (idem: 258).

Cruz identifica nesses 'enclaves fortificados' o resultado de 'uma cultura do medo que faz com que a classe média se trancafie em condomínios murados e deixe de reconhecer o 'outro', o pobre, como pessoa portadora de direitos'. A autora os considera causadores de um enclausuramento que 'compromete cada vez mais o convívio das classes média e alta das

idades com as classes mais pobres, ou seja, entre pessoas de diferentes mundos sociais' (Cruz,2003: 152).

Na visão de Caldeira, esses lugares (não-lugares?) estão mudando o panorama da cidade, seu padrão de segregação espacial e o caráter do espaço público e das interações públicas entre as classes. Assim como os conjuntos de escritórios, *shopping centers*, cada vez mais outros espaços, tais como escolas, hospitais, centros de lazer e parques temáticos, têm sido adaptados para se conformarem a esse modelo. Eles partilham algumas características, das quais a principal é a questão de serem 'propriedades privadas, para uso coletivo, que enfatizam o valor do que é privado e restrito, ao mesmo tempo que desvalorizam o que é público e aberto na cidade'. Outras características apontadas consistem no fato de serem:

'(...) fisicamente demarcados e isolados por muros, grades, espaços vazios e detalhes arquitetônicos (...) voltados para o interior e não em direção à rua, cuja vida pública rejeitam explicitamente (...) controlados por guardas armados e sistemas de segurança, que impõem as regras de inclusão e exclusão (...) flexíveis: devido ao seu tamanho, às novas tecnologias de comunicação, organização do trabalho e aos sistemas de segurança, eles são espaços autônomos, independentes do seu entorno, que podem ser situados praticamente em qualquer lugar. Em outras palavras, em contraste com formas anteriores de empreendimentos comerciais e residenciais, eles pertencem não a seus arredores imediatos, mas a redes invisíveis²³⁴ (Caldeira, 2000: 259)'.
(...)

A autora observou que, nos últimos 20 anos, os anúncios publicitários das indústrias imobiliárias e da construção elaboraram o que chamam de 'um novo conceito de moradia', no qual são articulados cinco elementos básicos: segurança, isolamento, homogeneidade social, equipamentos e serviços. A imagem mais sedutora, de maior *status*, é a da residência enclausurada, fortificada e isolada, um ambiente seguro no qual alguém pode usar vários equipamentos e serviços e viver *só com pessoas percebidas como iguais*. Sob todos os aspectos apresentados, portanto, os 'enclaves' são opostos à cidade, representada como um

²³⁴ Caldeira menciona a análise de Cenzatti e Crawford acerca dos 'espaços semipúblicos', isto é, os espaços dos interiores dos shopping centes, hotéis, aeroportos, dentre outros, que, embora sejam propriedade privada, têm uso público. (Caldeira, 2000:259)

mundo deteriorado no qual não há apenas poluição e barulho, mas, o que é mais importante, confusão e mistura, isto é, heterogeneidade²³⁵ (o tema remete à descrição da cidade medieval). Mesmo quando são construídos dentro dela, os muros separam e tornam esses condomínios *superiores* à cidade. Nos anúncios, são apresentados como a versão ideal do ‘novo conceito de moradia’, em que frases de efeito - tais como ‘uma vida de *lazer seguro*, um eterno domingo’, somados à segurança oferecida por ‘guardas de prontidão 24 horas por dia’ – remetem à idéia de um ‘estilo de vida total’ (ibidem: 271-272).

Essa incursão no domínio dos enclaves fortificados teve como objetivo demonstrar que as mega-academias contemporâneas, descritas no capítulo seguinte, representam sua versão no plano do lazer e atividade física. Para transpor suas guaritas, também é preciso dispor de um código de acesso, que pode ser um cartão magnético, uma carteirinha, ou mesmo as digitais captadas por equipamentos de leitura óptica.

Assim, a fábula de Augé poderia incluir na jornada a frequência do protagonista à mega-academia (não faz diferença onde ela está situada): ele poderia sair, de carro, de seu condomínio residencial murado, cuja cancela é aberta por meio de controle remoto, e de lá, dirigir até o *shopping*, em que estaciona, utilizando seu cartão magnético de cliente *vip*, e, sem ter que sair ao ar-livre (pois o estacionamento subterrâneo dá acesso às portas pantográficas do hall da academia), ultrapassa a roleta eletrônica, cujo sistema de ar condicionado central é simplesmente gélido (mas ele está bem agasalhado por seu *jogging* de malha adquirido na última viagem ao exterior), dirige-se ao vestiário, troca de roupa e as deixa num armário com cadeado personalizado, levando nas mãos apenas uma garrafa d’água, uma toalhinha de rosto (é proibido ‘malhar’ sem ela) e a chave com o registro computadorizado de seu programa de musculação e atividade aeróbica nos aparelhos ergométricos.

Após uma ou duas horas de ‘malhação’, se nosso protagonista dispuser de alguns minutos, pode relaxar na sauna, onde pode esboçar um breve diálogo, entre iguais, visto que a

²³⁵ Essa constatação surge como um extremo oposto do que foi descrito anteriormente como cidade medieval, o que não se dá por acaso: a hipermodernidade teria levado às últimas conseqüências a negação do *amontoamento* medieval com que se instaurou a modernidade.

situação dos outros frequentadores é muito próxima à sua, e depois toma banho, troca novamente de roupa, despede-se das elegantes recepcionistas do balcão de entrada, dirige até o estacionamento da empresa onde trabalha, cuja entrada é liberada por seu crachá funcional magnético.

A fábula acima é bem semelhante ao encontrado na pesquisa de campo, relatado nas páginas seguintes. Por isso, o conceito de não-lugar presta-se muito bem à mega-academia. Dentre os espaços pesquisados, frequentados por pessoas de diferentes níveis socio-econômicos, podem ser apontadas semelhanças e diferenças. A crescente violência urbana, bastante presente nos relatos da periferia, é também referida pelas pessoas da elite, sendo que a segurança (de um estilo de vida total) oferecida pela academia é um dos itens relevantes que motiva sua opção. É importante ressaltar também que, na mega-academia, ser considerada um não-lugar não quer dizer que as pessoas lá não fiquem à vontade: ao contrário, é um espaço que escolheram, onde se sentem muito bem, lhes é adequado e que combina com seus gostos. Além, disso, seus frequentadores fazem outros programas, ligados à natureza, pois a própria academia se encarrega de agendar ‘passeios ecológicos’.

3.10. A Mega-Academia

A mega-academia faz parte de uma rede, que possui filiais espalhadas por outros grandes centros urbanos²³⁶. Optou-se aqui por não citar o nome da academia pelo fato dela estar sendo abordada sob uma perspectiva de um ‘não-lugar’. Ainda que situadas em bairros ou cidades diferentes, essas empresas baseiam-se em princípios idênticos, globalizados, e não há diferenças significativas entre os de uma e de outra, o que se confirmou por visitas esporádicas a outras localidades. Como um ‘não-lugar’ típico, localiza-se numa área nobre da cidade, dentro de um *shopping center*²³⁷, fato que se repete em suas congêneres, visitadas em

²³⁶ A primeira delas, na capital paulista, foi fundada há 20 anos, enquanto a de Brasília completou 4 anos.

²³⁷ Ao efetuarem a matrícula, os frequentadores da academia recebem uma espécie de cartão *vip* com o qual são abonados de pagar o estacionamento do *shopping*, assim como recebem desconto de 50% no ingresso de seus cinemas.

outras cidades grandes ²³⁸. Todas compartilham do conceito de ‘clube’, que associa os objetivos de manutenção da saúde e boa-forma física a um espaço de convivência, de encontro de pessoas com afinidades em termos de lazer, estilo de vida, e, o que é fundamental, nível sócio-econômico. A tudo isso é somada a segurança, um item indispensável, preocupação recorrente dos moradores das grandes cidades, observada também nos espaços livres. Seus frequentadores importam-se em ter a certeza de que enquanto estão malhando não precisam ter nenhum tipo de preocupação com a violência urbana que paira como um fantasma sobre o cotidiano contemporâneo.²³⁹.

Sua arquitetura é completamente diferente daquelas surgidas na década de 1980 – as relatadas no histórico e a academia do Paranoá, que reuniam, num mesmo prédio, de dois ou três andares, trabalho e moradia do professor-proprietário²⁴⁰. As atuais mega-academias, surgidas em torno da década de 1990, consistem em grandes empresas, com um número expressivo de funcionários, possuindo alta complexidade administrativa, grandes investimentos em publicidade e forte preocupação com a excelência na qualidade dos serviços. Procuram, assim, oferecer o que há de melhor e mais recente em termos de conhecimentos e tecnologia acerca da atividade física, por meio de um leque bastante variado de opções para diferentes gostos, dentro de uma extensa grade horária de funcionamento. À época o preço da mensalidade girava em torno de 190,00 ²⁴¹.

Possuindo mais de 2000 alunos, ela abre às 6:00h e fecha às 23h. (com exceção dos domingos, em que fecha às 18h). Um dos entrevistados relatou ter escolhido aquela academia

²³⁸ Rio de Janeiro, São Paulo e Pequim.

²³⁹ Como já foi descrito, uma observação frequente encontrada entre os praticantes de caminhada das pistas públicas em relação à opção por determinado lugar, é o fato de ser ‘movimentado’, ter gente passando o tempo todo, de forma que essa preocupação com segurança atinge também aqueles que praticam atividades ao ar-livre.

²⁴⁰ Uma observação a ser feita é que, embora busque os mesmos objetivos e trabalhe com equipamentos semelhantes, porém já relativamente obsoletos, a academia da periferia parece situar-se num momento anterior cronologicamente ao das suas ‘primas ricas’, as mega-academias, como que apresentando uma entrada numa dimensão do passado.

²⁴¹ Para se efetuar a matrícula é exigido um depósito, mensalidade adiantada, uma série de pagamentos que exige um montante de quase R\$700,00 para se começar a frequentar. O pagamento da mensalidade é extremamente dificultado quando se deseja usar cheque ou dinheiro, de modo que praticamente não há outra opção a não ser utilizar o cartão de crédito, por meio do qual a mensalidade dos meses seguintes passa a ser descontada automaticamente.

pela facilidade do horário, pois às vezes, chega do trabalho, dorme um pouco, e vai malhar tarde da noite ²⁴². Na entrada moderna - suntuosa, reluzente, com um estilo 'clean' ²⁴³ - portas de vidro automáticas abrem-se para *hall* com um balcão, onde, para conecer a academia, a pessoa deve se identificar com recepcionistas que acessam computadores, liberando a *roleta eletrônica* com cartão magnético (Isso ocorria à época da pesquisa de campo, mas, depois, esse sistema foi modificado pela leitura magnética das digitais, técnica utilizada em muitas outras academias de Brasília - e também por algumas instituições privadas. A arquitetura do ambiente, asséptica, hermeticamente fechada e impessoal, revela a racionalidade objetiva condizente com a idéia de 'não-lugar'²⁴⁴.

Ao ser entrevistado, o coordenador de musculação confirmou essa semelhança, ao fornecer informações acerca dos princípios em que se baseia aquela empresa, que podem ser sintetizados no conceito de 'clube'. Segundo ele, o diferencial daquela instituição é que, embora seu aluno pague um valor mais alto que na maioria das outras, ela o permite usufruir de uma variedade grande de atividades, tais como o *squash*, a natação, a musculação, o *spinning*, entre outros. Segundo ele, essa variedade de modalidades facilita a integração do aluno na academia, de maneira que aquele local passe a fazer parte de seu cotidiano e de seu lazer. Ele afirmou que o conceito de atividade física hoje deve abranger muito mais que somente o aspecto físico propriamente dito. Um local como essa academia preocupa-se com a integração de pessoas, procura estabelecer um vínculo com sua vida social. '*A atividade física tem que ser bio-psico-social*', ele ressaltou, ou seja, '*muito mais que bio, tem que englobar essas três esferas da vida do indivíduo, ao envolver o aspecto psicológico, favorecer a auto-estima, o social, facilitando que se conheça pessoas novas. A idéia é que as pessoas estejam bem fisicamente e que façam amigos sempre*'.

²⁴² Em São Paulo existem academias que funcionam realmente durante as 24 horas do dia, ou seja, se a pessoa estiver com vontade de 'malhar' às 3 horas da madrugada, encontrará aberta essa espécie de 'loja de conveniência' de *fitness*.

²⁴³ *Clean*: limpo, claro, serve como um tipo de estilo. .

²⁴⁴ Ressalta-se que a caracterização detalhada de certos elementos lá encontrados, tais como espaços, da arquitetura, da tecnologia, tomando como referência a noção de não-lugar, já consistiria num objeto de pesquisa à parte, portanto, são expostos somente os aspectos desse ambiente que se apresentaram mais relevantes.

Essa rede de academias está atenta ao fato de que seu aluno não quer somente fazer um treino, e sim mais do que isso: *'Tem gente que passa 3, 4 horas por dia na academia. Depois de treinar, a pessoa ainda pega uma sauna'*, relatou o professor. Indagado acerca da questão do culto ao corpo nas sociedades atuais, o professor observou que *'em tudo existe um desvio-padrão: tem pessoas que vêm para a academia buscando mais que saúde, que os benefícios da atividade física para a saúde. Buscam uma oportunidade de melhorarem seu aspecto visual, reduzir seu percentual de gordura, mas há também aqueles que exageram. Ocorrem os extremos, principalmente na faixa etária que vai dos 16 aos 30', sendo que ele atribui esse comportamento a uma falta de maturidade, de segurança e de auto-estima. Tanto que, ele afirma, da faixa de 30 anos 'pra cima tem menos gente obcecada²⁴⁵, não nesse nível, de 'a qualquer custo e a qualquer preço', como entre os mais jovens (...). Procuramos orientar, estar sempre próximos, acompanhando, explicando as conseqüências desses excessos'*. Dentre os exageros e riscos mais freqüentes, ele observou encontrar, ao longo de sua prática profissional, o uso de anabolizantes entre os homens, e excesso de exercício (vigorexia), entre as mulheres.

Durante a observação participante, a pesquisadora freqüentou essa academia, por oito meses, o que a possibilitou conhecer e experimentar algumas das modalidades de atividades oferecidas. Ao se matricular, o aluno deve passar por uma avaliação física, não está incluída na mensalidade, pois é terceirizada (não é obrigatório, caso o aluno providencie um atestado médico liberando a prática de atividade física). À época (início de 2002), custou aproximadamente o preço de uma consulta médica particular. A avaliação é feita por professores de educação física com especialização e se propõe a e oferecer uma visão geral do que fazer para melhorar o corpo e a saúde do cliente, além de indagar quais são seus objetivos ao ter procurado a academia. É um exame cuidadoso e altamente sofisticado, mas, devido ao que foi discutido em relação ao estilo de vida urbano ocidental contemporâneo, freqüentemente acaba repetindo prescrições com o objetivo de 'perder tecido adiposo' e 'ganhar massa muscular', acrescido de algumas possíveis observações acerca da postura ou da flexibilidade do aluno.

²⁴⁵ 'Obcecada': pessoa teimosa, obstinada (Ferreira, 1999:1426).

O exame inicia-se por uma ‘*anamnese*’²⁴⁶, em que se pergunta se o cliente (na área médica o termo utilizado seria ‘paciente’) é portador de alguma doença, incapacidade específica (geralmente diabetes, cardiopatia, asma), se faz uso de medicamentos, cigarro, bebidas. Pergunta-se também se ele acha que está no peso ideal, e, caso contrário, quanto ele acha que deve perder ou ganhar. São verificados o peso, a altura, e medido o perímetro dos membros com fita métrica e da quantidade de tecido adiposo nas ‘pregas’ da pele por meio de um instrumento chamado ‘plicômetro’²⁴⁷. São realizados um teste de flexibilidade²⁴⁸ e uma prova de esforço - consiste em pedalar respirando num bocal, enquanto eletrodos em diferentes partes do corpo realizam um registro eletrocardiográfico²⁴⁹.

As informações colhidas no exame são lançadas numa pasta de papel e noutra virtual (a primeira é entregue ao novo aluno e a segunda é disponibilizada *on-line*, por meio da rede interna de computadores, ao professor de musculação, que por meio dela poderá elaborar o programa de exercícios a ser prescrito). O professor avaliador recomenda que, após três meses de atividade física na academia, o exame seja repetido, a fim de se avaliar se os objetivos foram alcançados, período que ele considera perfeitamente possível que o mesmo aconteça. A partir de então, é elaborada uma prescrição individualizada de exercícios, que, na maioria das vezes, apresenta variações sobre uma seqüência básica constituída de aquecimento, alongamento, musculação, acrescidos de uma atividade aeróbica e/ou uma aula ‘a gosto do

²⁴⁶ Anamnese ou anamnésia, termo utilizado pelos mais diversos profissionais da área de saúde referente à ‘informação acerca do princípio e evolução duma doença até a primeira observação do médico’ (Ferreira, 1986:114), estendido às áreas de prevenção. Tem origem etimológica no grego e quer dizer ‘reminiscência, recordação’.

²⁴⁷ Plicômetro: instrumento, utilizado por profissionais de Educação Física e afins, semelhante a uma chave-inglesa, de plástico, que serve para medir as pregas de tecido adiposo da pele. O professor avaliador comentou que, em geral, as pessoas possuem bastante consciência de sua imagem corporal, e portanto, freqüentemente, ao responderem quantos quilos desejam perder, afirmem um valor muito próximo do que será prescrito por eles como um peso ideal.

²⁴⁸ Esse teste tem a finalidade de avaliar os grupos musculares posteriores de tronco, no chão, em posição sentada, com os membros inferiores estendidos, buscando-se tocar os pés sobre um pedaço de madeira graduado em centímetros. Esse é um teste bastante limitado, visto que não se dá atenção aos outros grupos musculares do restante do corpo.

²⁴⁹ Eletrocardiograma: exame com equipamento de registro de sinais elétricos que avalia a função cardíaca.

freguês'. Não é por acaso que o objetivo mais freqüente consista na perda (ou queima) de gordura e ganho de massa muscular²⁵⁰.

O programa de atividade física é traçado a partir das conclusões da avaliação física, somadas a uma avaliação do professor de musculação, agendada com antecedência²⁵¹. Foi indicada a musculação, somada a uma atividade aeróbica e/ou uma aula à livre escolha. O professor traça essa rotina com base no tempo que o aluno diz ter à disposição para malhar, quantas horas, dias por semana e período do dia. É uma programação bastante objetiva e pragmática, como ir a uma loja e se servir dos produtos mais convenientes para sua necessidade.

O ar-condicionado central chama a atenção por ser exageradamente frio. É curioso, pois a atividade física é usualmente associada à transpiração, processo fisiológico natural que representa a perda de calor e ao mesmo tempo eliminação de toxinas e equilíbrio da temperatura. Essa é uma característica típica das mega-academias surgidas a partir da década de 1990, o que comprova seu pertencimento a essa categoria, em muito diferindo das primeiras academias e da academia do Paranoá.

Embora situada num local extremamente privilegiado, seu desenho arquitetônico hermeticamente fechado não aproveita a ventilação natural, mas, ao contrário, é quase idêntico ao das academias, também situadas em *shopping centers*, de grandes centros urbanos cuja atmosfera é muito mais poluída que em Brasília, como São Paulo, Rio de Janeiro e Pequim²⁵². No entanto, diante do comentário da pesquisadora acerca do frio ambiente, a funcionária que

²⁵⁰ Afirmou-se que essa necessidade reflete o estilo de vida urbano contemporâneo, que leva a uma ingestão de alimento maior do que o necessário, ao mesmo tempo em que os avanços tecnológicos – veículos, elevadores, escadas e esteiras rolantes - diminuem a exigência de gasto energético. Simultaneamente, o padrão de beleza vigente se transformou justamente no oposto, ou seja, com uma taxa muito baixa de adiposidade, o que exige um alto investimento no sentido de alcançá-lo.

²⁵¹ A título de exemplo, no caso do resultado da avaliação física da pesquisadora, os objetivos apontados foram: emagrecer - em outras palavras, diminuir a quantidade de tecido adiposo, ganhar massa muscular, melhorar postura, no que se refere aos joelhos (ligeiramente *valgo e recurvatum*), a posição dos ombros era satisfatória

²⁵² No Rio de Janeiro, além das academias hermeticamente fechadas como essa, há também as que experimentam outras possibilidades arquitetônicas, aproveitando mais a ventilação local e reservando espaços ao ar-livre.

me apresentava a academia disse que *'quando o ar-condicionado está 'fraco' a maioria dos alunos reclama e pede para aumentar'* (a intensidade). É provável que a inexistência de qualquer ventilação natural, exceto um sistema artificial especial de renovação do ar na área das piscinas, deixe o ambiente realmente abafado quando o ar está desligado. Foi possível constatar que os alunos, quase que sem exceção, gostam muito do frio excessivo, o que representa um item importante em relação à escolha daquele local. De todo modo, o ar-condicionado exagerado remete às idéias de 'climatização geral da vida' e de 'primavera perpétua', cunhadas por Baudrillard.

Os aparelhos ergométricos, que têm como objetivo a atividade aeróbica - bicicleta, esteira, *transporter*²⁵³ - são voltados para monitores dos quais se pode escolher o canal de tevê a cabo. Um dos monitores, porém, ao invés de filmes ou programas de televisão, exhibe, em tempo real, o registro de uma câmera de segurança localizada no *'Child Care'*²⁵⁴. Os sistemas de ar-condicionado e som centrais, as câmeras, os monitores, somados aos aparatos informatizados de que dispõem todos os aparelhos de movimento, traça o quadro de um meio controlado, o qual, de maneira semelhante aos laboratórios, favoreça que as intervenções propostas ocorram com uma margem de erro mínima.

Os exercícios prescritos são experimentados pela primeira vez a fim de que sejam feitos os ajustes necessários dos equipamentos. A seqüência que foi prescrita à pesquisadora constituiu-se de 10 minutos de aquecimento numa bicicleta ergométrica à velocidade constante (sugeriu-se entre 70 e 80 km/h), alongamento de grupos musculares específicos, seguindo um conjunto de fotos exposto próximo ao espaldar (espécie de barra para alongamentos, em forma de escada), uma série de musculação, terminando com uma

²⁵³ Aparelho ergométrico, ou seja, que simula um deslocamento, sem sair do lugar, parecido com um ski, no qual são trabalhados, por meio de movimentos pendulares, os músculos dos membros inferiores.

²⁵⁴ *Child Care*: cuidado infantil, ou com crianças. Uma sala de recreação, ou 'brinquedoteca', onde as crianças de 1 a 7 anos podem se divertir enquanto os pais 'malham'. Está se tornando cada vez mais comum que esse tipo de serviço seja oferecido em *shoppings*, supermercados, restaurantes, consistindo num item favorável para atrair público com filhos. Essa sala possui uma câmera de modo que as crianças podem ser observadas através de um dos monitores de tevê do salão principal onde ficam os equipamentos de musculação. Há recreadoras que cuidam das crianças, brinquedos, televisão e vídeo, um banheiro. Quase todas as mães, porém, deixam seus filhos acompanhados de suas babás. Isso é provado por um fato curioso (e engraçado) ocorrido durante a observação participante, quando uma professora perguntou se a pesquisadora era a babá de seu próprio filho. .

seqüência de abdominais, a qual pode ser substituída por uma aula específica de exercícios abdominais, com duração de 30 minutos. A seqüência constituiu-se de de exercícios a serem executados em 6 aparelhos diferentes²⁵⁵, sendo que, em cada um, foram prescritas para cada aparelho séries de 15 a 20 repetições. Cada aparelho recebe o nome do respectivo movimento a ser nele executado: por exemplo, os aparelhos são chamados de ‘adutor’, ‘extensor’ e assim por diante, em inglês. Em cada um deles existe uma figura com um mapa anatômico dos músculos, na qual é ressaltado em vermelho o grupo muscular a ser trabalhado²⁵⁶. Entre as ‘séries’ de repetições o visor demonstra o tempo de descanso, em geral de 30 segundos, que vai decrescendo, desse modo apontando: ‘rest for 30, 29 seconds ...’

No salão principal, além dos aparelhos de musculação - há outros, ergométricos, que simulam deslocamentos, tais como a bicicleta, esteira, escada e ‘transport’. As esteiras simulam caminhadas, monitorando a velocidade em quilômetros por hora, a aula de ‘spinning’ simula pedaladas em subidas de ladeiras e terrenos planos, se você quer descarregar o sentimento de raiva sem ter que bater em alguém, é oferecida a aula de *body combat*. A aula de *spinning*, realizada numa sala com muitas bicicletas ergométricas apropriadas, é uma das mais concorridas. Às segundas feiras costuma-se fazer fila para pegar uma bicicleta, o que foi atribuído, por uma funcionária, ao fato de que ‘as pessoas comem muito no final de semana e precisam queimar as calorias’. As aulas, que duram de 30 a 60 minutos, simulam ‘subidas’ e descidas de ladeiras, aumentando o grau de esforço por meio de um botão, com música que auxilia na ambientação. Há campeonatos dessa modalidade, em que os praticantes chegam a

²⁵⁵ Pode-se optar por comprar uma chave eletrônica (à época custou R\$30,00), devidamente carregada com as informações personalizadas obtidas na avaliação e na prescrição do professor de musculação. Ao ser acionada, a chave serve para recordar toda a seqüência do aluno num monitor central e a parte referente a cada aparelho num pequeno visor, onde são exibidas as peculiaridades dos exercícios (altura do assento, número de repetições, carga).

²⁵⁶ Os aparelhos de musculação trabalham grupos musculares específicos visando o movimento ‘em si’, com a finalidade da flexão, ou extensão, e servindo a um objetivo de um movimento tal como elevar um copo com água, chutar uma bola. Podem ser considerados uma simulação dos últimos e baseiam-se num programa que varia segundo o objetivo de ganhar massa muscular ou perder tecido adiposo, alternando as combinações em termos de quantidade de carga e de repetições.

pedalar por cerca de cinco horas seguidas, *indoors* (simulando uma viagem até outra cidade!)²⁵⁷.

Os equipamentos da academia possuem uma lógica semelhante à dos carros e computadores. No capítulo dedicado à malhação foi abordado o fato de que a relação íntima com a máquina, típica da sociedade capitalista, mantém-se nas salas de ginástica. E não somente na academia, mas desde o estacionamento do *shopping*, é uma máquina que lhe entrega um cartão para ser pago dizendo ‘*bem vindo e boas compras*’, na entrada, e ‘*obrigado e volte sempre*’, na saída. Ao mesmo tempo, o corpo é controlado por comandos que visam aproximá-lo ao máximo de um padrão ótimo. A idéia de homeostase (busca do equilíbrio fisiológico do organismo) é vista de maneira semelhante ao tratamento dado pelo serviço de manutenção às máquinas. Os sistemas de ar-condicionado e som centrais, as câmeras, os monitores, somados aos aparatos informatizados de que dispõem todos os aparelhos de movimento, traça o quadro de um meio controlado, o qual, de maneira semelhante aos laboratórios, favoreça que as intervenções propostas ocorram com uma margem de erro mínima²⁵⁸.

Nas três grandes salas reservadas para as aulas em grupo, ao longo da grade horária diária, ocorre uma grande variedade de atividades, que vão da ginástica localizada, abdominais, ‘*step*’, ‘*jump fit*’, ‘*body combat*’, lutas, danças, até *yoga*, ‘*prana balls*’²⁵⁹,

²⁵⁷ *Indoors* quer dizer dentro de um local fechado, ou seja, pedalar sem sair do lugar. Retoma-se aqui a idéia de simulação apontada anteriormente. O tema me faz recordar, por ocasião de um congresso internacional, a exposição de uma aula de equoterapia num centro de reabilitação suíço, em que um participante americano indagou se os benefícios trazidos ao paciente praticante do hipismo como abordagem terapêutica relatados pela professora não seriam igualmente trazidos substituindo-se o cavalo por uma sela eletrônica, semelhante àqueles cavalinhos de brinquedo de criança. A professora respondeu recordando que a sela eletrônica careceria do contato do pelo, da pele, do calor, do tônus do cavalo e do prazer do passeio ao ar-livre e de se sentir capaz de realizar esta atividade.

²⁵⁸ Em outras academias visitadas, observa-se que a lógica dos aparelhos e das aulas é idêntica, com a ressalva de que essa possui os equipamentos de último tipo e um leque muito amplo de opções de horário e modalidades de aulas.

²⁵⁹ ‘*Step*’ é uma aula de aeróbica que faz uso de um banco plástico baixo para executar as trocas de passo, na de ‘*jump fit*’, cada aluno utiliza de uma pequena cama elástica onde salta, o *body combat* é uma luta e *kik-boxing* treina com sacos semelhantes ao *box*, o *yoga* tem base em técnicas corporais da Índia e *prana balls* é um

alongamento e flexibilidade, variando assim os estilos dos respectivos públicos, e possuindo objetivos e características bem específicas cada uma. Embora o aluno tenha o direito de frequentar qualquer uma das atividades, com exceção de treinamento individual (com um professor particular, chamado de *personal trainer*) e *squash*, acaba ocorrendo uma nítida diferenciação de perfis dos alunos das diferentes aulas, que incluem também as atividades aquáticas²⁶⁰. Essa variedade de opções oferecidas pelas grandes academias consiste numa indiscutível vantagem em termos de mercado, pois permite que contemplem públicos muito variados, ou mesmo acompanhem mudanças em termos de gosto de um mesmo cliente. O objetivo é conseguir oferecer opções a praticamente todos os estilos de vida, o que certamente pode não ser totalmente, mas é, em parte, alcançado²⁶¹.

Dentre os entrevistados, uma resposta frequente em relação à opção por aquele e não outro local refere-se à sua qualidade, em termos de estrutura, equipamentos e atenção dispensada pelos funcionários, assim como a possibilidade de acompanhamento completo, que inclui, não somente os professores de Educação Física, mas também fisioterapeuta, nutricionista (o que deve ser pago por fora). Outras respostas foram, porque ‘*é confortável*’, ‘*próximo ao trabalho*’, ‘*algum familiar, ou cônjuge, levou*’, ‘*malhava em outra, e mudei porque terminei um namoro e precisava mudar de academia*’, ou, simplesmente, ‘*porque é a melhor*’, frase que se repetiu algumas vezes. Alguns responderam também: ‘*me identifico*’,

alongamento sobre bolas plásticas terapêuticas de tamanhos diversos. O excesso de termos em inglês para os serviços e espaços da academia – além das aulas já citadas, *child care, spinning, indoors, squash, deep-training, transport, personal trainer*, sem falar no nome de *todos* os aparelhos de musculação, importados - evidencia a referida conotação de ‘não-lugar’, marcado por um espaço e um estilo de vida globalizados. Ressalta-se que esses termos são praticamente os mesmos em todas as academias semelhantes do Brasil e do mundo.

²⁶⁰ No espaço das piscinas, além dos horários reservados para aula e treino livre de natação, são oferecidas atividades tais como hidroginástica, hidroginástica específica para grávidas, ‘*deep training*’, que é um condicionamento físico debaixo d’água mais intenso que a hidroginástica tradicional, natação infantil e natação para bebês, na qual os pais participam entrando na piscina também. Assim como na sala de musculação, há também alunos, adultos e crianças, que pagam o atendimento individual, com um *personal trainer*, professor de Educação Física que dá um atendimento individual ao aluno, como professor particular.

²⁶¹ A academia conta também com uma lanchonete, espaços para assistir tevê, quadras de esportes (cobertas), saunas (uma para cada banheiro feminino, masculino), armários nos vestiários grandes e confortáveis, com armários e secadores de cabelo e uma pequena área externa raramente utilizada, exceto em ocasiões festivas em que os alunos se confraternizam.

*'tem um ambiente bom', tenho amigos aqui' e 'dá pra fazer boas amizades', falas que confirmam o que havia dito o coordenador a respeito da importância de ser a academia um local para se fazer novas amizades. Periodicamente, lá ocorrem festas comemorativas, tais como a do aniversário de sua fundação, assim como de 'dia das crianças', visando a integração entre alunos e familiares com os colegas e funcionários. Entretanto, assim como há pessoas que notoriamente formam um círculo de amizades, há aqueles mais pragmáticos, que têm como objetivo somente 'malhar', tal como uma aluna que referiu não possuir *'nenhuma identidade com as pessoas que malham lá'*, e, já não sendo do tipo que *'puxa papo com desconhecidos'*, não percebendo qualquer identidade, *'aí é que eu não puxo mesmo'*. Um outro frequentador criticou esse aspecto 'social' e as pessoas que vão para a academia para *'bater papo'*, afirmando que conversar prejudica a eficiência do trabalho físico, e que, para elas, *'era melhor ficar em casa, vendo Jornal Nacional, que dava na mesma'*.*

A flexibilidade de horários e a grande variedade de opções de atividades oferecidas também são referidas como um itens importantes. Uma das alunas entrevistadas afirmou que optou por aquele local porque:

' eu queria era que tivesse um lugar que tivesse as aulas coisas mais diferentes do mundo. Antes de fazer lá eu fazia yoga num lugar alongamento no outro ginástica no outro, dava uma confusão que eu acabava não fazendo nada. Lá tem várias atividades diferentes que eu poderia fazer junto, tem yoga, tem alongamento' (Lia, 35 anos, jornalista).

A entrevistada relaciona novamente a opção por um serviço de excelência, a importância de estar sendo atendido por um profissional competente e qualificado, além do estímulo causado pelo fato de estar fazendo um investimento financeiro alto:

'Eu queria um esquema profissional. Que fizesse eu pagar muito que aí eu ia ficar culpada de faltar e aí eu iria. E que (...) toda vez que eu chegasse tivesse alguma aula porque eu preciso fazer ginástica com alguém me mandando eu não sou daquela pessoa que vai lá

pra fazer musculação, se eu não tiver ninguém mandando em mim, eu não faço. (Lia, 35 anos, jornalista).

Os frequentadores são exigentes, estão buscando um serviço de alto nível de qualidade e a certeza de estarem sendo atendidos pelos melhores profissionais da cidade. É importante recordar também, que, devido a seu preço, um tipo de serviço como o oferecido por esta academia é direcionado a um público de poder aquisitivo bastante alto. Foi pesquisada e escolhida a descrição da academia, entretanto, se tivesse sido uma outra forma (cara) qualquer de construção de corpo - tal como as plásticas, implantes de silicone, dietas, entre tantas outras - o que elas apresentam em comum é o fato de que essas técnicas não são disponibilizadas de maneira igualitária aos indivíduos de diferentes classes sociais, como a caminhada, tratada anteriormente. Como se tratam de práticas às quais o acesso exclui grande parte da população, elas remetem à referida idéia de distinção.

Prova de que se trata de um público diferenciado é que quase todos os entrevistados - homens e mulheres, com idades que variaram de 21 a 54 anos - possuíam ou cursavam (os mais jovens, nesse caso) nível superior, muitos com pós-graduação, com exceção de uma aluna, de 43, anos que não completou o curso superior de Pedagogia. As respostas relativas à renda familiar mensal variaram entre R\$5.000,00 a R\$10.000,00 e mais de R\$10.000,00, com somente uma exceção (que respondeu entre 3 e 5). A maioria reside no Lago Sul, seguida por moradores da Asa Norte, Asa Sul, Sudoeste e Guará II. Os que não moram no Lago Sul trabalham próximo ao local. As profissões encontradas foram: dona de casa, empresários (dentre donos e familiares, que respondem, trabalho na empresa do meu pai, da minha mãe), funcionário público (TCU, Banco Central e GDF), tecnologia, estatística em zootecnia, consultor *free-lancer* em engenharia, consultora em administração.

A maioria dos entrevistados afirmou sentir prazer enquanto malha. Duas pessoas que afirmaram *'não sentir nem prazer, nem desprazer, é um hábito'* e *'às vezes, começar é difícil, o prazer é maior quando a gente termina'*. Quando faltam à academia, relataram algum tipo de desconforto, tais como *'sinto falta'*, *'me sinto muito mal, nunca faltou'*, *culpa*,

'sobrecarregada', 'incomodada', 'ansiedade'. Uma das alunas se vangloriou: 'em dois meses só faltei um dia, recebi os parabéns do instrutor'²⁶². Houve também quem respondesse 'tanto faz' e 'nada demais'.

Alguns retratos

Elvira, 43 anos, natural do Rio Grande do Norte. Curso superior incompleto, dona de casa, renda entre R\$5000,00 e 10000,00. católica, gosta de ir ao cinema. Já conhecia a filial de Belém, quando morou lá. Enquanto está malhando, diz que '*a endorfina, aquele hormônio, tomo conta de mim, e é maravilhoso*' e quando falta, '*fico com o maior peso na consciência*'. Submeteu-se a uma cirurgia plástica no abdômen há 15 anos e colocou prótese de silicone há 13 anos. '*Gostaria de fazer uma lipo pra tirar os pneus, mas fazer por fazer, não que eu esteja insatisfeita.*' Considera que esse padrão de beleza pode criar insatisfação, para os outros, '*mas não pra mim, porque eu já fiz tudo antes delas. Quando começaram a pensar eu já tava na frente. Já vi vários casos de pessoas que estavam pra baixo e fizeram uma cirurgia estética e ficaram se sentindo a Vera Fischer*'. Em relação à beleza, num homem, afirma que só vê a interior: '*Não quero esse homem bonito que vai me dar trabalho. Meu marido nem é bonito, tem beleza interior, jeito de ser. Não gosto de homem bonito. Homem bonito é muito esnobe. Mas mulher, não, é totalmente diferente. Bonitas são essas mulheres perfeitas que a gente vê por aí na academia, mas não exageradas, um pouco de músculo em cada lugar*'. (...) '*às vezes, o que é brega, pra um, é chique pra outra pessoa e vice-versa. É muito pessoal. Às vezes, eu me acho brega e chique ao mesmo tempo*'.

Rui, 44 anos, economista e empresário, carioca, renda mensal acima de R\$10000,00. Joga tênis e malha para adquirir maior preparo físico para jogar. Costuma usar roupas esportes,

²⁶² Por meio da chave magnética, o aluno pode acessar sua situação em termos de assiduidade e desempenho na execução e seu programa, por meio de gráficos e estatísticas de controle, com as devidas pontuações em termos de ganhos.

mesmo no trabalho. Eventualmente, veste um terno, no caso de uma reunião que pede isso. Católico, não praticante. Como lazer, gosta de fazer churrasco, freqüentar o Parque da Cidade, a academia e andar a cavalo. Procura fazer uma alimentação balanceada nos dias de semana. *'Sexta, sábado e domingo faço uma senhora barriga'*. Para ele, a forma do corpo é em parte, responsabilidade da pessoa, em parte, um dom de nascença. Tem gente que tem mais facilidade, *'que você fala: é magro de ruim'*. Não está satisfeito com o corpo, porque queria emagrecer e não consegue. Conta que gosta de *'disputar'*: *'Tenho prazer em ganhar o campeonato'*. *'Não gosto desse padrão (de beleza). As meninas estão todas (dando uma) de top model, magras demais. Está faltando carne. Quem gosta de osso é cachorro, tem que ficar magra, mas normal'*. Brega, para ele, é música sertaneja, e *chic*, é Ipanema.

Sílvia, 39 anos, formada em direito e em relações internacionais, tem pós-graduação em direito público, renda mensal entre R\$3000,00 e 5000,00. Funcionária do TCU (Tribunal de Contas da União), e está estudando para concursos. É espírita, gosta de música baiana, de vinho e de comer massa. Diz que malha visando à saúde, pois, *'se não malhar, não mantenho meu ritmo de vida'*. Havia feito uma avaliação naquele mesmo dia e comemorou: *'ganhei massa muscular, que era meu objetivo, e perdi gordura'*. A avaliação anterior havia sido há um ano e meio. Ela faz controle da alimentação com nutricionista e considera, em relação a esses ganhos, que a alimentação foi muito mais importante que a malhação. Já colocou prótese de silicone nos seios, mas gostaria de aumentar ainda mais. bonitos, homem, Edson Celulari e mulher, Malu Mader. Para ela, brega é *'gente mal-educada, que passa por você, te conhece e não cumprimenta'*, e *chic* *'é um jantar à luz de velas'*.

Tânia, 44 anos, administradora e consultora com pós-graduação, renda mensal de R\$5000,00 a 10000,00. escolheu a academia por ser a melhor de Brasília. Malha visando à beleza - reduzir medidas, aumentar a auto-estima, que *'tava muito baixa. Estudava, trabalhava, de manhã, de tarde e de noite, estava muito sedentária Não tinha tempo pra mim (...). Sempre fiz esporte e me descuidei. Agora tô buscando qualidade de vida. Trabalho pra mim, no tempo que eu quero. Reduzi dez centímetros de barriga, desde outubro (a entrevista foi em dezembro). Por*

mês, gasto 210 de academia, 70 no salão e 100 de herbalyfe²⁶³. O meu salão é um dos melhores, só vou em coisa boa. Acho cirurgia estética um risco sem necessidade. Eu já tô vendo que é possível só malhar. Você é o que você come, prevenção é tudo'. 'Beleza pode ser a primeira porta (no emprego), mas para manter, não. Tem que ser bem vestida, com uma postura legal, tem (trabalho) pra todo mundo. Não vou ser modelo. Na minha profissão, não. Hoje você tem que ter espírito de equipe, criatividade, perfil empreendedor, liderança. Buscar resultados. Você tem que levar a solução para o chefe, não levar problema'.

²⁶³ Marca de uma empresa americana, mas com distribuição no mundo inteiro, que oferece série de produtos voltados para o emagrecimento e a saúde vendidos por um sistema de *marketing* de rede. Seus vendedores a definem como um tipo de alimentação, baseado na dieta dos astronautas e inclui comprimidos e *shakes*.

A TEIA DO CORPO

Se o ensaio foi o gênero adotado até aqui, para manter a coerência desta escrita, ao invés de encerrá-la sob os títulos ‘discussão’ e ‘conclusão’, como de costume nos textos científicos, optou-se pela imagem da teia, que remete ao flagrar de um instante, impossível de se congelar numa forma estática. Após este extenso (quatro anos!) e sinuoso percurso, traduzido em muitas páginas de reflexão, material teórico e pesquisa de campo, durante as quais muitas idéias se transformaram completamente, faz-se uma tentativa de reunir os fios dispersos como que num instantâneo fotográfico, que capte algum conhecimento a respeito da temática do corpo, sem esquecer de deixar pelo menos um deles aberto a futuras costuras.

A linha mestra que tece esta trama segue em busca de respostas para tantas perguntas lançadas ao longo do caminho, das quais as seguintes representam apenas uma síntese: ‘por quê o corpo se tornou tão importante na vida das pessoas?’; ‘por quê o padrão de beleza é este e não outro?’; ‘será que esta ânsia pelo corpo ideal difere através dos diversos segmentos sociais?’; ‘existiria uma relação de correspondência entre a opção por uma atividade física e o estilo de vida da pessoa?’; ‘será o culto ao corpo uma expressão nítida da crise (e implosão) do sujeito pós-moderno?’; ‘onde entra o prazer nessas escolhas?’

Nas primeira e segunda parte, a importância assumida pelo corpo nas subjetividades contemporâneas, confirmada na pesquisa de campo, foi discutida sob o prisma do sujeito moderno, desde seu advento até os dias atuais. Seu percurso inicia-se a partir do momento em que o nascimento deixou de constituir um critério de posição na hierarquia social, e a *necessidade de definir sua posição e elaborar as imagens de si* trouxe, a cada um, novos sofrimentos íntimos (Corbin, 1995:419). O individualismo, em sua configuração contemporânea, atingiu a fronteira mais emblemática do próprio sujeito, sua pele, que nada mais é que seu envelope material que o separa do mundo, ou seja, seu próprio corpo. A carga de responsabilidades que lhe haviam sido atribuídas até então passou a encontrar no corpo sua expressão mais palpável.

Segundo os conceitos de beleza vigentes, a forma do corpo evidencia que o sujeito é o único responsável por seu sucesso ou fracasso. Por isso, o principal ensinamento que a iniciante corretora de seguros, do filme 'Beleza Americana', aprendeu de seu 'ídolo' nos negócios, foi o lema: '*a melhor forma de ter sucesso é demonstrar sempre a aparência de ser uma pessoa bem-sucedida*'. Um corpo feio, uma má aparência, refere-se a critérios que ultrapassam a questão meramente estética, atingindo o plano moral, e dele não poderia mesmo estar separada: é um sinal de fracasso, de *incapacidade* de alcançar seus objetivos. O sofrimento causado pela exclusão dos padrões aumenta à medida que não mais se pode atribuir as características físicas indesejáveis a dons de nascença (quando se poderia, ao menos, xingar os antepassados ou a natureza, ou Deus...). Caso não remetessem a uma questão simbólica muito mais potente, talvez esses traços, sozinhos, não trouxessem tamanho mal-estar. Embora 'ninguém queira ser feio', o essencialismo de seus critérios poderia ser questionado e a feiúra poderia ser relativizada. Mas muito mais grave que isso é demonstrar, pelo corpo – pois dele não se pode desvencilhar de modo algum, ou se despir, como quem troca de roupa, de relógio, de carro - características de personalidade absolutamente execradas hoje: ser uma pessoa 'descontrolada', que 'não se cuida', 'que não ama', 'incapaz de ser um eficiente empresário de si mesmo', 'de se vender bem e sua imagem, como produtos'. Isso é muitas vezes pior do que, simplesmente, ser feio, pois alguém assim não passa do mastro da bandeira de seu próprio fracasso pessoal no capitalismo avançado.

Desse modo, assim como se constrói um corpo, constrói-se a própria identidade, e existe um único responsável pelo seu sucesso e pela sua aparência, tornando-se o corpo um elemento decisivo, já que o corpo feio, gordo, a aparência descuidada, são sinais de fracasso, de *incapacidade* de alcançar seus objetivos. No mundo que fala o idioma do narcisismo, o principal requisito exigido dos indivíduos é que amem a si mesmos, sobre todas as coisas, então, como justificar a falta gravíssima de não se cuidar? Falas muito corriqueiras, frequentemente ouvidas durante a pesquisa de campo, foram: '*se você não gostar de você, quem é que vai gostar*' e '*Primeiro eu, segundo eu, terceiro eu*'. Atenção, não se trata de um juízo de valor contra elas, mas, ao contrário, identificam-se aí lemas de quem busca a sobrevivência na selva. Como será alguém admirado, incondicionalmente,

desinteressadamente, sem algum mérito pessoal, alguma ascese, ou sinal de trabalho na busca da virtude? Enfim, a discussão extrapola o feio e o bonito, pois se a beleza não é mais um dado de nascença, ela pode ser totalmente ‘perdida’ se não for cuidada. O narcisismo é compulsório, e o sujeito está totalmente entregue a si mesmo, não adianta mais rezar, pedir a Deus: desde a Reforma, Deus delegou essas funções para os indivíduos, num mundo cada vez mais ‘desencantado’: ‘o jeito é se cuidar’. Pode-se, no máximo, recorrer aos especialistas, mas é preciso pagar por eles, pois considerando que no Brasil jamais se realizou o ‘Estado de Bem-Estar Social’ ocorrido em países ricos, suas consultas custam caro! Antes da consulta, conforme se referiu Augé, a respeito dos não-lugares, é preciso provar sua inocência, mas ‘onde foi mesmo que eu guardei o último recibo do plano de saúde ... ?’

Mas, por quê, então, a forma magra e musculosa, e não outra? Ela apresenta-se como uma reação direta aos efeitos do sedentarismo, pois, na falta de esforço, justamente a obesidade e a flacidez são as conseqüências esperadas. Seus objetivos também lutam contra o processo de envelhecimento, descrito em termos de aumento de tecido adiposo e diminuição de massa muscular. O cotidiano urbano, de modo geral, não exige grandes esforços físicos, mas isso deve ser compensado de algum modo, pela persistência e força de vontade individuais, e essas refletem o controle sobre os impulsos e sobre a própria vida, a capacidade de auto-governo, de se empresariar com sucesso, se adequar aos critérios de flexibilidade exigidos pela sociedade e pelas empresas. Além de tudo isso, as descobertas científicas apontam a importância da boa-alimentação e da prática de atividade física para uma boa-saúde e maior longevidade - estudos recentes vêm comprovando que a longevidade está freqüentemente relacionada a uma alimentação saudável e pouco calórica. A ampla divulgação das descobertas científicas na sociedade reflete-se à medida que esses itens (alimentação e atividade física) foram mencionados nas respostas de sujeitos de todos os níveis sócio-econômicos. Todos desejam viver muito, mas de preferência sem envelhecer, ou adiando ao máximo o surgimento dos sinais da velhice.

Constatada a vigência de uma suposta ‘cultura somática’, não se pode negar que ela apresenta aspectos positivos e negativos, os quais se referem, respectivamente, à maneira

como o indivíduo a enfrenta. Apesar de muito em voga e referida nas falas, a insatisfação com o próprio corpo não aparentou ser uma preocupação que ocupa o pensamento das pessoas 24 horas por dia. Há aqueles que sofrem mais com isso, indicando maiores dificuldades em relação à auto-imagem. Não lidar bem com essa pesada carga de responsabilidade origina as situações desesperadoras relatadas diariamente nos jornais - inúmeros casos de pessoas com distúrbios da auto-imagem, e os sofrimentos emocionais decorrentes de uma forma corporal indesejável que, sem qualquer necessidade aparente, tomaram altas doses de anabolizantes, que se submeteram a cirurgias estéticas, e não foram felizes e, o que é pior, as desordens psíquicas que levam a todas essas atitudes, movidas por um narcisismo, que ao contrário de amor, nada mais é que um puro e mortal ódio a si mesmo.

Na pesquisa de campo, chamaram atenção os casos – de gravidade bem menor que os citados acima – da professora, que recebeu uma cirurgia estética de presente (caro) dos irmãos; o da filha do cirurgião plástico, que relatou que seu ‘*vício de malhar*’ estava interferindo negativamente em sua vida, o que a fazia cogitar procurar uma terapia; e o da professora de Educação Física, muito incomodada com as críticas dos amigos e da família por ter engordado. A última indicou que somente quando encontrou algo que lhe proporcionava prazer, a hidro-ginástica, é que ela conseguiu dar continuidade à prática de atividade física.

A questão do prazer e do bem-estar remete às conseqüências positivas da cultura somática, recordando que a atividade física traz indiscutíveis benefícios à saúde. Observou-se, em campo, que para alcançar uma forma desejável, as pessoas buscam atividades com as quais se identificam, de modo que a preferência por uma determinada modalidade, e não por outra, manifesta escolhas pessoais, numa dinâmica em que ao mesmo tempo se expressam e constroem sua identidade. Por isso, além da imposição externa de padrões pela mídia e da cobrança do grupo social, foi mencionado, simultaneamente, o prazer gerado pela prática. Nas palavras do cadeirante, ‘*o eixão pra mim é a maior terapia (...), é como escovar os dentes*’. Ao relatarem o incômodo trazido por um intervalo maior de tempo de inatividade, os entrevistados demonstraram as práticas não são movidos somente por razões estéticas. A busca da beleza está presente, e é, certamente, benéfica, pois eleva a auto-estima e a aceitação

pelo outro, mas essa preocupação não se dissocia da questão da saúde, pois existe uma necessidade do organismo, já que o movimento resulta numa sensação de prazer e bem-estar, explicada, dentre outros fatores, pela liberação de um neuro-transmissor, a endorfina.

Portanto, dentre as inúmeras maneiras de modificar o corpo, o movimento, em especial, não parte somente de pressões dos meios de comunicação, da indústria cultural, da sociedade, mas também de uma necessidade, literalmente, orgânica, que só aumenta ao longo da prática, pois o prazer conseqüente à liberação de endorfinas gera uma espécie de vício. Em casos extremos, como já citado, ele pode levar a distúrbios emocionais, sendo a vigorexia o principal deles, mas, de modo geral, esse vício pode ser bastante saudável. O modo de realização dos exercícios pode variar bastante, segundo os gostos pessoais. A tão referida ‘cobrança’ está no ar, os meios de comunicação apresentam modos de vida e padrões de beleza a serem imitados, gerando um mercado lucrativo, mas diante do desejo do corpo perfeito abre-se um amplo espectro de possibilidades de escolhas e as pessoas empenham-se nessa ‘batalha’ buscando sempre atividades que mais lhe agradam.

A preferência de um pode ser o balé, de outro, ‘*puxar ferro*’. Não se pode dizer que o *tai chi chuan*, a dança, o *yoga*, sejam bons para todos, pois há pessoas que somente desejam se movimentar numa esteira, e se não têm outra ocasião para isso, por que não? Apesar dos preconceitos de certos segmentos em relação às academias, e um pensamento corrente de que é um lugar de ‘*patricinhas*’, as mesmas são freqüentadas por pessoas de idades e estilos muito variados que, muitas vezes, buscam ali um refúgio, um lugar para ‘*desestressar*’: ‘*malho para ter uma hora em que não estou trabalhando, que não tenho que pensar em nada*’ (s.i.c.). O ambiente repleto de equipamentos, repetições, simulações, e refrigeração pode assustar e parecer inóspito a uns, mas agrada e é extremamente prático e conveniente para outros. Se a esteira ergométrica é artificial, não se pode afirmar que as pistas sejam propriamente ‘naturais’, pois as pessoas não estão caminhando para chegar a algum lugar e sim, porque seus corpos necessitam e não dispõem dessa oportunidade, caso não separem aquele tempo para tal. No entanto, uma diferença importante é que a esteira exige muito mais do que caminhar na calçada, porque, enquanto na última ocorre uma redução gradual de esforço, à medida que a

fadiga vai se instalando, isso é impedido pela máquina: *‘aquela produção que diminui na rua e você não percebe, a esteira não deixa cair. A esteira acaba dando uma sobrecarga maior, exige mais, porque você não deixa cair a produção nenhum pouquinho’* (Mário, 31 anos, praticante de academia, fisioterapeuta). Percebe-se que as práticas afinam-se bastante com os respectivos modos de vida, nelas está presente a mesma atitude que se tem diante do trabalho, a preocupação com a eficiência, o alcance dos resultados, e de nunca diminuir a produtividade: *‘o chefe não quer que você leve problema, quer a solução’* (s.i.c.). A discussão se esse impedimento da queda de produtividade é ou não saudável pode ser tema de outro trabalho de pesquisa, mas, à primeira vista, parece se adequar mais às máquinas de uma fábrica do que à fisiologia humana.

Por outro lado, apesar dos mecanismos da propaganda numa sociedade de consumo de massa, o sujeito – ao menos aquele que foi encontrado, em campo - não é acrítico, conforme a descrição dos *frankfurtianos*. Em relação à beleza física, mais propriamente, muitos apontaram para o bom-senso, o equilíbrio das formas, para um cuidado com a distinção, para não cair na *‘peruagem’*, no lado *‘brega’* de *‘querer ser o que não é’*. As críticas se dirigiram aos casos extremos e não à aparência saudável e à busca – relativamente sensata -por beleza e saúde. O corpo *‘sarado’*, mas sem exageros, mostrou-se o mais almejado, enquanto o corpo das modelos - adequado para a exibição e venda de roupas, uma forma bastante improvável estatisticamente no conjunto da população brasileira, aproximando-se, em geral, de um padrão anoréxico - não costuma agradar: *‘pouca carne’*, *‘parecem doentes’* (s.i.c.). Também foram criticados os corpos exageradamente *‘turbinados’*.

De modo geral, as falas dos nativos reportaram a ideais que escapavam aos padrões convencionais, e freqüentemente associavam a beleza a um *‘algo mais’* que as fotografias dos *outdoors* e das revistas deixava escapar - houve quem comentasse que *‘com um programa de computador, fotoshop, qualquer mulher fica com o corpo maravilhoso!’* Isso mostra que as pessoas não são facilmente ludibriadas. Atenção, não se questiona aqui a evidência dos processos da *‘indústria cultural’*, mas talvez essas falas tenham se referido a algo que a mesma não seja capaz de dominar, quem sabe esse *‘algo’* não seja a própria *‘aura’* que teria perdido a

arte na ‘era da reprodutibilidade técnica’, aludindo aos termos de Walter Benjamin. Eventualmente, até foram mencionados o corpo e rosto bonitos, mas, muito mais frequentemente, foram citadas características que extrapolam a aparência, traços de personalidade tais como a educação, simpatia, generosidade, caráter, afetividade, simplicidade, e uma aversão à vulgaridade. Por isso, muitos dos julgamentos estéticos, quando solicitados a descrever uma pessoa bonita, eles enumeraram qualidades morais: ‘*A Fernanda Montenegro, uma mulher que se assume*’; ‘*O Anthony Queen, ele adotou uma criança brasileira*’. Que a beleza é importante para todo mundo, não restam dúvidas, mas o que eles deixaram claro foi que somente a beleza, em seu aspecto puramente físico, não basta: ‘*o que adianta a mulher ser bonita e na cabeça só ter cocô?*’ (s.i.c.).

Tanto que ‘*a pessoa se achar melhor do que as outras*’ foi uma resposta muito ouvida diante da questão acerca do que seria brega, cafona. Na busca da boa-forma residem, portanto, elementos contraditórios, tais como o desejo de ser o melhor, parecer com os padrões apresentados pela mídia - ser aceito e, adequar-se, abraçar o sucesso e a realização, negar os estigmas sociais e se distinguir do vulgar, lançar uma moda, mas que quando passa a ser seguida torna aquele produto novamente massificado e vulgar – junto à inevitável consciência de que ‘*ninguém é melhor do que ninguém*’, e que ‘*um dia, todos vamos morrer*’; à admiração pelo que é simples, ‘*cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é ...*’ (‘dom de iludir’, canção de Caetano Veloso), tudo isso somado àquele incontestável prazer fisiológico resultante da liberação de endorfinas - pois quase que sem exceção os nativos manifestaram algum incômodo quando deixavam de praticar suas atividades.

De fato, em todos os discursos, somados ao desejo de alcançar um corpo bonito – somente realizável a médio e longo prazos - estiveram presentes a busca de realização pessoal, melhoria da qualidade de vida e, o que é mais importante, de prazer. Não foram somente corpos que estão sendo movimentados, meras histórias de corpos, mas histórias de vida, que incluem as transformações corporais, e todos os seus resultados satisfatórios ou não.

Quanto à relação de correspondência entre prática corporal e estilo de vida, havia, inicialmente, a intenção de traçar um quadro geral relacionando os grupos pesquisados a essas variáveis. No entanto, diante da enorme heterogeneidade, mesmo dentro de cada um dos universos, essa idéia foi abandonada. A tentativa de enumerar ‘tipos-ideais’ resultaria inútil, pois não seria suficiente descrever dois, três, ou quatro, mas infinitos deles. Podem ser expostos apenas alguns elementos mais evidentes que se apresentaram como peculiares ou comuns aos quatro locais pesquisados. Nesse sentido, não se pode estabelecer uma relação biunívoca: a escolha por uma atividade faz parte de um conjunto que compõe o estilo de vida de alguém, mas isso não quer dizer que dentre os praticantes de musculação, por exemplo, não exista uma enorme variedade de estilos diferentes. Há que se estabelecer, de saída, uma ressalva, já que todos sujeitos abordados pertenciam a universos em que a prática de atividade física está inserida no cotidiano, o que faz com que se tratem de pessoas para quem a saúde e a beleza representam preocupações relevantes.

Foram encontradas algumas peculiaridades, certamente, em especial no que diz respeito ao poder aquisitivo. Pelas tabelas, pode-se identificar a grande discrepância entre as rendas mensais, assim como no nível de escolaridade e no valor dos gastos com a beleza e atividades de lazer (os últimos não tabulados aqui). Os alunos da mega-academia freqüentam bares e restaurantes sofisticados, enquanto os das pistas do Paranoá vão a locais mais populares, no entanto, freqüentemente, ‘descem’ até o Plano Piloto. No Paranoá, existe também um jornal local, ‘O Galo de Briga’, mencionado pelos nativos, enquanto nos outros dois locais foram mais citados ‘O Correio Braziliense’ e revistas tais como “Veja” e ‘Isto é’. A resposta relativa às religiões variou bastante, mas no Paranoá, em especial, na academia, predominou a religião evangélica, enquanto nos outros locais, a católica. Na Academia do Paranoá, é grande a freqüência de rapazes que têm como principal objetivo o ‘passatempo’. Na mega-academia encontraram-se várias pessoas que trabalham em seu próprio negócio ou no dos pais.

Por outro lado, a pesquisa de campo deparou-se com uma situação bastante diferente daquela encontrada por Bourdieu, na França, há 20 anos, e por Mira, quando afirmou que ‘o

culto ao corpo tende a mobilizar ambos os sexos, todas as faixas etárias e todas as classes, embora com menos intensidade nas classes populares' (Mira:184). A preocupação com o corpo na classe baixa não era menor, mas havia somente uma diferença de acesso aos procedimentos mais caros, algo semelhante ao que observou Malysse no Rio de Janeiro. Apesar das dificuldades de acesso aos padrões de beleza vigentes, transformações culturais evidenciam que nelas, a busca pela boa-forma também vem se acentuando.

Tanto que a empregada doméstica do Paranoá demonstrou o incômodo por ter engordado, o que gerou até o rompimento de um relacionamento amoroso, e a satisfação obtida quando, num momento posterior, emagreceu, e começou outro namoro. Há que se ressaltar que todos os nativos desse segmento social eram praticantes de atividade física. Provavelmente, essa diferença de importância possa ser encontrada mais facilmente entre a população de praticantes e não-praticantes de atividade física, do que entre praticantes, pertencentes a diferentes classes sociais. A resposta de um aluno da mega-academia resume essa idéia: *'para quem está fora de forma e não liga para isso, é possível estar fora de forma e estar feliz, mas para quem liga, isso não é possível, mas como a pessoa liga, faz por onde, se cuida'*.

Se o desejo de alcançar uma boa-forma apresentou-se nos diferentes níveis sócio-econômicos, obviamente, o acesso às práticas existentes não é o mesmo. O estilo de vida dos alunos da mega-academia conta com indiscutíveis facilidades para seu alcance, incluindo sofisticados hábitos de consumo, a possibilidade de arcar com despesas de vários empregados domésticos (o que libera mais tempo para a prática), e elementos semelhantes foram observados nas pistas da Asa Norte (*'minha alimentação é cara, como algas...'*). A relação com a cirurgia plástica, na mega-academia, pareceu mais 'natural', no sentido de que é um procedimento acessível a pessoas daquele nível sócio-econômico, e por ser mais freqüente, inspira menos temores. Houve quem dissesse *'vou fazer mais uma, não que esteja insatisfeita, só por fazer'*. Nas pistas da Asa Norte, também houve quem já tivesse sido submetido à cirurgia estética, outros que não tinham vontade, que gostariam, mas não tinham condições financeiras, ou que não tinham coragem. No Paranoá, uma cirurgia estética é uma prática, em

geral, inacessível, mas, curiosamente, foi em sua academia que uma das alunas deu o depoimento sobre sua plástica recém-realizada.

Uma característica comum aos quatro locais foi a receptividade dos sujeitos entrevistados. Muitos elogiavam o tema e a iniciativa de fazer pesquisa, demonstrando gostar de conversar, havendo até quem tem agradecido por ter sido entrevistado. Na pista do Paranoá, especialmente, a cordialidade foi ainda maior, pois à surpresa de estar sendo objeto de pesquisa, somou-se uma espécie de ‘diversão’ de conversar com uma pessoa desconhecida. Algumas vezes os entrevistados convidavam a pesquisadora a entrar em sua casa, tomar café, beber água...

Nas pistas da Asa Norte, a grande maioria dos freqüentadores reside próximo ao local, mas o Parque é freqüentado também por pessoas que se deslocam até os mesmos, de carro ou ônibus, com a intenção de praticar a atividade física. Na academia de elite, todos os freqüentadores para lá se dirigem de carro²⁶⁴. O preço da mega-academia limita a população de seus alunos a um elevado nível sócio-econômico, com predominância de moradores do Lago Sul e Plano Piloto, embora tenham sido encontrados também, minoritariamente, moradores de regiões como o Setor Sudoeste e as Áreas Octogonais, e Guará, que a escolheram pelo nível de excelência do serviço oferecido e pela proximidade de seus locais de trabalho. Na pista do Paranoá, todos os sujeitos abordados residiam lá mesmo, com exceção de um morador de um condomínio de classe média próximo. Ressalta-se que, naquela cidade, há também moradores de classe média e média alta, tais como comerciantes bem-sucedidos que não desejaram sair de lá após a conquista de uma melhor condição financeira. Esses residem em casas confortáveis de dois andares e têm filhos que freqüentam faculdades do Plano Piloto. Na academia do Paranoá, encontram-se desde pessoas com nível de instrução muito elementar até nível superior completo, como o caso de uma professora, residente num condomínio da região, que levando seu filho, começou a praticar *karatê* também. Segundo seu relato, dentre os

²⁶⁴ Exceto pelos funcionários, que podem usufruir de seus serviços, e que vão no ônibus próprio do *shopping*, pois, naquela região praticamente não existe transporte coletivo.

alunos, encontra-se desde o dono do mercadinho local até o filho do ‘carroceiro’, que ganha uma bolsa integral.

Apesar das diferenças no poder aquisitivo dos nativos, a idéia de distinção manifestou-se nos quatro locais pesquisados, e além das referidas críticas aos exageros das formas, todos relataram ter escolhido seus respectivos espaços de prática. Na mega-academia, foram feitas referências a uma outra, em que *‘a piscina não é tão limpa quanto à daqui, às vezes tem um ladrilho quebrado, e os professores não são tão bons como os daqui (s.i.c.)’*. Nas pistas da Asa Norte, a beleza e praticidade do local foram freqüentemente mencionados, assim como a preferência daquela atividade à prática no ambiente fechado das academias. A academia do Paranoá foi considerada, por muitos, como *‘a melhor’* da cidade, e foram feitos muitos elogios ao proprietário. Mesmo a pista do Paranoá foi considerada um local melhor para a caminhada do que outros, mais perigosos. Isso demonstra que, em todos os casos, houve um componente de escolha por aquele lugar.

A TEIA DO CORPO

Se o ensaio foi o gênero adotado até aqui, para manter a coerência desta escrita, ao invés de encerrá-la sob os títulos ‘discussão’ e ‘conclusão’, como de costume nos textos científicos, optou-se pela imagem da teia, que remete ao flagrar de um instante, impossível de se congelar numa forma estática. Após este extenso (quatro anos!) e sinuoso percurso, traduzido em muitas páginas de reflexão, material teórico e pesquisa de campo, durante as quais muitas idéias se transformaram completamente, faz-se uma tentativa de reunir os fios dispersos como que num instantâneo fotográfico, que capte algum conhecimento a respeito da temática do corpo, sem esquecer de deixar pelo menos um deles aberto a futuras costuras.

A linha mestra que tece esta trama segue em busca de respostas para tantas perguntas lançadas ao longo do caminho, das quais as seguintes representam apenas uma síntese: ‘por quê o corpo se tornou tão importante na vida das pessoas?’; ‘por quê o padrão de beleza é este e não outro?’; ‘será que esta ânsia pelo corpo ideal difere através dos diversos segmentos sociais?’; ‘existiria uma relação de correspondência entre a opção por uma atividade física e o estilo de vida da pessoa?’; ‘seria o culto ao corpo uma expressão nítida da crise (e implosão) do sujeito pós-moderno?’; ‘onde entra o prazer nessas escolhas?’

Nas primeira e segunda parte, a importância assumida pelo corpo nas subjetividades contemporâneas, confirmada na pesquisa de campo, foi discutida sob o prisma do sujeito moderno, desde seu advento até os dias atuais. Seu percurso inicia-se a partir do momento em que o nascimento deixou de constituir um critério de posição na hierarquia social, e a *necessidade de definir sua posição e elaborar as imagens de si* trouxe, a cada um, novos sofrimentos íntimos (Corbin, 1995:419). O individualismo, em sua configuração contemporânea, atingiu a fronteira mais emblemática do próprio sujeito, sua pele, que nada mais é que seu envelope material que o separa do mundo, ou seja, seu próprio corpo. A carga de responsabilidades que lhe haviam sido atribuídas até então passou a encontrar no corpo sua expressão mais palpável.

Segundo os conceitos de beleza vigentes, a forma do corpo evidencia que o sujeito é o único responsável por seu sucesso ou fracasso. Por isso, o principal ensinamento que a iniciante corretora de seguros, do filme ‘Beleza Americana’, aprendeu de seu ‘ídolo’ nos negócios, foi o lema: ‘*a melhor forma de ter sucesso é demonstrar sempre a aparência de ser uma pessoa bem-sucedida*’. Um corpo feio, uma má aparência, refere-se a critérios que ultrapassam a questão meramente estética, atingindo o plano moral, e dele não poderia mesmo estar separada: é um sinal de fracasso, de *incapacidade* de alcançar seus objetivos. O sofrimento causado pela exclusão dos padrões aumenta à medida que não mais se podem atribuir as características físicas indesejáveis a dons de nascença (quando se poderia, ao menos, xingar os antepassados ou a natureza, ou Deus...). Caso não remetessem a uma questão simbólica muito mais potente, talvez esses traços, sozinhos, não trouxessem tamanho mal-estar. Embora ‘ninguém queira ser feio’, o essencialismo de seus critérios poderia ser questionado e a feiúra poderia ser relativizada. Mas muito mais grave que isso é demonstrar, pelo corpo – pois dele não se pode desvencilhar de modo algum, ou se despir, como quem troca de roupa, de relógio, de carro - características de personalidade absolutamente execradas hoje: ser uma pessoa ‘descontrolada’, que ‘não se cuida’, ‘que não ama’, ‘incapaz de ser um eficiente empresário de si mesmo’, ‘de se vender bem e sua imagem, como produtos’. Isso é muitas vezes pior do que, simplesmente, ser feio, pois alguém assim não passa do mastro da bandeira de seu próprio fracasso pessoal no capitalismo avançado.

Desse modo, assim como se constrói um corpo, constrói-se a própria identidade, e existe um único responsável pelo seu sucesso e pela sua aparência, tornando-se o corpo um elemento decisivo, já que o corpo feio, gordo, a aparência descuidada, são sinais de fracasso, de *incapacidade* de alcançar seus objetivos. No mundo que fala o idioma do narcisismo, o principal requisito exigido dos indivíduos é que amem a si mesmos, sobre todas as coisas, então, como justificar a falta gravíssima de não se cuidar? Falas muito corriqueiras, freqüentemente ouvidas durante a pesquisa de campo, foram: ‘*se você não gostar de você, quem é que vai gostar*’ e ‘*Primeiro eu, segundo eu, terceiro eu*’. Atenção, não se trata de um juízo de valor contra elas, mas, ao contrário, identificam-se aí lemas de quem busca a sobrevivência na selva. Como será alguém admirado, incondicionalmente,

desinteressadamente, sem algum mérito pessoal, alguma ascese, ou sinal de trabalho na busca da virtude? Enfim, a discussão extrapola o feio e o bonito, pois se a beleza não é mais um dado de nascença, ela pode ser totalmente ‘perdida’ se não for cuidada. O narcisismo é compulsório, e o sujeito está totalmente entregue a si mesmo, não adianta mais rezar, pedir a Deus: desde a Reforma, Deus delegou essas funções para os indivíduos, num mundo cada vez mais ‘desencantado’: ‘o jeito é se cuidar’. Pode-se, no máximo, recorrer aos especialistas, mas é preciso pagar por eles, pois considerando que no Brasil jamais se realizou o ‘Estado de Bem-Estar Social’ ocorrido em países ricos, suas consultas custam caro! Antes da consulta, conforme se referiu Augé, a respeito dos não-lugares, é preciso provar sua inocência, mas ‘onde foi mesmo que eu guardei o último recibo do plano de saúde ... ?’

Mas, por quê, então, a forma magra e musculosa, e não outra? Ela apresenta-se como uma reação direta aos efeitos do sedentarismo, pois, na falta de esforço, justamente a obesidade e a flacidez são as conseqüências esperadas. Seus objetivos também lutam contra o processo de envelhecimento, descrito em termos de aumento de tecido adiposo e diminuição de massa muscular. O cotidiano urbano, de modo geral, não exige grandes esforços físicos, mas isso deve ser compensado de algum modo, pela persistência e força de vontade individuais, e essas refletem o controle sobre os impulsos e sobre a própria vida, a capacidade de auto-governo, de se empresariar com sucesso, se adequar aos critérios de flexibilidade exigidos pela sociedade e pelas empresas. Além de tudo isso, as descobertas científicas apontam a importância da boa-alimentação e da prática de atividade física para uma boa-saúde e maior longevidade - estudos recentes vêm comprovando que a longevidade está freqüentemente relacionada a uma alimentação saudável e pouco calórica. A ampla divulgação das descobertas científicas na sociedade reflete-se à medida que esses itens (alimentação e atividade física) foram mencionados nas respostas de sujeitos de todos os níveis sócio-econômicos. Todos desejam viver muito, mas de preferência sem envelhecer, ou adiando ao máximo o surgimento dos sinais da velhice.

Constatada a vigência de uma suposta ‘cultura somática’, não se pode negar que ela apresenta aspectos positivos e negativos, os quais se referem, respectivamente, à maneira

como o indivíduo a enfrenta. Apesar de muito em voga e referida nas falas, a insatisfação com o próprio corpo não aparentou ser uma preocupação que ocupa o pensamento das pessoas 24 horas por dia. Há aqueles que sofrem mais com isso, indicando maiores dificuldades em relação à auto-imagem. Não lidar bem com essa pesada carga de responsabilidade origina as situações desesperadoras relatadas diariamente nos jornais - inúmeros casos de pessoas com distúrbios da auto-imagem, e os sofrimentos emocionais decorrentes de uma forma corporal indesejável que, sem qualquer necessidade aparente, tomaram altas doses de anabolizantes, que se submeteram a cirurgias estéticas, e não foram felizes e, o que é pior, as desordens psíquicas que levam a todas essas atitudes, movidas por um narcisismo, que ao contrário de amor, nada mais é que um puro e mortal ódio a si mesmo.

Na pesquisa de campo, chamaram atenção os casos – de gravidade bem menor que os citados acima – da professora, que recebeu uma cirurgia estética de presente (caro) dos irmãos; o da filha do cirurgião plástico, que relatou que seu *‘vício de malhar’* estava interferindo negativamente em sua vida, o que a fazia cogitar procurar uma terapia; e o da professora de Educação Física, muito incomodada com as críticas dos amigos e da família por ter engordado. A última indicou que somente quando encontrou algo que lhe proporcionava prazer, a hidro-ginástica, é que ela conseguiu dar continuidade à prática de atividade física.

A questão do prazer e do bem-estar remete às conseqüências positivas da cultura somática, recordando que a atividade física traz indiscutíveis benefícios à saúde. Observou-se, em campo, que para alcançar uma forma desejável, as pessoas buscam atividades com as quais se identificam, de modo que a preferência por uma determinada modalidade, e não por outra, manifesta escolhas pessoais, numa dinâmica em que ao mesmo tempo se expressam e constroem sua identidade. Por isso, além da imposição externa de padrões pela mídia e da cobrança do grupo social, foi mencionado, simultaneamente, o prazer gerado pela prática. Nas palavras do cadeirante, *‘o eixão pra mim é a maior terapia (...), é como escovar os dentes’*. Ao relatarem o incômodo trazido por um intervalo maior de tempo de inatividade, os entrevistados demonstraram as práticas não são movidos somente por razões estéticas. A busca da beleza está presente, e é, certamente, benéfica, pois eleva a auto-estima e a aceitação

pelo outro, mas essa preocupação não se dissocia da questão da saúde, pois existe uma necessidade do organismo, já que o movimento resulta numa sensação de prazer e bem-estar, explicada, dentre outros fatores, pela liberação de um neuro-transmissor, a endorfina.

Portanto, dentre as inúmeras maneiras de modificar o corpo, o movimento, em especial, não parte somente de pressões dos meios de comunicação, da indústria cultural, da sociedade, mas também de uma necessidade, literalmente, orgânica, que só aumenta ao longo da prática, pois o prazer conseqüente à liberação de endorfinas gera uma espécie de vício. Em casos extremos, como já citado, ele pode levar a distúrbios emocionais, sendo a vigorexia o principal deles, mas, de modo geral, esse vício pode ser bastante saudável. O modo de realização dos exercícios pode variar bastante, segundo os gostos pessoais. A tão referida ‘cobrança’ está no ar, os meios de comunicação apresentam modos de vida e padrões de beleza a serem imitados, gerando um mercado lucrativo, mas diante do desejo do corpo perfeito abre-se um amplo espectro de possibilidades de escolhas e as pessoas empenham-se nessa ‘batalha’ buscando sempre atividades que mais lhe agradam.

A preferência de um pode ser o balé, de outro, ‘*puxar ferro*’. Não se pode dizer que o *tai chi chuan*, a dança, o *yoga*, sejam bons para todos, pois há pessoas que somente desejam se movimentar numa esteira, e se não têm outra ocasião para isso, por que não? Apesar dos preconceitos de certos segmentos em relação às academias, e um pensamento corrente de que é um lugar de ‘*patricinhas*’, as mesmas são freqüentadas por pessoas de idades e estilos muito variados que, muitas vezes, buscam ali um refúgio, um lugar para ‘*desestressar*’: ‘*malho para ter uma hora em que não estou trabalhando, que não tenho que pensar em nada*’ (s.i.c.). Um ambiente repleto de equipamentos, repetições, simulações, e refrigeração pode assustar e parecer inóspito a uns, mas agrada e é extremamente prático e conveniente para outros. Se a esteira ergométrica é artificial, não se pode afirmar que as pistas sejam propriamente ‘naturais’, pois as pessoas não estão caminhando para chegar a algum lugar e sim, porque seus corpos necessitam e não dispõem dessa oportunidade, caso não separem aquele tempo para tal. No entanto, uma diferença importante é que a esteira exige muito mais do que caminhar na calçada, porque, enquanto na última ocorre uma redução gradual de esforço, à medida que a

fadiga vai se instalando, isso é impedido pela máquina: *‘aquela produção que diminui na rua e você não percebe, a esteira não deixa cair. A esteira acaba dando uma sobrecarga maior, exige mais, porque você não deixa cair a produção nenhum pouquinho’* (Mário, 31 anos, praticante de academia, fisioterapeuta). Percebe-se que as práticas afinam-se bastante com os respectivos modos de vida, nelas está presente a mesma atitude que se tem diante do trabalho, a preocupação com a eficiência, o alcance dos resultados, e de nunca diminuir a produtividade: *‘o chefe não quer que você leve problema, quer a solução’* (s.i.c.). A discussão se esse impedimento da queda de produtividade é ou não saudável pode ser tema de outro trabalho de pesquisa, mas, à primeira vista, parece se adequar mais às máquinas de uma fábrica do que à fisiologia humana.

Por outro lado, apesar dos mecanismos da propaganda numa sociedade de consumo de massa, o sujeito – ao menos aquele que foi encontrado, em campo - não é acrítico, conforme a descrição dos *frankfurtianos*. Em relação à beleza física, mais propriamente, muitos apontaram para o bom-senso, o equilíbrio das formas, para um cuidado com a distinção, para não cair na *‘peruagem’*, no lado *‘brega’* de *‘querer ser o que não é’*. As críticas se dirigiram aos casos extremos e não à aparência saudável e à busca – relativamente sensata -por beleza e saúde. O corpo *‘sarado’*, mas sem exageros, mostrou-se o mais almejado, enquanto o corpo das modelos - adequado para a exibição e venda de roupas, uma forma bastante improvável estatisticamente no conjunto da população brasileira, aproximando-se, em geral, de um padrão anoréxico - não costuma agradar: *‘pouca carne’*, *‘parecem doentes’* (s.i.c.). Também foram criticados os corpos exageradamente *‘turbinados’*.

De modo geral, as falas dos nativos reportaram a ideais que escapavam aos padrões convencionais, e freqüentemente associavam a beleza a um *‘algo mais’* que as fotografias dos *outdoors* e das revistas deixava escapar - houve quem comentasse que *‘com um programa de computador, fotoshop, qualquer mulher fica com o corpo maravilhoso!’* Isso mostra que as pessoas não são facilmente ludibriadas. Atenção, não se questiona aqui a evidência dos processos da *‘indústria cultural’*, mas talvez essas falas tenham se referido a algo que a mesma não seja capaz de dominar, quem sabe esse *‘algo’* não seja a própria *‘aura’* que teria perdido a

arte na ‘era da reprodutibilidade técnica’, aludindo aos termos de Walter Benjamin. Eventualmente, até foram mencionados o corpo e rosto bonitos, mas, muito mais frequentemente, foram citadas características que extrapolam a aparência, traços de personalidade tais como a educação, simpatia, generosidade, caráter, afetividade, simplicidade, e uma aversão à vulgaridade. Por isso, muitos dos julgamentos estéticos, quando solicitados a descrever uma pessoa bonita, eles enumeraram qualidades morais: ‘*A Fernanda Montenegro, uma mulher que se assume*’; ‘*O Anthony Queen, ele adotou uma criança brasileira*’. Que a beleza é importante para todo mundo, não restam dúvidas, mas o que eles deixaram claro foi que somente a beleza, em seu aspecto puramente físico, não basta: ‘*o que adianta a mulher ser bonita e na cabeça só ter cocô?*’ (s.i.c.).

Tanto que ‘*a pessoa se achar melhor do que as outras*’ foi uma resposta muito ouvida diante da questão acerca do que seria brega, cafona. Na busca da boa-forma residem, portanto, elementos contraditórios, tais como o desejo de ser o melhor, parecer com os padrões apresentados pela mídia - ser aceito e, adequar-se, abraçar o sucesso e a realização, negar os estigmas sociais e se distinguir do vulgar, lançar uma moda, mas que quando passa a ser seguida torna aquele produto novamente massificado e vulgar – junto à inevitável consciência de que ‘*ninguém é melhor do que ninguém*’, e que ‘*um dia, todos vamos morrer*’; à admiração pelo que é simples, ‘*cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é ...*’ (‘dom de iludir’, canção de Caetano Veloso), tudo isso somado àquele incontestável prazer fisiológico resultante da liberação de endorfinas - pois quase que sem exceção os nativos manifestaram algum incômodo quando deixavam de praticar suas atividades.

De fato, em todos os discursos, somados ao desejo de alcançar um corpo bonito – somente realizável a médio e longo prazo - estiveram presentes a busca de realização pessoal, melhoria da qualidade de vida e, o que é mais importante, de prazer. Não foram somente corpos que estão sendo movimentados, meras histórias de corpos, mas histórias de vida, que incluem as transformações corporais, e todos os seus resultados satisfatórios ou não.

Quanto à relação de correspondência entre prática corporal e estilo de vida, havia, inicialmente, a intenção de traçar um quadro geral relacionando os grupos pesquisados a essas variáveis. No entanto, diante da enorme heterogeneidade, mesmo dentro de cada um dos universos, essa idéia foi abandonada. A tentativa de enumerar ‘tipos-ideais’ resultaria inútil, pois não seria suficiente descrever dois, três, ou quatro, mas infinitos deles. Podem ser expostos apenas alguns elementos mais evidentes que se apresentaram como peculiares ou comuns aos quatro locais pesquisados. Nesse sentido, não se pode estabelecer uma relação biunívoca: a escolha por uma atividade faz parte de um conjunto que compõe o estilo de vida de alguém, mas isso não quer dizer que dentre os praticantes de musculação, por exemplo, não exista uma enorme variedade de estilos diferentes. Há que se estabelecer, de saída, uma ressalva, já que todos sujeitos abordados pertenciam a universos em que a prática de atividade física está inserida no cotidiano, o que faz com que se tratem de pessoas para quem a saúde e a beleza representam preocupações relevantes.

Foram encontradas algumas peculiaridades, certamente, em especial no que diz respeito ao poder aquisitivo. Pelas tabelas, pode-se identificar a grande discrepância entre as rendas mensais, assim como no nível de escolaridade e no valor dos gastos com a beleza e atividades de lazer (os últimos não tabulados aqui). Os alunos da mega-academia freqüentam bares e restaurantes sofisticados, enquanto os das pistas do Paranoá vão a locais mais populares, no entanto, freqüentemente, ‘descem’ até o Plano Piloto. No Paranoá, existe também um jornal local, ‘O Galo de Briga’, mencionado pelos nativos, enquanto nos outros dois locais foram mais citados o ‘Correio Braziliense’ e revistas tais como ‘Veja’ e ‘Isto é’. As religiões variaram bastante, mas na academia do Paranoá, predominou a religião evangélica, enquanto, nos outros locais, a católica. Na academia do Paranoá, é grande a freqüência de rapazes que têm como principal objetivo o ‘passatempo’. Na mega-academia encontravam-se várias pessoas que trabalhavam em seu próprio negócio ou no dos pais.

Por outro lado, a pesquisa de campo deparou-se com uma situação bastante diferente daquela encontrada por Bourdieu, na França, há 20 anos, e por Mira, quando afirmou que ‘o culto ao corpo tende a mobilizar ambos os sexos, todas as faixas etárias e todas as classes,

embora com menos intensidade nas classes populares' (Mira:184). A preocupação com o corpo na classe baixa não era menor, mas havia somente uma diferença de acesso aos procedimentos mais caros, algo semelhante ao que observou Malysse no Rio de Janeiro. Apesar das dificuldades de acesso aos padrões de beleza vigentes, transformações culturais evidenciam que nelas, a busca pela boa-forma também vem se acentuando.

Prova disso é que a empregada doméstica do Paranoá demonstrou o incômodo por ter engordado, o que gerou até o rompimento de um relacionamento amoroso, e a satisfação obtida quando, num momento posterior, emagreceu, e começou outro namoro. Há que se ressaltar que todos os nativos desse segmento social eram praticantes de atividade física. Provavelmente, essa diferença de importância possa ser encontrada mais facilmente entre a população de praticantes e não-praticantes de atividade física, do que entre praticantes, pertencentes a diferentes classes sociais. A resposta de um aluno da mega-academia resume essa idéia: *'para quem está fora de forma e não liga para isso, é possível estar fora de forma e estar feliz, mas para quem liga, isso não é possível, mas como a pessoa liga, faz por onde, se cuida'*.

Se o desejo de alcançar uma boa-forma apresentou-se nos diferentes níveis sócio-econômicos, obviamente, o acesso às práticas existentes não é o mesmo. O estilo de vida dos alunos da mega-academia conta com indiscutíveis facilidades para seu alcance, incluindo sofisticados hábitos de consumo, a possibilidade de arcar com despesas de vários empregados domésticos (o que libera mais tempo para a prática), e elementos semelhantes foram observados nas pistas da Asa Norte (*'minha alimentação é cara, como algas...'*). A relação com a cirurgia plástica, na mega-academia, pareceu mais 'natural', no sentido de que é um procedimento acessível a pessoas daquele nível sócio-econômico, e por ser mais freqüente, inspira menos temores. Houve quem dissesse *'vou fazer mais uma, não que esteja insatisfeita, só por fazer'*. Nas pistas da Asa Norte, também houve quem já tivesse sido submetido à cirurgia estética, outros que não tinham vontade, que gostariam, mas não tinham condições financeiras, ou que não tinham coragem. No Paranoá, uma cirurgia estética é uma prática, em

geral, inacessível, mas, curiosamente, foi em sua academia que uma das alunas deu o depoimento sobre sua plástica recém-realizada.

Uma característica comum aos quatro locais foi a receptividade dos sujeitos entrevistados. Muitos elogiavam o tema e a iniciativa de fazer pesquisa, demonstrando gostar de conversar, havendo até quem tem agradecido por ter sido entrevistado. Na pista do Paranoá, especialmente, a cordialidade foi ainda maior, pois à surpresa de estar sendo objeto de pesquisa, somou-se uma espécie de ‘diversão’ de conversar com uma pessoa desconhecida. Algumas vezes os entrevistados convidavam a pesquisadora a entrar em sua casa, tomar café, beber água...

Nas pistas da Asa Norte, a grande maioria dos freqüentadores reside próximo ao local, mas o Parque é freqüentado também por pessoas que se deslocam até os mesmos, de carro ou ônibus, com a intenção de praticar a atividade física. Na academia de elite, todos os freqüentadores para lá se dirigem de carro²⁶⁵. O preço da mega-academia limita a população de seus alunos a um elevado nível sócio-econômico, com predominância de moradores do Lago Sul e Plano Piloto, embora tenham sido encontrados também, minoritariamente, moradores de regiões como o Setor Sudoeste e as Áreas Octogonais, e Guará, que a escolheram pelo nível de excelência do serviço oferecido e pela proximidade de seus locais de trabalho. Na pista do Paranoá, todos os sujeitos abordados residiam lá mesmo, com exceção de um morador de um condomínio de classe média próximo. Ressalta-se que, naquela cidade, há também moradores de classe média e média alta, tais como comerciantes bem-sucedidos que não desejaram sair de lá após a conquista de uma melhor condição financeira. Esses residem em casas confortáveis de dois andares e têm filhos que freqüentam faculdades do Plano Piloto. Na academia do Paranoá, encontram-se desde pessoas com nível de instrução muito elementar até nível superior completo, como o caso de uma professora, residente num condomínio da região, que levando seu filho, começou a praticar *karatê* também. Segundo seu relato, dentre os

²⁶⁵ Exceto pelos funcionários, que podem usufruir de seus serviços, e que vão no ônibus próprio do *shopping*, pois, naquela região praticamente não existe transporte coletivo.

alunos, encontra-se desde o dono do mercadinho local até o filho do ‘carroceiro’, que ganha uma bolsa integral.

Apesar das diferenças no poder aquisitivo dos nativos, a idéia de distinção manifestou-se nos quatro locais pesquisados, e além das referidas críticas aos exageros das formas, todos relataram ter escolhido seus respectivos espaços de prática. Na mega-academia, foram feitas referências a uma outra, em que ‘*a piscina não é tão limpa quanto à daqui, às vezes tem um ladrilho quebrado, e os professores não são tão bons como os daqui* (s.i.c.)’. Nas pistas da Asa Norte, a beleza e praticidade do local foram freqüentemente mencionados, assim como a preferência daquela atividade à prática no ambiente fechado das academias. A academia do Paranoá foi considerada, por muitos, como ‘*a melhor*’ da cidade, e foram feitos muitos elogios ao proprietário. Mesmo a pista do Paranoá foi considerada um local melhor para a caminhada do que outros, mais perigosos. Isso demonstra que, em todos os casos, houve um componente de escolha por aquele lugar.

*

O desfecho dessa tese lança mão de um romance, pois, muitas vezes, a arte, sem o objetivo de fornecer uma interpretação teórica, é capaz de formular e sintetizar, de maneira inusitada e contundente, temas relevantes da época em que se vive. ‘Partículas Elementares’, de Michel Houellebecq (1999), foi uma fábula futurista que, misturando crítica da cultura e ficção científica, desencadeou muita polêmica na França. O livro retrata transformações ocorridas desde a década de 1960, elaborando uma aguda crítica de diversas questões que permeiam as ciências sociais, traçando um quadro surpreendente da contemporaneidade ocidental, remetendo a temas tais como o narcisismo, a solidão, a busca incessante do prazer e os avanços das biotecnologias. A discussão sobre o corpo está presente em vários momentos da trama, evidenciando sua crescente importância na cultura e na sociedade.

O enredo desenrola-se basicamente na França, na virada do século XX para o XXI, e tem como fio a vida de dois irmãos por parte de mãe, Bruno Clément e Michel Djerzinski. As conseqüências do abandono pelos pais na infância levaram a dois tipos psicológicos bastante

nítidos: pois enquanto o primeiro sofre, insatisfeito, o segundo tornou-se um tipo insensível e indiferente: Bruno se acha gordo e feio, incapaz de ser amado, e manifesta uma ansiedade constante em busca de prazer. Michel, ao contrário, é um cientista, introspectivo, extremamente frio, incapaz de amar. Paralelamente às vidas dos dois protagonistas, desenrola-se a ficção científica, pois Michel, um mundialmente importante pesquisador, tem *insights* na direção de uma descoberta altamente revolucionária, insinuada como algo ligado à clonagem humana.

A mãe deles, Janine Ceccaldi, filha de um imigrante corso e de uma balconista do *Languedoc* que se encontraram na Argélia, foi descrita como pertencente à ‘desanimadora categoria dos precursores’. Em meio às dificuldades dos anos do pós-guerra, na fatia privilegiada da população a qual Janine pertencia, ‘já apareciam os primeiros sinais de um consumo libidinal de entretenimento de massa, proveniente dos Estados Unidos da América, que deveria estender-se ao conjunto da população durante as décadas seguintes’. Nesse contexto, ela travou conhecimento dos existencialistas e viveu intensamente os primórdios da ‘liberação sexual’, tendo perdido a virgindade aos 13 anos, fato que era excepcional em seu meio.

Dotada de uma capacidade intelectual fora do comum, Janine foi estudar medicina em Paris, onde conhecera Serge Clément. Embora fosse feio, a virilidade e o empreendedorismo de Serge atraíram Janine, que com ele se casou e teve seu primeiro filho, Bruno. Serge viria a se tornar um grande cirurgião plástico, e sua trajetória profissional sintetiza a nascente era do culto ao corpo: ‘depois de uma viagem aos Estados Unidos, convencera-se de que a cirurgia plástica oferecia consideráveis perspectivas de futuro a um profissional ambicioso’. A opção por essa especialidade foi atribuída à ‘ampliação progressiva do mercado da sedução, a implosão concomitante do casal tradicional, a provável decolagem econômica da Europa ocidental’, de modo que ‘tudo conduzia (...) a prever excelentes possibilidades de expansão do setor’. Ele teve o mérito de ser um dos primeiros na Europa – e o primeiro na França – a compreender esse movimento, o que levou ao extraordinário sucesso de sua primeira clínica, ‘impulsionado pelas páginas de informação das revistas femininas, então em pleno

desenvolvimento’. Tendo aberto uma segunda clínica, Serge transforma-se num profissional extremamente bem sucedido, até metade do livro. Sua decadência, no entanto, não tardaria a chegar, e também está relacionada com as tendências de sua época. Ironicamente, seu lamento resume fenômenos analisados exaustivamente pelas ciências sociais, tais como a expansão do consumo das práticas de modificação do corpo e a tendência à sua globalização:

‘Pela primeira vez, seus negócios iam mal. Tinha deixado escapar, completamente, o mercado dos seios de silicone. Para ele, era uma moda passageira que não ultrapassaria o mercado americano. Grande idiotice. Não há exemplo de moda surgida nos Estados Unidos que não tenha conseguido submergir a Europa ocidental alguns anos mais tarde. Nenhum. Um de seus jovens sócios aproveitou a oportunidade, instalou-se por conta própria e arrancou-lhe grande parte da clientela utilizando os seios de silicone como produto de apelo. (...) Acrescentou, sombriamente, fazendo tilintar os cubos de gelo no copo: ‘a história se repete. O idiota do Poncet acaba de recusar-se a investir no alongamento de picas. Acha que isso se parece muito com salsicharia. Não crê que o mercado masculino vá sobreviver na Europa. O imbecil. Tão imbecil quanto eu, na época. Se eu tivesse trinta anos hoje, ah, eu me lançaria no alongamento de picas’.

Serge e Janine formavam, portanto, aquilo que depois veio a ser chamado de ‘casal moderno’. ‘Antes por inadvertência’, Janine engravidou de Bruno. É especialmente tocante o tom de frieza que explica sua decisão de ter o filho, que muito se assemelha a uma mera opção por um título numa locadora de vídeo: ‘A maternidade, pensava (ela), era uma dessas experiências que a mulher deveria viver’. A falta de consistência dessa decisão foi prontamente confirmada, quando ‘os cuidados fastidiosos exigidos pela criação de um bebê pareceram rapidamente ao casal pouco compatíveis com o ideal de liberdade pessoal de ambos’. Foi assim que *expediram* Bruno para a casa dos avós maternos, em Argel.

Bruno Clément viveu junto aos avós uma infância e adolescência solitárias, período em que sofreu na escola as conseqüências de ser feio e ‘gordinho’. Adulto, ele é descrito como um homem inseguro, complexado, insatisfeito com seu corpo e obstinado por uma insaciável busca de prazer sexual. Incomodavam-no, particularmente, a esbelteza das pessoas com modos

de vida ‘alternativos’ com quem sua mãe se relacionava. Diante delas, ‘Bruno recusava-se a se despir. Sentia-se branquelo, minúsculo, repugnante, obeso’.

Michel, um pesquisador com notoriedade da área de biologia, é filho de Janine Ceccaldi com Djersinski, um imigrante de origem humilde, de um país da Europa Oriental, que viria a se tornar um talentoso cineasta. Quando nasceu, sua mãe já não mais vivia com Bruno, de modo que os irmãos pouco conviveram, e Michel foi criado por sua avó paterna.

Ao constatar, como muitos de seus contemporâneos, que alguma coisa radicalmente nova lá estava acontecendo, Janine partiu para Esalem, Califórnia, Estados Unidos. Lá eram fundadas comunidades baseadas na liberdade sexual e na utilização de drogas psicodélicas, destinadas a provocar abertura no campo da consciência. Ao mesmo tempo, o livro indica que ela vivia dos ganhos da clínica de cirurgia plástica do ex-marido, enfim, do desejo de certas mulheres, ‘bem de vida’, de corrigir imperfeições, e de lutar contra a degradação acarretada pelo tempo, contexto ao que se acrescenta, ainda:

‘na classe média à qual se integravam progressivamente os operários e os chefes do médio escalão (...) abriu-se um novo campo à competição narcísica. ... Fica nítido, porém, que a aspereza da competição sexual, porém, não diminuiu.

Não se contará aqui como termina o romance, mas a razão de abordá-lo deve-se ao fato de que, ao mesmo tempo em que toca na questão do corpo, ele oferece algumas pistas acerca das grandes transformações de mentalidade e comportamento, ocorridas a partir das décadas de 1960 e 70. Aquele período foi marcado pela reivindicação de liberdade, e nele reinava um clima de questionamento, de contestação das ideologias dominantes, dos aparelhos burocráticos e repressivos, da sociedade de consumo.

A temática do corpo acabou ocupando o coração desses debates, sendo que um aspecto de politização da mesma deu-se em torno da questão da sexualidade. Assiste-se à irrupção de uma reflexão sistemática acerca do corpo, onde numerosas abordagens teóricas tendo o corpo como objeto vêm à tona. Descobriu-se o quanto era ‘preciso reaprender a ver o corpo, fazer

um balanço da civilização em que se vivia’ e como ‘a experiência concreta do corpo estava ligada ao contexto da civilização’. Proliferaram os discursos sobre a liberação do corpo, a visão do corpo-máquina foi posta em questão, em benefício de um corpo colocado à frente, como um valor em-si. O corpo passou a exercer uma espécie de fascinação e tornou-se o local da identidade pessoal. Falou-se do corpo para denunciar o verbalismo, o palavrismo, o intelectualismo milenar de nossa cultura, o que pode se resumir no seguinte lema da época ‘o que quer que vocês sejam, se quiserem se transformar, comecem pelos seus corpos’. Assim, nós ‘fazemos’ mesmo (aulas de) corpo como fazíamos, há não muito tempo, piano, pintura e bordado’ (Travaillot,1998:39). Foi justamente nesse contexto que surgiram as terapias corporais, presentes na história de Janine Ceccaldi, adepta de algumas dessas ‘novidades’ da Califórnia.

As transformações dessa época modificaram a imagem que as mulheres faziam delas mesmas e a maneira como eram consideradas, assim como as condições de exercício da sexualidade e as representações do corpo (ibidem:39-40). Embora não se possa afirmar que todos passaram por essas mudanças de modo tão radical, já que Janine representa um tipo-ideal (ou um estereótipo) de alguém que viveu no epicentro dessas mudanças e que sofreu muitas de suas conseqüências, mesmo aqueles que estavam à margem desses acontecimentos não deixaram de ser por eles influenciados, de modo que repercutiram na sociedade como um todo.

As questões corporais provocaram, enfim, naquele período, verdadeiras batalhas políticas, sendo que cada vitória trazia um sentido de maior liberdade individual e evolução das mentalidades, o que se refletiu nas práticas que visavam ‘liberar’ e transformar o homem, buscando na vida uma harmonia entre corpo e natureza. Contemporâneos das manifestações da contracultura, surgiram os primeiros sinais de uma ‘psicologia humanista’, centrada sobre o corpo, assim como as terapias de grupo²⁶⁶. O corpo transformou-se em material de arte. Uma

²⁶⁶ Jodelet (1983) evidencia essas transformações por meio de uma pesquisa realizada em dois períodos, primeiro entre 1960 e 1963 e depois entre 1975 e 1976, na França. As entrevistas evidenciam a evolução das mentalidades no sentido de uma liberação do corpo. Entre um e outro período, o corpo se apresenta como um campo de exploração mais aberto, mais acessível. As declarações tornam-se mais variadas, menos redundantes. Os discursos abordam o corpo de uma maneira menos abstrata. Dirigindo-se mais diretamente à experiência vivida

revista surgida em 1971, a *'Artitudes'*, consagrou seu primeiro número à *body art* (Vigarello,1982:43).

Após a metade da década de 1970 e início dos anos 80, contudo, a crença em idéias políticas, dentro de grandes ideologias e as causas coletivas, perdeu notadamente sua força. Caem por terra as ambições e utopias da década anterior. Surgiram as primeiras análises sobre o desenvolvimento do individualismo, por Sennett (1974), Jaccard (1975) e Lasch (1979). A atenção para o corpo, iniciada num momento anterior, foi ainda mais reforçada, porém agora sob uma perspectiva oposta, o que aponta para uma mudança *qualitativa* nesse domínio. A queda das crenças levou a uma valorização do imediato, do 'tocável', 'sensível': 'viver melhor', 'não envelhecer' e 'cuidar do corpo' tornaram-se valores preponderantes ('eu vou é cuidar mais de mim', cantado por Rita Lee...)' O corpo tornou-se um objeto maior na busca-conquista do íntimo, no entanto, os indivíduos passaram a se voltar para suas esferas individuais (Vigarello,1982:41).

Ainda que houvesse resquícios daquela motivação anterior de 'mudar a sociedade', a posição tornou-se mais individual e hedonista, o lema transforma-se em 'é preciso modificar a si mesmo a fim de gozar a vida, é preciso viver mais'. O foco sobre o corpo, que nas décadas anteriores representava um eixo central nas reivindicações, sofreu uma mudança radical de sentido. Numerosos setores da vida social passaram a ser marcados por essa voga a favor do corpo, novo objeto de conquista individual, tais como a dietética, os serviços de cuidados e de saúde, e os exercícios físicos. O corpo se infiltrou profundamente na cultura desse período e se fixou de modo ostentatório.

Portanto, analisar como a questão do corpo transformou-se na subjetividade dos indivíduos serve de uma maneira muito particular para exemplificar o quanto a crítica a um determinado sistema político-social-econômico pode ser por ele absorvida, num mecanismo de *feed-back*, de modo a aperfeiçoá-lo, a fim de permitir sua continuidade. Retomando os tipos-

do próprio corpo, que torna-se um objeto menos distante(Vigarello,1982:41).

ideais com que se trabalhou anteriormente, o ascético e o narcisista, é possível situar o movimento de liberação ocorrido, a nível internacional, nas décadas de 1960 e 70, como uma tentativa de ruptura com o modelo repressor imposto desde os primórdios do capitalismo. ‘Corpos em revolta’, tanto *hippies* quanto militantes políticos de esquerda, em lutas armadas ou nas disputas partidárias, foram tipos-ideais que, embora situados em extremos opostos de um espectro, compartilhavam de um mesmo ‘espírito do tempo’, em que se respirava o desejo de ‘mudar o mundo’.

Depois dessa época, ocorreu uma verdadeira ‘Revolução Sexual’, os hábitos e modos de vida modificaram-se, aumentou expressivamente a tolerância às diferenças individuais, fortaleceu-se a autonomia de cada sujeito em relação a seu destino e às suas atitudes, ao que fazer com seu próprio corpo e seu desejo. No entanto, ao contrário de ter sido substituída por uma suposta nova ordem, o sistema capitalista, enquanto tal, não somente atestou sua permanência, como se fortaleceu, à medida que se sofisticou, incorporou a bandeira da ‘liberação do corpo’ e transformou-a em ‘boa-forma compulsória’. O corpo, que havia sido apropriado pelo sujeito e descoberto como objeto de prazer, transformou-se em objeto de consumo, e o que é pior, em uma fonte inesgotável de insatisfação. A cultura do narcisismo pode ser considerada uma resposta do sistema capitalista aos ataques que ele sofreu nos anos da contracultura, em que tanto se contestaram sua repressão e seu ascetismo fundadores. Por isso, Jurandir Freire Costa descreveu o momento presente com as seguintes palavras: ‘o sujeito está de frente ao imenso banquete do consumo, mas dele não pode desfrutar, por medo de engordar’²⁶⁷.

Por trás do corpo maravilhoso, reside algo mais, pois o que está em jogo é transmitir uma impressão de que se tem controle total sobre ele, pois ele simboliza o controle sobre a própria vida. A conquista de uma aparência desejada demonstra que se tem o domínio da situação, afinal, o dinheiro pode comprar quase tudo²⁶⁸. Essa atitude faz parecer que as

²⁶⁷ Entrevista concedida ao Jornal ‘O Globo’, em 20/11/2004, por ocasião do lançamento de seu livro ‘O Vestígio e a Aura’

²⁶⁸ Diz o anúncio do cartão de crédito: há coisas que o dinheiro não pode comprar. Para todo o resto... existe o ‘credicard-mastercard’.

adversidades da vida não afetam, nem o sujeito, nem seu corpo. É comum que as pessoas sofram uma alteração (involuntária) de seu peso quando se casam, se divorciam, entram ou saem de um determinado emprego, quando se mudam de uma para outra cidade, quando escrevem uma tese... No entanto, no quadro atual, em que os devem ser ‘empresários de si mesmos’, é imprescindível demonstrar que nada lhes afeta, aparentar inabalável diante de todas as circunstâncias da vida. Somados à magreza e aos músculos definidos, as/os modelos estéticos e de conduta exibem um característico olhar indiferente, *blasé*, *cool*. Embora eventualmente mencionadas, as grandes emoções são bem-vindas somente quando devidamente escolhidas, compradas pela ponta do dedo indicador da mão direita que aperta os números da senha para fazer um débito automático.

À guisa de conclusão

A contemporaneidade convive com um certo tipo de cultura somática, que não se dá como presença viva do corpo, mas sob uma visão delirante do corpo, sob um ‘fantasma redutor’, nas palavras de Baudrillard (Baudrillard,1976:177), sintetizado sob o conceito de boa-forma. Essa cultura preconiza um ideal de beleza difícil de ser alcançado, já que incita ao consumo dos alimentos calóricos e promove o sedentarismo cotidiano, ao mesmo tempo em que exige, em contrapartida, a magreza e a força muscular. Torna compulsória a prática de atividade física, mas retira a grama e a terra dos pátios dos jardins de infância e as substitui por tapetes sintéticos, para que as crianças ‘não se sujeem’, não corram risco de se infectar. Onde estaria o corpo?

De um modo ou de outro, a atividade física surge como uma resposta a um modo de vida que não utiliza suficientemente o movimento do corpo humano, o qual, constituído de estruturas contráteis e elásticas que são os músculos, na inatividade, sofre conseqüências nefastas. Essa falta de contato com o corpo, de ocasiões para se usufruir o movimento, pode ser lamentada pelos românticos e idealistas. Mas não se pode negar que a prática de atividade física representa uma alternativa.

Se o acesso aos recursos disponíveis não é universal, pois somente uma elite dispõe de dinheiro e tempo para determinados cuidados, dentre as inúmeras práticas de construção do corpo, a atividade física ainda se apresenta como a mais democrática de todas. Ela pode contar com aparelhos sofisticados os mais variados, mas o movimento humano não prescinde dos mesmos, e uma caminhada pode se realizar, gratuitamente, desde que haja um espaço, que pode ser mais ou menos confortável. Dificilmente os frequentadores da mega-academia podem ter visitado, um dia, a cidade do Paranoá. Nas pistas da Asa Norte, houve quem demonstrasse preconceito contra a academia, referindo-o como um lugar odioso, onde ‘só tem *patricinhas* e *mauricinhos*’. No entanto, apesar de se ter tratado sob a noção de não-lugar, que seus frequentadores sentem-se à vontade naquele espaço, e muitas vezes têm nele um refúgio, ‘um lugar onde não tenho que pensar em nada, onde não estou trabalhando’. A atividade compulsória se apresenta como um remédio à esperada inatividade urbana e os enclaves fortificados nada mais são que uma resposta arquitetônica à qual tem acesso uma elite diante de uma realidade de violência e medo que perpassou o discurso de pessoas dos diferentes segmentos estudados.

Contudo, mais que o dinheiro necessário para entrar numa academia, são exigidos, primeiramente, disciplina, força de vontade, alguma motivação que leve o praticante a aderir àquela atividade. Sim, pois embora uma mensalidade de R\$300,00 ou R\$400,00 seja cara para a população brasileira de modo geral, não o é para os frequentadores da mega-academia, que estão ali despendendo algum esforço e tempo, em algo que acreditam que lhes trará benefícios, do mesmo modo que o caminhante da pista do Paranoá.

A professora aprovou os resultados de sua cirurgia plástica, apontando-a como responsável por uma elevação de sua auto-estima, pois, com ela, sentiu-se ‘*mais valorizada*’. Todavia, embora a cirurgia estética tenha lhe trazido benefícios, a professora chamou a atenção para os limites de uma ‘mudança exterior’, pois suas condições objetivas de existência permaneceram as mesmas. Enfim, o corpo pode ser um aspecto muito importante de suas vidas, mas a vida não é só isso, muito mais rica e complexa, possui inúmeras facetas. Ricos ou pobres, estão ali, caminhando, malhando, porque querem melhorar suas vidas de alguma

maneira, e trazem consigo seus dramas e anseios pessoais, emocionais, preocupações amorosas, com o trabalho, a saúde, os filhos. Como ela mesma disse, são pessoas, com ‘*condições objetivas de existência (s.i.c.)*’ e não meras máquinas de alavancas movidas por músculos.

Finalmente, a hipótese de que o culto ao corpo traduziria uma suposta crise, a explosão do sujeito moderno, por outro lado, foi refutada. Talvez esse acontecimento possa ser identificado em outros campos, o das comunicações virtuais, das práticas de *body modification*, dentre outras, mas não no universo das práticas de atividade física, pois nesse, a noção de indivíduo é totalmente presente e crucial. Todos os dilemas da cultura somática estão ligados ao indivíduo enquanto um tipo de percepção. Essa crise pode existir, mas ao contrário de traduzi-la e reforçá-la, a atividade física pode até servir como uma reação à mesma, e demonstrar a marcante presença do sujeito diante dela. O intervalo de tempo dedicado ao corpo é um momento de ficar consigo mesmo, de fugir das tensões do trabalho, de responder, enfim, a demandas emocionais diante das pressões sociais e orgânicas, diante de um cotidiano sedentário.

Ao mesmo tempo, numa sociedade em que reina a diversão eufórica e compulsiva, tudo deve ser contado, calculado, tudo que você come, os minutos que você dorme, quantas calorias se perdem quando você dança, não importando se numa festa ou na plataforma de brinquedo eletrônico, numa bicicleta ou esteira ergométrica. A falta de habilidade para contar corretamente leva às atitudes desesperadas, e às tragédias conseqüentes à obesidade, à bulimia, à anorexia, à vigorexia, às cirurgias infelizes.

Enfim, o que está em jogo não é mostrar ou deixar de mostrar, mover ou deixar de mover, mas *COMO* mostrar, como mover, sempre sob uma lógica pragmática, dentro de uma gama pré-estabelecida de formatos a qual não é permitido extrapolar. Portanto, é importante ressaltar que a questão é muito complexa e que vários elementos entrelaçam-se dentre as motivações para a prática de atividade física, tais como seu aspecto social, estético, a busca de diversão, melhor saúde e qualidade de vida. Não se questiona, portanto, o fato de se praticar

ou deixar de praticar exercícios físicos e sua importância para a saúde, além do quê, incontestavelmente, a *regularidade* seja um item essencial das prescrições médicas. O que se discute é a *maneira* como essa atividade é praticada, pois se observa que a disciplina rígida e a falta de espontaneidade são exigidas simultaneamente à construção de um estilo de vida, que fora dos momentos de *dever* com o corpo, é absolutamente sedentário. Um exemplo disso é que muitas pessoas que ‘malham’ regularmente são incapazes de se deslocar a pé em seu cotidiano ou abdicar do elevador e subir de escadas. Identifica-se aí uma espécie de ‘medicalização’ das práticas corporais, pois, nas sociedades ocidentais, de modo geral, não é comum que o exercício esteja presente em atividades cotidianas, quando utilizado, por exemplo, como um meio de transporte²⁶⁹. Nessa situação, o gasto energético não seria a finalidade, mas uma mera consequência da necessidade de se deslocar. Como na maioria das vezes, não é isso que ocorre, faz-se necessário reservar um tempo especialmente para o gasto da energia ‘sobressalente’, em locais e vestindo os uniformes ‘apropriados’ para tal.

Mas o mundo não vive só de tragédias e de orquestrações do sistema em mecanismos de controle invisíveis aos sujeitos. O indivíduo não é uma *tabula rasa*, as pessoas não recebem as informações passivamente, não são facilmente iludidas, e percebem o totalitarismo que lhes é imposto. As práticas corporais refletem muitos aspectos de uma determinada configuração sócio-histórica, e ao mesmo tempo em que as pessoas desejam seguir o ‘modelo’, para serem aceitas, não o fazem de modo acrítico. Tanto que, em todos os universos pesquisados, muitas vezes, junto a uma certa insatisfação, um desejo de modificar o corpo, ouviram-se críticas aos modismos e aos exageros.

A escolha por uma atividade depende de uma decisão e está relacionada a uma forma de expressão da identidade. A fala dos entrevistados provou que sua prática não é somente imposição, mas engloba sempre uma parcela de prazer e está ligada à busca de saúde, bem-estar e do aumento da expectativa de vida. Além disso, os efeitos benéficos sobre a aparência

²⁶⁹ Um exemplo de país não-ocidental em que é amplamente difundida a utilização da bicicleta como meio de transporte é a China. Dentre os ocidentais, a Holanda (junto com outros países nórdicos) representa uma exceção ao que foi afirmado acima, pois a bicicleta realmente faz parte do dia-a-dia de seus habitantes, não como esporte, mas como meio de transporte.

são uma inquestionável fonte de satisfação, à medida que se relacionam à aceitação pelos outros. Além de tudo isso, apesar de marcada por um acentuado individualismo da sociedade contemporânea, essas práticas oferecem algum espaço para a sociabilidade.

Por isso, dentre os aspectos positivos²⁷⁰ da redescoberta do corpo, a proliferação das atividades físicas, sejam elas quais forem, merece destaque. O acesso às práticas pode ser desigual, e o nível social pode limitar, mas não determinar, pois existe sempre algum grau de liberdade, uma margem de escolha. A caminhada é um exemplo de uma atividade gratuita, nesse sentido, bastante democrática, ressalvadas as diferenças em termos de conforto dos espaços livres dos diferentes bairros da cidade. Assim, apesar de todos os aspectos nefastos da sociedade de consumo, da qual se tornou um lucrativo alvo, o corpo pode ser, um meio de expressão da singularidade individual e isso passa inevitavelmente pelo prazer, afinal, ‘todo o prazer provém do corpo’²⁷¹, dizem os versos de John Donne.

Portanto, ao mesmo tempo em que se identifica uma ferrenha imposição da sociedade sobre os indivíduos, existe sempre uma brecha por onde se pode, por maneiras as mais inusitadas, escapar. Apesar das reações e cooptações da descoberta do corpo sob a égide da boa-forma, nem todos os ecos daquela reivindicação de prazer e liberdade foram silenciados. A expansão de práticas corporais não-convencionais, que recusam o movimento mecânico e lidam com a sutileza das sensações e a consciência do movimento, seguiu um caminho paralelo, o qual não se pode relatar em detalhes, por fugir ao escopo desta tese, mas que repercutiu em inúmeros adeptos e na linguagem da dança contemporânea. O depoimento do diretor de teatro Amir Haddad faz uma síntese do que aconteceu neste âmbito no Brasil:

²⁷⁰ Mesmo no campo das cirurgias estéticas, que não foi objeto central desta pesquisa, a possibilidade de modificar o corpo apresenta-se, muitas vezes, como uma verdadeira libertação, à qual não se tinha acesso, no passado.

²⁷¹ ‘Elegia’, canção de John Donne, poeta do século XVII, cuja versão de Péricles Cavalcanti e Augusto de Campos foi gravada por Caetano Veloso: ‘Deixa que minha mão errante adentre/ em cima, em baixo / entre/ minha América, minha terra à vista / Reino de paz se um homem só a conquista / Minha mina preciosa, meu império / feliz de quem penetra o teu mistério / Liberto-me ficando teu escravo / Onde cai minha mão, meu selo gravado / nudez total: todo prazer provém do corpo / (como a alma sem corpo) sem vestes / como encadernação vistosa / Feita para iletrados, a mulher se enfeita / Mas ela é um livro místico e somente / a alguns a que tal graça se consente / é dado lê-la ? Eu sou um, quem sabe ...’

‘Foi a época em que se começou mesmo a falar de corpo, em 60, 70, quando o corpo deixou de ser tabu. A chamada revolução sexual e todos esses acontecimentos da década de 60 foram tão importantes porque liberaram o corpo das pessoas. Os corpos se liberaram e as pessoas passaram a entrar em contato mais profundamente com isso. Ficou até uma certa mística do corpo, um excesso de construção do corpo, excesso de atenção que até hoje se vê nas academias, essas coisas todas. (...) (referindo-se ao trabalho de Klauss e Angel Vianna) Muito além da dança, muito além da coreografia, muito além do baile. Estavam pensando o corpo como parte integrante do cidadão, com possibilidade de afirmação e dedicação, tirando os preconceitos todos que a carne sofria. Era como se eles quisessem abolir o pecado da carne. O mundo inteiro pensava assim e eles eram um tratamento de vanguarda, sempre foram’ (Ramos,2005:234).

A maneira como o movimento é proposto por essas práticas, pode servir para qualquer outra atividade física, pois não importa o que fazer, e sim, a qualidade, ou *COMO* fazer. Tanto que o genial Klauss Vianna²⁷² dizia que mesmo a musculação poderia fazer bem ao corpo, desde que executada conscientemente. Obviamente, contar até 20 vezes o número de repetições, visando uma boa-forma enquanto uma finalidade distante a ser alcançada, é totalmente diferente de experimentar o prazer no próprio ato de sua realização presente, diferença comparável à que separa o ato de ‘decorar’ a matéria para obter uma nota da prova e de se deliciar com uma leitura.

A busca do prazer e as conseqüências de vivenciá-lo remetem à vigorosa ‘Teoria das Afecções’ de Spinoza (1632-1667). Por meio dela, esse maravilhoso filósofo ‘da vida’ distinguia as ações – ‘potências de agir’, que derivavam da própria essência do indivíduo – das paixões – ‘potências de padecer’, advindas de algo exterior. Mas as paixões eram também divididas em alegres e tristes, segundo sua capacidade de aumentar ou diminuir, respectivamente, a capacidade para a ação (Deleuze,1970:38-9). A *alegria* do movimento leva à ação, à autonomia, a um prazer indescritível que, sem qualquer aspiração futura, é vivenciado no instante presente, na plenitude e fugacidade do próprio ato. Sua descoberta,

²⁷² Klauss Vianna (1928-1992) e sua esposa, Angel Vianna, ambos bailarinos mineiros, introduziram o conceito de expressão corporal no Brasil na década de 1970.

embora nela encontre uma de suas mais belas expressões, não é uma prerrogativa da dança: são inúmeros os outros exemplos de sensações cinestésicas²⁷³ prazerosas, tais como o vôo livre, o salto de pára-quedas, surfar, banhar-se em água fresca, a paradinha que Pelé costumava fazer no ar, o chute que acerta o gol, ou ainda os atos mais modestos de pedalar uma bicicleta, caminhar sob a sombra de árvores frondosas (um nativo relatou ‘*sinto um prazer sexual de caminhar aqui, olho os passarinhos ...*’). Seja qual for a situação em que se dê essa descoberta, desde que experimentada, causa muito estranhamento que o corpo possa ser também um depositário de paixões tristes, de sofrimentos, ainda por cima, voluntários.

A tensão estabelecida entre esses três pólos - paixão triste, paixão alegre e ação – está no âmago da discussão acerca do corpo: as imposições da indústria cultural, do consumo de massa, a atitude do homem unidimensional, demonstram a paixão triste. O prazer, por outro lado, nutre o sujeito em direção à sua autonomia, à liberdade de amarras aparentemente invencíveis. Não sendo nada mais que uma instituição social, um idioma carrega uma força opressiva em cada um de seus fonemas. Por isso, Barthes já havia se referido à língua como ‘nem reacionária, nem progressista, mas ‘simplesmente: fascista; pois o fascismo não é impedir de dizer, é obrigar a dizer’ (Barthes, 1978:24). No entanto, ele foi perspicaz o suficiente para achar uma saída para suas imposições, vislumbrando a possibilidade de dela extrair uma paixão alegre:

‘(...) só resta trapacear a língua. Essa trapaça salutar, essa esquiva, esse logro magnífico que permite ouvir a língua fora do poder, no esplendor de uma revolução permanente da linguagem, eu a chamo, quanto a mim: literatura’ (Barthes, 1978:24).

Se a literatura toma as rédeas do jogo da língua, a arte, a criatividade, e o prazer, permitem que o corpo se *esquive* da inscrição do poder. Assim como Foucault afirmou que gostaria de ter feito a história dos ‘investimentos políticos do corpo que (a prisão) reúne em sua arquitetura fechada’ (1977), uma possível metáfora para essa esquiva do corpo é representada pela ‘tereza’, uma corda de retalhos confeccionada por prisioneiros que planejam a fuga, materializando as trapaças que o desejo de liberdade inventa para escapar da prisão.

²⁷³ Cinestesia: sentido pelo qual se percebem os movimentos musculares, o peso e a posição dos membros (Ferreira, 1986:407).

Como provocação, este trabalho encerra-se com a fala de um nativo, que se presta ao lançar a ponta da ‘tereza’ para a vida:

‘A internet parece uma prateleira de açougue onde as pessoas vão comprar carne. (...) Não faz diferença, no final das contas, os gordinhos, magrinhos, todo mundo tá se encontrando, tocando a vida, amando, namorando’.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W. *Indústria Cultural e Sociedade. Seleção de textos de Almeida, Jorge M. B.* São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Corpo.* Rio de Janeiro: Record, 1984.

ARIÈS, Phillippe. DUBY, Georges. *História da Vida Privada. Vol 3. Da Renascença ao Século das Luzes.* São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

ARIÈS, Phillippe. DUBY, Georges. *História da Vida Privada. Vol 4. da Revolução Francesa à Primeira Guerra.* São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

ARON, Raymond. *As Etapas do Pensamento Sociológico.* São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BARBU, Zevedei. (apresentação) In TOCQUEVILLE, Alexis de. *O Antigo Regime e A Revolução.* Brasília: EDUnB; São Paulo: Hucitec, 1989.

BARCELLOS, Vicente Quintella. *Os Parques como Espaços Públicos de Lazer: o caso de Brasília.* Tese de doutorado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. São Paulo: USP, 1999.

BARTHES, Roland. *Aula.* Rio de Janeiro: Cultrix, 1988.

BATAILLE, Georges. *A Parte Maldita. Precedida de 'A noção de despesa'.* Rio de Janeiro: Imago, 1975.

BAUDELAIRE, Charles. *Sobre a modernidade.* Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1996.

BAUDRILLARD, Jean. *A Sociedade de Consumo. Edições 70.* Lisboa, 1975.

BAUDRILLARD, Jean. L'échange symbolique et la mort. Paris, Gallimard, 1976.

BAUDRILLARD, Jean. À Sombra das Maiorias Silenciosas. Difel, 1997.

BENTO, Berenice Alves de Melo. A Reinvenção do Corpo. Tese de doutorado. Brasília, UnB: 2003.

BERMAN, Marshall. Tudo que é sólido desmancha no ar. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1987.

BIRMAN, Joel. Mal-estar na Atualidade. A psicanálise e as novas formas de subjetivação. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

BIRMAN, Joel. Entre cuidado e saber de si. Sobre Foucault e a psicanálise. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

BIRMAN, Joel. Apresentação In: MENEGAT, Marildo. Depois do fim do mundo. A crise da modernidade e a barbárie. Rio de Janeiro: Relume Dumará – FAPERJ, 2003.

BOBBIO, Norberto. A Era dos Direitos. Rio de Janeiro: Campus, 1992.

BOLTANSKI, Luc. CHIAPELLO. The Left after May 1968 and the longing for total revolution. em '*Le Nouvel Sprit du Capitalism*'.

BONNEWITZ, Patrice. Primeiras lições sobre a sociologia de P. Bourdieu. Petrópolis: Vozes, 2003.

BOURDIEU, Pierre. La Distinction. Critique social du jugement. Paris: Les éditions de minuit, 1979.

BOURDIEU, Pierre. O Poder Simbólico. Lisboa. Difel, 1989.

BRANDÃO, Junito de Souza. Mitologia Grega. V.2. Petrópolis: Vozes, 1987.

BRUNO, Fernanda. Do Sexual ao Virtual. São Paulo: Unimarco Editora, 1997.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio Caldeira. Cidades de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo: Edusp, Editora 34, 2000.

CAMUS, Jean Le. O Corpo em Discussão: da reeducação psicomotora às terapias de mediação corporal. Artes Médicas: Porto Alegre, 1986.

CANGUILHEM, Georges. O Normal e o patológico. São Paulo: Forense Universitária, 2002.

CARNEIRO, Cristina. O corpo efêmero. *in* ZORNIG, Silvia Abu-Jamra. (org.) Cadernos do Tempo Psicanalítico, Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle. Rio de Janeiro, n 4, 1999.

CASTRO, Ana Lúcia de. Culto ao corpo e sociedade. Mídia, estilos de vida e cultura de consumo. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2003.

COELHO, José Teixeira. Moderno Pós Moderno. Modos & Versões. São Paulo: Iluminuras, 1995

COHN, Gabriel. (org.) Max Weber. Coleção Grandes Cientistas Sociais. Coord: FERNANDES, Florestan. São Paulo: Ática, 1989.

CORBIN, Alain *in* ARIÈS, Philippe. DUBY, Georges. História da Vida Privada. Da Revolução Francesa à Segunda Guerra. Companhia das Letras: São Paulo, 1995.

COSTA, Jurandir Freire. Violência e Psicanálise. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

COSTA, Jurandir Freire. O Vestígio e a Aura.corpo e consumismo na moral do espetáculo. Rio de Janeiro: Garamond,2004.

COURTINE, Jean-Jacques. Os Stakanovistas do Narcisismo. in Sant'Anna Denise Bernuzzi. Políticas do Corpo. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

DALE, Karen. Identity in a culture of dissection: body, self and knowledge. In HETHERINGTON, Kevin. MUNRO, Rolland. Ideas of Difference. Social Spaces and the Labour of Division. Oxford: Blackwell Publishers, 1997 (94-113)

DESCAMPS, Marc-Alain. L'invention du corps. Collection Psychologie d'aujourd'hui. Paris: PUF, 1986.

DEBORD, Guy. A Sociedade do Espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DELEUZE, Gilles. Spinoza et le problème de l'expression. Paris. Éditions de Minuit, 1970.

DETREZ, Chistine. La construction sociale du corps. Paris: Seuil, 2002.

DROUIN-HANS, Anne-Marie. (org.) Les Corps et ses discours. Paris: L'Harmattan, 1995.

DUBY, Georges. História da Vida Privada. Vol 2. Da Europa Feudal à Renascença. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

DUMONT, Louis. O Individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna. Rocco: Rio de Janeiro, 1985.

DUMONT, Louis. Homo Hierarquicus. São Paulo: edusp, 1997.

DURET, Pascal. ROUSSEL, Peggy. Le corps et ses sociologies. Paris: Nathan-VUEF, 2003.

DURKHEIM, Émile. Leçons de Sociologie. physique des mœurs et du droit. Paris: Presses Universitaires de France, 1950.

DURKHEIM, Émile. Les formes élémentaires de la vie religieuse. Paris: Presses Universitaires de France, 1985.

ELIAS, Norbert. La Société de Cour. Paris: Calmann-Lévy, 1974.

ELIAS, Norbert. O Processo Civilizador V. 1 e 2 Jorge Zahar Editor: Rio de Janeiro, 1993.

ELIAS, Norbert. A Sociedade dos Indivíduos. Jorge Zahar Editor: Rio de Janeiro, 1994.

ELIAS, Norbert. Scotson, John L. Os Estabelecidos e os *Outsiders*. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

ELSTER, Jon. Alchemies of the mind. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

ERTDMAN, Cheri K. Nada a perder. Rio de Janeiro: Summus, 1988.

FAUX, Dorothy Schefer (org) . Beleza do Século. São Paulo: Cosac & Naify, 2000.

FEATHERSTONE, Mike. Cultura de Consumo e Pós-Modernismo. São Paulo: Nobel, 1995.

FERNANDEZ-ARMESTO, Felipe. Comida. Uma História. Rio de Janeiro, Record: 2004:

FERREIRA, Luiz Pinto. Dicionário de Sociologia. São Paulo: Bushatsky, 1977.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. Novo Aurélio. O Dicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FERRET, Stéphane. L'identité. Paris: Flammarion, 1998.

FISCHLER, Claude in Sant'Anna, Denise Bernuzzi (org). Políticas do Corpo. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir. Vozes: Petrópolis, 1986.

FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade. V. 1. O uso dos prazeres. Graal: Rio de Janeiro, 1985.

FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade. V. 3. O cuidado de si. Graal: Rio de Janeiro, 1985.

FREUD, Sigmund. Três Ensaio sobre a Teoria da sexualidade. Lisboa: Livros do Brasil, 1972.

FREUD, Sigmund. Sobre o Narcisismo. Uma introdução. Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FRIDMAN, Luis Carlos. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2000.

GABRIEL, Y. Freud e a Sociedade. Rio de Janeiro: Imago: 1988.

GIDDENS, Anthony. Modernity and self-identity. Self and society in the late modern age. Londres: Polity Press/ Blackwell Publishers, 1992.

GIDDENS, Anthony. As conseqüências da modernidade. O futuro da política radical. São Paulo: UNESP, 1996.

GIDDENS, Anthony. Para além da esquerda e da direita. O futuro da política radical. São Paulo: UNESP, 1996.

GOFFMAN, Erving. The presentation of self in everyday life. Nova York: Penguin, 1984.

GOFFMAN, Erving. Estigma. Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GOLDENBERG, Mirian. (org) Nu & Vestido Dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. Rio de Janeiro: Record, 2002.

GUTIERREZ, Gustavo Luis. Lazer e Prazer. questões metodológicas e alternativas políticas. Campinas: Autores Associados, 2001.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP & A editora, 2002.

HARVEY, David. Condição Pós-moderna. São Paulo: Loyola, 2003.

HAUG, Wolfgang Fritz. Crítica da Estética da Mercadoria. São Paulo: UNESP, 1997.

HOLLANDA, Sergio Buarque. História da Civilização. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1984.

HOUAISS, Antônio. (editor). Guedes, Peônia Viana (et al.). Dicionário inglês-português. 11^a. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

HOUELLEBECQ, Michel. Partículas Elementares. Porto Alegre: Sulina, 1999.

INKELES, Alex e SMITH, David Horton. Tornando-se Moderno. As transformações individuais ocorridas em seis países em desenvolvimento. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1981.

JAMESON, Frederick. Pós-Modernismo. A lógica cultural do capitalismo tardio. 1994.

JANA, José Eduardo Alves. Para Uma teoria do Corpo Humano. Lisboa: Instituto Piaget, 1995.

JEUDY, Henri-Pierre. O corpo como objeto de arte. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

JONES, Melinda. MARKS, Lee Ann Basser. Disability, Divers-ability and Legal Change. International Studies in Human Rights. London: Martinus Nijhoff, 1999.

KATZ, Chaim Samuel. KUPPERMANN, Daniel. MOSÉ, Viviane (org). Beleza, Feiúra e Psicanálise. Rio de Janeiro: Contracapa, 2004.

KOHUT, Heinz. Le soi. Paris, PUF, 1974.

LASCH, Christopher. The Culture of Narcissism.. Londres: Norton & Company, 1979.

LASCH, Christopher. O mínimo eu. Sobrevivência psíquica em tempos difíceis. São Paulo: Brasiliense, 1986.

LE BRETON, David. Anthropologie du corps et modernité. Paris, PUF, 1990.

LE BRETON, David. Adeus ao corpo. Antropologia e sociedade. Campinas: Papirus, 2003.

LEHFELD, Ari. Corpo e Corporeidade: uma leitura fenomenológica. Revista de Psicologia do Instituto Gestalt de São Paulo. São Paulo. Ano 1 n. 1, 2004.

LEMOS, Maria del Consuelo. A construção da cidadania: planejamento urbano sustentável e participação popular. Dissertação de mestrado. Brasília: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, 2002.

LÉVINE, Eva e TOUBOUL, Patricia. Le corps. textes choisis et présentés. Paris: Flammarion, 2002.

LIPOVETSKY, Gilles. O Império do Efêmero. A moda e seu destino nas sociedades modernas. Companhia das Letras: São Paulo, 1989.

LOBATO, Monteiro. Histórias Diversas. Rio de Janeiro: Editora Brasiliense, 1988.

MACHADO, Lia Zanotta e MAGALHÃES, Themis Quezado de. Brasília: Mitos e Vivências. Análise do Discurso Brasiliense. UnB/CIS. Brasília, 1985.

MAGNOLI, Demétrio. A Construção do Espaço. São Paulo: Editora Moderna, 2002.

MALYSSE, Stéphane. Em busca dos (h)alteres-ego: olhares franceses nos bastidores da corporatria carioca. in GOLDENBERG, Mirian. (org) Nu & Vestido Dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. Rio de Janeiro: Record, 2002.

MARCUSE, Herbert. O Fim da Utopia. Rio de Janeiro: Paz e Terra 1969

MARX, Karl. Le Capital. Paris: Alfred Costes, 1946.

MAUSS, Marcel. As Técnicas Corporais. Sociologia e Antropologia. SP: Editora Pedagógica e Universitária, Editora da Universidade de São Paulo: 1974.

MEDEIROS, Marcelo. O que faz os ricos ricos: um estudo sobre os fatores que determinam a riqueza. Tese de doutorado. Brasília, UnB: 2003.

MENEGAT, Marildo. Depois do fim do mundo. A crise da modernidade e a barbárie. Rio de Janeiro: Relume Dumará – FAPERJ, 2003.

MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da Percepção. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

MERQUIOR, José Guilherme. Arte e Sociedade em Marcuse, Adorno e Benjamin. Biblioteca Tempo Universitário. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969.

MIRA, Maria Celeste. O leitor e a banca de revistas. A segmentação da cultura no século XX. Olho d'água. Fapesp: São Paulo, 2001.

MORIN, Edgar. Cultura de massas no século XX (Espírito do Tempo). São Paulo e Rio de Janeiro: Companhia Editora Forense, 1969.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. A Origem da Tragédia. São Paulo: Moraes, 1995.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. Assim Falou Zaratustra. São Paulo: Martin Claret, 2001.

NOVAES, Adauto (org). O Homem-Máquina. A ciência manipula o corpo. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

NUNES, Brasilmar Ferreira. Brasília: A Construção do Cotidiano. Brasília: Paralelo 15, 1997.

NUNES, Brasilmar Ferreira. Brasília: A Fantasia Corporificada. Paralelo 15: Brasília, 2004.

NUNES, Silvia Alexim. O corpo do diabo entre a cruz e a caldeirinha. Um estudo sobre a mulher, o masoquismo e a feminilidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

PEREIRA, Marynês Monteiro Freixo. Academia. Estrutura Técnica e Administrativa. Rio de Janeiro: Sprint, 1996.

PERROT, Michelle. in ARIÈS, Philippe. História da Vida Privada. Da Revolução Francesa à Segunda Guerra. Companhia das Letras: São Paulo, 1995.

PRIGOGINE, Ilya. STENGERS, Isabelle. A Nova Aliança. A metamorfose da ciência. Brasília: EdUnB, 1991.

PRIORE, Mary del. Corpo a Corpo com a mulher. Pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil. São Paulo: Senac, 2000.

PRIORE, Mary del. Histórias do cotidiano. São Paulo: Contexto, 2001.

PROST, Antoine. VINCENT, Gérard. História da vida privada. Da Primeira Guerra a nossos dias. (v. 5) São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

QUEIROZ, Renato da Silva. Org. O Corpo do Brasileiro. Estudos de Estética e Beleza. São Paulo: SENAC, 2000.

QUINTANEIRO, Tânia. BARBOSA, Maria Ligia de Oliveira. OLIVEIRA. Márcia Gardênia Monteiro de. Um Toque de Clássicos. Marx, Durkheim e Weber. 2^a. ed. Belo Horizonte. UFMG, 2002.

RAMOS, Maria Enamar. Angel Vianna: a revolução do corpo no teatro brasileiro. In LIGIÉRO, Zeca. SANTOS, Cláudio Alberto (org.). Dança da Terra. Tradição, história, linguagem e teatro. Rio de Janeiro: PPGT-UNIRIO, Papel Virtual, 2005.

RENAUT, Alain. O Indivíduo. Reflexão acerca da filosofia do sujeito. Rio de Janeiro: DIFEL, 1998.

RIGAUT, Philippe. Le Fétichisme. Perversion ou culture: Paris: Belin, 2004.

RODRIGUES, José Carlos. O tabu do corpo. Rio de Janeiro, Achiamé, 1982.

RODRIGUES, José Carlos. O corpo na história. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1999.

ROUANET, Sergio Paulo. 'O Homem Máquina Hoje' In NOVAES, Aduino. 'O Homem Máquina'. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2003.

SABINO, César. Musculação: Expansão e manutenção da masculinidade. In: GOLDENBERG, Mirian. (org) Os Novos Desejos. Das academias de musculação às agências de encontro. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SANTAELLA. Lucia. Culturas e artes do pós-humano. Da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003.

SANTAELLA. Lucia. Corpo e comunicação. Sintoma da cultura. São Paulo: Paulus, 2004.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. Políticas do corpo. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. In: CABEDA, Sonia. Carneiro, Nadia, Laranjeira, Denise (org.) O Corpo ainda é pouco, II Seminário sobre a contemporaneidade. Feira de Santana: NUC/UEFS, 2000.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. Corpos de Passagem. Ensaio sobre a subjetividade contemporânea. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço. Técnica e tempo – razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1997.

SARAMAGO, José. O conto da ilha desconhecida. 11^a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SCHILDER, Paul. A imagem do corpo – as energias constitutivas da psique. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

SCHPUN, Mônica Raisa. Beleza em Jogo. Cultura física e comportamento em São Paulo nos anos 20. São Paulo: Boitempo, 1999.

SEVERIANO, Maria de Fátima Vieira. Narcisismo e Publicidade. Uma análise psicossocial dos ideais de consumo na contemporaneidade. São Paulo: Annablume, 2001.

SHAKESPEARE, Tom. What is a Disabled Person? *in* JONES, Melinda. MARKS, Lee Ann Basser. Disability, Divers-ability and Legal Change. International Studies in Human Rights. London: Martinus Nijhoff, 1999. P. 25-34

SIBILIA, Paula. O Homem Pós-Orgânico. Corpo, subjetividade e tecnologias digitais. Conexões. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.) HALL, Stuart. WOODWARD, Kathryn. Identidade e Diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais. 2ª edição. Petrópolis: Vozes, 2000.

STAVENHAGEN, Rodolfo. Classes Sociais e Estratificação Social. In Foracchi, M. A . Martins, José Souza (org.). Sociologia e Sociedade. Rio de Janeiro.: P. Livros Técnicos e Científicos, 1980.

STRATHERN, Andrew J. Body Thoughts. Michigan: Ann Arbor, University of Michigan Press, 1999.

TEIXEIRA, Letícia. Conscientização do Movimento: uma prática corporal. Caioá: São Paulo, 1998.

TOCQUEVILLE, Alexis de. O Antigo Regime e a Revolução. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1989.

TRAVAILLOT, Yves. Sociologie des pratiques d'entretiens du corps. Pratiques corporelles. Paris: PUF, 1998.

TUAN, Yi-fu. Topofilia. Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.

TUAN, Yi-fu. Espaço e Lugar. São Paulo: Difel, 1983.

VANDENBERGHE, Frédéric. Globalizzazione e individualizzazione nella tarda modernità. 3-68 in BETTIN (org.) Giovani e democrazia in Europa. Tomo 1, Padova: Cedam, 1999.

VEIGA, Luiz Guilherme. Teatro e teoria na Grécia Antiga. Brasília: Thesaurus, 1999.

VIGARELLO, Georges. Le corps redressé. Paris: Armand Colin/VUEF, 2001.

VILLAÇA, Nízia. Góes, Fred. Em Nome do Corpo. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

VILLAÇA, Nízia. Góes, Fred. Kosovski (org.) Que corpo é esse? Novas perspectivas. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

VILLAÇA, Nízia. Góes, Fred. Kosovski (org.) Nas fronteiras do contemporâneo. Território, identidade, arte, moda, corpo e mídia. Rio de Janeiro: Mauad, FUJB, 2001.

WACQUANT, Loïc. Corpo e Alma. Notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Relume Dumará: Rio de Janeiro, 2002.

WEBER, Max. A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo. Pioneira: São Paulo, 2000.

Jornais e revistas (científicas e não científicas)

Pesquisa. Ciência e Tecnologia no Brasil. FAPESP. N ° 103 (out-2004: 34-39).

Os Sentidos do Corpo. Cadernos de Psicanálise. Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. Ano 26, n.17, 2004;

Federação Nacional das APAEs, 2001.

JB, 12/01/2002

TUDO que eu quero. 01/02/2002

Correio Braziliense. 15/09/2002.

Isto é – 29/01/2003

Isto é Gente – 24/03/2003.

Folha de São Paulo. 05/07/2003.

Dieta Já – 06/ 2004.

Pequenas Empresas Grandes Negócios. 05/2004.

‘Corpo a Corpo’ e ‘Dieta Já’, consulta a todos os exemplares entre 2001 a 2004.

Filmografia:

Frances.

Beleza americana.

O declínio do Império Americano.

Elefante.

Minha vida sem mim.

Como tudo na vida.

Moça com brinco de pérola.

Anúncios de televisão:

Conjunto Nacional.

Banco Itaú.

Banco HSBC.

Outdoor: empresa de telefonia fixa.

Anexo 1

Itens do questionário:

Dados de identificação:

- Sexo;
- Idade;
- Naturalidade;
- Nível de escolaridade;
- Profissão;
- Renda familiar mensal (média);

Dados referentes ao estilo de vida:

- Religião;
- Tipo de música preferido;
- Bebida alcoólica preferida;

Perguntas:

- Por quê pratica atividade física?
- Sente prazer durante a prática?
- Está satisfeito com seu corpo?
- Já fez alguma cirurgia plástica?

LEGENDA DAS TABELAS:

- SEXO: F= FEMININO; M=MASCULINO;

- NATURALIDADE :SIGLA DO RESPECTIVO ESTADO;
- ESCOLARIDADE: CA = ALFABETIZAÇÃO; NÍVEIS: EL = ELEMENTAR; MD -= MÉDIO; SP = SUPERIOR SC = CURSANDO SUPERIOR; PG = PÓS GRADUAÇÃO; i = INCOMPLETO; SP 2 = DOIS CURSOS SUPERIORES;

- RENDA: 0,5 = ATÉ R\$500,00; - 1 = ATÉ R\$1000,00; 1-3 = ENTRE R\$1000,00 E 3000,00; 3 – 5 = ENTRE R\$3000,00 E R\$5000,00; > 10 = MAIS DE R\$10.000,00;

- PRINCIPAL MOTIVO PARA A PRÁTICA: S = SAÚDE; B = BELEZA; A = AMBOS; O = OUTROS

- SENTE PRAZER AO PRATICAR ATIVIDADE? S = SIM; N = NÃO; O = OUTRA COISA; I = INDIFERENTE;

- ESTÁ SATISFEITO COM SEU CORPO? S = SIM; N=NÃO; MM = MAIS OU MENOS;

- RELIGIÃO: CAT = CATÓLICA; EV = EVANGÉLICA; U = UNIVERSAL; ESP = ESPÍRITA; SNT = SARA NOSSA TERRA; ADV = ADVENTISTA; BAT = BATISTA; DS = ACREDITA EM DEUS; PRB = PRESBITERIANA; N~ = NÃO POSSUI; NV = EVANGÉLICA NOVA VIDA; CeP = CATÓLICO E ESPÍRITA;

- TIPO DE MÚSICA PREFERIDA: MPB; RK = ROCK; PG = PAGODE; FK = FUNK; RM = ROMÂNTICA; LT = LENTA; BA = BAIANA; RG = REAGGE; FO = FORRÓ; CP = CAIPIRA; ST = SERTANEJA; CLS = CLÁSSICA; EL = ELETRÔNICA; LV = DE LOUVOR; SB = SAMBA; IT = ITALIANA; KB = ROCK

E MPB; IN = INSTRUMENTAL; EC = ECLÉTICO; JZ = JAZZ; EUA = AMERICANA; GSP = GOSPELL.

- CIRURGIA PLÁSTICA: S = JÁ FEZ; N = NÃO FEZ; N-S = DÚVIDA; NQ = NÃO, MAS GOSTARIA; SQ = SIM E DESEJA FAZER OUTRA; N-T = POR ENQUANTO, NÃO, MAS TALVEZ, NO FUTURO;
- BEBIDA ALCÓOLICA PREFERIDA: C = CERVEJA; V = VINHO; W = WHISKIE; CR = CAMPARI; N~ = NÃO BEBE; CK = CAIPIROSKA; LCR = LICOR; SF = SMIRNOFF; CP = CERVEJA PRETA (MALZIBIER); Ç = CACHAÇA.
- PROFISSÕES: VER ABAIXO DE CADA TABELA DEVIDO À GRANDE VARIEDADE;

OBSERVAÇÕES:

Na resposta 'outros' foram acrescentados os seguintes motivos: passatempo, distração, condicionamento físico para um esporte, disposição para o trabalho, para relaxar, para a cabeça, 'azaração', contato com a natureza, prazer pessoal, higiene mental, porque sou 'apaixonada' por isso, porque gosto.

- A resposta 'CATÓLICO' inclui desde os que se disseram 'não-particantes' até os que responderam 'católico apostólico romano'. Não houve a intenção de distinguir essa variedade.
- À resposta 'LICOR', comentou-se: 'bebida de mulher'

Outras respostas e comentários para a preferência musical: tudo menos sertaneja; tudo menos pagode; tudo menos rock; menos rock barulhento; sertaneja 'de raiz'. Vários: MPB, clássica, jazz e rock progressivo; varia conforme o momento.

SENTE PRAZER: outras respostas: 'no início dá preguiça, mas depois é um prazer'; entre prazer e sacrifício;

Anexo 2

Tabelas com perfis dos frequentadores das respectivas localidades

Tabela 1 – pistas da Asa Norte

N.	sx	idde	naturd	Escd		Rnd	Mtiv	Praz	Satsf	relig	mús	Cirg	Bbd
1	F	46	CE	SP		3-5	O	S	N	DS	RK	S	
2	F	53	MG	SP		3 - 5	S	S	N	N~	MP	N	
3	F	36	GO	MD		3- 5	S	S	N	CAT	RM	N-T	
4	F	48	RJ	MD		1-3	S	S	N	CAT	MP	NQ	
5	M	35	MG	EL		0,5-1	S	S	S	CAT	ST	N	
6	F	41	DF	PG		3-5	S	S	N	N~	RKP	N	
7	M	50	RJ	SP		3-5	S	S	S	--	MP	N	
8	M	49	GO	SP		5- 10	S	S	S	CAT	BST	N	
9	M	42	DF	SP		1-3	B	S	N	CAT	MP	N	
10	M	62	MA	SP		5	S	S	S	ESP	CLS	N	V
11	M	59	MG	SP		3-5	M	S	S	ESP	FO	N	V
12	F	37	MG	MD		1-3	S	S	S	ESP	RK	N	V-C
13	M	39	DF	MD		1	S	S	S	CAT	MP	N-Q	C
14	M	21	PE	SC		1-3	S	S	MM	--	EL	N	C
15	M	48	AP	SP		3-5	S	S	S	--	CLS	N	C
16	F	23	BA	SC		3-5	S	S	S	N~	RK	N	V
17	F	38	GO	PG		5-10	S	S	N	CAT	RKC	N	V
18	M	52	MG	SP		3-5	O	S	S	--	MP	N	C
19	M	50	RJ	SP		5-10	S	S	S	--	-PG	N	W
20	M	67	PB	PG		5-10	S	S	S	BAT	LV	N	N~
21	M	38	BA	SP		5-10	S	S	S	N~	RK	N	V
22	M	64	MG	SP		5-10	S	S	N	CAT	RM	N	C
23	M	74	SC	SP		3-5	S	S	S	CAT	SB-I	N	CP
24	F	51	RJ	SP		3-5	S	S	N	CAT	ST	N-Q	CK
25	F	30	SE	MD		1-3	B	S	N	CAT	RM	N-Q	V
26	F	45	PB	PG		3-5	S	S	MM	ESP	MP	S	V
27	F	62	MG	SP		3-5	S	S	S	CAT	MP	N	V
28	F	38	PA	SP		1-3	B	S	N	CAT	RK	N-Q	LCR
29	M	60	MG	Si		3-5	S	N	S	CAT	RM	N	N~
30	F	25	PA	SP		1	B	S	MM	ESP	RK	N-T	N~
31	F	75	MG	EL		1-3	S	S	S	CAT	ST	N	N~
32	F	35	DF	SP		1-3	B	S	S	CAT	IN	N-Q	V
33	F	44	MG	PG		3-5	S	S	N	CAT	CLS	N-Q	C

34	F	37	BA	EL		- 0,5	B	S	N	CAT	BST	N-Q	V-C
35	M	55	SP	MD		3-5	S	S	S	CAT	ST	N	C
36	M	41	MG	PG		>10	S	S	N	N~	MP	N	
37	F	41	MS	MD		3-5	S	S	N	ESP	CLS	N-Q	N~
38	M	49	RJ	PG		5-10	S	S	N	CAT	MP	N	C
39	M	27	SP	PG		5-10	S	S	S	ESP	EC	N-D	-SF
40	F	39	GO	MD		1-3	B	S	N	CAT	ST	N-Q	V
41	M	46	SP	PG		5-10	S	S	S	CAT	RK	N	N~
42	F	37	CE	SP		3-5	S	S	S	BAT	PB	N	CP
43	M	28	GO	SP		1-3	S	N	N	SNT	JZZ	N	N~
44	M	54	MA	MD		3-5	S	S	S	CAT	RM	N	C
45	F	28	MG	PG		1-3	B	S	MM	SNT	RK	S	C
46	F	39	RN	SP		1-3	B	S	S	CAT	PB	N	W
47	M	20	SP	SC		>10	S	S	N	PRB	RK	N	N~
48	M	31	MA	SC		?	B	S	S	CAT	SRT	N	C
49	M	23	MA	PG		5-10	S	S	N	CAT	PB	N	C
50	F	41	RJ	SP		5-10	S	S	N	-NV	REG	N-Q	N~
51	F	48	RJ	PG		>10	S	S	S	N~	CLS	N	V
52	M	55	GO	SP		5-10	S	S	S	ESP	CLS	N	N~
53	F	52	GO	SP		?	S	S	S	ESP	CLS	N	N~
54	F	26	CE	MD		1-3	B	S	S	CAT	ST	N	N~
55	M	52	MG	SP		>10-	S	S	S	CAT	PB	N	V
56	M	63	PI	SP		5-10	B	S	S	N~	BR	S	ÇW
57	M	38	MA	MD		0,5	S	S	S		BRK	N-Q	C
58	F	19	MG	SC		1-3	B	N	N		RK	N-Q	N~
59	F	20	MG	SC		1-3	S	N	N		RK	N-Q	N~
60	F	45	ES	MD		1-3	S	N	S		CLS	S	N~
61	F	41	RS	PG		3-5	S	S	S		PB	N	V
62	F	61	GO	EL		3-5	S	S	S	CAT	ST	N	N~
63	F	37	DF	MD		1-3	S	S	S		PB	N-Q	C,V
64	F	25	GO	SP		1	B	N	S		PB	S-Q	C
65	F	36	BA	SP		5-10	S	S	N	BAT	CLS	N-T	V
66	F	20	PR	SC		1-3-	S	N	N		MP B	N-Q	N~
67	F	52	GO	SP		3-5	S	S	S	CAT	CLS	N-Q	V
68	F	47	MG	SP		5-10	B	S	N	CAT	RO M	N-Q	N~
69	M	25	GO	SC		1-3	S	S	N	CAT	RK	N	C
70	F	26	GO	SC		0,5-1	B	O	N		MP B	S-Q	C
71	F	38	MG	Si		3	S	S	MM	CES	MP	N-T	V

										P	B		
--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	---	---	--	--

PROFISSÕES: funcionário público, funcionária de Organização não-governamental; corretor; funcionário público aposentado; porteiro; consultor de Recursos Humanos em empresas;funcionário público – engenheiro, administrador, professor de música; jornalista aposentado; médico; técnico em informática; bombeiro; professor universitário; coordenador de ensino de faculdade particular; jornalista; veterinário; professora de educação física aposentada; instrumentadora cirúrgica; advogado; funcionária de empresa de engenharia e professora de curso de inglês; artesã; diarista; funcionário do Banco Central; comerciante; analista de sistemas; funcionário de empresa privada; socióloga aposentada; técnica de enfermagem, bancário, bióloga; assistente social.

Tabela 2 – perfil dos freqüentadores da pista da cidade do Paranoá

N	Sexo	Idade	naturl	dd	Escl	Renda	motivo	Prazo	satisf	relig	músic	Cirurg
1	F	36	CE	EL		0,5-1	S	S	S	CAT	MPB	N
2	F	53	PI	ELiI		1	S	S	S	CAT	CP	N-Q
3	M	54	MG	Si		1-3	S	S	S	CAT	ST	N-Q
4	F	39	DF	EL-I		0,5	B	S	N	CAT	LT	N
5	F	30	MG	EL.I		0,5	B	S	N	ADV	FO	N-Q
6	M	51	CE	CA		0,5	S	S	S	CAT		N
7	F	37	BA	EL		0,5	B	S	S	CAT	ROM	-
8	F	32	DF	MD		0,5-1	S	S	N	CAT	MPB	N
9	F	64	CE	Eli		1-3	S	S	N	CAT	ROM	N
0	M	30 ?				--	S			CAT		
1	F	30				--				CAT		

Tabela 3 – perfil dos freqüentadores da Academia da Cidade do Paranoá

N.º	Sexo	Idade	naturalidade	Escl. d. d.	Renda	Motiv.	Praze.	satisf.	relig.	música	Cirurg.
1	M	25	TO	MD	1-3	S	S	S	DS	RK	N
2	M	19	DF	MD-	1-3	B	S	S	CAT	RK	N
3	F	24	MA	(CA)	0,5	B	S	N	U	RG	N-Q
4	M	17	CE	MD-	0,5	S	S	S	N~	Fkpg	N
5	F	24	MG	MD	0,5	O	S	N	CAT	PGM	N-Q
6	M	17	DF	EL	0,5	B	S	N	U	FK	N
7	M	31	DF	EL	1	S	S	S	SNT	EV	N
8	M	34	DF	Eli	0,5	S	S	S	U	EV	N
9	M	23	DF	MD	0,5	O	S	S	CAT	RK	N
0	M	23	MG	EL	0,5	S	S	S	SNT	EUA	N
1	M	23	CE	MD	0,5-1	B	S	N	CAT	DCP	N
2	M	24	PI	MD	1	O	S	S	N~	DCP	N
3	M	18	DF	Eli	0,5	O	I	S	BAT	GSP	N
4	M	16	DF	Mdi	0,5-1	O	S	MM	N~	PGD	N
5	F	40	DF	SP	1-3	O	S	S	ESP	RK	S

PROFISSÕES: funcionária pública (merendeira); costureira; aposentado; dona de casa; estudante; auxiliar de supermercado; empregada doméstica; funcionária de uma clínica; os dois últimos sujeitos abordados eram um casal com muita dificuldade de expressão, sendo ele vítima de um acidente vascular cerebral com seqüelas e moradores de uma casa abandonada, daí os itens terem sido deixados quase todos em branco. Professor de capoeira estudante; trabalha na casa da irmã; recepcionista; segurança ou vigia; balconista; jardineiro ; caixa de mercado;

Tabela 4 – perfil dos freqüentadores da Mega-Academia

N.	sex	idade	naturlidad	Escdd		Rnda	Motiv	Praz e	satisf o	relig	mús	Cirurg
1	F	43	RN	SU I		5-10	S	S	S	CAT	ROM	S
2	M	44	RJ	SUP		> 10	S	S	N	CAT	MPB	N
3	F	39	DF	PG		3- 5	S	S	S	ESP	BA	S
4	F	25	RJ	SUP		> 10	O	S	S	DS	MPB	N
5	F	21	DF	SU I		> 10	S	S	S	CAT	BA	S
6	M	26	GO	SUP		> 10	B	S	N	NÃO	RK	N
7	F	29	RS	PG		5-10	A	S	N	CAT	RM	N
8	M	21	DF	SUP		5- 10	B	-	S	CAT	TOD	N
9	M	41	CE	PG		5-10	S	S	S	CAT	MPB	N
10	F	24	RS	SUP		5-10	B	S	N	CAT	TOD	S
11	M	54	AL	SUP		>10	S	O	N	BAT	RM	N
12	F	44	RN	PG		5-10	B	S	N	ESP	MRC	N
13	M	24	DF	SUP		>10	CF	S	S	CAT	RK	N
14	F	35	RJj	PG		>10	O	S	N	N~	MPB	N

PROFISSÕES:

Economista (e empresário); funcionário (a) público; secretária (da clínica do pai); consultor em tecnologia; graduado em zootecnia, bolsista de pós-graduação; administrador, consultor; empresário; jornalista.

Anexo 3

FIGURA 1

Pista do Parque Olhos D'água, Asa Norte.



FIGURA 2

Alguns equipamentos de uma academia de ginástica (musculação e ergometria)



FIGURA 3

Vista aérea de Brasília

N



